Revelada Pela Primeira Vez
Toda a Estrutura do Exército Vermelho

O EXÉRCITO SOVIÉTICO POR DENTRO

Viktor Suvorov

RECORD

Viktor Suvorov

O EXÉRCITO SOVIÉTICO POR DENTRO

Tradução de

GEN. OCTAVIO ALVES VELHO

Título original inglês

INSIDE THE SOVIET ARMY

Copyright (C) 1982 by Viktor Suvorov

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A. Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ que se reserva a propriedade literária desta tradução

Este livro foi impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes Ltda.,

Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ, com filmes e papel fornecidos pelo editor.

EXÉRCITO SOVIÉTICO POR DENTRO

VIKTOR SUVOROV

Este livro é nada menos do que uma anatomia do Exército Soviético. Provavelmente, desde o bloqueio de Berlim - de julho de 1948 a maio de 1949 — em nenhuma outra ocasião os olhos do mundo estiyeram tio fixa e nervosamente cravados no desdobramento desse exército. Os recentes acontecimentos na Polônia, ainda em curso, recordaram a todos que continua possível haver outra Hungria, outra Tche-coslováquia. Viktor Suvorov encontra-se em posiçio ímpar para revelar e analisar a composição, o espírito, a qualidade e o poderio da maior força militar jamais criada com o propósito de intimidar. Suvorov (não é o seu verdadeiro nome) é um ex-oficial do Exército Soviético, que ainda não completou os quarenta anos de idade; é pois um produto da geração pós-Khruschev, que fez a invasão da Tchecoslováquia.

Entre os assuntos tratados neste livro, de forma fria, sem exageros mas aterradora, contam-se: tipos de forças armadas, organização para o combate, planos de mobilização, estratégia e tática, equipamento, formação e instrução do soldado, do sargento e do oficial, a mais elevada hierarquia militar, e o eixo político-ideológico-militar. Suvorov conhece e disseca as personalidades, os chefes, assim como o Politburo e o KGB.

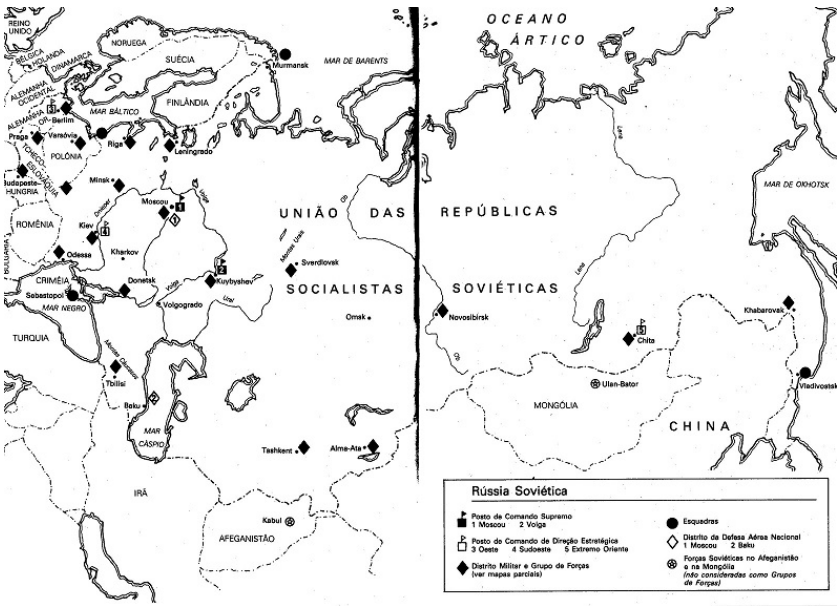
O Exército Soviético por Dentro revela o sistema por meio do qual “a força de ataque da revolução mundial” está organizada. Os leitores ficarão impressionados não só com a simplicidade do sistema pelo qual é controlado o Exército Vermelho, como ainda pela singeleza da doutrina militar. Ao examinar, em pormenores, as cinco forças componentes da organização militar soviética, Suvorov

revela, por exemplo, que a força de foguetes estratégicos, a mais nova e também a menor delas, contudo é a mais importante.

O Exército Soviético por Dentro é um livro de suprema importância e atualidade.

VIKTOR SUVOROV foi oficial do Exército Soviético e hoje reside, em companhia da família, fora da Cortina de Ferro. Em 1968, na Tchecoslováquia, teve sua primeira visão do mundo que existe além das fronteiras do seu país natal. Escreve sob pseudônimo para proteger parentes e amigos que permanecem na União Soviética.

PARTE I - O ALTO COMANDO MILITAR


OCEANO ÁRTICO
REINO UNIDO
BÉLGICA
HOLANDA
DINAMARCA
NORUEGA
SUÉCIA
Murmansk
MAR DE BARENTS
ALEMANHA OCIDENTAL
ALEMANHA OR.
Berlim
Praga
Varsóvia
MAR BÁLTICO
FINLÂNDIA
Riga
Leningrado
POLÓNIA
TCHECOSLOVÁQUIA
Budapeste
HUNGRIA
Minsk
Moscou
UNIÃO DAS REPÚBLICAS
ROMÉNIA
Kiev
Kharkov
Odessa
BULGÁRIA
CRIMÉIA
Sebastopol
MAR NEGRO
TURQUIA
Donetsk
Kuybyshev
Volgograd
Sverdlovsk
SOCIALISTAS SOVIÉTICAS
Omsk
Novosibirsk
Chita
Khabarovsk
Vladivostok
Ulan-Bator
MONGÓLIA
CHINA
MAR DE OKHOTSK
Tbilisi
Baku
MAR CÁSPIO
Tashkent
Alma-Ata
IRÃ
Kabul
AFEGANISTÃO
Rússia Soviética
Posto de Comando Supremo
1 Moscou 2 Volga
Posto de Comando de Direcção Estratégica
3 Oeste 4 Sudoeste 5 Extremo Oriente
Distrito Militar e Grupo de Forças
(ver mapas parciais)
Esquadras
Distrito de Defesa Aérea Nacional
1 Moscou 2 Baku
Forças Soviéticas no Afeganistão e na Mongólia
(não consideradas como Grupos de Forças)

Por Que os Carros de Combate Soviéticos Não Ameaçam a Romênia?

[1]

Parecia que os soldados haviam estendido um imenso tapete, muito pesado, no fundo da ravina cheia de árvores. Um grupo de nós, oficiais de infantaria e de blindados, observávamos com espanto o trabalho deles de uma encosta dominante, trocando idéias disparatadas acerca da finalidade do tapete malhado, verde-acinzentado, que ao sol exibia um brilho fosco.

— É um reservatório para óleo diesel—falou com convicção o comandante de um grupo de reconhecimento, pondo o assunto de lado.

Estava certo. Quando o enorme revestimento de chapas, vasto como a carcaça de um dirigível, foi finalmente estendido, diversos soldados encardidos instalaram uma rede de oleodutos de campanha cruzando a posição de nosso batalhão.

A noite inteira despejaram combustível líquido no recipiente, que preguiçosa e relutantemente foi enchendo, esmagando arbustos e abetos jovens debaixo do tremendo peso. Pela manhã, o recipiente começou a parecer uma enorme mamadeira, larga e achatada, destinada a um bebê gigante. A superfície elástica foi cuidadosamente envolvida em redes de camuflagem. Sapadores dependuraram espirais de arame farpado ao redor da ravina e uma companhia de comando instalou postos de guarda para cobrir os acessos.

Em uma ravina vizinha, processava-se o enchimento de um outro reservatório igualmente grande. Para lá de um riacho, em uma depressão, reservistas exaustos lentamente desenrolavam uma segunda imensa cobertura. Debatendo-se em brejos e clareiras,

cobertos de lama da cabeça aos pés, os soldados puxavam e suspendiam uma rede interminável de encanamentos. Seus rostos estavam pretos como negativos fotográficos, e isso tomava-lhes os dentes estranhamente brancos, ao abrirem as bocas rindo das próprias obscenidades, as quais faziam enrubescer o seu jovem oficial da Reserva.

Todo esse movimento era classificado como “Exercício de Unidades da Retaguarda”. Mas podíamos ver o que se passava com nossos próprios olhos e percebemos tratar-se de algo mais do que um exercício. Era extremamente sério. Em escala muito grande. Por demais incomum. E se afigurava excessivamente arriscado.

Seria provável juntar estoques tão consideráveis de combustível para blindados e munições, ou construir milhares de postos de comando, centros de comunicações, depósitos e armazéns subterrâneos, justamente nas fronteiras do país, apenas para um exercício?

O sufocante verão de 1968 começara. Todos entendiam bem claramente que o abafamento e tensão atmosférica podiam de repente converter-se em um temporal de verão. Só podíamos dar palpites sobre quando e onde isso aconteceria. Estava bem claro que nossas forças invadiriam a Romênia, mas se também penetrariam na Tchecoslováquia era tema para especulação.

A libertação da Romênia seria um passeio. Seus milharais eram excelentes para o deslocamento dos nossos carros de combate. A Tchecoslováquia era outro assunto. As florestas e os desfiladeiros nas montanhas não são bom terreno para blindados.

O Exército Romeno sempre havia sido o mais fraco da Europa Oriental, e possuía o equipamento mais antiquado. Mas na Tchecoslováquia as coisas seriam mais complicadas. Em 1968 o Exército Tcheco era o mais forte do Leste europeu. A Romênia não contava nem com uma esperança teórica de socorro do Ocidente, pois não possuía fronteira comum com os países da OTAN. Na Tchecoslováquia, porém, além das divisões blindadas tchecas, arriscávamo-nos a enfrentar divisões americanas, alemãs ocidentais, britânicas, belgas, holandesas e possivelmente francesas. Uma guerra mundial poderia irromper na Tcheco- Eslováquia, mas não

havia essa possibilidade na Romênia.

Assim, embora estivessem sendo feitos preparativos para a libertação da Romênia, evidentemente não entraríamos na Tchecoslováquia. O risco era por demais considerável...

Por alguma razão, entretanto, apesar de todos os nossos cálculos e a despeito de todo o bom senso, mandaram-nos para a Tchecoslováquia. Não importa — procuramos tranquilizar-nos — trataremos de Dubcek e depois cuidaremos de Ceaucescu. Antes de mais nada, faremos feliz o povo tcheco, e em seguida será a vez dos romenos.

Entretanto, por alguma razão, as coisas não se passaram assim...

A lógica elementar sugeria ser essencial libertar a Romênia, e fazê-lo imediatamente. As razões para uma ação fulminante eram inteiramente convincentes. Ceaucescu denunciara nosso valente desempenho na Tchecoslováquia como agressão. A Romênia então anunciara que dali por diante não poderiam ser montados exercícios de países do Pacto de Varsóvia em seu território. A seguir, declarava ser um país neutro, e que, em caso de guerra na Europa, decidiria por si mesma se deveria ou não participar, e, em caso afirmativo, de que lado. Após isso, vetou a proposta para construção de uma ferrovia que, cruzando seu território, ligaria a União Soviética e a Bulgária. Além disso, todo ano, a Romênia rejeitava sugestões da União Soviética para incrementar seu envolvimento nas atividades da Organização do Tratado de Varsóvia.

Houve, então, uma ocorrência realmente escandalosa. A informação militar soviética comunicou que Israel tinha grande necessidade de peças sobressalentes para seus carros de combate de fabricação soviética, que haviam sido capturados no Sinai, e que a Romênia fornecia secretamente tais peças. Ouvindo isso, o comandante de nosso regimento, sem aguardar instruções, ordenou preparar para partir e a retirada do material dos depósitos. Presumiu que chegara a última hora para os teimosos romenos. Acabou sendo a última hora para ele... Foi rapidamente substituído no comando, o equipamento foi devolvido aos depósitos e o regimento recaiu em profunda letargia.

As coisas pioraram ainda mais. Os romenos começaram a comprar da França alguns helicópteros militares. Estes eram de grande interesse para o serviço de informação militar soviético, mas nossos aliados romenos não deixaram nossos especialistas examiná-los, nem mesmo de longe. Alguns dos generais mais "guerreiros"* e subordinados seus ainda acreditavam que os chefes soviéticos mudariam de idéia e que a Romênia seria libertada, ou pelo menos lhe seria dado um grande susto, através de movimentação de tropas, em escala adequada a uma superpotência, junto à fronteira. A maioria dos oficiais, todavia, já desistira da Romênia, considerando-a um mau negócio. Acostumara-nos à idéia de que a Romênia podia fazer o que bem quisesse e tomar todas as liberdades que lhe aprouvesse. Os romenos poderiam abraçar-se com nossos arqui-inimigos chineses, sustentar opiniões próprias e tecer críticas francas a nossos amados chefes.

Começamos a nos perguntar por que o mais insignificante sinal de desobediência ou indício de livre pensamento era esmagado com carros de combate na Alemanha Oriental, na Tchecoslováquia, na Hungria ou dentro da própria União Soviética, mas não na Romênia. Por que a União Soviética estava pronta a arriscar o aniquilamento em um holocausto nuclear para salvar a longínqua Cuba, mas não preparada para tentar manter a Romênia sob controle? Por que, apesar de terem dado garantias de sua lealdade ao Tratado de Varsóvia, os líderes tchecos foram prontamente exonerados, ao passo que aos governantes da Romênia foi permitido livrarem-se do seu jugo sem quaisquer complicações? O que tomava a Romênia uma exceção? Por que tudo lhe era perdoado?

[2]

Muitas são as explicações apresentadas para a conduta dos comunistas soviéticos na área internacional. A mais popular é a União Soviética ser, em última análise, o antigo Império Russo — e um império ter de crescer. E uma boa tese, simples e fácil de entender. Tem um defeito, porém: não pode esclarecer o caso da Romênia. Com efeito, nenhuma das teorias populares pode explicar por que os chefes soviéticos adotaram abordagens tão radicalmente distintas aos problemas de independência na Tchecoslováquia e na

Romênia. Nenhuma teoria por si só pode justificar, ao mesmo tempo, a intolerância demonstrada pela liderança soviética diante das brandas críticas oriundas da Tchecoslováquia e a sua espantosa impenetrabilidade aos furiosos insultos com que a Romênia a cobriu.

Se a União Soviética for encarada como um império, será impossível compreender por que não tende a expandir-se para sudeste, rumo aos férteis campos e vinhedos da Romênia. Por mil anos, a posse dos estreitos do Mar Negro foi o sonho de príncipes, czares e imperadores russos. O caminho para os estreitos passa pela Romênia. Por que a União Soviética se atira em brigas pelo Vietnam e Camboja, arriscando colidir com as maiores potências do mundo, e no entanto esquece a Romênia, bem debaixo do seu nariz?

De fato, a explicação é bastante elementar. A URSS não é a Rússia nem o Império Russo; ela não é absolutamente um império. Acreditar que a União Soviética se enquadre em padrões históricos consagrados é uma simplificação bastante perigosa. Todos os impérios expandiram-se em busca de novos territórios, súditos e riqueza. A força motivadora da União Soviética é bem diversa. Ela não precisa de território novo. Os comunistas soviéticos chacinaram muitos milhões de seus próprios camponeses e nacionalizaram as terras deles, que são incapazes de fazer progredir ainda que quisessem. A União Soviética não carece de novos escravos. Os comunistas soviéticos fuzilaram 60 milhões de seus próprios súditos, demonstrando assim sua completa incapacidade para governá-los. Não podem governar ou sequer controlar os que permanecem vivos. Os comunistas soviéticos não carecem de maior riqueza. Esbanjam seus próprios recursos ilimitados com desenvoltura e livremente. Estão prontos a construir imensas represas nos desertos da África para quase nada; desfazem-se de seu petróleo em função da indústria soviética; pagam prodigamente em ouro por qualquer projeto temerário, e patrocinam toda espécie de flibusteiros e anarquistas, não importa o custo, mesmo que isso arruíne seu próprio povo e o tesouro nacional.

Diversos estímulos e outras forças impelem a União Soviética na arena internacional. Aí reside não somente a principal diferença que a distingue de todos os impérios — inclusive a antiga versão russa

— mas também o seu risco capital.

A ditadura comunista soviética, como qualquer outro sistema, visa a preservar a própria existência. Para fazê-lo, é forçada a pisotear qualquer fagulha de dissidência que surja, seja no próprio território, seja fora de suas fronteiras. Um regime comunista não pode sentir-se seguro enquanto existir, em qualquer parte perto dele, um exemplo de outro gênero de vida com o qual seus súditos possam traçar comparações. Por isso, qualquer forma de comunismo, e não apenas a variante soviética, está sempre se esforçando para se isolar do resto do mundo com uma cortina, seja ela de ferro, bambu ou qualquer outro material.

As fronteiras de um Estado que estatizou a indústria e coletivizou a agricultura — que, em outras palavras, efetuou uma "transformação socialista" — sempre sugerem um campo de concentração, com arame farpado, torres de vigilância com holofotes e cães de guarda. Nenhum Estado comunista pode permitir a seus escravos livre movimentação através das fronteiras.

No mundo atual, há milhões de refugiados. Todos estão em fuga do comunismo. Se os comunistas abrissem as fronteiras, todos os seus escravos fugiriam. Foi por esta razão que a República Democrática do Camboja instalou milhões de armadilhas ao longo das fronteiras: exclusivamente para impedir qualquer um de abandonar aquele paraíso comunista. Os comunistas da Alemanha Oriental são inimigos do regime cambojano mas, igualmente, armaram a mesma espécie de engenhocas ao longo das próprias fronteiras. Mas nem a astúcia oriental nem a metodicidade alemã pode impedir que as pessoas escapem do comunismo, e os líderes comunistas, portanto, veem-se defrontados com o imenso problema de destruir as sociedades que poderiam captar a imaginação de sua gente e atraí-la.

Marx estava certo: os dois sistemas não podem coexistir. E não importa quão amantes da paz sejam os comunistas, infalivelmente chegam à conclusão de ser impossível escapar à revolução mundial. Eles têm que aniquilar o capitalismo ou ser mortos pelos próprios povos.

Há alguns países comunistas considerados amantes da paz —

Albânia, República Democrática do Camboja, Iugoslávia. O amor à paz demonstrado por esses países, contudo, é simplesmente produto de sua debilidade. Ainda não estão bastante fortes para falar em revolução mundial, devido a problemas internos ou externos. Todavia, regimes que dificilmente podem ter maior autoconfiança do que esses, como Cuba, Vietnam e Coréia do Norte, prontamente se atiram à heróica peleja para libertar outros países (dos quais nada sabem) da canga do capitalismo.

A China comunista possui sua própria lúcida crença na inevitabilidade da revolução mundial. Ela mostrou suas verdadeiras intenções na Coréia, no Vietnam, no Camboja e na África. Ainda está fraca e, por conseguinte, é amante da paz, como o foi a União Soviética durante o período de industrialização. Mas a China, igualmente, defronta-se com o problema fundamental de como afastar sua população de mais de um bilhão de pessoas da tentação de fugir do país. Armadilhas nas fronteiras, interferência nas transmissões de rádio, quase integral isolamento—nada disso produz o resultado desejado, e quando a China se tomar uma superpotência industrial e militar, também se verá obrigada a usar medidas mais radicais. Ela nunca parou de falar em revolução mundial.

O fato de comunistas de diferentes países brigarem entre si pelo papel principal na revolução mundial carece de importância. O significativo é todos visarem a mesma meta: se deixarem de fazê-lo, estarão, de fato, cometendo suicídio.

“Nossa única salvação reside na revolução mundial: ou a alcançamos, não importa quais os sacrifícios, ou seremos esmagados pela pequena burguesia”, afirmou Nikolay Bukharin, o mais liberal e maior amante da paz entre os membros do Politburo (gabinete político), de Lenine. Os membros mais radicais do foro comunista advogaram uma imediata guerra revolucionária contra a Europa burguesa. Um deles, Leon Trotsky, fundou o Exército Vermelho — o Exército da Revolução Mundial. Em 1920, esse exército tentou abrir caminho, através da Polônia, até a Alemanha revolucionária. Essa tentativa não teve sucesso. A revolução mundial não ocorreu: tem sido desastradamente retardada, mas cedo ou tarde os comunistas precisam concretizá-la ou então perecer.

[3]

Para a União Soviética, a Romênia é um oponente. Um inimigo. Um vizinho obstinado e refratário. Para todos os fins e intenções, um aliado da China e de Israel. No entanto, nenhum súdito soviético sonha em fugir para a Romênia ou aspira trocar a vida soviética pela versão romena. Por conseguinte, a Romênia não é um inimigo perigoso. Sua existência não ameaça as fundações do comunismo soviético, e por isso nunca foram adotadas medidas drásticas contra ela. Por outro lado, os primeiros estremecimentos de democracia na Tchecoslováquia representaram um risco potencial de contágio para os povos da União Soviética, tal como a mudança de regime na Hungria constituiu exemplo bastante perigoso. Os líderes soviéticos compreenderam bem claramente que o ocorrido na Alemanha Oriental também podia ocorrer na Estônia, o que acontecera na Tchecoslováquia podia acontecer na Ucrânia, e por tal razão os carros de combate soviéticos esmagaram estudantes húngaros tão impiedosamente debaixo de suas lagartas.

A existência da Romênia, que, apesar de talvez indisciplinada, é, não obstante, um regime comunista típico, com seu culto de um chefe supremo e infalível, prisões psiquiátricas, torres de vigilância ao longo das fronteiras, não apresenta ameaça à União Soviética. Por outro lado, a existência da Turquia, onde os camponeses cultivam a própria terra, é como uma praga ameaçadora, uma infecção suscetível de disseminar-se pelo território soviético. É por isso que a União Soviética faz tanto para desestabilizar o regime turco, enquanto não move uma palha para derrubar o indócil governo da Romênia.

Para os comunistas, qualquer espécie de liberdade é perigosa, não importa onde exista — na Suécia ou em El Salvador, no Canadá ou em Formosa. Para os comunistas, qualquer dose de liberdade é temerária — seja completa ou parcial, seja política, econômica ou religiosa. “Não pouparemos esforços na luta pela vitória do comunismo”, disse Leonid Brejnev. “Para conseguir a vitória do comunismo no mundo inteiro, estamos prontos para qualquer sacrifício”, declarou Mao Tsé-tung. Parecem palavras de irmãos de pensamento... Pois é o que eles são. Suas filosofias são idênticas,

malgrado pertençam a ramos diferentes da mesma Máfia. Suas filosofias têm de ser idênticas, pois nenhum deles pode dormir sono profundo enquanto houver, em qualquer parte do mundo, um pequeno lampejo de liberdade capaz de servir de estrela-guia para os que foram escravizados pelos comunistas.

No passado, todo império foi orientado pelos interesses do Estado, de sua economia, de seu povo ou no mínimo de sua classe dominante. Os impérios terminavam quando encontravam obstáculos insuperáveis ou oposição invencível no caminho. Impérios terminavam quando o crescimento ulterior se tomava perigoso ou economicamente indesejável. O Império Russo, por exemplo, vendeu o Alasca por um milhão de dólares e suas colônias na 'Califórnia a um preço analogamente baixo, por não haver justificativa para reter aqueles territórios. Hoje, os comunistas soviéticos malbaratam milhões de dólares por dia para se agarrarem a Cuba. Não podem desistir, não importa qual seja o preço, não interessa que catástrofe econômica possa ameaçá-los.

Cuba é o posto avançado da revolução mundial no hemisfério ocidental. Renunciar a Cuba seria renunciar à revolução mundial, e isso equivaleria a suicídio para o comunismo. As presas do comunismo voltam-se para dentro, como as da píton. Se os comunistas se dispusessem a engolir o mundo, teriam de degluti-lo inteiro. A tragédia é que, se quisessem se deter, isso não seria possível devido à sua fisiologia. Se o mundo se mostrasse grande demais, a píton morreria com a goela escancarada, tendo enfiado as aguçadas presas na superfície macia mas carecendo de vigor para arrancá-las fora. Não é só a píton soviética que tenta deglutir o mundo, mas outras variantes do comunismo, pois todas se acham inescapavelmente atadas ao marxismo puro e, assim, à teoria da revolução mundial. As pítons podem silvar e morder umas às outras, mas são todas de uma única espécie.

O Exército Soviético, ou mais precisamente o Exército Vermelho, o Exército da Revolução Mundial, representa os dentes da mais perigosa como também da mais velha das pítons, que começou a devorar o mundo, afundando as presas na superfície, para só então dar-se conta de como era grande o mundo, e quão inseguro para seu estômago. A píton, porém, não dispõe de robustez suficiente para

retirar as presas.

---

* Na gíria em inglês, hawks (“falcões”), ou seja, os “belicistas”, em contraposição aos doves (“pombos”), que são os “pacifistas”. (N. do T.)

A Organização do Tratado de Varsóvia
MAR
DA NORUEGA
Murmansk
FINLÂNDIA
NORUEGA
SUÉCIA
Helsinqui
Leningrado
Oslo
Estocolmo
URSS
Moscou
MAR
DO NORTE
Glasgow
DINAMARCA
Copenhague
MAR BÁLTICO
Riga
DIREÇÃO ESTRATÉGICA OESTE
DIREÇÃO ESTRATÉGICA SUDOESTE
Minsk
REP. DA IRLANDA
REINO UNIDO
Hamburgo
Varsóvia
Brest
Londres
HOLANDA
ALEMANHA ORIENTAL
ALEMANHA OCIDENTAL
Berlim
POLÔNIA
BÉLGICA
Praga
Brest
Paris
Frankfurt
TCHECO-ESLOVÁQUIA
Viena
HUNGRIA
FRANÇA
Munique
SUÍÇA
ÁUSTRIA
Budapeste
ROMÊNIA
Bucareste
MAR NEGRO
Milão
Belgrado
IUGOSLÁVIA
BULGÁRIA
Sófia
Istambul
Marselha
MAR ADRIÁTICO
ITÁLIA
ALBÂNIA
TURQUIA
ESPANHA
Madri
MAR
Roma
GRÉCIA
Atenas
MEDITERRÂNEO
Posto de Comando Supremo
Frente
Grupo de Exércitos de Carros de Combate
Esquadra
Área de Ataque Pára-Quedista
0
400 milhas
600km

Por Que a Organização do Tratado de Varsóvia Foi Criada Depois da OTAN?

[1]

Os países ocidentais estabeleceram a OTAN em 1949, mas a Organização do Tratado de Varsóvia somente foi criada em 1955. Para os comunistas, uma comparação entre essas duas datas fornece excelente material de propaganda a ser consumido por centenas de milhões de almas crédulas. Fatos são fatos: o Ocidente congregou um bloco militar enquanto os comunistas simplesmente adotaram contramedidas — e houve um longo retardo até que o fizessem, Não apenas isso, porém: a União Soviética e seus aliados apresentaram, reiterada e persistentemente, propostas para desfazer blocos militares, tanto na Europa como pelo mundo afora. Os países ocidentais rejeitaram tais propostas pacifistas quase unanimemente.

Tomemos a sinceridade dos comunistas por seu significado manifesto. Admitamos que não desejem a guerra. Mas, se assim é, o retardamento em estabelecer uma aliança militar dos Estados comunistas contradiz um princípio fundamental do marxismo: "Trabalhadores do mundo, uni-vos!", que é o seu principal brado de arregimentação. Por que os trabalhadores dos países do Leste europeu não se apressaram em unir-se numa aliança contra a burguesia? De onde proveio tal desrespeito por Marx? Como ocorreu que a Organização do Tratado de Varsóvia fosse instalada, não conforme o Manifesto Comunista, mas exclusivamente como reação a passos dados pelos países burgueses — e, assim sendo, tão atrasada?

Estranho como pareça, não há contradição neste caso com o marxismo puro. Ao tentar entender as metas e estruturas da Organização do Tratado de Varsóvia, entretanto, as inter-relações em seu âmbito e o retardo em sua instauração (que à primeira vista é inexplicável), não nos absorveremos na teoria nem tentaremos

acompanhar as intrincadas manobras dessa desajeitada organização burocrática. Se estudarmos o destino do Marechal K.K. Rokossovskiy, chegaremos a entender, se não tudo, pelo menos o essencial.

[2]

Konstantin Konstantinovich Rokossovskiy nasceu em 1896 na velha cidade russa de Velikiye Luki. Aos 18 anos foi convocado pelo Exército. Passou a guerra inteira na linha de frente, primeiro como soldado e a seguir como sargento. Ainda nos primeiros dias da Revolução, aderiu aos comunistas e ingressou no Exército Vermelho. Distinguiu-se combatendo os exércitos russo e polonês. Galgou postos rapidamente, terminando a guerra no comando de um regimento. Após a guerra, comandou uma brigada, e, sucessivamente, uma divisão e um corpo de exército.

Na época do Grande Expurgo *, os comunistas torturaram ou fuzilaram as pessoas que haviam até então sobrevivido miraculosamente, a despeito de ligações no passado com o governo, exército, polícia, serviço diplomático, igreja ou cultura da Rússia. O Comandante de Corpo de Exército do Exército Vermelho Rokossovskiy viu-se entre os milhões de vítimas devido a ter servido no Exército Russo.

Durante o inquérito, sofreu torturas pavorosas. Teve um de seus dentes arrancados, três costelas quebradas, e os dedos dos pés foram achatados a martelo. Condenado à morte, passou mais de três meses na cela dos condenados. Há testemunhos, inclusive o dele próprio, de que pelo menos por duas vezes foi submetido a falsos fuzilamentos, sendo levado ao local de execução à noite e mandado ficar de pé à beira de uma sepultura, enquanto generais à sua esquerda e direita eram fuzilados, e a seguir “executado” com cartuchos de festim disparados em seu cangote.

Na véspera da guerra entre a Alemanha e a União Soviética, Rokossovskiy foi solto da cadeia e recebeu o posto de “Major-General da Força de Carros de Combate” e o comando de um corpo de exército mecanizado. No entanto, a acusação por ter servido ao

Exército Russo não foi retirada, nem anulada a sentença de morte.

— Assuma o comando deste corpo de exército mecanizado, prisioneiro, e mais tarde veremos a questão da sua sentença de morte...

No segundo dia de guerra, Rokossovskiy desfechou, com o 9 Corpo de Exército Mecanizado, um golpe inesperado e potente contra carros de combate alemães, que irrompiam pela região de Rovno e Lutsk, num momento em que o resto das forças soviéticas retirava-se em pânico. Em uma situação de confusão e desorganização, Rokossovskiy demonstrou calma e coragem em defesa do regime soviético. Conseguiu manter a eficiência de combate dos seus comandados e realizar diversos contra-ataques. No vigésimo dia de guerra foi promovido, tomando-se Comandante do 16 Exército, que sobressaiu tanto na batalha de Smolensk como, especialmente, na de Moscou, quando, pela primeira vez no decurso da guerra, o Exército Alemão foi rijamente surrado. Durante a batalha de Stalingrado, Rokossovskiy comandou a frente do Don, que desempenhou papel decisivo no envolvimento e destruição completa do mais forte grupamento de batalha alemão, consistindo de 22 divisões.

Durante a batalha pela posse de Kursk, quando as condições meteorológicas deixaram os contendores em igualdade de condições, Rokossovskiy comandou a Frente Central, que representou papel relevante no esmagamento da última tentativa de Hitler para alcançar um sucesso decisivo. A partir de então, Rokossovskiy comandou com sucesso operações na Rússia Branca, Prússia Oriental, Pomerânia Oriental e, por fim, em Berlim.

Choveram estrelas sobre Rokossovskiy. Caíram em suas platinas, ao peito e ao redor do pescoço. Em 1949 foi-lhe concedida a Estrela de Marechal, de diamante, e uma estrela de ouro para pregar no peito. Em 1945, recebeu a Ordem da Vitória, na qual brilham nada menos que uma centena de diamantes, e uma segunda estrela de ouro. Stalin ** conferiu a máxima honraria a Rokossovskiy, atribuindo-lhe o comando da Parada da Vitória, na Praça Vermelha.

Mas, que tem tudo isso a ver com a Organização do Tratado de Varsóvia? O fato é que, imediatamente após a guerra, Stalin enviou

seu favorito, Rokossovskiy, para Varsóvia e deu-lhe o título de marechal da Polônia, para acrescentar ao seu já existente posto de marechal da União Soviética. Em Varsóvia, Rokossovskiy ocupou os cargos de Ministro da Defesa, Vice-Presidente do Conselho de Ministros e Membro do Politburo do Partido Comunista Polonês. Pense-se por um instante no pleno significado disso: um marechal da União Soviética como vice-chefe do governo polonês!

Na prática, Rokossovskiy agiu como governador militar da Polônia, mais graduado cão de guarda junto ao governo polonês e supervisor do Politburo polonês. Como onipotente governante da Polônia, Rokossovskiy permaneceu como favorito de Stalin, mas continuou sentenciado à morte, pois a sentença só foi revogada após a morte de Stalin, em 1953. Um favorito deste gênero poderia ter sido fuzilado a qualquer instante. Mas, ainda que a sentença tivesse sido suspensa, não poderia ter sido imposta uma outra sem demora?

Vejamos, agora, a situação sob o ponto de vista do Generalíssimo da União Soviética J. V. Stalin. Seu subordinado em Varsóvia é o Marechal da União Soviética Rokossovskiy. Este subordinado cumpre todas as ordens incondicional, precisa e prontamente. Por que havia Stalin de concluir uma aliança militar com ele? Só pensar em semelhante medida revelaria desprezo flagrante pelos princípios de subordinação, e seria por si mesmo uma transgressão disciplinar. Um sargento não tem o direito de fazer acordo com os soldados que lhe são subordinados, ou um general com seus oficiais. Da mesma forma, um generalíssimo não está habilitado a concluir alianças com seu próprio marechal. É direito e dever de um comandante dar ordens, e um subordinado é obrigado a cumpri-las. Qualquer outro tipo de relacionamento entre comandantes e subordinados acha-se totalmente vedado. O relacionamento entre Stalin e Rokossovskiy baseava-se no fato de Stalin dar as ordens e Rokossovskiy cumpri-las sem perguntas.

[3]

O fato de não saber polonês não perturbou nem de longe á Rokossovskiy. Naqueles dias de glória, nenhum general do Exército Polonês falava polonês, todos dependiam de intérpretes,

constantemente à disposição.

Na Rússia, em 1917, um polonês de linhagem nobre, Felix Dzerjinskiy, criou uma organização encharcada de sangue: foi a Tcheka ***, precursora da GPU, NKVD, MGB e KGB. Entre 1939 e 1940, essa organização destruiu a fina flor da oficialidade polonesa. Na guerra, um novo Exército Polonês foi formado na União Soviética. Os soldados graduados e oficiais subalternos desse exército eram poloneses; os oficiais superiores e generais, soviéticos. Quando transferidos para o Exército Polonês, os soviéticos recebiam conjuntamente nacionalidade polonesa-soviética e postos militares poloneses, permanecendo na hierarquia militar soviética. Eis, abaixo, um histórico dentre milhares de casos semelhantes.

Fyodor Petrovich Polynin nasceu em 1906 na província de Saratov. Ingressou no Exército Vermelho em 1928 e formou-se piloto-aviador. Em 1938-39, combateu na China com as forças de Chang Kai-chek. Usou um nome chinês e recebeu nacionalidade chinesa. Embora se tornasse assim súdito chinês, foi feito "Herói da União Soviética". Regressando à URSS, retomou a nacionalidade soviética. Na guerra, comandou a 13 Divisão de Bombardeio e, a seguir, o 6 Exército Aéreo. Chegou a tenente-general da Força Aérea Soviética. Em 1944, tornou-se general polonês. Nunca aprendeu polonês. Foi nomeado Comandante da Força Aérea da Polônia independente e soberana.

Em 1946, ainda ocupando seu elevado cargo na Polônia, recebeu o posto de "Coronel-General da Força Aérea". A Força Aérea em tela era, claro, a soviética, pois Polynin também era um general soviético. O documento que concedia esse posto ao Comandante dá Força Aérea Polonesa foi assinado pelo Presidente do Conselho de Ministros da URSS, Generalíssimo J.V.Stalin.

Depois de um ulterior curto período na Polônia, como se isso fosse um acontecimento inteiramente normal, Fedya Polynin reassumiu seu posto soviético e recebeu o cargo de Vice-Comandante-em-Chefe da Força Aérea Soviética. Durante seus anos à testa da Força Aérea Polonesa, não aprendera uma única palavra em polonês. Por que, afinal, deveria preocupar-se com isso? Suas ordens vinham de Moscou em russo, e quando comunicava tê-las cumprido, fazia-o igualmente em russo. Nenhum de seus subordinados no QG da

Força Aérea Polonesa tampouco falava polonês, de sorte que não havia razão para aprender o idioma.

Ainda uma vez mais, por que deveria Stalin estabelecer uma aliança com Fedya Polynin, se este não era mais do que um comandado de Rokossovskiy, por sua vez subordinado a Stalin? Por que criar uma aliança militar, se já existia uma linha de comando mais simples e direta?

[4]

O Exército Polonês, organizado em 1943 em território soviético, era simplesmente parte do Exército Soviético, chefiado por comandantes soviéticos, e, está claro, não reconhecia o governo polonês no exílio em Londres. Em 1944, os comunistas instalaram novo governo "popular", em grande parte formado por investigadores do NKVD e do serviço de contrainformação soviético (o Smersh). Entretanto, mesmo após estabelecido o governo "popular", o Exército Polonês não ficou sob seu comando, permanecendo como parte do Exército Soviético. Após a guerra, o governo "popular" da Polônia simplesmente não teve poder para nomear os generais do Exército Polonês, ou para promovê-los e demiti-los. Isto era compreensível, de vez que tais generais eram também generais soviéticos, e designá-los seria uma interferência nos assuntos internos da URSS.

Não havia razão para o governo soviético ter tido a menor intenção de instaurar qualquer espécie de Tratado de Varsóvia, Comitê Consultivo ou outra superestrutura analogamente inútil.

Ninguém precisava de um tratado, já que o Exército Polonês não passava de uma parte do Exército Soviético, e o governo polonês, fortalecido com o acréscimo de degoladores e valentões soviéticos, não era autorizado a interferir nos assuntos do Exército Polonês.

Não obstante, após a morte de Stalin, o governo soviético, chefiado pelo Marechal da União Soviética Bulganin, resolveu concluir um acordo militar oficial com os países ocupados. A propaganda comunista proclamou — aos berros, como continua a fazer — ser

esse um acordo voluntário, feito entre países livres. Mas um único exemplo da época em que o documento oficial foi assinado indica qual a verdade. O signatário pela União Soviética foi o Marechal da União Soviética G. K. Jukov, e pela livre, independente, popular e socialista Polônia, o Marechal da União Soviética Rokossovskiy, com a assistência do seu homem n 2, o Coronel-General S. G. Poplavskiy. O Marechal da União Soviética Bulganin, presente à cerimônia, aproveitou a oportunidade para conferir ao Coronel-General Poplavskiy o posto de general-de-exército. Naturalmente vocês já adivinharam que Poplavskiy, que assinou pela Polônia, era também general soviético subordinado aos marechais Bulganin, Jukov e Rokossovskiy. Dali a dois anos, Poplavskiy regressou à URSS e tornou-se Vice-Inspetor Geral do Exército Soviético. Esta era a espécie de milagres que ocorriam em Varsóvia, sem levar em conta a existência do Tratado de Varsóvia. Rokossovskiy, Poplavskiy, Polynin e os outros eram compelidos pela legislação soviética a executar as ordens vindas de Moscou. O Tratado não agravou nem reduziu a dependência da Polônia em face da URSS.

A Polônia, todavia, é um caso especial. Com outros países da Europa Oriental, foi muito mais fácil. Na Tchecoslováquia havia pessoas confiáveis como Ludwig Svoboda, que neutralizou o Exército Tcheco em 1948 e repetiu a dose em 1968. Ele executava as ordens da URSS pronta e literalmente, e, por conseguinte, não foi preciso manter em Praga um marechal soviético ocupando cargo ministerial no governo tcheco. Também com os demais governos de países da Europa Oriental tudo correu bem. Durante a guerra, todos haviam sido inimigos da URSS, e assim era possível, a qualquer dado momento, executar qualquer personalidade política, general, oficial ou simples praça, substituindo-o por alguém mais cooperativo. O sistema funcionou perfeitamente; os embaixadores soviéticos junto aos países da Europa Oriental ficaram de olho nesse funcionamento. Quanto ao tipo de embaixadores que eram eles, pode-se ajuizar, por exemplo, pelo seguinte fato: quando foi assinado o Tratado de Varsóvia, o embaixador na Hungria era Yuri Andropov, que posteriormente se tomou chefe do KGB. Era compreensível, pois, que a Hungria recebesse calorosamente o tratado e o assinasse com profunda satisfação.

Sob Stalin, a Polônia e demais países da Europa Oriental foram

governados por um sistema de ditadura ostensiva, absolutamente indisfarçada. O Tratado de Varsóvia não existia por uma única razão — não era necessário. Todas as decisões eram tomadas no Kremlin e controladas por este. Os ministros da Defesa dos países da Europa Oriental eram encarados no mesmo plano dos comandantes de distritos militares soviéticos, e ficavam sob o comando direto do Ministro da Defesa soviético. Todas as nomeações e classificações eram decididas pelo Kremlin. Os ministros da Defesa dos Estados "soberanos" da Europa Oriental eram designados dentre o quadro dos generais soviéticos ou então "auxiliados" por assessores militares soviéticos. Na Romênia e Bulgária, por exemplo, um desses "assessores" foi o Marechal da União Soviética Tolbukhin. Na Alemanha Oriental houve o próprio Marechal Jukov, na Hungria o Marechal da União Soviética Konev. Cada assessor tinha à disposição pelo menos um exército de carros, diversos exércitos comuns e destacamentos punitivos especiais do Smersh. Desprezar seus "conselhos" seria algo muito arriscado.

Após a morte de Stalin, a liderança soviética iniciou um processo de "liberalização". Na Europa Oriental tudo ficou como estava, pois a única ocorrência foi o governo soviético decidir esconder sua goela de lobo por trás de uma máscara de acordo "voluntário" segundo o padrão da OTAN.

Para alguns, na Europa Oriental, realmente afigurou-se que a ditadura terminara e chegara a ocasião para um acordo espontâneo. Estavam, porém, redondamente enganados. Apenas um ano após a assinatura dessa aliança "voluntária", as ações dos carros de combate soviéticos na Polônia e Hungria provaram claramente que tudo ainda estava como fora sob Stalin, salvo por pequenas alterações, meramente cosméticas.

A propaganda comunista bem de propósito mistura dois conceitos: o da organização militar em vigor nos Estados comunistas da Europa Oriental e o da Organização do Tratado de Varsóvia. A organização militar dos países da Europa Oriental foi criada imediatamente após a chegada do Exército Vermelho a seus territórios, em 1944 e 1945. Em alguns casos, por exemplo a Polônia e a Tchecoslováquia, organizações militares pró-comunistas haviam sido instaladas ainda antes da chegada do Exército Vermelho.

Os exércitos de países da Europa Oriental criados pelos “assessores militares” soviéticos foram facilmente controlados e supervisionados por Moscou. O sistema militar que assim tomou forma não era uma organização multinacional nem tampouco fruto de uma série de tratados bilaterais de defesa, porém imposto à força, em base unilateral, sob a forma ainda vigente.

A Organização do Tratado de Varsóvia é uma quimera a que foi dada vida a fim de criar uma ilusão de um espírito de livre associação. A propaganda comunista alega ter isso resultado do estabelecimento da OTAN, na qual os países da Europa Ocidental reuniram-se em uma aliança militar. A verdade é que, ao cabo da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética assumiu controle total dos exércitos dos países que subjugara, muito antes de a OTAN nascer. Foram muitos anos depois que os comunistas resolveram esconder seu punho de ferro e tentar apresentar a criação da OTAN como o momento em que foi montado o arcabouço militar da Europa Oriental.

Os comunistas, contudo, careceram de imaginação para instaurar esta organização puramente ornamental, que existe tão-somente para ocultar a triste realidade com tato e certa elegância. Durante os primeiros 13 anos de vida da Organização, os ministros da Defesa dos Estados soberanos, quer fossem marionetes pró-soviéticos ou realmente generais e marechais soviéticos, eram subordinados ao Comandante-em-Chefe, nomeado pelo governo soviético e que era, ele próprio, um subministro da Defesa da URSS. Assim, ainda no sentido legal, os ministros desses Estados teoricamente soberanos estavam diretamente subordinados a um subministro soviético. Após a questão tcheco-eslovaca, foi criado o analogamente espúrio Comitê Consultivo. Neste, ministros da Defesa e chefes de Estado reúnem-se para, supostamente, conversar como iguais e aliados. Isso, entretanto, é representação teatral pura e simples. Tudo permanece como há diversas décadas. As decisões ainda são tomadas no Kremlin. O Comitê Consultivo por si mesmo não decide coisa alguma.

Qualquer tentativa para entender a estrutura complexa e extravagante de comitês e assessorias que compõem a Organização do Tratado de Varsóvia é uma completa perda de tempo. É mais ou

menos como procurar entender a maneira pela qual o Soviete Supremo chega a suas decisões ou como o Presidente da União Soviética governa o país — a natureza de sua autoridade e o âmbito de suas responsabilidades. Sabe-se, ainda antes de Começar, que, a despeito de sua grande complexidade, a organização não tem absolutamente existência real. O Soviete Supremo não formula políticas nem toma decisões. Ele é exclusivamente decorativo, como a Organização do Tratado de Varsóvia, que consta como figurante e nada mais. Da mesma forma, o Presidente da União Soviética nada faz, não toma decisões nem tampouco possui responsabilidades ou autoridade. Seu cargo foi inventado unicamente para disfarçar o poder absoluto do Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética.

A Organização do Tratado de Varsóvia, pois, é um órgão do mesmo tipo que o Soviete Supremo. Trata-se de uma pedra de ostentação cujo único papel é camuflar a ditadura do Kremlin. Seu Comitê Consultivo foi montado apenas para esconder o fato de que todas as decisões são tomadas no Quartel-General do Exército Soviético, no Bulevar Gogol de Moscou. A função do Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia é puramente decorativa. Como o Presidente da União Soviética, ele não possui autoridade. Embora seja relacionado ainda entre os primeiros subordinados do Ministro da Defesa soviético, isto é um legado do passado, não sendo mais que uma honraria, pois está afastado do poder real.

Durante uma guerra, ou qualquer empreendimento como a "Operação Danúbio", as divisões "aliadas" da Organização do Tratado de Varsóvia são integradas aos exércitos soviéticos. Nenhum dos países da Europa Oriental tem o direito de formar seus próprios corpos de exército, exércitos ou frentes. Só possuem divisões, comandadas por generais soviéticos. Na eventualidade de uma guerra, seus ministérios da Defesa se preocupariam apenas com os reforços, formação e manutenção técnica de suas divisões, que operariam como parte das Forças Armadas Unidas (isto é, soviéticas).

Por fim, algumas palavras a respeito da meta final da Organização do Tratado de Varsóvia: o desmantelamento de todos os blocos militares na Europa e no mundo inteiro. Esta é a verdadeira

aspiração dos “pombos” soviéticos. Baseia-se em um raciocínio bastante singelo. Se a OTAN for dissolvida, o Ocidente terá sido neutralizado, de uma vez por todas. O sistema de autodefesa coletiva dos países livres terá deixado de existir. Se a Organização do Tratado de Varsóvia for dissolvida ao mesmo tempo, a URSS nada perde exceto uma máquina de propaganda pesadona. Ela continuará com o controle completo dos exércitos de seus “aliados”. A organização militar sobreviverá, intacta. Tudo que se perderá será o próprio título e as ramificações burocráticas da organização, de que ninguém precisa.

Suponhamos, por exemplo, que a França de repente retornasse à OTAN. Isso seria uma mudança? Certamente — e de significado quase mundial. A seguir, suponhamos que Cuba abandone seu “não-alinhamento” e adira à Organização do Tratado de Varsóvia. O que isso alteraria? Absolutamente nada. Cuba continuaria como peixe-piloto do grande tubarão, tão agressiva quanto hoje.

[5]

Há milhões de pessoas que veem a OTAN e a Organização do Tratado de Varsóvia como grupamentos idênticos. Mas igualá-las é absurdo, visto que a Organização do Tratado de Varsóvia não tem vida real. O que existe é a ditadura soviética, e esta prescinde de consultas a seus aliados. Se ela for capaz, agarra-os pelo gasnete; se não, ganha tempo — os comunistas não conhecem outro gênero de relacionamento com seus companheiros.

Isto é um truísmo, algo sabido por todos, e, no entanto, todo ano centenas de livros são publicados descrevendo o Exército Soviético como uma das forças componentes da Organização do Tratado de Varsóvia. Isto é tolice. As forças da Organização do Tratado de Varsóvia fazem parte do Exército Soviético. Os países do Leste europeu acham-se equipados com armas soviéticas, são instruídos com métodos soviéticos em academias militares soviéticas e controlados por “assessores” soviéticos. Verdade que algumas das Divisões da Europa Oriental ficariam contentes de dar meia-volta e usar as baionetas contra os chefes de Moscou. Mas também há divisões soviéticas prontas para fazer isso. Motins em navios e

divisões soviéticas estão longe de ser raros.

Uma situação em que a propaganda soviética coloca a verdade de cabeça para baixo, e entretanto é acreditada pelo mundo inteiro, não é de forma alguma uma novidade. Antes da Segunda Guerra Mundial, os comunistas soviéticos criaram uma união internacional de partidos comunistas — o Comintern. Teoricamente, o Partido Comunista Soviético era simplesmente um membro dessa organização. Na prática, seu líder, Stalin, foi capaz de fazer com que o líder do Comintern, Zinoviev, fosse afastado e fuzilado... Mais tarde, durante o Grande Expurgo, ele fez com que os líderes de partidos comunistas fraternos fossem executados sem julgamento e sem consequências para ele próprio. Oficialmente, o Partido Comunista Soviético era um membro do Comintern, porém de fato o próprio Comintern era uma organização subsidiária do partido soviético. A situação da Organização do Tratado de Varsóvia é rigorosamente análoga. Oficialmente o Exército Soviético é um membro dessa organização, mas na prática ela mesma faz parte do Exército Soviético. E o fato de o Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia ser um subministro da Defesa soviético não é mera coincidência.

Na década de 50 foi resolvida a construção de um edifício em Moscou para alojar os quadros dirigentes da Organização do Tratado de Varsóvia. Nunca, porém, o construíram porque ninguém precisou dele—não mais do que da organização em si. O Estado-maior Combinado Soviético existe, e basta isso para dirigir tanto o Exército Soviético quanto seus “irmãos mais moços”.

---

* Referência aos processos e execuções era massa de 1936 a 1938. (N. do T.)

** Pseudônimo de Ossip (Iossif) Vissarionovitch Diugatchvili (Gori, 1879 — Moscou, 1953), que sucedeu a Lênine, em 1922, como Secretário-Geral do PCUS. (N. do T.)

*** Polícia secreta encarregada de combater movimentos contra-revolucionários. Seu nome foi tirado das iniciais tche e ka, que significavam Comissão Extraordinária. GPU, ou ODPU, era Autarquia Política do Govemo Unificado, fundada em 1922. NKVD, criado em 1934, era Comissariado do Povo para os Negócios Interiores. MGB era Ministério da Segurança do Estado, inaugurado em março de 1953. (MVD era Ministério do Interior.) KGB, surgido em 1954, é Komitet Gosudarstvennoye Bezopastnosti, ou seja, Comitê de Segurança do Estado. (N. do T.)

O Triângulo das Bermudas

[1]

Um triângulo é a mais forte e rígida figura geométrica. Se as tábuas de uma porta que foram reunidas começam a empenar, prega-se outra tábua transversalmente em diagonal em cima delas. Isso dividirá a construção retangular em dois triângulos e a porta terá assim a necessária estabilidade.

O triângulo tem sido utilizado em engenharia desde há muitíssimo tempo. Veja-se a Torre Eiffel, o arcabouço metálico do dirigível Hindenburg ou qualquer ponte ferroviária, e ver-se-á que cada um deles é um amálgama de milhares de triângulos, que dão rigidez e estabilidade à estrutura.

O triângulo é robusto e estável, não apenas em engenharia como igualmente em política. Sistemas políticos baseados na divisão do poder e na interação de três forças que se equilibram têm sido os mais estáveis ao longo da História. Estes são os princípios nos quais se ergue a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Diz-se que há enormes problemas e dificuldades confrontando a União Soviética. Mas os líderes soviéticos também têm enfrentado sempre problemas de considerável magnitude, desde o começo mesmo do poderio soviético. Na época, também se julgou inevitável o colapso do regime. Mas ele sobreviveu a quatro anos de sangrento embate contra o Exército Russo; sobreviveu ao motim da Esquadra do Báltico, que auxiliara a suscitar a Revolução; sobreviveu à fuga em massa da intelligentsia, à oposição dos camponeses, à vasta sangria do período revolucionário, à Guerra Civil, ao morticínio sem precedentes de milhões durante a coletivização, e a intermináveis expurgos sangrentos. Suportou também o isolamento diplomático e o bloqueio político, a morte pela fome de dezenas de milhões dos que ele escraviza, e um ataque furioso por 190 divisões alemães, a

despeito da relutância de muitos de seus próprios soldados para combater pelos interesses do regime.

Por isso, ninguém deve apressar-se em considerar enterrado o regime soviético. Ele ainda está razoavelmente firme sobre os próprios pés. Há diversas razões para sua estabilidade — as dezenas de milhões dentro de seus alicerces, ajuda desinteressada do Ocidente, a relutância do mundo livre em defender a própria liberdade. Mas há outro fator importantíssimo que proporciona ao regime soviético sua estabilidade interna — a estrutura triangular do Estado.

Apenas três forças são atuantes na arena política soviética — o Partido, o Exército e o KGB. Cada um deles possui imenso poder, mas este é ultrapassado pela força combinada dos outros dois. Cada um possui sua própria organização secreta, capaz de alcançar os países hostis e controlar a evolução dos acontecimentos ali. O Partido tem seu Comitê Controlador — organização secreta com quase tanta influência no interior do país quanto o KGB. O KGB é um agrupamento de múltiplos departamentos secretos, alguns dos quais ficam de olho no Partido. O Exército tem seu próprio serviço secreto — o GRU — o mais eficaz serviço de informação militar do mundo.

Cada uma destas três forças é hostil às demais e tem algumas pretensões, não irrazoáveis, ao poder absoluto, porém suas iniciativas sempre falharão diante da oposição combinada das outras duas.

Das três, o Partido tem os recursos menores para autodefesa num conflito declarado. Porém tem uma forte alavanca a seu favor: a nomeação e classificação de todos os oficiais. Cada general do Exército e cada coronel do KGB só assume seu cargo e é promovido ou rebaixado com a aprovação do Departamento Administrativo do Comitê Central do Partido. Além disso, o Partido controla toda a propaganda e o trabalho ideológico, e é sempre o Partido que decide o que é marxismo verdadeiro e o que representa um desvio da linha geral. O marxismo pode ser empregado como arma adicional quando se faz necessário dispensar uma autoridade indesejável do KGB, do Exército ou até do Partido. O direito do Partido para indicar e promover os indivíduos é apoiado tanto pelo

Exército quanto pelo KGB. Se o Partido viesse a perder esse privilégio para o KGB, o Exército ficaria em perigo de morte. Se o Exército assumisse, o KGB se veria em situação igualmente perigosa. Por tal razão, nenhum deles faz objeção ao privilégio do Partido—e é este privilégio que toma o Partido o membro preponderante do triunvirato.

O KGB é o componente mais astuto desta tróica. É capaz, quando quer, de recrutar um líder do Partido ou um chefe militar para seu agente: se o oficial recusa, pode ser destruído por uma operação comprometedora concebida pelo KGB. O Partido lembra, por demais claramente, como o antecessor do KGB foi capaz de destruir o Comitê Central inteiro no decurso de um único ano. O Exército, por seu lado, recorda-se de que, no espaço de dois meses, a mesma organização foi capaz de aniquilar todos os seus generais. Entretanto, o poder secreto e a astúcia do KGB são sua fraqueza assim como sua força. Tanto o Partido quanto o Exército têm um medo atroz do KGB, e por esta razão mantêm observação extremamente rigorosa sobre o comportamento de seus chefes, trocando-os rápida e decisivamente quando se toma necessário.

O Exército é potencialmente o mais poderoso dos três, e, portanto, tem menos direitos. O Partido e o KGB sabem muito bem que, no caso de malogro de comunismo, eles serão fuzilados por seus próprios compatriotas, mas tal não ocorrerá com o Exército. O Partido e o KGB reconhecem o poderio do Exército. Sem ele, suas diretrizes não poderiam ser concretizadas, seja na pátria seja no estrangeiro. O Partido e o KGB mantêm o Exército a uma distância cautelosa, mais ou menos como dois caçadores poderiam controlar com correntes um leopardo capturado, puxando de dois lados opostos. O retesamento dessas correntes é sentido até nos escalões, regimento e batalhão. O Partido possui um comissário político em cada unidade, e o KGB um Departamento Especial.

[2]

Este triângulo de poder representa um Triângulo das Bermudas para os que vivem em seu interior. Desde há muito o trio adotou a regra de que nenhuma das pernas deste tripé deve alongar-se demais. Se

isto ocorrer, as outras duas imediatamente intervirão e podarão o excesso.

Vejamos um exemplo de como este triângulo funciona. Stalin morreu em 1953. Observadores concluíram imediatamente que Beriya assumiria o comando, uma vez que era ele o inquisidor-chefe e o policial mais graduado. Quem mais havia? Beriya, sua quadrilha de rufiões e o resto de sua organização perceberam que chegara sua oportunidade de mandar. O poder nas mãos deles era inacreditável. Havia um arquivo especial sobre cada funcionário graduado do Partido e cada oficial-general, e não haveria dificuldade alguma para colocar qualquer um deles diante de um pelotão de fuzilamento. Foi esse mesmo poder que destruiu Beriya. Tanto o Exército quanto o Partido entenderam o apuro em que se encontravam. Isso os uniu, e juntos cortaram a cabeça do executor-chefe. Os mais poderosos membros do aparelho de segurança tiveram fins desagradáveis, e a máquina de opressão foi exposta por inteiro ao escárnio público. A organização de propaganda do Partido trabalhou horas extraordinárias para explicar ao país os crimes de Stalin e de todo o aparelho de segurança.

Entretanto, havendo derrubado Beriya do seu pedestal, o Partido começou á sentir-se constrangido: ali estava ele, face a face com o leopardo cativo. O NKVD soltara a corrente que mantinha em tomo do pescoço do animal, e este sentiu a liberdade. O resultado inevitável era o Exército engolir o seu senhor. O Marechal Jukov adquiriu poder extraordinário, no interior e no estrangeiro. Ele exigiu uma quarta Estrela de Ouro de Herói da União Soviética (Stalin só tivera duas e Beriya uma). Talvez essa demonstração exterior não fosse importante, mas Jukov também exigiu a retirada dos comissários políticos de todo o Exército — ele estava tentando remover a corrente remanescente. O Partido deu-se conta de que isso só poderia acabar em desastre e que, sem ajuda, seria praticamente incapaz de resistir à pressão do Exército. Um pedido urgente de socorro foi enviado ao KGB, e com isso Jukov foi demitido. Os marechais do tempo da guerra acompanharam-no rumo ao ostracismo, e, a seguir, as fileiras dos generais e do serviço de informação militar foram metodicamente esvaziadas. O orçamento militar foi drasticamente reduzido, seguindo-se expurgos e cortes sem parar. Isso custou ao Exército Soviético 1,2 milhão de

homens, muitos dos quais oficiais de primeira linha do tempo da guerra.

O KGB ainda estava incapaz de recuperar a estatura que perdera após a queda de Beriya, e o Partido iniciou nova campanha de expurgos e de ridículo contra ele. O ano de 1962 marcou o triunfo do Partido tanto sobre o KGB, derrotado nas mãos do Exército, quanto sobre o Exército, humilhado com a ajuda do KGB; e, finalmente, com uma segunda vitória sobre o KGB, ganha pelo Partido sozinho. A perna do tripé correspondente ao Partido começou a esticar perigosamente.

O triunfo, porém, teve curta duração. O teoricamente impossível aconteceu: os dois inimigos mortais, Exército e KGB, ambos profundamente lesados, uniram-se contra o Partido; sua grande potência derrubou o chefe do Partido, Khruschev, que caiu quase sem ruído. Como poderia ele ter resistido a uma combinação dessas?

A era que se seguiu proporcionou amplas provas da notável estabilidade interna da estrutura triangular, mesmo nas situações mais críticas—Tchecoslováquia, crises internas, colapso econômico, Vietnam, África, Afeganistão. O regime sobreviveu a tudo.

O Exército não se lançou contra o KGB, nem este pisoteou o Exército. Ambos toleram a presença do Partido, em quem reconhecem um árbitro, ou, talvez, um padrinho no duelo, cuja ajuda cada um dos lados busca aliciar.

No centro do triângulo, ou, mais exatamente, acima do centro, acha-se sentado o Politburo. Esta organização não deve ser vista com o vértice do Partido, pois representa território neutro, no qual as três forças reúnem-se para se engalfinharem.

Tanto o Exército quanto o KGB acham-se representados no Politburo. Com sua concordância, o Partido assume o papel principal; os chefes do Partido contêm os demais e agem como pacificadores nas constantes rixas.

O Politburo desempenha parte decisiva na sociedade soviética. Com efeito, tomou-se um substituto para Deus. Retratos de seus membros

são exibidos em todas as ruas e praças. É sua a última palavra na resolução de qualquer problema, interno ou externo. Tem poder total em todos os campos — legislativo, executivo, judiciário, militar, político, administrativo, e até religioso.

Representando, como é o caso, a fusão dos três poderes, o Politburo está plenamente consciente de que sua própria estabilidade provém de todas essas fontes. Pode ser comparado com o assento de uma banqueta com tripé. Se uma das pernas for maior do que as outras, a banqueta virará. O mesmo acontecerá se uma das pernas for mais curta do que as demais. Para sua própria segurança, portanto, os membros do Politburo, quer provenham do Partido, do KGB ou do Exército, fazem tudo a seu alcance para manter o equilíbrio. O segredo da sobrevivência de Brejnev reside * em sua habilidade para manter a harmonia entre os três, impedindo quaisquer dois deles de se combinarem contra o terceiro.

---

* Evidentemente, certos fatos são narrados no presente em razão da época em que o livro foi escrito. (N. do T.)

Por Que Parece Complicado o Sistema de Controle Militar no Escalão Mais Elevado?

[1]

Quando especialistas ocidentais falam acerca da organização dos regimentos e divisões soviéticos, suas explicações são simples e compreensivas. Os organogramas por eles traçados são igualmente claros. Num relance, pode-se ver quem é subordinado a quem. Mas, assim que esses especialistas começam a falar a respeito do sistema organizacional de controle nos escalões mais elevados, o quadro se complica tanto que ninguém mais consegue compreender. Os organogramas esclarecedores do sistema de controle militar mais elevado, publicados no Ocidente, parecem-se com os que mostram as medidas de defesa de um banco de tamanho apreciável em Zurique ou na Basiléia: quadrados, linhas, círculos, interseções. O não-iniciado pode ficar com a impressão de haver um controle duplo no topo da pirâmide — ou, pior ainda, de não haver uma mão firme e, por conseguinte, reinar anarquia total.

Na verdade, a estrutura de controle de cima para baixo é tão singela a ponto de parecer primitiva. Por que, então, se afigura complicada aos observadores estrangeiros? Simplesmente porque estudam a União Soviética como fariam com qualquer outro país estrangeiro; tentam explicar tudo o que acontece lá em linguagem acessível a seus leitores, da maneira consagrada — por outras palavras, na linguagem do bom senso. Todavia, a União Soviética é um fenômeno ímpar, que não pode ser entendido aplicando-se-lhe um sistema de coordenadas baseado na experiência de outros lugares. Somente 3% da terra arável da União Soviética estão nas mãos de proprietários particulares, e nenhum trator ou quilograma de fertilizante. Esses 3% praticamente sustentam o país inteiro. Se aos donos particulares fosse dado outro 0,5% não haveria problemas com a produção de alimentos. Os comunistas, porém, preferem desperdiçar 400 toneladas de ouro anualmente, comprando trigo no

estrangeiro. Tente explicar isso na linguagem normal do bom senso...

Assim, ao examinar o sistema de controle militar na cúpula, o leitor não deve tentar traçar paralelos com a sociedade de outras partes do mundo. Lembre-se de que os comunistas possuem sua própria lógica, seu próprio gênero de bom senso.

[2]

Consideramos um organograma explicando o sistema de controle militar superior, traçado por um especialista ocidental em assuntos soviéticos, e procuremos simplificá-lo. Dentre o emaranhado de linhas entrecruzadas, tentaremos retirar o contorno de uma pirâmide de granito.

Nosso especialista, está claro, mostrou o Presidente do Partido no vértice, com o Presidium do Soviete Supremo a seguir e depois as duas câmaras do Soviete Supremo. Mas não se deve esquecer o Partido. Portanto, ali junto com o Presidente figuram o Secretário-Geral do Partido, o Politburo e o Comitê Central. Aí há desacordo entre os peritos sobre quem deverá figurar mais no alto da página e quem mais para baixo — o Secretário-Geral ou o Presidente.

Esclareçamos o quadro. Eis aqui os nomes de ex-secretários-gerais: Stalin, Khruschev, Brejnev. Tente lembrar-se dos nomes dos presidentes da União Soviética durante os períodos desses três no poder. Mesmo os especialistas não conseguem lembrar-se. Fiz outras perguntas a esses peritos. Por que, quando Stalin foi encontrar-se com o Presidente dos Estados Unidos, não levou o Presidente soviético junto? Quando a crise dos foguetes em Cuba estava no auge e Khruschev discutiu o destino do mundo na linha telefônica direta com o Presidente dos Estados Unidos, por que foi ele a fazê-lo em vez do Presidente soviético? Por certo, não deveriam ser os dois presidentes a debater a questão? E por que, quando Brejnev conversa a respeito de mísseis com o Presidente norte-americano, não dá ao Presidente soviético um lugar na mesa de conferência?

A fim de decidir qual dos dois — o Presidente ou o Secretário- Geral

— deveria ser mostrado no vértice, vale a pena recordar o relacionamento entre Stalin e seu Presidente, Kalinin. Stalin deu ordem para a esposa e os amigos mais íntimos de Kalinin serem fuzilados, mas deveria parecer que o próprio Presidente dera a ordem. Um historiador soviético conta que, ao assinar a sentença de morte da própria esposa, o Presidente "chorou, de tristeza e impotência".

A fim de simplificar nosso organograma, pegue um lápis vermelho e risque a Presidência. Nada mais é que um desnecessário enfeite que conduz a confusões. Se romper a guerra, nenhum futuro historiador se lembrará de que, em pé ao lado do Secretário-Geral, havia um ou outro Presidente já totalmente esquecido e que chorava "de tristeza e impotência".

Assim como a Presidência, risque o Presidium do Soviete Supremo e ambas as suas câmaras. Eles nada têm a ver seja com o governo do país seja com o controle das Forças Armadas. Julgue por si mesmo — este "parlamento" soviético reúne-se duas vezes por ano durante quatro a cinco dias e examina 30 a 40 assuntos por dia. Tendo em mente que os deputados não se matam de trabalho, pode-se calcular o número de minutos que despendem com cada assunto. O Parlamento soviético tem 15 comitês, ou pouco mais, tratando de assuntos tais como o suprimento de bens de consumo (onde comprar papel higiênico) ou a disponibilidade de serviços (onde mandar consertar torneiras). Nenhum desses comitês, entretanto, interessa-se pelos assuntos das Forças Armadas, pelo KGB, pela indústria militar (que proporciona empregos a 12 diferentes ministérios) ou por prisões. O Parlamento soviético jamais debateu as razões pelas quais forças soviéticas encontram- se na Hungria, Tchecoslováquia, Cuba ou Afeganistão. Durante a Segunda Guerra Mundial, nunca se reuniu. Por que deveria uma organização assim ser incluída entre as voltadas para as questões do controle militar superior?

Isso, contudo, não é o mais relevante. O Parlamento soviético não passa de um parasita. Todas as suas decisões são tomadas por unanimidade. A indicação de um novo Presidente — unânime. O afastamento e dispensa desonrosa do antecessor — também unânime. Na realidade, essas indicações e dispensas ocorreram

muitos meses antes. O Parlamento simplesmente as ratifica a posteriori — e unanimemente. Quando o Parlamento não se reúne durante vários anos, ninguém sabe a razão e nada muda em consequência disso. Se todos os seus membros fossem julgados como parasitas e mandados para a prisão de acordo com a legislação soviética, nada mudaria: os presidentes soviéticos continuariam a ser indicados com grande solenidade e escorraçados em desgraça ao deixar o cargo. Consoante a legislação soviética, o posto de marechal deve ser conferido — e retirado — pelo Parlamento. Mas diversos marechais foram fuzilados sem qualquer interveniência do Parlamento. Experimente-se tentar apurar quantos marechais foram nomeados e quantos fuzilados sem conhecimento ou consentimento do Parlamento... E isso não ocorreu somente durante o Terror Stalinista. Foi sob Khruschev que o Marechal da União Soviética Beriya foi fuzilado, o Marechal Bulganin riscado da folha de pagamento, 11 outros marechais dispensados dos cargos. Tudo isso foi efetuado sem conhecimento ou consentimento do Parlamento soviético.

Mas você perguntará: Se nem o Presidente nem o Parlamento faz nem é responsável por coisa alguma e ambos estão ali só para aprovar qualquer — absolutamente qualquer uma — decisão unanimemente, por que se chegou a criar tal cargo e tal órgão no sistema? A resposta é: como camuflagem.

Se fosse visto o poder todo inteiramente entregue nas mãos do Politburo, isso poderia ofender tanto ao povo soviético quanto ao resto do mundo. Para evitar tal coisa, a propaganda soviética compila organogramas extremamente rebuscados, tão complexos quanto os diagramas de uma máquina de movimento perpétuo, cujo inventor toma de propósito cada vez mais intrincados, de sorte a ninguém se dar conta de que, escondido lá dentro do seu invento, existe um anão movimentando as rodas.

É uma pena verificar que muitos especialistas ocidentais, cientes de não ser permitido ao Presidente soviético, durante a guerra, comparecer às reuniões dos altos chefes militares, ainda assim o mostrem no vértice mesmo dos organogramas, exatamente onde a propaganda soviética afirma ser o lugar dele.

Há uma situação onde o Presidente soviético pode tomar-se uma

pessoa importante, e isso aconteceu apenas uma vez na história soviética. Um Secretário-Geral decidiu ser igualmente o Presidente. Claro, isso foi concretizado sem qualquer espécie de eleição. O nome desse Presidente foi — e é — Brejnev. Entretanto, somente no estrangeiro ele é tratado como Presidente. No país, todos sabem que "Presidente" nada significa, e chamam-no por seu título verdadeiro — Secretário-Geral — que está claro, tem a marca do poder verdadeiro.

[3]

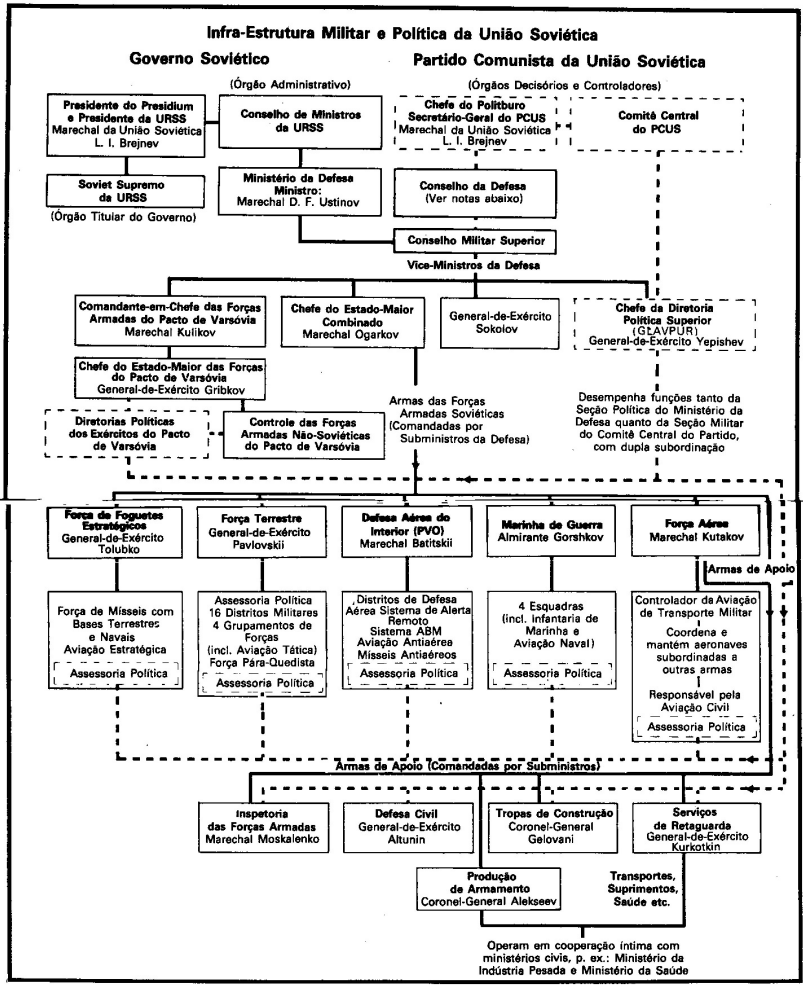
Removemos estes inúteis atavios do organograma, mas não é isso apenas o que devemos fazer. Não risque o Conselho de Ministros, porém afaste-o para o lado. Você pode indagar: Por quê? O Ministro da Defesa não está sujeito às decisões do Conselho de Ministros? Não, não está. O Conselho de Ministros só exerce controle sobre a indústria, que na URSS é quase inteiramente militar. A União Soviética usa mais tecido, de muito melhor qualidade, para a produção de paraquedas do que para a fabricação de roupas para 260 milhões de pessoas. Entretanto, destes 260 milhões de habitantes, muitos recebem uniformes militares, de boa qualidade; tudo o que sobra, para os remanescentes, é material de péssima qualidade, e de que não há bastante.

Na União Soviética, o número de automóveis de propriedade particular é menor, por mil pessoas, do que o total possuído por habitantes negros da África do Sul, por cuja liberdade as Nações Unidas pugnam tão ardorosamente. Todavia, em contraposição, o número de carros de combate da União Soviética é superior ao do resto do mundo junto.

Doze dos ministérios que o Conselho controla nada mais produzem senão equipamento militar. Todo o restante (carvão, aço, energia etc.) trabalha no interesse dos que produzem material bélico.

Assim sendo, o Conselho de Ministros é, essencialmente, uma única gigantesca organização econômica em apoio ao Exército. Ele é, por conseguinte, com toda sua indústria militar e auxiliar, uma espécie de organização subsidiária de retaguarda do Exército. Possui um

poder colossal sobre os que produzem equipamento militar, mas, em contrapartida, não tem sequer autoridade para mandar um porteiro novo para uma das embaixadas soviéticas no estrangeiro. Isso só pode ser feito pelo Partido ou, mais precisamente, pelo Comitê Central do Partido.


Infra-Estrutura Militar e Política da União Soviética
Governo Soviético
Partido Comunista da União Soviética
(Órgão Administrativo)
(Órgãos Decisórios e Controladores)
Presidente do Presidium e Presidente da URSS
Marechal da União Soviética L. I. Brejnev
Conselho de Ministros da URSS
Chefe do Politburo Secretário-Geral do PCUS
Marechal da União Soviética L. I. Brejnev
Comitê Central do PCUS
Soviet Supremo da URSS
(Órgão Titular do Governo)
Ministério da Defesa
Ministro:
Marechal D. F. Ustinov
Conselho da Defesa
(Ver notas abaixo)
Conselho Militar Superior
Vice-Ministros da Defesa
Comandante-em-Chefe das Forças Armadas do Pacto de Varsóvia
Marechal Kulikov
Chefe do Estado-Maior Combinado
Marechal Ogarkov
General-de-Exército Sokolov
Chefe da Diretoria Política Superior (GLAVPUR)
General-de-Exército Yepishev
Chefe do Estado-Maior das Forças do Pacto de Varsóvia
General-de-Exército Gribkov
Diretorias Políticas dos Exércitos do Pacto de Varsóvia
Controle das Forças Armadas Não-Soviéticas do Pacto de Varsóvia
Armas das Forças Armadas Soviéticas (Comandadas por Subministros da Defesa)
Desempenha funções tanto da Seção Política do Ministério da Defesa quanto da Seção Militar do Comitê Central do Partido, com dupla subordinação
Força de Foguetes Estratégicos
General-de-Exército Tolubko
Força Terrestre
General-de-Exército Pavlovskii
Defesa Aérea do Interior (PVO)
Marechal Batitskii
Marinha de Guerra
Almirante Gorshkov
Força Aérea
Marechal Kutakov
Armas de Apoio
Força de Mísseis com Bases Terrestres e Navais
Aviação Estratégica
Assessoria Política
Assessoria Política
16 Distritos Militares
4 Grupamentos de Forças
(incl. Aviação Tática)
Força Pára-Quedista
Assessoria Política
Distritos de Defesa Aérea Sistema de Alerta Remoto
Sistema ABM
Aviação Antiaérea
Mísseis Antiaéreos
Assessoria Política
4 Esquadras
(incl. Infantaria de Marinha e Aviação Naval)
Assessoria Política
Controlador da Aviação de Transporte Militar
Coordena e mantém aeronaves subordinadas a outras armas
Responsável pela Aviação Civil
Assessoria Política
Armas de Apoio (Comandadas por Subministros)
Inspetoria das Forças Armadas
Marechal Moskalenko
Defesa Civil
General-de-Exército Altunin
Tropas de Construção
Coronel-General Gelovani
Serviços de Retaguarda
General-de-Exército Kurkotkin
Produção de Armamento
Coronel-General Alekseev
Transportes, Suprimentos, Saúde etc.
Operam em cooperação íntima com ministérios civis, p. ex.: Ministério da Indústria Pesada e Ministério da Saúde

Um exemplo de incompreensão ocidental. Mas, quem dirige o país?

Por Que se Mantém Secreta a Composição do Conselho da Defesa?

[1]

A esta altura, nosso organograma foi muito simplificado. O ápice do poder tornou-se visível — o Politburo, no qual tomam assento representantes do Partido, do KGB e do Exército. As decisões adotadas no Politburo pelos mais graduados representantes desses órgãos são também executadas por eles. Por exemplo, quando o Afeganistão foi subitamente invadido pelo Exército, por ordem do Politburo, o KGB afastou gente de categoria elevada mas inadequada, enquanto o Partido providenciava operações diversionárias e levava a cabo campanhas de propaganda no próprio território e no estrangeiro.

O papel do Conselho de Ministros é importante, porém não decisivo. Ele é responsável pelo aumento da produtividade militar, pela pronta entrega de equipamento militar, munições e combustíveis às forças, pelo funcionamento ininterrupto das indústrias militares e da economia nacional, que trabalha apenas em apoio às indústrias bélicas e, portanto, no interesse do Exército. O Presidente do Conselho certamente estará presente quando forem tomadas decisões sobre estes temas, mas antes como um dos membros do Politburo, trabalhando pelos interesses do Exército, do que como chefe do Conselho.

O que faz esta organização altamente secreta, conhecida como Conselho da Defesa, numa época como a atual? Oficialmente, tudo o que se sabe é ser ela chefiada por Brejnev. A identidade dos outros membros do Conselho é mantida em segredo. Que espécie de órgão é este? Por que não é dada divulgação à sua composição? A propaganda soviética publica os nomes do Chefe do KGB e de seus imediatos, os dos chefes dos ministérios, os dos chefes de todas as instituições de pesquisa militar, do Ministro da Defesa e de seus

subministros. Os nomes dos responsáveis pela produção de ogivas atômicas e pelos programas de mísseis são oficialmente conhecidos, assim como os do Chefe do GRU e do Diretor de Desinformação. Por que os nomes dos responsáveis pelas decisões globais, no nível mais elevado de todos, são conservados em segredo?

Examinemos o Conselho da Defesa sob dois pontos de vista. Primeiramente, quem participa de um conselho assim? Alguns observadores creem ser ele composto dos mais preeminentes membros do Politburo e dos mais destacados marechais. Estão enganados. Estes oficiais participam do Conselho Militar Superior, subordinado ao Conselho da Defesa. Este é algo mais do que uma mescla de marechais e membros do Politburo. O que poderia ser superior a um grupo assim? A resposta é: membros do Politburo sem a presença de estranhos. Nem todos os membros, porém: só os mais influentes.

Em segundo lugar, qual é a posição do Conselho da Defesa em face do Politburo—superior, igual, ou inferior? Se o Conselho da Defesa possuísse mais poder do que o Politburo, seu primeiro ato seria fracionar esse grupo geriátrico, de maneira a que não pudesse interferir. Se o Conselho da Defesa fosse igual em poder ao Politburo, testemunharíamos uma batalha dramática entre esses dois gigantes, pois só há lugar para uma única organização assim no topo. Uma ditadura não pode existir muito tempo quando o poder está dividido entre dois grupos. Dois ditadores não podem coexistir. Talvez, então, o Conselho da Defesa tenha status ligeiramente inferior ao do Politburo? Mas, neste caso, não haveria lugar para ele, tampouco. Diretamente abaixo do Politburo existe o Conselho Militar Superior que liga o Politburo ao Exército, servindo para manter ambos juntos. Assim, o Conselho da Defesa não pode ser abaixo nem acima do Politburo, nem pode ocupar posição igual. O Conselho da Defesa existe, de fato, dentro do próprio Politburo. Sua composição é mantida secreta só por conter não apenas um mas diversos membros do Politburo, e é considerado indesejável dar destaque desnecessário ao poder absoluto de que desfruta este órgão.

Nem a União Soviética nem nenhum dos seus muitos Estados vassalos encerra qualquer poder superior ao Politburo ou

independente dele. Este detém os poderes legislativo, executivo, judiciário, administrativo, religioso, político, econômico -e todos os demais. É inimaginável que uma tal organização esteja pronta a permitir que qualquer outra tome decisões sobre os problemas graves suscitados pelas usurpações e "aventuras" soviéticas através do mundo, problemas de guerra e paz, de vida e morte. O dia em que o Politburo afrouxar a rédea, será o seu último. Tal dia ainda não chegou...

[2]

Muitos especialistas ocidentais creem que o Conselho da Defesa seja algo novo, criado por Brejnev. Mas nada muda na União Soviética, sobretudo no sistema pelo qual ela é governada. O sistema estabeleceu-se há longo tempo e é quase impossível alterá-lo de qualquer forma. Órgãos novos, decorativos, podem ser concebidos e acrescidos, porém mudanças na estrutura básica da União Soviética estão fora de cogitação. Khruschev tentou introduzir algumas e o sistema o destruiu. Brejnev é mais esperto e não faz tentativas de alterações. Ele governa com um sistema instaurado nos primeiros dias de Stalin e que permaneceu imutável desde então.

Só os rótulos mudam na URSS. O órgão de segurança foi sucessivamente conhecido como VChK, GPU, OGPU, NKVD, NKGB, MGB e KGB. Alguns imaginam que esses serviços difiram um do outro de certa maneira, mas só os títulos mudaram. O Partido foi denominado RKP(B), VKP(B), KPSS. O Exército começou como Exército Vermelho e seu mais elevado conselho foi consecutivamente apelidado de KVMD, SNKMVD, NKMVD, NKO, NKVS, MVS e MO, embora permanecendo sempre a mesma organização.

Exatamente o mesmo sucedeu ao Conselho de Defesa. Ele muda de nome como uma cobra troca de pele, de modo indolor. Mas continua a ser a mesma cobra. Na época de Lenine era chamado de Conselho da Defesa dos Operários e Camponeses, ou simplesmente Conselho da Defesa; depois passou a Conselho do Trabalho e Defesa. Subsequentemente, desde que todos os membros pertenciam ao Politburo, converteu-se em Comissão Militar do Politburo.

Imediatamente após a irrupção da guerra com a Alemanha, foi criado o Comitê de Defesa do Estado, que, inteiramente legal e oficialmente, assumiu os plenos poderes do Presidente, do Soviete Supremo, do Governo, do Supremo Tribunal, do Comitê Central do Partido e de todas as outras autoridades e órgãos. As decisões do Comitê de Defesa do Estado tinham a força da lei marcial e eram mandatórias para todos os indivíduos e organizações, inclusive o Comandante Supremo e o Presidente.

O Comitê de Defesa do Estado tinha cinco membros:

Stalin — seu Presidente

Molotov — primeiro vice-presidente

Malenkov — chefe da burocracia do Partido

Beriya — chefe do órgão de segurança

Voroshilov — o mais antigo oficial do Exército

Estes cinco eram os mais influentes membros do Politburo, de sorte que o Comitê de Defesa do Estado consistia não de todo o Politburo, mas de seus componentes mais prestigiosos. Olhemos de novo sua composição e veremos nosso triângulo. Há o Ser Supremo, sua Mão Direita e, abaixo, o triângulo — Partido, KGB, Exército. Note-se a ausência do Presidente da União Soviética, Kalinin. Ele é membro do Politburo, porém puramente nominal. Não detém poder e, por conseguinte, não há lugar para ele em um órgão assim onipotente.

Antes da guerra o mesmo poderoso quinteto existia dentro do Politburo, mas na ocasião chamava-se simplesmente Comissão Militar do Politburo. Então, igualmente, esses cinco eram todo-poderosos mas trabalhavam discretamente, por trás do cenário, enquanto o palco era ocupado pelo Presidente, o Soviete Supremo, o Governo, o Comitê Central e outros órgãos e indivíduos decorativos e supérfluos. Quando a guerra começou, nada mudou, salvo que o quinteto ocupou o palco e passou a ser visto em seus verdadeiros papéis, decidindo a sina de dezenas de milhões de pessoas.

Naturalmente, os membros deste grupo não deixaram o poder escorregar de suas mãos quando a guerra terminou; desapareceram de volta às sombras, uma vez mais denominando-se a si próprios Comissão Militar do Politburo, e empurrando para a frente do palco uma série de pobres palhaços e covardes que "choravam de tristeza e impotência", enquanto esse bando chacinava os que lhes eram mais caros e mais próximos.

A Segunda Guerra Mundial projetou um grupo de brilhantes chefes militares — Jukov, Rokossovskiy, Vasilevskiy, Konev, Yeremenko — mas a nenhum deles foi permitido, pelos "cinco grandes", penetrar no sagrado circuito do Comitê de Defesa do Estado. Os membros do Comitê sabiam perfeitamente que, a fim de conservar o poder, tinham de salvaguardar seus privilégios com muita cautela. Por tal razão, no decurso da guerra, por mais que se distinguisse, nenhum indivíduo que não fosse membro do Politburo foi admitido no Comitê. Todas as questões eram decididas pelos membros do Politburo que pertenciam ao Comitê e eram, em seguida, debatidas com representantes do Exército em escalão inferior, na Stavka, a que pertenciam tanto os membros do Politburo como os principais marechais.

Exatamente a mesma organização subsiste hoje. O Conselho da Defesa é o Comitê de Defesa do Estado de ontem sob outro nome. Seus membros são retirados exclusivamente do Politburo, e só dentre os de maior poder. São eles quem tomam todas as decisões, que são a seguir examinadas no Conselho Militar Superior (também conhecido como a Stavka), a que comparecem membros do Politburo e os principais marechais.

Brejnev é o lobo velho do Politburo. Sua longa estada no poder igualou-o a Stalin. Pode-se perceber por que ele é refratário a experimentar alterações no sistema pelo qual se exerce poder sobre o exército. Segue a estrada construída por Stalin, atendo-se cuidadosamente às regras fixadas pelo velho tirano, e que são simples, podendo ser resumidas em: antes de sentar-se com os marechais do Conselho Militar Superior, decida tudo com o Politburo no Conselho da Defesa. Brejnev sabe que qualquer modificação destas regras implicaria ter de partilhar seus atualmente ilimitados poderes com os marechais — e isso

equivaleria a suicídio. Por isso é que o Conselho da Defesa — a instituição máxima na ditadura soviética — consiste dos mais influentes membros do Politburo e de mais ninguém.

A Organização das Forças Armadas Soviéticas

[1]

O sistema de controle sobre as Forças Armadas Soviéticas é simplificado o mais possível. É deliberadamente projetado de forma singela, tal como todo carro de combate, avião de caça, míssil ou plano militar dos soviéticos. Os marechais e generais soviéticos acreditam, não sem razão, que se as demais coisas permanecerem iguais, é mais provável que tenha sucesso o armamento, plano ou organização mais despojada.

Especialistas ocidentais fazem um estudo cuidadoso do obscuro e intrincado esquema da organização militar soviética, pois veem o Exército Soviético como semelhante a qualquer outro exército nacional. Todavia, para qualquer outro exército a paz representa a normalidade, e a guerra uma situação anormal e temporária. O Exército Soviético (mais precisamente, o Exército Vermelho) é a força de ataque da revolução mundial. Ele tomou forma para servir à revolução mundial, e, embora essa revolução ainda não tenha chegado, o Exército Soviético está pronto e à. espera dela, disposto a avivar qualquer faísca ou fagulha que apareça em qualquer parte do mundo, não importa quais as consequências. A normalidade, para o Exército Soviético, é uma guerra revolucionária; a paz é que é anormal e uma situação temporária.

A fim de compreender a estrutura de chefia militar da União Soviética, é necessário examiná-la tal como existe em tempo de guerra. A mesma estrutura é conservada na paz, conquanto várias características ornamentais, que deturpam completamente a imagem real, sejam acrescidas para disfarçar. Infelizmente, a maioria dos pesquisadores não tenta distinguir as partes deveras relevantes da organização das que são completamente desnecessárias e ali se acham puramente para exibição.

Já sabemos que em tempo de guerra a União Soviética e os países

por ela dominados seriam dirigidos pelo Conselho da Defesa, uma organização inicialmente conhecida como Conselho da Defesa dos Operários e Camponeses, a seguir como Conselho do Trabalho e Defesa e depois como Comitê de Defesa do Estado.

Nesse Conselho, há um representante do Partido, um do Exército e um do KGB, e outros dois que presidem esses órgãos — o Secretário-Geral e seu mais íntimo auxiliar. Até sua recente morte, este último era Mikhail Suslov. *

O Conselho da Defesa possui poderes ilimitados. Funcionou no tempo da guerra e foi preservado na paz, com a diferença de que, enquanto na guerra ele trabalhava ostensivamente e à vista de todos, na paz funciona por trás da cobertura proporcionada pelo Presidente da União Soviética, o Soviete Supremo, eleições, deputados, promotores públicos e outras irrelevâncias similares. Sua única função é ocultar o que se passa por trás do cenário.

Diretamente subordinado ao Conselho da Defesa acha-se o Quartel-General (Stavka) do Comandante Supremo, conhecido em tempo de paz como Conselho Militar Superior. A ele pertencem o Comandante Supremo e seus auxiliares mais chegados, a par de certos membros do Politburo. O Comandante Supremo é nomeado pelo Conselho da Defesa. Ele pode ser o Ministro da Defesa, como foi o caso do Marechal Timoshenko, ou o Secretário-Geral do Partido, como ocorreu com Stalin, que também chefiava a Stavka e a administração civil. Se o Ministro da Defesa não é designado Comandante Supremo, torna-se vice- comandante deste. A organização que trabalha em prol da Stavka é o Estado-Maior Combinado, que prepara propostas, elabora os pormenores das ordens do Comandante Supremo e fiscaliza sua execução.

Em tempo de guerra, as Forças Armadas da URSS e dos países sob seu domínio são dirigidas pela Stavka segundo duas diferentes linhas de controle bem distintas: a operacional (de combate) e a administrativa (de retaguarda).

Subordinação Operacional:

Diretamente subordinados ao Comandante Supremo há cinco comandantes-em-chefe e oito comandantes.

Os comandantes-em-chefe são responsáveis por:

• Direção Estratégica Oeste

• Direção Estratégica Sudoeste

• Direção Estratégica do Extremo Oriente

• Força de Foguetes Estratégicos

• Força da Defesa Aérea Nacional

Os comandantes são responsáveis por:

• Força Aérea de Longo Alcance

• Força Paraquedista

• Aviação de Transporte Militar

• Esquadra do Norte

• Frentes Individuais — Norte, Báltica, Transcaucasiana e Turquestão.

O Comandante-em-Chefe da Direção Estratégica Oeste tem sob suas ordens quatro frentes, um grupo de exércitos de carros e a Esquadra do Báltico.

O Comandante-em-Chefe da Direção Estratégica do Extremo Oriente é responsável por quatro frentes e a Esquadra do Pacífico.

As frentes subordinadas a direções estratégicas e as frentes individuais ligadas à Stavka consistem de exércitos comuns, exércitos de carros e exércitos aéreos. As divisões da Europa Oriental são integradas em exércitos, que só podem ser comandados por oficial-general soviético. Os comandantes das divisões da Europa Oriental são, pois, subordinados diretamente ao Comando Soviético — a comandantes de exército, a seguir de frente, direção

estratégica e, por fim, ao Conselho da Defesa... por outras palavras, ao Politburo soviético. Os governos da Europa Oriental, por conseguinte, não podem exercer influência alguma no desenrolar das operações militares.

O Vice-Ministro da Defesa é subordinado ao Comandante Supremo. Atualmente o posto é ocupado pelo Marechal S. L. Sokolov, sob o qual ficam quatro comandantes-em-chefe (Força Aérea, Força Terrestre, Força Naval, Organização do Tratado de Varsóvia) e 16 comandantes de distritos militares.

Os comandantes-em-chefe são responsáveis pela formação da Reserva, reagrupamento das unidades, reequipamento, suprimento de forças engajadas em combate, desenvolvimento de novo equipamento, estudo da experiência de combate, instrução do pessoal etc. O Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia tem exatamente esses deveres, mas só no tocante às divisões da Europa Oriental operando como parte das Forças Unificadas (isto é, soviéticas). Ele exerce controle total sobre todos os ministérios da Defesa da Europa Oriental. Sua missão é assegurar que esses ministérios mantenham suas divisões com efetivo completo e as reequipem e abasteçam segundo o cronograma. Em tempo de guerra, cabe-lhe apenas um modesto papel. Fica claro, agora, por que a função de Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia é vista na URSS como um legado puramente honorífico do passado, longe do verdadeiro poder.

Cada um dos 16 comandantes de distritos militares é um funcionário territorial, uma espécie de governador militar. Em questões relativas à estabilidade da autoridade soviética nos territórios a eles confiados, são responsáveis diretamente perante o Politburo (Conselho da Defesa), ao passo que em assuntos atinentes à administração de indústrias militares, transporte e mobilização ficam ligados ao Vice-Ministro da Defesa, por intermédio dele à Stavka e, por fim, ao Conselho da Defesa.

Unidades atuando como forças de reserva, a serem empregadas para recompletar efetivos, equipamento etc. de outras, podem ficar estacionadas nos territórios dos distritos militares. Elas ficam sujeitas, não a comandantes operacionais, porém aos comandantes de distritos militares, através destes ao Comandante-em-Chefe, ao

Vice-Ministro e em seguida à Stavka. Por exemplo, num caso de guerra, no território do Distrito Militar dos Urais haveria uma divisão aérea (para recompletar perdas), um exército de carros de combate (reserva da Stavka), uma divisão de carros polonesa (para fins de recompletamento) e três batalhões de Infantaria de Marinha (uma nova corporação). Essas unidades seriam vinculadas ao Comandante do Distrito Militar dos Urais, e, por meio deste, no que toca à divisão aérea, ao Comandante-em- Chefe da Força Aérea, enquanto o exército de carros de combate ficaria subordinado ao Comandante-em-Chefe da Força Terrestre, a divisão polonesa ao Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia, e os batalhões de Infantaria de Marinha ao Comandante-em-Chefe da Força Naval. Cada comandante-em-chefe tem direito de dar ordens a um comandante de distrito militar, mas só em questões atinentes a unidades a si subordinadas. Como o efetivo próprio de cada distrito militar sempre consiste sobretudo de unidades da Força Terrestre, a alguns observadores ocidentais parece que os distritos militares estão subordinados ao Comandante-em-Chefe da Força Terrestre. Não é assim, contudo. Os comandantes de distritos militares têm poderes bem amplos, de forma alguma sujeitos ao controle do Comandante-em-Chefe da Força Terrestre. Tão logo a Stavka resolve transferir uma ou outra unidade para um exército operacional, essa unidade deixa de ser controlada pela linha da subordinação administrativa e passa a ficar às ordens do comandante operacional.

[2]

Em tempo de guerra, o sistema para controlar a União Soviética, os países ocupados e todo o conjunto das Forças Armadas Unificadas é despojado de toda a superestrutura decorativa desnecessária. Aí fica evidente a separação entre as linhas de subordinação operacional e administrativa.

Em tempo de paz, as estruturas operacional e administrativa encontram-se entremescladas, o que acarreta uma aparência enganosa de complexidade, duplicação e trapalhada. Apesar disso, o sistema que pode ser visto com clareza em tempo de guerra continua a funcionar em tempo de paz. Basta olhá-lo nitidamente

para distinguir uma estrutura da outra e ignorar atavios supérfluos.

Mas, será possível identificar a cúpula do edifício em tempo de paz — o Conselho da Defesa e a Stavka? É bastante simples.

Todo ano, a 7 de novembro, realiza-se um desfile militar na Praça Vermelha, em Moscou. Toda a liderança militar e política congrega-se nos palanques em cima do mausoléu de Lenine. A posição de cada pessoa fica claramente discernível. Por essas posições, pelos lugares nos palanques, há uma luta constante, selvagem mas silenciosa, como a que se trava numa alcateia de lobos por um lugar mais próximo ao chefe e, depois, pelo lugar do próprio chefe. Esse acotovelamento vem-se processando há muitas décadas, e cada posição custou sangue demais para ser entregue sem muita disputa.

Como era de esperar, o Secretário-Geral e o Ministro da Defesa ficam de pé ombro a ombro no centro do palanque. À esquerda do Secretário-Geral acham-se os membros do Politburo e à direita os marechais. Os palanques do mausoléu são o único lugar onde os integrantes da liderança política e militar desfilam, cada um na respectiva posição; onde cada um deles ostenta seus apaniguados, rivais e inimigos, indicando ao país e ao mundo inteiro quão próximo se acha do centro do poder. Pode-se garantir que, se o Chefe do KGB pudesse postar-se ao lado do Secretário-Geral, não hesitaria em fazê-lo sem perda de tempo, porém tal lugar está sempre ocupado por um indivíduo mais influente — o Ideólogo-Chefe. Pode-se contar como certo que, se o Comandante da Organização do Pacto de Varsóvia pudesse chegar mais para o centro do dispositivo, ele o faria incontinenti, mas tal lugar já se acha tomado pelo onipotente Chefe do Estado-Maior Combinado.

No dia seguinte ao desfile, pode-se, por três copeques, comprar um exemplar do Pravda e, na primeira página, imediatamente abaixo do título do jornal, ver uma fotografia de toda a liderança política e militar.

Pegue um lápis vermelho e marque o Secretário-Geral e os outros quatro membros do Politburo mais próximos dele. Estes são os integrantes do Conselho da Defesa. Eles dirigem o país. É para ele que milhões são escravizados, de Havana até Ulan-Bator. São eles que comandarão o destino de centenas de milhões de pessoas sob

seu jugo quando chegar a ocasião de “libertar” novos países e novos povos.

A seguir, assinale o Secretário-Geral, o membro do Politburo junto dele e os cinco marechais mais próximos. Eis aí a Stavka.

---

* Cuja função oficial era “Ideólogo-Chefe”. (N. do T.)

Grandes Comandos das Direções Estratégicas

Um comandante do pelotão tem três ou quatro, por vezes cinco, grupos de combate sob suas ordens. É despropositado dar-lhe mais do que isso: não teria capacidade para exercer o controle de um pelotão tão grande. Se houvesse um outro grupo, o sexto, seria melhor formar dois pelotões de três grupos cada.

Um comandante de companhia tem três, quatro ou às vezes cinco pelotões sob seu comando. Não há motivo para dar-lhe mais: simplesmente não poderia controlá-los.

Este sistema, onde cada comandante sucessivo controla de três a cinco frações, é universalmente empregado em todos os níveis. Um comandante de frente, por exemplo, dirige três, quatro ou às vezes cinco exércitos. E é justamente nesse nível que o sistema falha. O Exército Soviético possui 16 distritos militares e quatro grupos de exércitos. No caso de uma guerra generalizada, cada distrito e cada grupo de exércitos acha-se apto a formar uma frente com os próprios recursos. Como, então, poderá a Stavka controlar 20 frentes simultaneamente? Não seria mais simples interpor um novo escalão intermediário na cadeia de comando, o qual controlaria as operações de três, quatro e às vezes cinco frentes? Desta maneira a Stavka exerceria o controle imediato, não sobre 20 frentes, mas sobre três a cinco das novas unidades intermediárias. Tal inovação completaria, de forma lógica, o sistema inteiramente equilibrado de controle.

Com feito, existem elos de controle intermediário entre a Stavka e as frentes, mas não lhes é dada divulgação. São chamados Grandes Comandos das Direções Estratégicas. A primeira menção a esse escalão intermediário surgiu na imprensa soviética em 1929. Criados dois anos depois, sua existência permaneceu em segredo, sem qualquer referência oficial. Imediatamente após estourar a

Segunda Guerra Mundial, foram oficialmente ativados.

Durante as primeiras duas semanas de guerra, foram feitos avisos oficiais quanto à criação das Direções Estratégicas Noroeste, Oeste e Sudoeste. Cada direção consistia de três a cinco frentes. À testa de cada direção havia um comandante-em-chefe, subordinado à Stavka.

Até que ponto são importantes esses Altos Comandos pode ser avaliado examinando a composição da Direção Estratégica Oeste. O Comandante-em-Chefe era o Marechal da União Soviética S. K. Timoshenko, que ocupava o posto de Ministro da Defesa no início da guerra. O Comissário Político era o membro do Politburo N. A. Bulganin, um dos mais chegados a Stalin, que depois foi marechal da União Soviética e Presidente do Conselho de Ministros. O Chefe de Estado-Maior era o Marechal B. M. Shaposhnikov, que fora Chefe do Estado-Maior Combinado no pré-guerra. As outras direções estratégicas também tinham, em seu comando, pessoal aproximadamente do mesmo calibre — todos os cargos eram ocupados por marechais ou membros do Politburo.

Em 1942, um novo alto comando foi estabelecido, o da Direção Estratégica do Norte do Cáucaso, incorporando duas frentes e a Esquadra do Mar Negro. Seu Comandante-em-Chefe foi o Marechal S. M. Budenniy.

Todavia, mais tarde foi decidido que não seriam dados novos passos nesse sentido, temporariamente. Os altos comandos das direções estratégicas foram abolidos e a Stavka assumiu o controle direto das frentes, num total de 15. Entretanto, não foi abandonada a idéia de um elo intermediário. Frequentemente, no decurso da guerra, representantes da Stavka, geralmente os Marechais Jukov ou Vasilyevskiy, eram destacados para trabalhar com os que estavam preparando operações em grande escala e coordenando os esforços de várias frentes. Entre os mais brilhantes de muitos exemplos desses esforços coordenados são as batalhas por Stalingrado e Kursk, bem como a progressão pela Rússia Branca. O equivalente a um grupamento temporário de frentes, sob um único comando, foi montado para cada uma dessas operações. Um sistema dessa espécie proporcionava maior flexibilidade e justificava-se completamente nas condições em que as operações se desenvolviam contra um

único opositor. Tão logo foi tomada a decisão de entrar em guerra com o Japão, em 1945, foi criada a Direção Estratégica do Extremo Oriente, consistindo de três frentes, uma esquadra e as Forças Armadas da Mongólia. O comandante-em-chefe desta direção estratégica foi o Marechal A. M. Vasilyevskiy.

É interessante observar que a própria existência de uma Direção Estratégica do Extremo Oriente com seu Alto Comando foi conservada em segredo. Como disfarce, o Marechal Vasilyevskiy tinha seu quartel-general citado como "Grupo do Coronel- General Vasilyev". Muitos oficiais, inclusive alguns generais, entre eles todos os comandantes de divisões e de corpos de exército, não faziam idéia da função de Vasilyevskiy, supondo que todas as forças do Extremo Oriente fossem dirigidas de Moscou pela Stavka. O fato de ter ele agido como comandante-em-chefe só foi revelado por Vasilyevskiy no término da guerra, após o avanço para a Mandchúria.

O Alto Comando da Direção Estratégica do Extremo Oriente não foi abolido no final da guerra e jamais foram expedidas instruções oficiais para a exclusão de seu pessoal. Apenas aconteceu que, a partir de 1953, nunca mais houve menção oficial a ele. Existe ainda hoje? Existem altos comandos para outras direções estratégicas ou só seriam montados na eventualidade de uma guerra?

Existem — e acham-se funcionando. Não são mencionados oficialmente, porém não são feitos esforços especiais para ocultar sua existência. Vamos identificá-los. É bem simples. No Exército Soviético há 16 distritos militares e quatro Grupos de Exércitos. O oficial mais graduado de cada distrito e cada comandante de grupo de exércitos tem a designação oficial de "comandante". Só em um caso, o do Grupo de Forças Soviéticas na Alemanha, é concedido o título de "comandante-em-chefe". Em caso de guerra, a maioria dos distritos se converterá em frentes. Estas, porém, também são dirigidas por meros "comandantes". O título de "comandante-em-chefe" é consideravelmente superior ao de "comandante de frente". Em uma guerra, o número de homens disponíveis seria aumentado muitas vezes. Comandantes de pelotões assumiriam companhias, os de batalhões chefiariam regimentos e os regimentais tomar-se-iam comandantes de divisões. Nesta situação, todo oficial poderá

receber um posto superior ao seu; por certo conservará o que já lhe pertence. Um general que em tempo de paz comande tropas suficientes para fazer jus ao título de "comandante-em-chefe" dificilmente poderá ter suas responsabilidades reduzidas às de um "comandante de frente" numa ocasião em que mais soldados forem colocados sob seu comando. Se em tempo de paz a importância de seu cargo é tão grande, como poderá diminuir quando a guerra começar? Está claro que não pode. E um general cujo título em tempo de paz é "Comandante-em-Chefe do Grupo de Forças Soviéticas na Alemanha" (GFSA) conservará seu posto, que é consideravelmente superior ao de "Comandante de Frente".

Não pode haver dúvida de que a organização conhecida, em tempos de paz, como "Quartel-General do Grupo de Forças Soviéticas na Alemanha", se tornaria não um "Quartel-General de Frente" porém o "Quartel-General da Direção Estratégica Oeste".

É significativo que, já em tempo de paz, o Quartel-General do GFSA controle dois exércitos de carros de combate e um exército de choque (essencialmente, outro exército de carros). Pois cada frente só pode ter um único exército de carros de combate, e em muitos casos não tem sequer um. A presença no GFSA de três exércitos de carros indica haver sido decidido desdobrar pelo menos três frentes na área coberta por essa direção. Será suficiente? Sim, pois durante uma guerra o Comandante-em-Chefe da Direção Estratégica Oeste teria sob seu comando não só todas as tropas soviéticas na Alemanha Oriental como também as que se encontrarem na Tchecoslováquia e na Polônia, junto com os efetivos totais das Forças Armadas alemãs, tchecas e polonesas, a Esquadra Soviética do Báltico e o Distrito Militar da Rússia Branca. Isto será examinado com maiores minúcias. Por enquanto, basta notar que o Grupo de Forças Soviéticas na Alemanha é uma organização encarada pelos chefes soviéticos como inteiramente diferente de qualquer outro grupo de forças. Nenhuma outra força — na Polônia, Tchecoslováquia, Mongólia, Cuba, Afeganistão ou, anteriormente, Áustria ou China — jamais foi dirigida por um comandante-em-chefe. Todos esses agrupamentos são dirigidos por um comandante.

Relacionemos os generais e marechais que ocuparam o cargo de Comandante-em-Chefe do Grupo de Forças Soviéticas na Alemanha:

Marechal G. K. Jukov, ex-Chefe do Estado-Maior Combinado, que passou a Vice-Comandante Supremo e, subsequentemente, a Ministro da Defesa e membro do Politburo, o único homem na História a quem o título de Herói da União Soviética foi concedido quatro vezes.

Marechal V. D. Sokolovskiy, ex-Chefe de Estado-Maior da Direção Estratégica Oeste e depois Chefe do Estado-Maior Combinado.

General-de-Exército V. I. Chuykov, subsequentemente Marechal e Comandante-em-Chefe da Força Terrestre.

Marechal A. A. Grechko, depois Ministro da Defesa e membro do Politburo.

Marechal M. V. Zakharov, depois Chefe do Estado-Maior Combinado.

Marechal P. K. Koshevoy.

General-de-Exército V. G. Kulikov, posteriormente Marechal, Chefe do Estado-Maior Combinado e a seguir Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia.

Somente um membro desta galáxia foi mais longe — o Marechal Koshevoy, que ficou gravemente doente. Mas atingir o posto de marechal não é pouco — e foi na Alemanha que ele alcançou o marechalato, numa ocasião em que outros grupos de forças eram comandados por tenentes-generais e coronéis-generais. Por conseguinte, Koshevoy também sobressai na multidão.

Uma regra aplicada a todos—quem quer que haja ocupado o cargo de Comandante-em-Chefe do GFSA, ou bem já era marechal, ou foi promovido ao ser nomeado ou ascendeu ao posto pouco depois. Nada disso ocorreu com outros grupos de forças.

O GFSA é uma espécie de trampolim para nomeação para os mais elevados cargos militares. Comandantes de outros grupos jamais alcançaram tal preeminênda. A par disso, mesmo Comandantes-em-Chefe da Força Terrestre, da Força Aérea, da Esquadra, das Forças de Foguetes ou de Defesa Aérea nunca tiveram carreiras tão

fulgurantes ou perspectivas futuras como as dos que foram comandantes-em-chefe na Alemanha.

Por certo, isto basta para indicar que em tempo de guerra algo bem mais poderoso será instalado nas fundações representadas pelo GFSA do que nos outros distritos militares e grupos de forças comuns.

Nenhum dos outros distritos militares e grupos de forças têm comandante-em-chefe, mas tão-somente comandante. Quer isso dizer que durante a paz não há direções estratégicas? Absolutamente não. O Quartel-General da Direção Estratégica Oeste (QG, GFSA) é muito pouco escondido, enquanto a existência de outras direções estratégicas é só ligeiramente camuflada, como foi o "Grupo do Coronel-General Vasilyev". É fácil, porém, enxergar por trás dessa camuflagem.

Basta analisar as carreiras dos comandantes de distritos militares. Pode-se ver que, para a maioria absoluta, o comando de um distrito representa o auge que atingirão. Os que vão mais adiante são raros. Em alguns casos, o que vem a seguir é um retraimento honroso para cargos como diretor de uma academia militar ou inspetor no Ministério da Defesa. Ambos esses tipos de designação são vistos como "cemitérios de elefantes". Eles representam, com efeito, o término de qualquer poder real.

Entretanto, um dos 16 distritos militares é uma exceção evidente. Nenhum de seus ex-comandantes jamais saiu dali para um cemitério de elefantes. Pelo contrário, o Distrito Militar de Kiev é como que um portal do poder. Eis as carreiras de todos os que comandaram esse distrito após a guerra:

Coronel-General A. A. Grechko: tornou-se Comandante- em-Chefe do GFSA, Comandante-em-Chefe da Força Terrestre, Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia, Ministro da Defesa e membro do Politburo.

General-de-Exército V. I. Chuykov: Comandante-em-Chefe do GFSA, Comandante do Distrito Militar de Kiev, Marechal Comandante-em-Chefe da Força Terrestre e Subministro da Defesa.

Coronel-General P. K. Koshevoy: Vice-Comandante-em- Chefe do GFSA, Comandante do Distrito Militar de Kiev, General-de-Exército Comandante-em-Chefe do GFSA, e Marechal.

General-de-Exército I. I. Yakubovskiy: Comandante-em- Chefe do GFSA, Comandante do Distrito Militar de Kiev, Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia, e Marechal.

Coronel-General V. G. Kulikov: Comandante do Distrito Militar de Kiev, Comandante-em-Chefe do GFSA, General-de- Exército e Chefe do Estado-Maior Combinado, Comandante-em- Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia, e Marechal.

Coronel-General G. I. Salmanov: Comandante do Distrito Militar de Kiev, Comandante do Distrito Militar Trans-Baikal.

Surpreendentemente, ao acompanharmos as brilhantes carreiras dos Comandantes do Distrito Militar de Kiev, topamos com alguns antigos amigos, a quem encontráramos anteriormente como Comandantes-em-Chefe do GFSA. Estranhamente, tem havido um intercâmbio de generais entre Wünsdorf e Kiev. Os que foram para Kiev ulteriormente foram transferidos para o GFSA. Os que chegaram ao GFSA sem ter passado por Kiev fizeram-no depois. Contudo, um Comandante do Distrito Militar de Kiev não se vê como inferior ao Comandante-em-Chefe do GFSA. O trajeto do GFSA para Kiev não é um rebaixamento, e para muitos representou promoção. Chuykov, por exemplo, foi Comandante-em-Chefe do GFSA como general e passou a marechal quando foi transferido para Kiev.

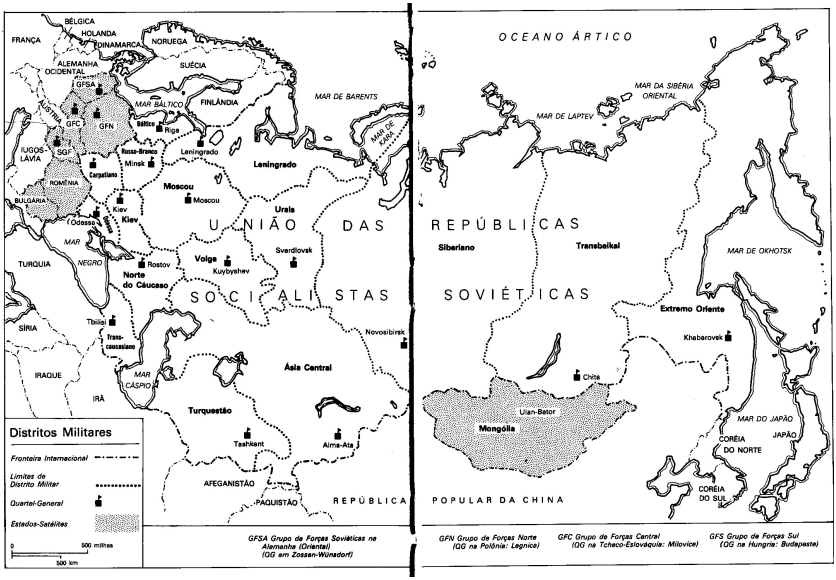
Mas será que o Distrito Militar de Kiev tem maior efetivo do que os demais? De forma alguma. A Rússia Branca tem mais soldados e o Distrito Militar do Extremo Oriente tem mais do que os de Kiev e da Rússia Branca juntos. Em território, o de Kiev é o menor dos distritos. O Distrito Siberiano é 67 vezes maior e o de Moscou é bem mais relevante. Mas os Comandantes dos Distritos de Moscou, Siberiano, do Extremo Oriente, da Rússia Branca e dos outros não podem sequer sonhar com as possibilidades abertas para os Comandantes de Kiev. Nos últimos 20 anos, nenhum dos Comandantes do Distrito de Moscou chegou a marechal, ao passo que todos, menos um, dos de Kiev, o conseguiram, constituindo

exceção o mais recente, que ainda é jovem e certamente será promovido em breve.

Por que existe um contraste assim marcante entre Kiev e os outros quinze distritos? Simplesmente porque a organização designada como “Quartel-General do Distrito Militar de Kiev” é, de fato, o Quartel-General da Direção Estratégica Sudoeste, que, em caso de guerra, assumiria o controle não só das tropas já em seu território como das localizadas na Sub-Carpátia, na Hungria (tanto húngaras como soviéticas) e também a totalidade das Forças Armadas da Romênia e Bulgária com as respectivas esquadras, e, por fim, a Esquadra do Mar Negro.

Enquanto eram boas as relações com a China, só havia dois altos comandos de direções estratégicas: o Oeste e o Sudoeste; mas, tão logo essas relações se deterioraram, foi restabelecida a Direção Estratégica do Extremo Oriente. Abrange os Distritos Asiático Central, Siberiano, Trans-Baikal e do Extremo Oriente, parte da Esquadra do Pacífico e as Forças Armadas da Mongólia.

Em tempo de paz, o quartel-general desta direção é incorporado ao do Distrito Militar do Trans-Baikal e instalado em Chita. Esta é claramente uma localização muito adequada, ocupando, como sucede, uma posição central entre os distritos militares fronteiriços da China e protegido pelo estado-tampão da Mongólia.


BELGICA
HOLANDA
FRANÇA
DINAMARCA
NORUEGA
ALEMANHA OCIDENTAL
SUÉCIA
GFSA
MAR BÁLTICO
FINLÂNDIA
MAR DE BARENTS
GFC
GFN
Báltico
Riga
IUGOS-LÁVIA
SGF
Leningrado
Minsk
Carpatiano
ROMÊNIA
Moscou
Leningrado
BULGARIA
Kiev
Urais
Odessa
Kiev
MAR NEGRO
TURQUIA
Rostov
Volga
Kuybyshev
Sverdlovsk
Norte do Cáucaso
SÍRIA
Tbilisi
Trans-caucasiano
Novosibirsk
IRAQUE
MAR CÁSPIO
Ásia Central
IRÃ
Turquestão
Tashkent
Alma-Ata
AFEGANISTÃO
PAQUISTÃO
REPÚBLICA
Distritos Militares
Fronteira Internacional
Limites de Distrito Militar
Quartel-General
Estados-Satélites
0
500 milhas
500 km
GFSA Grupo de Forças Soviéticas na Alemanha (Oriental) (QG em Zossen-Wünsdorf)
OCEANO ÁRTICO
MAR DA SIBÉRIA ORIENTAL
MAR DE LAPTEV
REPÚBLICAS
Siberiano
Transbaikal
MAR DE OKHOTSK
SOVIÉTICAS
Extremo Oriente
Khabarovsk
Chita
Ulan-Bator
Mongólia
MAR DO JAPÃO
CORÉIA DO NORTE
JAPÃO
CORÉIA DO SUL
POPULAR DA CHINA
GFN Grupo de Forças Norte (QG na Polónia: Legnica)
GFC Grupo de Forças Central (QG na Tchaco-Eslováquia: Milovice)
GFS Grupo de Forças Sul (QG na Hungria: Budapeste)

PARTE II - TIPOS DE FORÇAS ARMADA

Como se Divide o Exército Vermelho em Face de Seus Objetivos

[1]

Através dos séculos, as Forças Armadas da maioria dos países foram tradicionalmente repartidas em exércitos de terra e esquadras. No século XX foi acrescentada a terceira categoria: a força aérea. Cada uma dessas forças singulares divide-se em Armas e Serviços. Milhares de anos atrás, a força terrestre já era dividida em infantaria e cavalaria. Muito depois, foram adicionadas unidades de artilharia, que acabaram sendo seguidas por carros de combate, e assim prosseguiu o processo.

O Exército Vermelho de hoje compreende, ao contrário de qualquer outro do mundo, cinco diferentes forças armadas:

• Força de Foguetes Estratégicos

• Força Terrestre

• Força da Defesa Aérea

• Força Aérea

• Marinha

Cada uma dessas forças, salvo pela de Foguetes Estratégicos, compõe-se de diferentes Armas e Serviços. Na Força Terrestre são sete, na da Defesa Aérea três, na Força Aérea três, e na Marinha seis. A Força Paraquedista constitui uma Arma independente, sem integrar o efetivo de nenhuma das principais forças.

Além destas forças e de suas Armas componentes, existem os Serviços de Apoio — engenharia, comunicações, guerra química, transporte e outros — que fazem parte constitutiva das diversas

forças armadas. Ademais, existem serviços que apoiam o conjunto do Exército Vermelho. São 15 aproximadamente, mas só examinaremos os mais importantes: a Informação Militar e o Serviço de Desinformação.

[2]

No ápice de cada força armada existe um comandante-em-chefe. A posição relativa deste comando varia. Três deles — os no comando da Força Terrestre, Força Aérea e Marinha — não passam de chefes administrativos. São responsáveis pelo aperfeiçoamento e desenvolvimento das respectivas forças, e para assegurar a manutenção dos efetivos completos e do equipamento em bom estado. Dois dos outros — os Comandantes-em-Chefe da Força de Foguetes e da Força da Defesa Aérea—são responsáveis não apenas por assuntos administrativos, mas igualmente pelo controle operacional destas forças em ação.

A discrepância de posição desses comandantes-em-chefe decorre do fato de que, em combate, a Força de Foguetes opera separado, sem precisar trabalhar com nenhuma das outras forças armadas. Da mesma forma, a Força da Defesa Aérea atua com total independência. Os comandantes-em-chefe destas duas forças são subordinados diretamente ao Comandante Supremo e plenamente responsáveis por suas forças em paz e na guerra.

Com as Forças Terrestre e Aérea, bem como com a Marinha de Guerra, a situação é mais complexa. Em suas operações, têm de cooperar constante e intimamente. Se qualquer das três resolvesse agir de modo independente, os resultados seriam catastróficos. Por tal razão, aos comandantes-em-chefe destas forças “tradicionais” é deliberadamente negado o direito de dirigir suas tropas na guerra. Têm apenas por missão supervisionar todos os aspectos do desenvolvimento e equipamento delas.

Como as Forças Terrestre e Aérea e a Marinha só podem operar com íntima conjugação, foram criadas estruturas de comando combinado para controlá-las, independente dos respectivos comandantes-em-chefe. Já falamos dessas estruturas combinadas — são as frentes,

que contêm elementos tanto da Força Terrestre quanto da Aérea, e as direções estratégicas, que incorporam frentes e esquadras.

A instituição dessas estruturas de comando e sistemas de controle de combate combinados, sem serem subordinadas aos comandantes-em-chefe das forças singulares, possibilitou resolver a maioria dos problemas resultantes da rivalidade secular entre aquelas forças.

Consideremos o caso de um general soviético que lentamente galga os degraus da carreira profissional. Primeiro, comanda uma divisão de fuzileiros motorizada, a seguir passa a subcomandante de um exército de carros de combate (é prática comum transferir oficiais de tropas motorizadas para blindadas e vice-versa) e depois chega a comandante de exército. Até agora foi sempre um feroz defensor dos interesses da Força Terrestre, a que apoia fervorosamente. Por enquanto, contudo, sua posição tem sido subalterna demais para ser ouvido por alguém fora da Força Terrestre. Agora, porém, sobe um pouco mais e torna-se comandante de uma frente. Passa a ter, então, uma missão operacional, por cujo cumprimento ficará em jogo a sua cabeça, e as forças com que dela se desincumbir — três ou quatro exércitos terrestres e um exército aéreo. O Comandante-em-Chefe da Força Terrestre fornece a seus exércitos terrestres tudo de que necessitam, e o da Força Aérea faz o mesmo quanto ao exército aéreo. Mas é ao comandante de frente que compete a responsabilidade de decidir como empregar essas forças em combate. Nesta situação, todo comandante de frente esquece, assim que assume o elevado cargo, que é um general de infantaria ou de carros. Tem de levar a cabo sua missão operacional e, para isso, todos os seus exércitos— terrestres e aéreo — têm de estar apropriadamente preparados e supridos. Se o Exército Aéreo estiver menos preparado e suprido do que os exércitos de todas-as-armas e os carros de combate, o comandante da frente terá de tomar imediatamente as providências para restaurar o equilíbrio ou apelar para seus superiores cuidarem disso. Há 16 comandantes de frente ao todo. Todos eles são produto da Força Terrestre, pois esta contribui com o efetivo básico de todas as frentes, mas não são absolutamente subordinados ao Comandante-em-Chefe da Força Terrestre em questões atinentes ao emprego de seus recursos. É aos comandantes de frente que compete conduzir suas forças à vitória. Por isto, se a Força Terrestre fosse aumentada em detrimento da

Aérea, todos os comandantes de frentes protestariam pronta e vivamente, a despeito de sua formação pessoal dentro da Força Terrestre.

Se nosso general ascender mais ainda e chegar a comandante-em-chefe de uma direção estratégica, terá uma esquadra sob seu controle, assim como quatro frentes, cada uma das quais contém um amálgama de força terrestre e força aérea.

Em tempo de guerra, ele será responsável por operações de combate cobrindo vastas áreas, e já se preocupa, em tempo de paz, em assegurar-se de que todas as forças sob seu comando se desenvolvam proporcionalmente e em equilíbrio umas com as outras. Desta maneira, o outrora oficial de carros de combate toma-se ardente defensor do desenvolvimento não só da Força Terrestre como igualmente da Força Aérea e da Marinha.

[3]

As Forças Armadas consistem de Armas e Serviços. No ápice de cada uma existe um comandante. Todavia na maioria dos casos ele apenas exerce funções administrativas. Por exemplo, o Comandante-em-Chefe da Força Terrestre tem, entre seus subordinados, o Comandante das Unidades de Carros de Combate. Mas acontece que dezenas de milhares de carros acham-se disseminados pelo mundo, desde Cuba até a Ilha de Sacalina. Cada batalhão de reconhecimento possui um pelotão de carros de combate, cada regimento de fuzileiros motorizado um batalhão de carros, cada divisão de fuzileiros motorizada um regimento de carros, cada exército uma divisão de carros, cada frente um exército de carros, e cada direção estratégica um grupo de exércitos de carros de combate. Naturalmente, as decisões quanto ao emprego tático de todos esses carros são tomadas pelos comandantes táticos segundo a evolução dos acontecimentos. O Comandante da Força de Carros de Combate não se acha apto a desempenhar qualquer papel no controle de cada unidade de carros, e qualquer intervenção sua no gênero representaria uma violação do princípio de responsabilidade exclusiva pela conduta e pelos resultados das operações. Suas responsabilidades abrangem o desenvolvimento de novos tipos de

carros e os respectivos testes, a supervisão da qualidade de produção das fábricas de carros, garantindo que todas as tropas de carros sejam abastecidos com os indispensáveis sobressalentes, bem como a formação de especialistas nas escolas de formação respectivas, na Academia da Força de Carros e nas “divisões de instrução”. Ele é responsável, ainda, pelo bom estado técnico dos carros em todas as forças armadas, e atua como inspetor de todo o pessoal blindado.

O Comandante das Unidades de Foguetes e Artilharia da Força Terrestre, o Comandante da Defesa Aérea da Força Terrestre, o Comandante da Aviação Naval e os comandantes das demais Armas têm atribuições administrativas análogas.

Entretanto, há exceções a esta regra. É possível que algumas Armas sejam total ou quase totalmente empenhadas em uma única direção. Os comandantes destas Armas têm papéis administrativos e de combate ao mesmo tempo. Estas Armas compreendem a Aviação de Longo Alcance (transportadora de mísseis estratégicos), a Aviação de Transporte Militar e a Força Paraquedista. Em tempo de guerra, e em questões referentes ao emprego de suas respectivas forças, os comandantes dessas Armas ficam subordinados diretamente à Stavka.

A Força de Foguetes Estratégicos

[1]

A Força de Foguetes Estratégicos (FFE) é a mais nova e a menor das forças armadas que integram o Exército Soviético.

A FFE foi criada em dezembro de 1959 como força singular. A sua testa acha-se um comandante-em-chefe com o título de marechal da União Soviética. Sob seu comando há três exércitos de foguetes, três corpos de exército de foguetes independentes, 10 a 12 divisões de foguetes, três extensos campos de tiro de foguetes e grande número de estabelecimentos de pesquisa científica e de ensino. O efetivo total da FFE é de cerca de meio milhão de homens.

A FFE é simultaneamente uma organização operacional e administrativa. Em tempo de paz, seu comandante-em-chefe é responsável, perante o Ministro da Defesa por todos os assuntos administrativos, e perante o Politburo no tocante a todos os aspectos operacionais do emprego dos foguetes. Em tempo de guerra, a FFE seria controlada pelo Conselho da Defesa, através do Comandante Supremo. Uma decisão final a respeito do emprego em massa de foguetes estratégicos seria tomada pelo Conselho da Defesa, isto é, pelo Politburo.

Um exército de foguetes consiste de 10 divisões. Uma divisão compõe-se de 10 regimentos e uma base técnica. Um regimento de foguetes pode ter de um a 10 lançadores, dependendo do tipo de foguetes com que estiver equipado. Um regimento de foguetes estratégicos é o menor em tamanho no Exército Soviético. Seu efetivo de combate varia entre 250 e 400 homens, dependendo do tipo de foguete com que estiver equipado. Suas missões fundamentais são manter os foguetes, protegê-los e defendê-los, e lançá-los. Organicamente, um regimento de foguetes compreende o comandante, estado-maior, cinco equipes de lançamento, uma bateria de reparos de emergência e uma companhia de guarda. Esta unidade é exaltada com o título de “regimento” unicamente por

causa da responsabilidade muito grande que recai em seus oficiais.

Cada regimento possui um posto de comando subterrâneo no qual sempre há uma equipe de oficiais de serviço em comunicação direta com o comandante da divisão, o comandante do exército, o Comandante-em-Chefe da FFE e o posto de comando central. Se este posto de comando subterrâneo ficar fora de ação, o comandante do regimento imediatamente ativará um posto de comando móvel montado em viaturas motorizadas. Em uma situação ameaçadora, duas equipes ficam de serviço simultaneamente — uma no posto de comando subterrâneo e outra num posto móvel — a fim de que qualquer uma delas possa assumir o comando de tiro de todos os foguetes do regimento.

Conforme a situação, as equipes do serviço nos postos de comando são substituídas a cada semana ou a cada mês.

Se um lançador ficar avariado, será desmontado pela bateria de manutenção de emergência do regimento. A companhia de guarda é responsável pela proteção dos postos de comando e dos lançadores. Grande proporção do efetivo do regimento ocupa-se do serviço de guarda. Nenhum desses homens terá jamais visto um foguete ou saberá qualquer coisa sobre eles. Sua tarefa é proteger clareiras cobertas de neve nos pinheirais, clareiras essas cercadas por dezenas de fileiras de arame farpado e defendidas por campos de minas. A companhia de guarda de um regimento de foguetes tem cerca de 50 cães de guarda.

A principal missão de uma divisão de foguetes é o suprimento técnico de seus regimentos. Para isso, o comandante da divisão tem sob seu comando uma unidade conhecida como “base técnica”, com um efetivo de três a quatro mil homens e comandada por um coronel. A base técnica cuida do transporte, manutenção, reposição, reparos e assistência técnica dos regimentos de foguetes.

O efetivo de uma divisão de foguetes é de sete a oito mil homens.

O quartel-general de cada exército de foguetes é responsável pela coordenação das operações de suas divisões, que estarão desdobradas em tuna área muito extensa. Em uma situação tática, o quartel-general de um exército de foguetes pode empregar postos de

comando aéreos para dirigir o tiro dos foguetes dos regimentos e divisões cujos postos de comando hajam sido colocados fora de ação.

Os “corpos de exército de foguetes” independentes são organizados pelos exércitos de foguetes, tendo apenas três ou quatro divisões cada, e não 10. São armados também com foguetes de alcance relativamente curto (três a seis mil quilômetros), alguns dos quais são disparados de lançadores móveis e não dos subterrâneos fixos.

A existência dos corpos de exército de foguetes deve-se ao fato de que, enquanto os três exércitos de foguetes ficam sob o controle exclusivo do Comandante Supremo, tais corpos são necessários para apoiar as forças das três principais direções estratégicas e ficam à disposição dos comandantes-em-chefe dessas direções. Um corpo de exército de foguetes completo (ou algumas de suas divisões) pode ser empregado em apoio a forças de ataque em qualquer uma das direções.

Divisões de foguetes independentes, subordinadas diretamente ao Comandante-em-Chefe da FFE, constituem a reserva operacional deste. Algumas delas são equipadas com foguetes especialmente possantes. O restante possui foguetes comuns e podem ser deslocadas para qualquer parte da União Soviética a fim de reduzir sua vulnerabilidade.

[2]

A Força de Foguetes Estratégicos tem uma figura de padrinho muito reverenciada. Se ele não existisse, tampouco existiria a FFE. Seu nome é Fidel Castro: você pode sorrir, mas a FFE não.

A história oculta é a seguinte. Em 1959, Fidel Castro e seus camaradas tomaram o poder em Cuba. Ninguém em Washington alarmou-se com isso e não veio reação alguma de Moscou; parecia tratar-se de um rotineiro golpe de Estado latino-americano. Contudo, não demorou para Washington inquietar-se e Moscou começar a demonstrar interesse. O Kremlin viu uma oportunidade inesperada para afrouxar a influência de seu odiado inimigo, o

capitalismo, no hemisfério ocidental. Essa era evidentemente uma oportunidade esplêndida mas aparentemente impossível de aproveitar, devido à fraqueza de meios no local. Até então a União Soviética pudera apoiar aliados daquele gênero com carros de combate. Mas, como poderia auxiliar Fidel Castro do outro lado do oceano? Nessa época, a Esquadra soviética não podia sonhar em enfrentar a Marinha norte-americana, sobretudo praticamente na soleira da porta dos Estados Unidos. Existiam aviões estratégicos, porém só para paradas e demonstrações de força. Como poderiam os Estados Unidos ser dissuadidos de interferir?

Houve uma solução simples e brilhante: blefar.

Ficou resolvido que recorreriam a um armamento que ainda não entrara em uso... aquilo a que Goebbels denominaria uma "arma milagrosa". Pois foi uma arma milagrosa que o Politburo empregou. No decurso de 1959, houve lançamentos altamente prioritários de foguetes soviéticos e boatos persistentes de estrondosos sucessos. Em dezembro, começaram a circular rumores acerca de novas forças ultra-secretas que seriam onipotentes, altamente precisas, invulneráveis, indestrutíveis, e assim por diante. Essas histórias foram corroboradas pela designação do Marechal-de-Artilharia M. I. Nedelin para uma posição altamente relevante de natureza vaga, com sua promoção a Marechal-Chefe da Artilharia. Em janeiro de 1960, Khruschev anunciou a formação da Força de Foguetes Estratégicos, com Nedelin no comando. Concomitantemente, asseverou que nada poderia resistir a tal força, apta a atingir qualquer ponto do globo, e assim sucessivamente. Conversando com jornalistas, Khruschev revelou "em confiança" haver estado em uma fábrica onde vira foguetes "rolando nas correias transportadoras, igualzinho a salsichas". (A propósito, nessa época — como agora — o abastecimento de salsichas apresentava sérios problemas na URSS.) O Ocidente, desacostumado a lidar com um charlatão de nível tão elevado, ficou devidamente impressionado, e, consequentemente, não houve a invasão de Cuba. Durante o drama todo, Khruschev adquiriu o cacoete de fazer ameaças ferozes quanto a "apertar o botão".

No momento em que foi anunciada a implantação da FFE, uma força em mesmo nível que a Força Terrestre e, segundo diziam,

capaz de exceder a esta de muito em poder ofensivo, ocasião em que o QG do Marechal Nedelin foi instalado com grande ostentação, a Força de Foguetes soviética consistia de quatro regimentos armados com foguetes 8-Zh-38 (cópias da V-2 alemã) e um campo de tiro onde se efetuavam experiências com novos foguetes. Os números quanto à produção de foguetes eram desprezíveis. Todos os foguetes produzidos eram imediatamente utilizados em demonstrações no espaço, enquanto as recém-formadas divisões recebiam apenas réplicas, a fim de serem exibidas em paradas e filmes. Imitações vazias, com aparência de foguetes, eram esplendidamente designadas como "sucedâneos dimensionais". Entrementes, uma corrida emocionante era travada para produzir foguetes de verdade, operacionais. Ocorreram acidentes, um após outro. A 24 de outubro de 1960, quando um foguete experimental 8-K-63 estourou, o Comandante-em-Chefe da Força de Foguetes Estratégicos, Marechal-Chefe Nedelin, e todo seu estado-maior foram torrados vivos...

Todavia, a FFE ganhara sua primeira batalha — a batalha por Cuba.

[3]

Com o passar do tempo, a FFE logrou manter-se sobre as próprias pernas. Mas o blefe continua. As forças Armadas norte- americanas referem-se modestamente a 50 mísseis balísticos intercontinentais como "um esquadrão". Já o Exército Soviético cria cinco regimentos, pelo menos, com esse mesmo número de foguetes. Uma variante: quando os foguetes se tomam obsoletos, podem formar uma divisão ou até um corpo de exército de foguetes...

Os americanos não classificam mil foguetes como sendo uma força armada, independente, ou sequer como uma Arma por si só. São apenas parte do Comando Aeroestratégico da Força Aérea dos Estados Unidos. Na URSS, 1.500 foguetes constituem uma força singular, comandada por um marechal da União Soviética.

Presentemente, os americanos estão armados, em última análise, com um único tipo de foguete intercontinental, o Minuteman. Na União Soviética, há mais de 10 diferentes tipos, somando

aproximadamente o mesmo total do possuído pelos americanos. Por que esta ausência de coordenação? Porque, na verdade, nenhum deles é de boa qualidade. A uns falta precisão, a carga útil é baixa e o alcance reduzido, mas são conservados em serviço por serem mais confiáveis do que outros modelos. Outros são mantidos em uso por sua precisão ser mais ou menos aceitável. Outros, ainda, não são precisos nem confiáveis, mas têm um bom alcance. Há outra razão, porém, para essa situação desordenada de modelos múltiplos. O fato é ter sido a Força de Foguetes formada fragmentariamente, qual colcha de retalhos. A indústria soviética é incapaz de fornecer rapidamente grandes fornadas de foguetes. Por tal razão, enquanto as fábricas se familiarizam com a fabricação de um modelo e começam a produzi-lo lentamente, outro está sendo posto em serviço bem devagar, como bem devagar começa a familiarização com este novo tipo, e inicia-se uma nova série de produção, com igual ausência de pressa. Assim, ano após ano, a Força de Foguetes cresce, gradativa e preguiçosamente. Frequentemente, um foguete realmente bom só é produzido em pequenas quantidades porque os Estados Unidos só venderão pequeno número de peças indispensáveis para isso. Por exemplo, se os americanos somente vendem 79 filtros de combustível de precisão, os soviéticos não serão capazes de produzir mais do que tal número de foguetes. Alguns destes serão alocados para experiências, e em consequência o número disponível para desenvolvimento operacional reduz-se ainda mais. É necessário, pois, projetar um novo foguete sem filtros de precisão mas com equipamento eletrônico de controle da ignição. Aí, porém, talvez só seja possível adquirir dos Estados Unidos 200 conjuntos desse equipamento eletrônico. Será um foguete de primeira classe, mas não mais que 200 poderão ser então fabricados...

[4]

A FFE defronta-se com outro problema, ainda mais crítico: sua fome de urânio. A escassez de urânio e plutônio levou a URSS a produzir ogivas termonucleares extremamente poderosas com uma quantidade de TNT equivalente a dezenas de megatons. Uma das razões foi a pouca precisão dos foguetes; a fim de contrabalançar

isto, fez-se mister incrementar drasticamente o rendimento das ogivas. Mas esta não foi a consideração predominante. O motivo fundamental foi que uma carga termonuclear, não importa qual o seu rendimento, carece de um único detonador. A escassez de urânio e plutônio tomou obrigatório produzir uma quantidade relativamente pequena de ogivas termonucleares, compensando isto com o aumento de rendimento dessas ogivas.

A União Soviética devotou bastante esforço ao problema de produzir uma ogiva termonuclear onde a reação é provocada não por um detonador nuclear mas por algum outro meio — por exemplo, pela explosão simultânea de um grande número de cargas ocas. Isto é bastante difícil de conseguir, pois basta que uma carga funcione um milésimo de segundo antes para provocar o estouro de todas as outras. Carece-se de equipamento eletrônico americano para solucionar esta dificuldade — cronômetros de alta precisão que emitirão impulsos para todas as cargas simultaneamente. Há razões para crer que cronômetros de tal espécie possam ser vendidos à URSS, e, se assim suceder, a FFE adquirirá poder titânico. Entrementes, nem todos os foguetes soviéticos possuem ogivas nucleares. O número delas não basta para todos os foguetes, de forma que, atualmente, está sendo usado material radiativo que é, simplificando bastante, entulho gerado por usinas elétricas nucleares, ou seja: poeira radioativa. Em vez de lançar um foguete sem ogiva, a geringonça pode ser igualmente utilizada para jogar pó nos olhos do inimigo. Naturalmente, espalhar pequenas quantidades de poeira sobre imensas regiões do território inimigo — embora tal poeira seja altamente radioativa — não provocará muitos danos, e certamente não pesará no resultado da guerra. Porém, o que se há de fazer quando não se dispõe de nada melhor?

Entretanto, está claro que a FFE não deve ser subestimada. Está sendo feito rápido progresso tecnológico e os engenheiros soviéticos estão habilmente seguindo uma rota entre os icebergs com que se defrontam, por vezes alcançando sucessos espantosos, brilhantes em sua singeleza.

O equilíbrio técnico poderia alterar-se muito prontamente, caso o Ocidente não se empenhe a sério no desenvolvimento de seu próprio equipamento, tão depressa e decisivamente quanto à União

Soviética vem fazendo.

A Força da Defesa Aérea Nacional

[1]

A Força de Defesa Aérea Nacional (FDA) é a terceira mais importante das cinco que constituem as Forças Armadas Soviéticas, em seguida à Força de Foguetes Estratégicos e à Força Terrestre. No entanto, vamos examiná-la neste ponto, logo após a FFE, visto, tal como esta, ela representar não apenas uma estrutura administrativa mas uma organização de combate unificada e controlada, diretamente subordinada ao Comandante Supremo. Por formar uma organização de combate unificada, a FDA é sempre comandada por um marechal da União Soviética. A Força Terrestre, cinco vezes maior do que a FDA e representando o poder ofensivo da União Soviética na Europa, é chefiada apenas por um general-de-exército.

[2]

Nas Forças Armadas de qualquer outro país, a responsabilidade pela defesa aérea é atribuída à Força Aérea. Na União Soviética, o sistema de defesa aérea foi tão desenvolvido que seria inviável confiná-lo dentro da estrutura da Força Aérea. Ademais, a FDA é a terceira mais importante das forças armadas, ao passo que a Força Aérea vem em quarto lugar.

A independência da FDA em face da Força Aérea não se deve somente a seu tamanho e desenvolvimento técnico, mas igualmente à filosofia global soviética referente à alocação de funções em tempo de guerra. Em qualquer país onde especialistas soviéticos são incumbidos de criar e reestruturar as forças armadas, eles montam sistemas paralelos de defesa aérea. Um deles é um sistema estático, destinado a defender o território do país e as mais vitais instalações administrativas, políticas, econômicas e de transporte nele existentes. Isso é uma réplica da FDA. A par disso, são criados

sistemas independentes para autodefesa e proteção contra ataque aéreo na Força Terrestre, na Marinha e na Força Aérea.

Enquanto o sistema de defesa nacional é estático, os das diferentes forças armadas são móveis, visando a deslocar-se ao lado das tropas para cuja proteção existem. Se diversos sistemas se encontram atuando na mesma zona de ação, trabalham uns com os outros, e em tal caso sua colaboração é sempre organizada pelo sistema nacional.

[3]

A divisão da FDA em um sistema nacional e um outro para a proteção das Forças Armadas ocorreu muito antes da Segunda Guerra Mundial. Toda a artilharia antiaérea, assim como todas as unidades de projetores e de localização pelo som, foi dividida entre os subordinados a comandantes do Exército e da Marinha e aqueles aos quais cabia cobrir as mais importantes instalações civis, não subordinadas a comandantes militares mas possuindo seu próprio dispositivo de controle. Os aviões de caça disponíveis foram igualmente divididos. Em 1939, por exemplo, 40 regimentos aéreos (1.640 aviões de combate) foram transferidos do efetivo da Força Aérea para o da FDA, para fins tanto administrativos quanto de combate. Unidades mistas da FDA foram formadas com subunidades de artilharia antiaérea, de projetores e aéreas, que cooperaram muito intimamente umas com as outras.

Durante a guerra, a FDA completou sua evolução para um componente independente das Forças Armadas, em pé de igualdade com as Forças Terrestre e Aérea e a Marinha. Durante a guerra, igualmente, foi iniciado o desenvolvimento de aviões de caça projetados especialmente para a Força Aérea ou para a FDA.

Escolas de instrução de voo foram organizadas para treinar pilotos da FDA, recorrendo a programas de treinamento diferentes dos da Força Aérea. Posteriormente, estabeleceram-se escolas de tiro antiaéreo, algumas das quais formaram oficiais para unidades antiaéreas da Força Terrestre e da Marinha, enquanto outras preparavam-nos para as unidades da FDA. Após a guerra, as equipes

que projetavam armas antiaéreas para as Forças Armadas foram mandadas desenvolver armas especialmente possantes para a FDA.

No final da guerra, o efetivo total da FDA era superior a um milhão de homens, distribuídos por quatro frentes FDA (cada uma com dois ou três exércitos) e três exércitos FDA independentes.

Após a guerra, a FDA recebeu o enquadramento oficial como força armada independente.

[4]

Hoje a FDA conta com mais de 600 mil homens. Para fins administrativos, divide-se em três Armas:

• Aviação de Caça da FDA

• Unidades de Mísseis Terra-Ar da FDA

• Unidades de Radar da FDA

Para maior eficiência e cooperação mais íntima, as unidades dessas três Armas são reunidas formando unidades mistas — divisões, corpos de exército, exércitos e frentes (em tempo de paz, as frentes são conhecidas como “distritos FDA”).

O fato de três mil aviões de combate, entre os quais alguns dos mais adiantados, não terem vinculação operacional, financeira, administrativa ou outra qualquer com a Força Aérea não foi entendido por pessoas comuns do Ocidente, nem mesmo por seus especialistas militares. É necessário reiterar, portanto, que a FDA figura como força armada singular e independente, com três mil aviões interceptadores supersônicos, 12 mil lançadores de mísseis antiaéreos e seis mil instalações de radar.

É por ser responsável tanto pela proteção do território soviético quanto das mais importantes instalações da URSS que a FDA funciona independentemente. Desde que se acha voltada mormente para a defesa de objetivos estacionários, os aviões de caça desenvolvidos para ela diferem dos distribuídos à Força Aérea. A

FDA também é dotada com mísseis superfície-ar e instalações de radar diversos dos utilizados pela Força Terrestre e pela Marinha.

A Força Aérea possui suas próprias aeronaves de combate, totalizando vários milhares. A Força Terrestre dispõe de milhares de seus próprios lançadores de mísseis, canhões antiaéreos e instalações de radar. A Marinha, igualmente, tem seus próprios aviões de combate, mísseis antiaéreos, canhões e instalações de radar, e tudo isso pertence a cada força armada e não à FDA, sendo empregado para atender às necessidades dos comandantes operacionais da Força Terrestre, da Força Aérea e da Marinha. Mais tarde examinaremos esses diversos sistemas de defesa aérea independentes; por enquanto, nos limitaremos ao sistema da defesa nacional.

[5]

Os aviões de combate da FDA são organizados em regimentos. Ao todo, a FDA tem mais de 70 regimentos, cada um com 40 aeronaves.

A FDA não pode, naturalmente, usar aviões de combate construídos para a Força Aérea tanto quanto a esta não cabe usar as aeronaves construídas segundo projetos da FDA. A Força Aérea e a FDA operam em condições inteiramente diversas, com missões operacionais diferentes, e, por conseguinte, cada uma tem requisitos próprios para suas aeronaves.

A FDA opera em aeródromos permanentes, podendo, assim, usar aviões de combate mais pesados. Os caças da Força Aérea estão constantemente em movimento, seguindo atrás das tropas terrestres, tendo, por isso, de operar em campos muito rudimentares, às vezes com pistas de grama, ou até em trechos de estrada. Razão pela qual eles devem ser mais leves do que as aeronaves utilizadas pela FDA.

Os caças da FDA são auxiliados em suas operações por sistemas de orientação e radar extremamente possantes, que do solo guiam a aeronave para seus alvos. Estas aeronaves, portanto, não precisam ser altamente manobráveis, mas são feitos todos os esforços para

aumentar-lhes a velocidade, o teto operacional e o alcance. A Força Aérea requer qualidades diversas de seus caças, que são mais leves, pois, como vimos, têm de operar em situações que são constantemente modificadas, e de seus pilotos, que precisam agir sem ajuda, localizando e atacando os alvos por conta própria. Os caças da Força Aérea, por isso, necessitam ser ao mesmo tempo leves e manobráveis, mas são consideravelmente inferiores aos da FDA em velocidade, alcance, carga útil e teto.

Tomemos um exemplo destas duas diferentes abordagens para o projeto do avião de caça. O MIG-23 é extremamente leve, manobrável e capaz de operar partindo de qualquer campo, inclusive os com pista de grama. Evidentemente, é um avião para a Força Aérea. Ao contrário, o MIG-25, embora projetado pelo mesmo grupo, é extremamente pesado e de difícil manobra, só podendo operar partindo de longas e sólidas pistas de concreto, porém bateu 12 recordes mundiais de alcance, velocidade, velocidade de subida e altitude atingida. Durante 20 anos, este foi o mais veloz avião operacional do mundo.

Além do MIG-25, que é um interceptador de grande altitude, a FDA possui um interceptador de baixa altitude, o SU-15, e um de longo alcance, o TU-128, destinado a atacar aviões inimigos que tentem penetrar no espaço aéreo soviético através das intermináveis extensões desabitadas do Ártico ou dos desertos da Ásia Central.

As Unidades de Mísseis Superfície-Ar (SAM) da FDA consistem, organicamente, de brigadas de foguetes (cada uma com 10 a 12 grupos lançadores), regimentos (três a cinco grupos) e grupos lançadores independentes. Cada grupo tem de seis a oito lançadores — conforme o tipo de foguete com que esteja dotado — e é formado de 80 a 120 homens. A princípio, todo grupo era dotado de foguetes S-75. Depois para substituir estes, foram criados dois foguetes; o S-125 (baixa altitude e curto alcance) e o S-200 (grande altitude e longo alcance). Ao S-200 pode adaptar-se uma ogiva nuclear para destruir foguetes ou aeronaves inimigas. Para abater os mísseis balísticos intercontinentais do inimigo foi introduzido o UR-100, que possui uma ogiva particularmente eficaz; contudo, o desdobramento deste tipo foi limitado pelo Tratado ABM * entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Cada grupo SAM é provido de diversos canhões antiaéreos de calibre pequeno (23mm) e grande (57mm). Estes são empregados para repelir aviões inimigos em voo baixo ou ataques por forças terrestres. Em tempo de paz, esses canhões antiaéreos não são classificados como Arma separada no âmbito da FDA. Todavia, na guerra, quando o efetivo da FDA crescerá três ou quatro vezes, eles formariam uma Arma à parte, desdobrada em regimentos e divisões de artilharia antiaérea, equipados com canhões de 23,57, 85, 100 e 130mm, que durante a paz permanecem armazenados.

As Unidades de Radar da FDA consistem de brigadas e regimentos, juntamente com diversos batalhões e companhias independentes. São dotados de vários milhares de instalações de radar para detecção de aeronaves e armas espaciais do inimigo, bem como para orientar contra tais alvos os aviões interceptadores e aviões-robôs da FDA.

A par dessas três principais Armas, o mapa da força da FDA abrange muitas unidades de apoio (proporcionando transporte, comunicações, serviço de guarda e administração), duas academias militares e 11 escolas de formação de oficiais, juntamente com número considerável de campos de provas, institutos de pesquisa científica e centros de treinamento.

[6]

Operacionalmente, a FDA consiste de um Posto central de comando, dois distritos (que se converteriam em frente no caso de guerra), oito exércitos independentes e diversos corpos de exército, igualmente independentes.

Até o escalão regimento e brigada, as unidades da FDA são retiradas de uma única Arma — por exemplo, brigadas de SAM, regimentos de aviação de caça, batalhões independentes de radar etc. De divisão para cima, cada Arma é representada em todas as Grandes Unidades, que são denominadas, assim, de FDA.

A organização de cada divisão, corpo ou outra GU superior é decidida de acordo com a importância da instalação a proteger. Há

contudo, um princípio norteador: cada comandante é responsável pela defesa de um único ponto-chave. Este princípio é uniformemente aplicado em todos os escalões.

O comandante de uma divisão FDA é responsável pela proteção de uma única instalação altamente importante, por exemplo um grande centro gerador de energia elétrica. Também deve impedir incursões de aeronaves inimigas sobre seu setor. A divisão, para isso, desdobra uma brigada SAM para cobrir a instalação principal, e desloca dois ou três regimentos SAM para áreas com maior probabilidade de serem ameaçadas, adiante das brigadas, bem como diversos batalhões SAM independentes para áreas onde seja menor o perigo. Ademais, o comandante da divisão dispõe de um regimento aéreo que pode ser utilizado para manter contato com o inimigo a distâncias consideráveis, para operações em fronteiras ou entroncamentos não batidos pelo fogo dos SAM, ou na área onde o inimigo realiza o ataque principal. As operações das unidades SAM e dos aviões de interceptação ficam subordinadas tanto ao próprio comandante da divisão quanto aos oficiais comandantes das unidades SAM da divisão.

Um comandante de exército FDA organiza a proteção do objetivo a seu cargo exatamente da mesma forma. Para proteger a instalação principal, dispõe de uma divisão FDA. Ele e o comandante da divisão estão interessados na defesa da mesma instalação. Duas ou três brigadas SAM são avançadas a fim de cobrir os setores sob maior ameaça, enquanto regimentos SAM são desdobrados em áreas menos perigosas. Um regimento aéreo acha-se sob as ordens diretas do comandante do corpo de exército, para emprego a grandes distâncias ou para operar na zona do ataque principal do inimigo. Se as unidades SAM forem postas fora de ação, o comandante do corpo a qualquer momento poderá empregar seu regimento de caças para cobrir um setor onde haja ameaça de ruptura. Assim, há dois regimentos de aviação com cada corpo de exército FDA, um à disposição do comandante da divisão, outro para emprego pelo comandante do corpo. Um corpo abarca três ou quatro brigadas SAM — uma com a divisão FDA, as outras à disposição do comandante do corpo — cobrindo as vias de acesso à posição divisionária. Em um corpo, são cinco ou seis regimentos SAM, dois ou três dos quais empregados no setor principal da divisão, e o

restante em setores secundários da zona de ação do corpo. Por fim, o comandante do corpo dispõe pessoalmente de um regimento de radar além dos integrantes das unidades subordinadas.

Um comandante de exército FDA também é responsável pela proteção de um único ponto sensível e possui um corpo FDA para cobri-lo. Além disso, tem duas ou três divisões FDA independentes, cada uma das quais proporciona cobertura de suas próprias instalações-chave e defende ainda os principais acessos ao objetivo defendido pelo exército. Brigadas SAM independentes são desdobradas nos setores secundários da área do exército. Um comandante de exército também tem dois regimentos de aviação (um com aeronaves para operação a grandes altitudes, o outro com interceptadores de grande alcance) e suas próprias instalações de radar (inclusive radares de longo alcance).

Um distrito FDA é semelhante na estrutura. O ponto sensível principal é coberto por um exército. Dois ou três corpos de exército FDA independentes são desdobrados nos setores mais ameaçados, enquanto as áreas de menor risco são cobertas por divisões FDA, cada uma das quais, é claro, possui seu próprio objetivo principal. O comandante do distrito igualmente dispõe de dois regimentos aéreos de interceptação e recursos de detecção com radares, incluindo aeronaves muito grandes equipadas com radares ultrapotentes.

O centro nervoso—Moscou — naturalmente acha-se coberto por um distrito FDA; os principais acessos a esse distrito, por exércitos FDA, e os setores secundários, por corpos de exército FDA. Cada distrito e cada exército, é claro, tem a missão de cobrir uma instalação importante a ele atribuída.

A FDA possui dois distritos FDA. Deve-se dizer alguma coisa quanto à razão da existência do segundo deles — o Distrito de Baku. Contrariamente ao Distrito de Moscou, o Distrito FDA de Baku não tem um objetivo-chave a defender. O fato de Baku produzir petróleo é irrelevante; 24 vezes mais petróleo é produzido na região de Tatarstan. O Distrito FDA de Baku volta-se para o sul, cobrindo uma imensa área ao longo das fronteiras, com escassa probabilidade de ser atacada. Diversos dos exércitos FDA (o 9, por exemplo) dispõem de recursos de combate consideravelmente superiores aos de todo o

Distrito de Baku. Contudo, é devido à necessidade de vigiar uma zona tão extensa para a qual um exército FDA seria insuficiente, que foi criado ali um distrito.

Tudo considerado, a FDA representa o mais poderoso sistema de sua espécie no mundo. Tem à sua disposição não apenas a maior quantidade de equipamento mas, sob alguns aspectos, o melhor equipamento do mundo. No início dos anos 80, o interceptador MIG-25 era o mais veloz existente e o S-200 era o míssil superfície-ar de maior rendimento e alcance. No período do pós-guerra, a Força da Defesa Aérea soviética demonstrou seu valor em múltiplas ocasiões. A mais flagrante foi em l de maio de 1960, ao abater um avião de reconhecimento U-2 norte-americano, um tipo encarado até então como invulnerável devido à incrível altitude a que podia operar. Não há dúvida de que a Força da Defesa Aérea soviética é a mais experiente do mundo. Quais outros sistemas podem gabar-se de ter passado tantos anos combatendo a mais moderna força aérea do mundo como o sistema FDA soviético no Vietnam?

Em meados da década de 70, surgiu certa dúvida quanto à confiabilidade dele, quando um avião sul-coreano perdeu o rumo e sobrevoou território ártico soviético por longo tempo antes de ser obrigado a pousar por um interceptador SU-15. Contudo, as razões para essa demora podem ser cabalmente explicadas: observamos que os aviões interceptadores não representam o ponto forte da FDA, que reside em seus mísseis superfície-ar. O território sobrevoado pela aeronave extraviada estava, incomumente, bastante bem equipado com SAMs, mas não há absolutamente razão para empregá-los contra uma aeronave civil. Ao mesmo tempo, devido à neve abundante que cobria toda a região, poucos interceptadores estavam estacionados lá. Sua ausência era compensada por um número anormalmente elevado de SAMs, prontos para abater qualquer aeronave militar. Nessa situação incomum, uma vez constatado ser civil o avião invasor, tomou-se mister utilizar um interceptador vindo de grande distância. Este decolou de Lodeynoye Polye e voou mais de mil quilômetros, no escuro, para encontrar o intruso. Em uma situação operacional, não teria sido preciso fazer isso. Seria mais simples recorrer a um foguete.

Não obstante, a despeito de tudo, a FDA tem seu calcanhar-de-aquiles. Os mais velozes aviões são pilotados por homens que detestam o socialismo de todo coração. O piloto Byelenko não é de forma alguma único na FDA.

---

* Abreviatura de “Antiballistic Missile”. (N. do T.)

A Força Terrestre

[l]

A Força Terrestre é a mais antiga e diversificada das forças armadas que constituem o Exército Vermelho. Em tempo de paz, seu efetivo totaliza aproximadamente dois milhões, mas a mobilização elevaria isso para entre 21 e 23 milhões dentro de 10 dias.

Ela compreende sete Armas:

• Unidades de Fuzileiros Motorizadas

• Unidades de Carros de Combate

• Unidades de Artilharia e Foguetes da Força Terrestre

• Unidades de Defesa Aérea da Força Terrestre

• Unidades de Assalto Aeromóveis

• Unidades Diversionárias (SPETSNAZ)

• Unidades de Áreas Fortificadas

A existência destas três últimas categorias tem sido mantida em segredo.

Em sua organização e efetivo operacional, a Força Terrestre pode ser vista como um modelo em escala reduzida de todas as forças armadas soviéticas. Basta dar uma olhada em sua estrutura: a Força de Foguetes Estratégicos é subordinada à Stavka; a Força Terrestre possui suas próprias unidades de foguetes; a Força da Defesa Aérea é subordinada à Stavka, a Força Terrestre possui suas próprias unidades de defesa aérea. A Força da Defesa Aérea, em números e equipamento a mais poderosa do mundo, é subordinada à Stavka; a Força Terrestre também possui suas próprias unidades aeromóveis,

que, utilizando o mesmo padrão de medida, são as segundas mais fortes do mundo.

O Comandante-em-Chefe da Força Terrestre não tem nada além de encargos administrativos. Seu quartel-general não inclui departamentos de informação ou de operações. Todo o planejamento operacional é realizado pelos comandos mistos das frentes, das direções estratégicas ou do Estado-Maior Combinado. As responsabilidades do Comandante-em-Chefe limitam-se a cuidar do equipamento, aprovisionamento e treinamento de suas tropas. Não obstante, a despeito de não ter responsabilidades pela direção das operações, o Comandante-em-Chefe da Força Terrestre ainda é um administrador de elevada influência. Claramente, quem quer que seja responsável pelo desenvolvimento e aprovisionamento de 49 exércitos, incluindo oito exércitos de carros de combate, merece respeito.

Os comandantes das várias Armas da Força Terrestre também exercem funções estritamente administrativas. A conduta das operações, como já sabemos, é tarefa dos comandos mistos de todas as Armas, não subordinados, para este fim, seja ao Comandante-em-Chefe seja ao comandante da respectiva Arma.

[2]

Unidades de Fuzileiros Motorizadas

Cada grupo de combate de fuzileiros motorizado possui um quadro de 11 homens. Um deles funciona como auxiliar do lançador de foguetes e, de brincadeira, é chamado “transportador de míssil”. Com efeito, ele carrega três foguetes em uma sacola. Cada um possui uma ogiva apta a atravessar a blindagem de qualquer carro de combate moderno, um reforçador e sustentador, um estabilizador, uma turbina, um conjunto de aletas e uma mistura traçante.

Esses foguetes não são os únicos do grupo de combate. Ele se acha igualmente equipado com foguetes antiaéreos com ogivas “inteligentes”, que lhes permitem distinguir aviões hostis dos

amigos e destruí-los. Além disso, cada grupo de combate leva quatro foguetes 9-M-14 Malyutka, dotados de um sistema automático de orientação. Tudo isto em um grupo de combate.

A viatura BMP-1 do grupo de combate dispõe de um canhão automático de 73mm e três metralhadoras, e suficiente poder de fogo, capacidade de manobra e proteção para enfrentar qualquer carro de combate leve moderno. O grupo tem ainda três estações-rádio, sensores para detecção de radioatividade e de gás, a par de outros dispositivos complexos, além do equipamento comum de infantaria.

Neste nível mais inferior, não encontramos uma verdadeira formação de infantaria, porém um híbrido de unidades de carros de combate, anticarro, SAM, guerra química, sapadores e outras.

A Infantaria é a mais antiga das Armas. Tudo o mais originou-se ulteriormente e foi criado como acréscimo ou reforço à Infantaria. De nosso exame do grupo de combate, vemos que a Infantaria é uma Arma que, mesmo em seu nível mais elementar, absorveu componentes de muitas outras.

A concepção da Infantaria, não como bucha para canhão mas como arcabouço de todas as Forças Armadas, o esqueleto no qual se forma tudo o mais, tem sido sustentada de há muito por generais soviéticos. Após a última guerra, todas as escolas de formação de oficiais de infantaria foram rebatizadas como “academias de cadetes”, e começaram a despejar não medíocres comandantes de pelotão mas comandantes de pequena unidade com ampla gama de conhecimentos, capazes de organizar a cooperação de todas as Armas no campo de batalha, a fim de assegurar o sucesso combinado.

Por esta razão, os oficiais de hoje não são denominados “de infantaria” nem “de fuzileiros”, mas sim comandantes “de todas-as-armas”.

A organização de um regimento soviético normal, que, por tradição, é chamado regimento de fuzileiros motorizado, é a seguinte:

• Comando e estado-maior

• Companhia de reconhecimento

• Companhia de comunicações

• Batalhão de carros de combate (com três companhias)

• Três batalhões de fuzileiros (cada um com três companhias de fuzileiros e uma bateria de morteiros automáticos)

• Um grupo de obuses autopropulsado (com três baterias de tiro e uma de comando)

• Uma bateria de lança-foguetes de canos múltiplos Grad-P

• Uma bateria SAM

• Uma companhia de engenharia

• Uma companhia de defesa contra guerra química

• Uma companhia de manutenção

• Uma companhia de transporte motorizado

Ao todo, o regimento possui 27 companhias, das quais somente nove são de fuzileiros. É significativo, em um chamado "regimento de fuzileiros motorizado", haver 10 comandantes de bateria de artilharia — ou seja, um a mais do que os comandantes de companhia de fuzileiros.

Se subirmos um pouco mais, até o escalão "divisão", constataremos surpreendentemente que ainda recebe o nome de "divisão de fuzileiros motorizada". Mais tarde veremos a organização dessa divisão; por enquanto, basta notarmos que ela inclui um total de 165 subunidades. Destas, só 28 são companhias de fuzileiros motorizadas; ela inclui, ademais, 23 companhias de carros de combate e 67 baterias de artilharia (de morteiros, antiaéreas e de foguetes). As restantes são companhias de reconhecimento, comunicações, engenharia, guerra química e outras.

As unidades de fuzileiros motorizadas constituem o grosso das forças soviéticas. Organicamente, consistem de 123 divisões, e mais

47 regimentos integrantes do efetivo de divisões de carros de combate. Além disso, há batalhões de fuzileiros motorizados servindo em áreas fortificadas e em brigadas de Infantaria de Marinha.

Em tempo de paz, as unidades de fuzileiros motorizadas dividem-se entre as dotadas de equipamento normal (transportes de pessoal blindados) e as com viaturas de combate de infantaria (BMPs). Esta é a versão presente de secular repartição de infantaria leve e pesada, de granadeiros e caçadores.

Teoricamente todos os regimentos de fuzileiros motorizados das divisões de canos de combate e de um regimento de cada divisão de fuzileiros motorizada deveriam ser equipados com BMPs. Na prática, isso depende da produção das fábricas de material bélico e de sua capacidade para fornecer equipamento de combate às tropas. Em muitos distritos militares do interior, as divisões ainda não receberam os BMPs a elas destinados. Em compensação, as divisões estacionadas na Alemanha Oriental possuem dois regimentos, em vez de um, dotados de BMPs.

Unidades equipadas com BMPs têm bem maior potência de fogo e capacidade ofensiva do que suas congêneres sem esse material. Isso não se deve apenas ao fator de o BMP dispor de melhor proteção, armamento e capacidade de manobra do que um transporte de pessoal blindado. As unidades com BMPs valem-se de mais armas de apoio. Por exemplo, um batalhão de fuzileiros motorizado estacionado em território soviético tem uma seção de morteiros. Um batalhão equivalente com BMPs possui uma bateria em lugar de seção. Afora isto, estes não são morteiros comuns mas sim automáticos e autopropulsados, em vez de rebocados. Um regimento comum de fuzileiros motorizado inclui uma bateria de obuses ou às vezes um grupo de obuses rebocado. Já o regimento BMP tem é um grupo de obuses anfíbio e autopropulsado, e ainda mais uma bateria de lança-foguetes múltiplos Grad-P.

As unidades BMP são as primeiras a receber qualquer novo equipamento anticarro, antiaéreo, de engenharia e de comunicações. São, em última instância, o trunfo no baralho.

[3]

Unidades de Carros de Combate

As unidades de carros de combate representam o principal poderio ofensivo da Força Terrestre. Sua organização é elementar e bem definida. Cada comandante de unidade dispõe da própria força de assalto de carros de combate, de tamanho proporcional ao respectivo escalão. O comandante de um regimento de fuzileiros motorizado tem à disposição um batalhão de carros. O comandante de uma divisão de fuzileiros motorizada possui seu próprio regimento de carros. Um comandante de exército tem uma divisão de carros, e o comandante de uma frente, um exército de carros. Por fim, o comandante-em-chefe de uma direção estratégica tem um grupo de exércitos de carros de combate. As operações táticas em cada nível são montadas consoante princípios consagrados. Uma progressão de um regimento de fuzileiros é, em última análise, uma progressão de um batalhão de carros apoiado por todos os demais batalhões e companhias do regimento. Este princípio é aplicável em todos os níveis. Pode-se, de fato, afirmar que o avanço de uma direção estratégica é realmente uma ruptura efetuada por um grupo de exércitos de carros apoiado pelas operações das três ou quatro frentes integrantes dessa direção estratégica.

Além dessa força ofensiva básica, os comandantes de frentes e comandantes-em-chefe de direções e estratégicas podem manter em reserva divisões independentes de carros de combate, empregando-as em socorro urgente às divisões que sofram as piores perdas. Acrescente-se, todavia, que cada comandante, de divisão para cima, tem aquilo que se poderia denominar de uma guarda pessoal blindada. Além do regimento de carros que é seu maior poder de choque, um comandante de divisão possui um batalhão independente de carros. Por conseguinte, uma divisão de fuzileiros motorizada tem, ao todo, sete batalhões de carros: um em cada um dos três regimentos de fuzileiros, três no regimento de carros e o batalhão independente. Este batalhão é inteiramente diferente dos demais. Enquanto o batalhão normal possui 31 carros (três companhias de 10 cada uma e um do comandante do batalhão), um batalhão independente tem 52 carros (cinco companhias de 10 cada, um para o comandante do batalhão e o carro do comandante

da divisão). Ao contrário dos outros, o batalhão independente tem pelotões de reconhecimento, antiaéreo, de engenharia e de guerra química. Sua composição é antes a de um pequeno regimento de carros independente do que a de um batalhão grande. Além disso, os batalhões independentes de carros são os primeiros a receber o equipamento mais recente. Vi muitas divisões equipadas com carros T-44 enquanto os batalhões independentes tinham os T- 10M, e que então receberam os T-55, ao passo que os batalhões independentes já dispunham dos T-72. O comandante de divisão concentra cuidadosa e pacientemente suas melhores guarnições nesse batalhão. O comandante de um regimento de fuzileiros motorizado lançará seu batalhão de carros no auge do combate e o comandante de divisão fará o mesmo com seu regimento, mas ambos mantendo em reserva seus batalhões independentes. Estes protegem o quartel-general e o batalhão de foguetes divisionário. Está claro não serem estas suas principais funções, mas recaem nos batalhões independentes por sempre funcionarem como reserva.

Suponhamos que em uma batalha surja uma situação onde um comandante tenha de lançar mão de tudo de que dispuser, uma situação capaz de significar a diferença entre vitória e derrota. Este é o momento em que ele põe em ação sua própria guarda pessoal, um batalhão adicional, bem descansado, de tamanho acima do normal, composto pelas melhores guarnições e dotado dos melhores carros. A essa altura, um comandante de divisão está arriscando tudo, e por tal motivo pode comandar pessoalmente seu próprio batalhão independente.

Um comandante de exército, igualmente, a par das divisões que compõem sua força de choque, tem um batalhão de carros independente para agir como sua guarda pessoal. Só o faz entrar em ação no último momento possível, e talvez seja com esse batalhão que ele encontre a morte no campo de batalha. Além de seu exército de carros, cada comandante de frente ainda tem uma brigada de carros independente, composta das melhores guarnições de toda a frente e dotada dos melhores carros. Normalmente, uma brigada independente de carros de uma frente tem quatro ou cinco batalhões de carros e um batalhão de fuzileiros motorizado. O comandante de uma direção estratégica, semelhantemente, conta com sua guarda pessoal, em acréscimo a seu grupo de exércitos de

carros. Essa guarda é uma divisão especial e independente de carros ou, em alguns casos, um corpo de exército composto de duas divisões de carros.

Em conjunto, a Força de Carros de Combate totaliza 47 divisões de carros, 127 regimentos incorporados às divisões de fuzileiros motorizados, e mais de que 500 batalhões de carros, seja incorporados aos regimentos de fuzileiros ou agindo como reservas de comandantes nos vários escalões. Durante a paz, seu efetivo é de 54 mil carros de combate.

[4]

Unidades de Artilharia e Foguetes da Força Terrestre

Após o término da Segunda Guerra Mundial, as unidades de foguetes foram tratadas como uma Arma à parte, não incluídas em nenhuma das Armas e dependendo diretamente do Ministro da Defesa. Em 1959, elas foram repartidas. A Força de Foguetes Estratégicos constituiu uma força armada singular. As unidades de foguetes não absorvidas por essa nova força foram assumidas pela Força Terrestre e incorporadas à Artilharia para, juntas, constituírem um dos componentes da Força Terrestre.

Hoje em dia esta Arma acha-se dotada de quatro tipos de armamento: foguetes, lança-foguetes (de canos múltiplos, disparando em salva), anticarro e de emprego geral (morteiros, obuses e canhões de campanha). Cada comandante tem à sua disposição os recursos de artilharia adequados ao respectivo escalão. Comandantes de divisão e de unidades superiores possuem todos os quatro tipos de armamento da Artilharia. Assim, uma divisão de fuzileiros motorizada abarca um grupo de foguetes, um de lança- foguetes com canos múltiplos, um anticarro e mais um regimento com três grupos de obuses para apoio geral. Examinaremos a quantidade de bocas de fogo disponíveis para os comandantes dos diversos escalões ao tratarmos da organização operacional.

Unidades de Defesa Aérea da Força Terrestre

Já citamos a existência de dois sistemas separados de defesa aérea — o nacional e o militar. Os dois são dissociados: a diferença entre eles é que um protege o território da União Soviética e é, por conseguinte, estacionário, ao passo que o sistema militar faz parte integrante das tropas combatentes e desloca-se com elas a fim de protegê-las contra ataques aéreos.

Organicamente, cada grupo de combate de infantaria, salvo pelos que viajam a bordo de viaturas de comandante de pelotão, inclui um soldado armado com um lança-foguetes antiaéreo Strela-2. Existem dois desses lança-foguetes em cada pelotão. A ogiva "inteligente" com que são equipados permite aos foguetes desses lançadores abater aeronaves inimigas voando a dois quilômetros de altura e a distâncias de quatro quilômetros. Em cada pelotão de carros de combate, além das metralhadoras antiaéreas de cada carro, um dos carros-líderes possui três desses lança- foguetes, conduzido na parte externa da torre do carro.

Cada regimento de fuzileiros motorizado ou de carros de combate compreende uma bateria antiaérea, armada com quatro lança-foguetes ZSU-23-4 Shilka e quatro lançadores Strela-1 (conhecidos no Ocidente como SA-9). Estes dois sistemas complementam-se reciprocamente e têm alto grau de eficácia. Assisti a uma Shilka atirando em um campo lavrado, pedregoso, expelindo uma rajada ininterrupta de fogo contra pequenos balões libertados, sem aviso, de um bosque a uns dois quilômetros de distância. Os resultados alcançados foram chocantes. A publicação especializada britânica Jane's é bem capaz de classificar o Shilka como o melhor do mundo.

O oficial a cargo da defesa antiaérea em cada regimento de fuzileiros ou de carros de combate coordena as operações de sua bateria com as dos lançadores Strela-2.

Cada divisão de fuzileiros motorizada e a de carros de combate tem um regimento SAM, armado com foguetes Kub (SA- 6) ou Romb (SA-8). Cada exército tem uma brigada SAM, armada com foguetes

Krug (SA-4).

Além de tudo isso, um comandante de frente tem sob seu comando duas brigadas SAM com foguetes Krug, vários regimentos com Kubs ou Rombs e diversos regimentos antiaéreos armados com canhões antiaéreos de 57 e 100mm.

[6]

Unidades de Assalto Aeromóveis

Embora as unidades de assalto aeromóveis enverguem o mesmo uniforme das tropas paraquedistas, elas não têm qualquer vinculação entre si. Os paraquedistas acham-se sob as ordens diretas do Comandante Supremo; usam aviões de transporte e paraquedas para suas operações. Em contraste, as unidades de assalto aeromóveis integram a Força Terrestre e são operacionalmente subordinadas ao comandante de uma frente. Elas são transportadas em helicópteros e não utilizam paraquedas. Ademais, empregam os helicópteros não apenas como meio de transporte mas igualmente como arma de combate.

Aos olhos dos soviéticos, o helicóptero nada tem em comum com os aviões; ele é praticamente encarado como um carro de combate. A princípio pode afigurar-se estranha esta idéia, mas é inegavelmente bem fundada. Nenhum avião pode apossar-se de território inimigo; isto é conseguido por carros de combate, artilharia e infantaria atuando conjuntamente. Os helicópteros, em consequência, são vistos como pertencendo à Força Terrestre, como carros de combate que não temem campos de minas, montanhas ou obstáculos aquáticos, como carros de combate com alto poder de fogo e grande velocidade, mas dispondo apenas de proteção limitada.

As tropas de assalto aeromóveis foram organizadas em 1969. Seu “pai” e anjo da guarda foi Mao. Se ele não tivesse existido, tampouco elas teriam surgido. Os generais soviéticos vinham insistindo na criação delas desde o início da década de 50, porém nunca havia recursos suficientes para tal, e a decisão de pô-las em serviço era adiada de um plano quinquenal para outro. No entanto,

em 1969 ocorreram choques armados na fronteira com a China, e generais soviéticos asseveraram só poder defender uma linha de sete mil quilômetros de extensão com carros de combate aptos a serem concentrados dentro de poucas horas em qualquer um dos setores da imensa fronteira. Surgiu, assim, o MI-24 — um carro de combate voador que nenhum tipo de armamento foi capaz ainda de derrubar no Afeganistão.

Helicópteros militares, que assim apareceram originariamente como arma contra a China, na realidade fizeram sua primeira intervenção com as Forças Armadas Soviéticas na Europa Oriental. Isso se deu porque a situação chinesa melhorou; a das fronteiras com o Ocidente jamais pode melhorar.

Quanto à sua organização, as tropas de assalto aeromóveis consistem de brigadas às ordens dos comandantes de frentes. Cada brigada compõe-se de um regimento de helicópteros de assalto (64 aeronaves), um esquadrão de helicópteros de transporte pesado MI-26 e três batalhões de fuzileiros aeromóveis.

A brigada de assalto aeromóvel é empenhada na direção do ataque principal de uma frente, em conjugação com um exército de carros de combate e sob a cobertura aérea de um exército aéreo.

Somada a esta brigada, uma frente dispõe ainda de outras unidades de assalto aeromóveis não integradas em seu efetivo próprio. Cada exército abrange um regimento de helicópteros de transporte, utilizado para estabelecer uma ponte aérea para unidades comuns de fuzileiros motorizadas detrás das linhas inimigas. Em todo regimento de fuzileiros motorizado, um batalhão em cada três é treinado, em época de paz, para operar com helicópteros. Assim, cada divisão dispõe de três batalhões adestrados com essa finalidade, a cada exército, de 13 desses batalhões.

As tropas de assalto aeromóveis estão crescendo continuamente. Muito em breve, podemos esperar ver brigadas de assalto aeromóveis em cada exército, e divisões de assalto aeromóveis em cada frente.

Unidades Diversionárias (SPETSNAZ)

As unidades diversionárias, da mesma maneira, usam o uniforme das tropas paraquedistas, sem qualquer vínculo com elas. Ao contrário das unidades de assalto aeromóveis, elas são lançadas em paraquedas de bordo de aeronaves sobre a retaguarda inimiga. Entretanto, diferem das tropas paraquedistas por não possuírem equipamento pesado e agirem mais dissimuladamente.

Essas unidades SPETSNAZ constituem a tropa aeromóvel da Força Terrestre. São empregadas na retaguarda inimiga para levar a efeito reconhecimentos, assassinar importantes figuras políticas ou militares e destruir quartéis-generais, postos de comando, centros de comunicação e armas nucleares.

Cada exército de todas-as-armas ou de carros de combate possui uma companhia SPETSNAZ com um efetivo de 115 homens, dos quais nove são oficiais e 11 alferes. Esta companhia opera em áreas entre 100 e 500 quilômetros atrás da linha de frente do inimigo. Consiste de uma seção de comando, três pelotões diversionários e um pelotão de comunicações. Dependendo das missões a cumprir, os oficiais e praças da companhia dividem-se em até 15 grupos diversionários, mas durante uma operação podem atuar como unidade única, depois fragmentar-se em três ou quatro grupos, a seguir em 15 e depois novamente como uma unidade.

Comumente, as companhias SPETSNAZ são lançadas na noite da véspera do ataque de um exército, num momento em que os meios antiaéreos e outros do adversário estiverem sob pressão máxima. A partir daí, elas operam adiante das unidades de ataque do exército.

Cada frente tem uma brigada SPETSNAZ, composta de companhia de comando e três batalhões diversionários. Na paz, as companhias SPETSNAZ dos exércitos de uma frente são grupadas como um batalhão SPETSNAZ, o que explica por que às vezes se imagina existirem quatro batalhões em cada brigada diversionária. Em tempo de guerra, esse batalhão se dividirá em companhias que se juntarão aos respectivos exércitos.

Cada um dos três batalhões da frente atua na retaguarda do inimigo exatamente como fazem as companhias SPETSNAZ dos exércitos. Cada batalhão pode fragmentar-se em até 45 grupos diversionários, e os três reunidos, podem, por conseguinte, formar até 135 pequenos grupos. Caso se faça necessário, porém, uma brigada SPETSNAZ pode agir com efetivo completo, utilizando de 900 a 1.200 homens juntos contra um único objetivo. Este pode ser uma base de submarinos nucleares, um importante quartel-general ou até a capital de uma nação.

A companhia de comando de uma brigada SPETSNAZ é de particular interesse. Ao contrário dos batalhões SPETSNAZ e das companhias comuns do Exército, ela se compõe de especialistas—entre 70 e 80 deles. Esta companhia de comando faz parte da brigada SPETSNAZ, e mesmo muitos dos oficiais soviéticos mais modernos talvez não estejam a par de sua existência. Na paz, essa companhia de especialistas é ocultada no bojo das equipes desportivas do distrito militar. Pugilismo, luta livre, caratê, tiro ao alvo, corrida, esqui, salto de paraquedas—estes são os desportos que praticam. Como membros de equipes desportivas, viajam pelo estrangeiro, visitando locais em que matariam gente no caso de uma futura "libertação".

Estes desportistas/paraquedistas soviéticos, detentores da maior parte dos recordes desportivos mundiais, visitaram todas as capitais nacionais. Realizaram saltos de paraquedas próximo de Paris, Londres e Roma, nunca escondendo o fato de que a associação desportiva que os treinou foi o Exército Soviético. Quando Munique, Roma e Helsinque aplaudem atiradores, lutadores e pugilistas soviéticos, todos admitem que se trate de amadores. Mas não, eles são profissionais: matadores profissionais.

Afora estas pequenas companhias dentro das brigadas diversionárias das frentes, existem ainda os "regimentos de reconhecimento remoto" SPETSNAZ. O comandante-em-chefe de cada direção estratégica tem um desses regimentos. O melhor de tais regimentos acha-se aquartelado no Distrito Militar de Moscou. De vez em quando, esse regimento vai ao estrangeiro com efetivo completo. Nestas ocasiões, viaja sob o nome de Equipe Olímpica Combinada da URSS.

O KGB, tanto quanto o Exército Soviético, adestra seus especialistas diversionários. Em tempo de paz, a diferença entre os dois grupos é que o contingente do Exército Soviético sempre pertence ao Clube Desportivo Central do Exército, enquanto os do KGB são membros do Esporte Clube Dínamo. Em caso de guerra, as duas redes diversionárias operariam desligadas entre si, no interesse da confiabilidade e eficiência. Mas uma descrição da rede diversionária do KGB está fora de nosso setor.

[8]

Unidades de Áreas Fortificadas

Por muitas décadas, o problema da defesa não foi a primeira prioridade da União Soviética. Todos os seus recursos destinavam-se a fortalecer-lhe o poderio e capacidade ofensiva. Aí, contudo, a China começou a desafiá-la. É claro que ambos os líderes, chinês e soviético, sabiam que a Sibéria não poderia jamais proporcionar uma solução para os problemas territoriais da China. A Sibéria parece vasta no mapa, mas até o grande conquistador Gêngis- Khan que denota a Rússia, China e Irã, deixou de lado a Sibéria, que não passa de um deserto gélido. Tanto os políticos soviéticos quanto os chineses se dão conta — como seus opositores ocidentais — de que a solução dos problemas territoriais chineses reside na colonização da Austrália. Não obstante, a União Soviética toma providências para reforçar suas fronteiras, apesar de estar certa de que o Ocidente será a primeira vítima da China, como foi a primeira vítima de Hitler e dos estudantes iranianos.

A União Soviética sabe por experiência própria quão amante da paz pode-se tornar um país socialista quando sua economia — e, consequentemente, seu Exército — enfraquece. Mas sabe também o que pode ser alcançado por um país cuja economia inteira foi estatizada — um país onde tudo de valor pertence exclusivamente ao governo e no qual todos os recursos, por conseguinte, podem ser concentrados para consecução de um único objetivo. Sabendo isso, os comunistas soviéticos preparam- se para qualquer possível contingência eventual.

Em 1969, o problema de defender a fronteira de sete mil quilômetros com a China ficou particularmente agudo. O cálculo em jogo era elementar: uma divisão pode sustentar um setor de 10 ou, no máximo, 15 quilômetros de fronteira. Quantas divisões seriam precisas para defender sete mil quilômetros?

Já que não havia possibilidade de empregar os métodos antigos de conduta das operações, novos métodos (novas soluções) foram encontrados. Já sabemos que um dos mais importantes foi a formação das tropas de assalto aeromóveis. Um segundo foi a introdução de uma outra Arma — as "unidades de áreas fortificadas". Isto constituiu um retomo à idéia secular de construir fortalezas.

As atuais fortalezas soviéticas — as "áreas fortificadas" — são ou completamente novas ou estabelecidas em regiões onde havia defesas antigas, construídas antes da Segunda Guerra Mundial, que suportaram reiterados ataques do Exército Japonês.

As modernas áreas fortificadas, está claro, são feitas de modo a sobreviver a um ataque nuclear. Todas as fortificações foram reforçadas contra ataques nucleares e incorporam sistemas automáticos de detecção de gás venenoso e usinas de filtragem do ar.

Hoje em dia, as velhas estruturas de concreto armado nunca são utilizadas para fins operacionais. Em vez disso, elas servem para postos de comando, armazéns, alojamentos, pontos de reunião, centros de comunicações e hospitais, tudo subterrâneo. Todas as estruturas operacionais são recém-construídas. Ai a União Soviética encontra-se em situação bem favorável, visto haver conservado dezenas de milhares de carros de combate antigos. Estes acham-se agora instalados em abrigos de concreto armado, de sorte a apenas as torres sobressaírem do solo. Estas, por seu turno, foram reforçadas com placas de couraça suplementares, amiúde retiradas de navios de guerra obsoletos. Às vezes os topos das torres são cobertos com um escudo adicional feito com trilhos de antigas ferrovias; o conjunto é, a seguir, camuflado. Sob a carcaça do cano existe um depósito para centenas de granadas e um abrigo de pessoal, ambos em concreto armado. Esse aglomerado constitui excelente posição de tiro, com um possante canhão de carro

(frequentemente de 122mm), duas metralhadoras, um esplêndido sistema ótico, proteção confiável contra o sopro de artefatos nucleares e um cabo subterrâneo ligando ao posto de comando. Com tais meios, dois ou três soldados podem defender vários quilômetros da fronteira. Como essas torres se cobrem reciprocamente, e além delas as áreas fortificadas possuem milhares de torres de canhão retiradas de navios de guerra antiquados, algumas das quais dispondo de armas de tiro rápido de 30mm com seis canos, de uma eficácia sem paralelo contra infantaria e aeronaves, é claro que seria extremamente árduo romper tal linha de defesa. A União Soviética tem amargas lembranças da maneira pela qual a pequena Finlândia foi capaz de deter o avanço soviético, desta maneira, em 1940.

Cada área fortificada é montada com bastante espaçamento, a fim de incrementar sua capacidade de resistir aos efeitos das armas nucleares, e é guarnecida por cinco a seis batalhões de soldados, um batalhão de carros de combate e um regimento de artilharia, sendo capaz de cobrir um setor de fronteira de 30 a 50 quilômetros, ou mesmo mais. É claro que não é possível fortificar a fronteira toda desta maneira, e áreas fortificadas são instaladas nos setores mais ameaçados, sendo o território interveniente coberto por minas nucleares e químicas e por unidades de assalto aeromóveis, localizadas em bases protegidas pelas áreas fortificadas. Esse dispositivo todo já habilitou a União Soviética a estabelecer um sistema defensivo cobrindo enormes extensões de território, sem ter de deslocar uma única das divisões designadas para libertar a Europa Ocidental da opressão capitalista.

A Força Aérea

[1]

A Força Aérea é a quarta mais importante componente das Forças Armadas. Há duas razões para esta classificação baixa.

Primeiramente, o Comandante-em-Chefe da Força Aérea não controla todas as aeronaves. As da Força da Defesa Aérea — as mais velozes — são completamente independentes da Força Aérea. As da Marinha, que incluem os mais modernos bombardeiros, também não têm vínculo com a Força Aérea. As tropas de assalto aeromóveis, como parte integrante da Força Terrestre, nada têm a ver tampouco com a Força Aérea.

Em segundo lugar, ao contrário dos Comandantes-em-Chefe da Força de Foguetes Estratégicos e da Força da Defesa Aérea, o Comandante-em-Chefe da Força Aérea não é um comandante operacional, mas apenas um administrador.

Subordinados ao Comandante-em-Chefe da Força Aérea, na paz, existem:

• Dezesseis exércitos aéreos

• Comando da Força Aérea de Longo Alcance (ou Estratégica)

• Comando da Aviação de Transporte Militar

• Duas academias militares, escolas de formação de oficiais, estabelecimentos de pesquisa científica, centros de provas, escalões administrativo e de suprimentos.

O efetivo total da Força Aérea é de meio milhão de homens e 10 mil aviões e helicópteros militares, em tempo de paz. Contudo, o poder aparente desse Comandante-em Chefe da Força Aérea é ilusório. Ele

é responsável por todos os assuntos relativos ao funcionamento da Força Aérea, desde o desenvolvimento de novas aeronaves até a dotação de rações para cães de guarda, do treinamento de cosmonautas à divulgação da experiência adquirida no Vietnam, mas não está envolvido de forma alguma em questões atinentes ao emprego operacional das aeronaves sob seu comando. Isto significa que ele não é um marechal operacional, porém um oficial administrador, a despeito do elevado posto hierárquico.

Em tempo de guerra, todos os 16 exércitos aéreos passam a integrar as frentes. Cada frente tem em seu quadro de efetivo um exército aéreo, que emprega quando julga necessário. Só os mais elevados comandantes operacionais — o comandante-em-chefe de uma direção estratégica ou o Comandante Supremo — podem interferir nos problemas de planejamento operacional de uma frente (inclusive os do exército aéreo a ela pertencente). O Comandante-em-Chefe da Força Aérea só pode aconselhar o Comandante Supremo se sua opinião for solicitada; do contrário, sua missão é garantir que os exércitos aéreos recebam todos os suprimentos de que carecem para se desincumbir das operações.

Tampouco a Força Aérea de Longo Alcance é controlada operacionalmente pelo Comandante-em-Chefe da Força Aérea. Ela é exclusivamente subordinada ao Comandante Supremo, que pode lançar mão de sua totalidade ou alocar parte dela, temporariamente, aos comandantes-em-chefe de direções estratégicas.

O mesmo sistema é aplicável à Aviação de Transporte Militar, inteiramente dependente do Comandante Supremo.

Quando o controle dessas forças é assim retirado do Comandante-em-Chefe da Força Aérea, restam-lhe apenas academias militares, escolas de formação, centros de pesquisas, escalões administrativos, hospitais e depósitos de suprimento. Ele abastece as unidades operacionais com reforços em pessoal e equipamento, supervisiona o suprimento de munições, combustíveis e sobressalentes, investiga razões de desastres e efetua uma série de outros misteres úteis, mas não dirige operações.

Mesmo em tempo de paz, o âmbito de suas responsabilidades é

assim limitado. Seus exércitos aéreos são desdobrados em distritos militares e empregados segundo os planos dos respectivos estados-maiores. O Estado-Maior Combinado decide como a Força Aérea de Longo Alcance e a Aviação de Transporte Militar deverão ser empregadas.

Durante a paz, há 16 exércitos aéreos. Em tempo de guerra, haverá bem mais, pois alguns deles serão divididos em dois. Um exército aéreo tem uma organização rigorosamente determinada. Consiste de:

• Três divisões de caça

• Duas divisões de caça-bombardeiro

• Uma divisão de bombardeio

• Um regimento de aviões de caça e reconhecimento

• Um regimento de aviões de bombardeio e reconhecimento

• Um ou dois regimentos de aeronaves de transporte leve

Unidades de caça, caça-reconhecimento e caça-bombardeiro têm o mesmo modelo organizacional: uma esquadrilha tem quatro aviões; um esquadrão, 12 (três esquadrilhas); um regimento, 40 (três esquadrões e uma esquadrilha de comando); uma divisão, 124 (três regimentos e uma esquadrilha de comando).

Unidades de bombardeio e de bombardeio-reconhecimento, da mesma forma, são organizadas identicamente: uma esquadrilha tem três aviões; um esquadrão, nove (três esquadrilhas); um regimento, 30 (três esquadrões e uma esquadrilha de comando); uma divisão, 93 (três regimentos e uma esquadrilha de comando).

Ao todo, um exército aéreo possui 786 aviões de combate e entre 40 e 80 aeronaves de transporte leve. Nos regimentos de caça, caça-bombardeiro e bombardeio de suas divisões, o primeiro esquadrão inclui os melhores pilotos, bombardeadores e equipagens de voo. É uma grande honra servir em um esquadrão desses. O segundo esquadrão é treinado em tarefas de reconhecimento a par de suas funções primordiais. Se necessário, o comandante de um exército

aéreo pode pôr no ar, além de dois regimentos de reconhecimento (70 aviões), 18 esquadrões do que se pode chamar equipagens "amadoras" de reconhecimento (207 aviões). Cada terceiro esquadrão é composto de equipagens modernas. Após alguns anos de serviço neste terceiro esquadrão, o comandante do regimento decide quem deverá entrar para a lista dos "ases" no primeiro esquadrão, quem irá para o segundo, para trabalho de reconhecimento, e quem permanecerá no terceiro, entre os noviços. As melhores equipagens do segundo esquadrão vão para os regimentos de reconhecimento, onde passam a profissionais em vez de amadores.

[2]

Tudo isso está muito bem, poderá dizer o leitor bem informado, mas no 37 Exército Aéreo, estacionado na Polônia, há duas em vez de seis divisões, enquanto o 16 Exército Aéreo, na Alemanha Oriental, tem oito divisões. Além do mais, nenhum dos dois possui um regimento de aviões de transporte leve, mas possuem regimentos de helicópteros. Que significa isto?

É bem simples. Em tempo de guerra, seria constituída uma frente na Polônia. Incluiria um exército aéreo. O QG do Exército e suas divisões soviéticas já se encontram lá. No caso de guerra, o efetivo seria completado com divisões da Força Aérea Polonesa. Em tempo de paz, esta teria permissão de se crer independente.

Na Alemanha Oriental, duas frentes seriam criadas e o 16 Exército Aéreo seria, por conseguinte, partido em dois (isto já é feito por ocasião de manobras). Cada exército conteria quatro divisões soviéticas, sendo o efetivo completado por divisões da Força Aérea Alemã Oriental. Durante a paz, os dois exércitos são agrupados para unificar o controle de todo o tráfego aéreo no espaço aéreo da Alemanha Oriental e também a fim de ocultar a existência de duas frentes.

Em tempo de guerra, cada divisão de fuzileiros motorizada e divisão de carros de combate soviética disporá de quatro helicópteros e o exército de todas-as-armas ou de carros de combate terá 12. Na paz,

é melhor conservá-los reunidos, o que reduz problemas de suprimento e de instrução. Por isso é que existem regimentos de helicópteros nos exércitos aéreos. Na deflagração da guerra, contudo, os helicópteros rumariam para as respectivas divisões ou exércitos, de fuzileiros ou de carros de combate. Os comandantes dos regimentos de helicópteros seriam assim deixados sem o que fazer. Nessa altura, lhes seriam mandados aviões de transporte leve oriundos da aviação civil. Os pilotos destes seriam apenas semimilitarizados mas com grande experiência; os comandantes já são militares. Em tempo de guerra, esses regimentos seriam empregados para lançar as unidades diversionárias da frente e dos exércitos por trás das linhas inimigas. Para pilotos civis experientes, esta não é uma tarefa particularmente difícil, e estariam pilotando os aviões que pilotam em tempo de paz.

[3]

A Força Aérea de Longo Alcance (FALA) compõe-se de três corpos de exército, cada um com três divisões. Algumas fontes ocidentais referem-se erroneamente a estes corpos como sendo exércitos.

Cada divisão da FALA tem aproximadamente 100 aviões de combate e um corpo consiste, em média, de 300 bombardeiros estratégicos, aptos a levar mísseis ar-terra.

O Comandante da FALA é subordinado ao Comandante-em- Chefe da Força Aérea somente para fins administrativos. Operacionalmente, é subordinado unicamente ao Comandante Supremo.

Há três direções estratégicas. Também há três corpos de exército da FALA, desdobrados de molde a cada direção estratégica poder ter acesso a um corpo. Durante operações de combate, um corpo da FALA pode ser temporariamente subordinado ao comandante-em-chefe de uma direção estratégica ou desincumbir- se de operações em apoio dela, malgrado permanecendo sob o comando do Comandante Supremo.

Entretanto, os marechais soviéticos não planejariam realizar

operações simultaneamente em todos os setores, mas concentrariam esforços em um de cada vez. É portanto viável que em tempo de guerra todos os 900 bombardeiros sejam concentrados contra um só oponente.

[4]

Aviação de Transporte Militar

A Força da Aviação de Transporte Militar (ATM) consiste de seis divisões e diversos regimentos independentes. Ela tem cerca de 800 transportes pesados e aviões de transporte de tropa. Sua missão principal é desembarcar tropas na retaguarda inimiga.

Como a FALA, a ATM é subordinada ao Comandante-em-Chefe da Força Aérea apenas para fins administrativos. Operacionalmente, ela se acha vinculada ao Comandante Supremo e só pode ser empregada segundo as ordens deste, de acordo com os planos do Estado-Maior Combinado.

A ATM tem uma organização de reserva vastíssima — a Aeroflot, a maior empresa aérea comercial do mundo. Mesmo durante a paz o diretor geral da Aeroflot tem o posto de “Marechal da Força Aérea” e a função de “Subcomandante-em- Chefe da Força Aérea”. Organicamente, mesmo em tempo de paz, a Aeroflot é formada por esquadrões, regimentos e divisões, e todos os seus tripulantes têm postos como oficiais da Reserva. Em tempo de guerra, os aviões pesados da Aeroflot automaticamente fariam parte da ATM, enquanto os aviões leves formariam regimentos de transporte para os exércitos aéreos das frentes. Ainda durante a paz, os helicópteros da Aeroflot são pintados de verde-claro, como o seriam nas divisões de um exército operacional.

Por Que o Ocidente Considera o Almirante Gorshkov um Homem Forte?

[1]

Dentre as cinco forças armadas, a Marinha de Guerra coloca-se em quinto e último lugar em ordem de importância. Isso por certo não significa que a Marinha seja fraca — simplesmente que as demais forças são mais fortes.

No total, a Marinha Soviética tem quatro esquadras: Norte, Pacífico, Báltico e Mar Negro — em ordem decrescente.

Cada uma delas possui seis Armas:

• Submarinos

• Aviação Naval

• Navios de superfície

• Unidades navais diversionárias SPETSNAZ

• Unidades de Foguetes e Artilharia de Costa

• Infantaria de Marinha

As duas primeiras destas são consideradas as Armas primordiais da Força Naval; as restantes, inclusive navios de superfície, são vistas como forças auxiliares.

O Comandante-em-Chefe da Marinha ocupa uma função exclusivamente administrativa, uma vez que a Esquadra do Norte é subordinada, para fins operacionais, à Stavka, e as outras três, ao comandante-em-chefe da respectiva direção estratégica. A par de sua função administrativa, entretanto, o Comandante-em- Chefe da

Marinha é o principal consultor da Stavka quanto ao emprego operacional da Armada. Em certas situações, mediante ordens da Stavka, pode dirigir grupos de navios operando em mar aberto. Ele não tem, contudo, uma função independente de planejamento operacional; esta é uma responsabilidade inteiramente do Estado-Maior Combinado.

[2]

O poderio naval soviético baseia-se em submarinos. Estes acham- se divididos por função em submarinos empregados para:

• comando

• foguetes balísticos

• mísseis de cruzeiro

• torpedos

Ademais, eles são classificados, segundo o método de propulsão, em nucleares e diesel-elétricos. A construção de submarinos diesel-elétricos (exceto no que se refere a alguns com finalidades diversionárias ou de reconhecimento) foi suspensa. Doravante, todos os submarinos soviéticos terão propulsão nuclear.

Os submarinos nucleares são grupados em divisões, cada uma das quais com oito a 12. Todos os submarinos de uma divisão têm o mesmo tipo de armamento. Uma flotilha consiste de quatro a cinco divisões. Têm composição mista e podem consistir de 35 a 64 submarinos nucleares com funções variáveis.

Os submarinos diesel-elétricos são organizados em brigadas de oito a 16 cada. Elas podem agrupar-se em divisões (duas a três brigadas) ou esquadrões (quatro a seis brigadas).

[3]

Cada esquadra possui um componente de aviação naval designado, por exemplo, como “Aviação Naval da Esquadra do Norte”. Cada um desses componentes é constituído de divisões aéreas e de regimentos independentes, e é equivalente a um exército aéreo. A aviação naval de cada esquadra normalmente abrange uma divisão armada com foguetes superfície-ar de longo alcance, para operação contra navios-aeródromos inimigos, uma ou duas divisões de aviões anti-submarinos de longo alcance e regimentos independentes com hidroaviões anti-submarinos, torpedeiros-bombardeiros, aviões de reconhecimento e de suprimento e transporte. Nestes últimos anos, foram formados regimentos de aviões que pousam no convés e helicópteros.

[4]

A Armada Soviética deve ser a única do mundo onde um cruzador de propulsão nuclear, armado com mísseis, é relegado a uma categoria secundária. De fato, todo navio de superfície soviético, quer seja encouraçado ou cruzador com mísseis, figura como auxiliar (a exceção é o navio-aeródromo, que é considerado parte da força aérea naval). Talvez isto esteja certo: em uma guerra global, submarinos e aviões desempenhariam os papéis principais. Todas as outras forças trabalhariam em seu apoio. E, não importa quanto possa crescer o número de navios de superfície soviéticos, os submarinos sempre os superarão em quantidade. Além disso, recentemente houve uma tendência perceptível para um aumento do deslocamento dos submarinos e é bem possível que acabem ultrapassando os navios de superfície também em tonelagem, e mantenham permanentemente sua superioridade.

Os navios de superfície soviética organizam-se em grupos (de pequenos navios apenas), brigadas (navios de porte médio e grupos de outros menores), divisões e esquadrões.

Nestes próximos poucos anos, a Marinha Soviética será ampliada com a aquisição de uma série de cruzadores lança- mísseis, com propulsão nuclear. Vem-se trabalhando intensamente para projetar e construir grandes navios aeródromos com propulsão nuclear. Navios como o Moskva e o Kiev foram construídos somente para

adquirir-se a experiência indispensável à construção de navios realmente grandes. Será prestada atenção especial à construção de grandes navios de desembarque de tropa, aptos a ter elevada autonomia. A construção de pequenos navios de superfície prosseguirá. A despeito do enorme progresso realizado na construção de navios de superfície, porém, estes continuarão a ser classificados como “unidades auxiliares”.

[5]

A presença de unidades diversionárias SPETSNAZ na Armada Soviética é um segredo estritamente guardado. Apesar disso, eles existem e de há muito. Já pelo fim da década de 50, cada esquadra possuía sua própria brigada diversionária SPETSNAZ, sob ordens diretas do III Departamento da Diretoria de Informação do Quartel-General Naval.

Uma brigada diversionária tem uma divisão de minissubmarinos, dois ou três batalhões de homens-rãs, um batalhão de paraquedistas e uma companhia de comunicações. Isso constitui uma unidade combatente de todo independente, bem como, dentro da esquadra, uma Arma independente. Para fins de disfarce, seus membros às vezes trajam o uniforme da Infantaria de Marinha. Em outras circunstâncias, podem usar outro tipo qualquer de uniforme, ainda para dissimulação. Os paraquedistas usam o uniforme da Aviação Naval; os tripulantes dos minissubmarinos, é claro, o de tripulantes de submarinos comuns; o restante, uniformes do pessoal embarcado, das Unidades de Artilharia de Costa etc.

Uma vez mais visando a despistar, o pessoal de uma brigada diversionária é dispersado entre várias bases navais. Isso não a impede de agir como uma organização de combate unificada. Em tempo de guerra, essas brigadas poderão ser lançadas contra instalações navais adversárias, em primeiro lugar contra bases de submarinos nucleares. Grupos de tropas diversionárias podem operar partindo de navios de superfície ou de submarinos, ou ser desembarcados de aeronaves. Acresce que, em tempo de guerra, uma unidade de grandes traineiras de pesca poderia ser mobilizada a fim de lançar e apoiar operações de minissubmarinos. O

compartimento estanque dessas traineiras, destinado a abrigar grandes quantidades de pescado, é ideal para o lançamento ou recolhimento rápido dos minissubmarinos e pequenas embarcações diversionárias.

As brigadas diversionárias SPETSNAZ da Armada, como as que prestam serviço às frentes, possuem, integrando seu efetivo, uma companhia de comando composta de especialistas, cuja missão primordial é o assassinato dos chefes políticos e militares. Tais companhias são disfarçadas em equipes desportivas navais. Estes "desportistas", naturalmente, são bons em remo, natação e caça submarina tanto quanto em tiro ao alvo, pugilismo, luta livre, corrida e caratê.

Como exemplo bastante conhecido podemos citar o Primeiro-Tenente Valentin Yerikalin, da brigada SPETSNAZ da Esquadra do Mar Negro, que ganhou uma medalha de prata remando nas Olimpíadas da Cidade do México. Não houve qualquer tentativa de ocultar o fato de Yerikalin ser oficial de Marinha e membro do Clube Desportivo Central do Exército. Alguns anos depois, esse "desportista" surgiu em Istambul, agora convertido em diplomata. Foi preso pela polícia turca por tentar aliciar um cidadão turco para trabalhar pela Esquadra do Mar Negro, ou, mais exatamente, pela brigada diversionária dessa esquadra.

[6]

As Unidades de Foguetes e Artilharia de Costa da Marinha consistem de regimentos assim como de grupos independentes. São equipadas com lança-foguetes, tanto fixos quanto móveis, e armamento de artilharia. Sua missão é cobrir os acessos aos principais portos e bases navais.

[7]

Cada esquadra tem seus contingentes de Infantaria de Marinha, consistindo de regimentos e brigadas. Em sua organização, esses

regimentos são análogos aos regimentos de fuzileiros motorizados da Força Terrestre. Diferem deles pelo fato de receberem instrução especial para operar em condições variáveis e também por lhes ser atribuído pessoal de melhor quilate. Generais da Força Terrestre que assistiram a exercícios da Infantaria de Marinha amiúde dizem, com certa inveja, que um regimento de Infantaria de Marinha, com o mesmo equipamento distribuído à Força Terrestre, é equivalente em potencial operacional a uma das divisões de fuzileiros motorizadas desta última.

A Marinha Soviética só tem uma brigada de Infantaria de Marinha. Ela pertence à Esquadra do Pacífico. Consiste de dois batalhões de carros de combate e cinco de fuzileiros motorizados e é equipada com artilharia especialmente pesada. Esta brigada é às vezes erroneamente tomada como sendo dois regimentos independentes de Infantaria de Marinha.

A Infantaria de Marinha soviética tem futuro bastante promissor. Nestes próximos anos, receberá novos tipos de equipamento que lhe possibilitarão colocar grandes unidades em ação contra objetivos longínquos. Equipamento de combate especial está sendo criado para tais operações.

[8]

Em nossa apreciação da Marinha soviética precisamos manter em mente um mito que merece amplo crédito no Ocidente: “A Marinha soviética foi fraca até que um homem forte, Gorshkov, apareceu e elevou-a de forma adequada.” Esta suposição é inverídica sob vários aspectos.

Até a Segunda Guerra Mundial, a expansão soviética do comunismo foi dirigida contra Estados adjacentes à URSS; Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Alemanha, Romênia, Turquia, Irã, Afeganistão, Mongólia, China. Compreensivelmente, nesta situação os oficiais mais graduados da Marinha pouca influência exerciam, pois ninguém lhes permitia fortalecer a Armada à custa das Forças Terrestre ou Aérea. Para a URSS, a Segunda Guerra Mundial foi uma guerra terrestre, e durante os primeiros anos depois dela a

agressão comunista, igualmente, permaneceu inteiramente baseada em terra: Tchecoslováquia, Romênia, Hungria, Turquia, Grécia, Coréia, China. Se Gorshkov aparecesse durante esse período, ninguém lhe teria permitido tomar-se todo-poderoso. Durante os primeiros anos logo após a guerra também houve um outro problema de urgência avassaladora — o de alcançar os Estados Unidos nos campos de armamento nuclear e de sistemas de utilização deste. Até ser solucionado esse desafio, não podia haver meios de permitir a Gorshkov construir uma armada.

A situação alterou-se radicalmente no final da década de 50.

No mundo inteiro, a agressão comunista esbarrava na oposição de uma muralha de estados aglutinados em blocos militares. A essa altura, a aquisição de uma Marinha de Guerra tomou-se necessária para a campanha de agressão poder prosseguir. A expansão continuava no além-mar e através dos oceanos — na Indonésia, Vietnam, Laos, África, Cuba e América do Sul. Nessas condições, ainda que o Comandante-em-Chefe da Marinha não tivesse querido expandir suas esquadras, teria sido obrigado a fazê-lo. Até a guerra, a principal ameaça à URSS viera de potências continentais, ou seja, da Alemanha e França, e da Manchúria ocupada pelos japoneses. Após a guerra, os Estados Unidos tomaram-se o inimigo principal. Naturalmente, qualquer pessoa no lugar de Gorshkov teria recebido bilhões de rublos a mais para aplicar na luta contra os Estados Unidos. No início dos anos 60, ficou provado que um submarino nuclear proporcionava excelente plataforma para foguetes. Foi dado início à sua produção. É claro que não estariam ao dispor de Gorshkov, mas foi-lhe dada luz verde para desenvolver forças navais convencionais com que os proteger.

Um aspecto final. O Politburo deu-se conta bem claramente, cedo e sem ajuda de Gorshkov, de que as grandes potências marítimas, Grã-Bretanha, Estados Unidos e Japão, tomariam o lugar da Alemanha e da França como principais inimigos da União Soviética. Foi por esta razão que em julho de 1938 o Politburo adotou uma resolução: “Sobre a Construção de uma Esquadra para Navegação Oceânica.” (Nessa época, Gorshkov era apenas comandante de um contratorpedeiro.) Segundo tal resolução, foi dada a partida com a construção de porta-aviões como o Krasnoye Znamya, gigantescos

encouraçados como o Sovetskiy Soyuz e cruzadores como o Shapayev.

A Alemanha entrou na Segunda Guerra Mundial com 57 submarinos, a Grã-Bretanha com 58, o Japão com 56 e os Estados Unidos com 99. Conforme seus próprios dados, a União Soviética tinha 212 quando foi para a guerra, apesar de engenheiros norte-americanos que construíram esses submarinos estimarem que ela possuía 253. A Armada Soviética tinha 2.824 aviões em 1941; a artilharia de costa, 260 baterias, incluindo alguns canhões de 460mm. Tudo isso foi antes de Gorshkov. A guerra deu uma freada no programa de construção naval e, após seu término, a construção de todos os grandes navios programada antes da guerra foi interrompida, visto se haverem tornados obsoletos.

Entretanto, o Politburo compreendeu a necessidade de uma armada apta a navegar os oceanos, e um novo programa de construção de navios, do qual se podem ver hoje os resultados, foi aprovado em setembro de 1955. Este programa antecedeu a Gorshkov. Ele foi simplesmente autorizado a levar avante um programa que fora aprovado antes de seu tempo.

Não há dúvida de que Gorshkov é um almirante com força de vontade e resoluto, mas isso pouco conta na URSS. A nenhum almirante seria permitido advogar esta ou aquela medida, se o Politburo divergisse dele.

Finalmente, não importa quão poderoso o Ocidente possa considerar Gorshkov, perdura o fato de que a Marinha se classifica em quinto lugar entre as cinco forças que compõem as Forças Armadas Soviéticas.

A Força Paraquedista

[1]

A Força Paraquedista não se enquadra entre as forças armadas singulares, sendo apenas uma Arma. Entretanto, trata-se de uma Arma independente, pois não pertence a nenhuma das forças singulares. Durante a paz, fica ligada diretamente ao Ministro da Defesa, e na guerra ao Comandante Supremo.

Existem atualmente 13 organizações no mundo às quais se pode denominar “divisões paraquedistas”. Os Estados Unidos, Alemanha Ocidental, França, China e Polônia possuem uma cada um. As restantes oito pertencem à União Soviética.

As divisões paraquedistas são dirigidas, para fins administrativos e operacionais, por um comandante. Seu cargo é de importância ímpar. Conquanto comande somente oito divisões, tem o posto de general-de-exército, o mesmo do Comandante-em- Chefe da Força Terrestre, o qual tem 170 divisões sob suas ordens.

Em tempo de paz, todas as divisões paraquedistas estão com efetivo completo de tempo de guerra e com o pessoal da melhor qualidade possível. A Força Paraquedista tem direito a selecionar primeiro o pessoal disponível, antes mesmo da Força de Foguetes e dos destacamentos de submarinos da Marinha.

As tropas paraquedistas podem atuar sob o controle dos comandantes-em-chefe das divisões estratégicas em grupos de uma a três divisões, ou podem operar separadamente.

Se de uma a três divisões devem ser empregadas para um lançamento em determinado setor, suas operações são coordenadas por um grupo de comando de corpo de exército paraquedista criado temporariamente com tal finalidade. Um dos subcomandantes da Força Paraquedista comanda esse corpo de exército. Se devem ser empregadas quatro ou cinco divisões é constituído um grupo de comando temporário de exército paraquedista. Este pode ser

chefiado pelo próprio Comandante da Força Paraquedista ou por um de seus subcomandantes.

O efetivo completo da Aviação de Transporte Militar da Força Aérea é controlado pelo Comandante da Força Paraquedista no decurso de uma operação de assalto aeroterrestre.

Cada divisão paraquedista consiste de:

• Três regimentos paraquedistas

• Um batalhão de reconhecimento (16 viaturas blindadas de reconhecimento)

• Um grupo de artilharia autopropulsado (32 canhões de assalto aeroterrestre)

• Um grupo anticarro (18 canhões de 85mm)

• Um grupo de obuses (18 obuses de 122mm)

• Um grupo de lança-foguetes múltiplos (18 do tipo BM-27-D)

• Um grupo de artilharia antiaérea (32 do tipo ZSU-23-4)

• Um batalhão de comunicações

• Um batalhão de transporte motorizado

• Um batalhão de armazenamento e empacotamento para lançamento pesado

• Uma companhia de guerra química

• Uma companhia de engenharia

Um regimento paraquedista tem três batalhões e mais várias baterias de artilharia de campanha, antiaérea, anticarro e de morteiros, todas autopropulsadas.

Todos os batalhões de um dos regimentos divisionários são equipados com transportes de pessoal blindados BMD-1. Dois outros regimentos possuem um batalhão com BMD-1 e dois com viaturas

leves. Assim, dos nove batalhões paraquedistas em cada divisão, cinco têm viaturas blindadas de grande maleabilidade e considerável potência de fogo, e os demais têm viaturas leves. Ao todo, uma divisão paraquedista possui 180 transportes de pessoal blindados, 62 canhões autopropulsados, 18 lança-foguetes múltiplos, 36 obuses, 45 morteiros, 54 canhões antiaéreos, mais de 200 lança-foguetes antiaéreos e mais de 300 lança-foguetes anticarro. A divisão é totalmente motorizada, com mais de 1.500 viaturas. Seu efetivo de paz é, em média, de 7.200.homens.

Tem sido discutido, há bastante tempo, tanto no Estado-Maior Combinado soviético quanto no Comitê Central, a questão de transformar a Força Paraquedista em uma sexta força armada singular.

Contempla-se a possibilidade dessa força ter quatro ou cinco divisões paraquedistas, um grande contingente de aeronaves de transporte, diversas recém-criadas divisões de Infantaria de Marinha, unidades de navios de desembarque e vários navios-aeródromos com aeronaves de asa fixa e helicópteros.

A experiência demonstrou que a URSS não dispõe de suficientes forças equipadas e treinadas para uma intervenção em território separado dela por um oceano, e que está despreparada para um tal empreendimento. Há muitos exemplos: Cuba, Indonésia, África do Sul, Chile, América Central. Uma nova força armada do gênero acima descrito habilitaria a União Soviética a intervir eficazmente em regiões nessas condições.

À medida que se tomam mais agudas suas crises internas, a agressividade da URSS cresce. Por tal razão, afigura-se provável a criação, nos próximos anos, da sexta componente das Forças Armadas Soviéticas.

A Informação Militar e Seus Recursos

[1]

A Informação Militar soviética não é uma Força Armada nem tampouco uma Arma ou Serviço. Não tem uniforme próprio nem emblema ou símbolo de identificação. De mais a mais, não são necessárias essas coisas. A Informação se ocupa de serviços de apoio logístico, como os atinentes a ogivas nucleares, disfarce ou desinformação.

Todos estes serviços são secretos e não carecem de publicidade. Cada um adota a aparência da unidade onde se encontre, ficando indistinguível dela.

A Informação Militar soviética é uma organização gigantesca, que se desincumbe de uma vasta gama de encargos. Em números e técnica é aproximadamente do tamanho da Bundeswehr — a totalidade das Forças Armadas da República Federal da Alemanha.

Em ação, as decisões são tomadas pelos respectivos comandantes, indo desde os comandantes de seções (ou grupos de combate) até o Comandante Supremo. Os planos nos quais se baseiam tais decisões são preparados para o comandante por seu estado-maior. Ele, a seguir, os aprova ou rejeita e determina a preparação de outros. Todos os oficiais em função do comando, a partir do escalão de batalhão (ou grupo), têm seus estados- maiores. O chefe do estado-maior é tanto o principal assessor do comandante quanto seu imediato na cadeia de comando. Os estados-maiores variam em tamanho conforme a importância da unidade — um batalhão tem dois homens e o Estado-Maior Combinado dezenas de milhares. Apesar disso o trabalho de qualquer estado-maior obedece ao mesmo método.

O primeiro-oficial do estado-maior prepara planos de operações, o segundo proporciona-lhe informações de que precisa a respeito do

inimigo. O chefe do estado-maior coordena o trabalho desses dois, auxilia-os, verifica seu serviço, prepara um plano com a ajuda deles e apresenta-o ao comandante, que o aceita ou rejeita.

Em um estado-maior de batalhão, o chefe e o primeiro-oficial são a mesma pessoa. O estado-maior de um regimento consiste de um chefe de estado-maior, um primeiro-oficial e um segundo, este a cargo do trabalho de informação. Num estado-maior divisionário, os primeiro e segundo-oficial dispõem de seus grupos próprios. Um estado-maior de exército tem o primeiro e o segundo departamentos. O estado-maior de uma frente e de uma direção estratégica tem a Primeira e a Segunda Diretorias. O Estado- Maior Combinado tem a Primeira e a Segunda Diretorias Superiores.

Os estados-maiores também possuem outros departamentos, diretorias ou diretorias superiores, mas o trabalho do primeiro componente (Planejamento) e do segundo (Informação) forma a coluna vertebral de qualquer um.

Todo trabalho de informação (que abrange reconhecimento), a partir de batalhão até o ápice, fica, portanto, inteiramente nas mãos dos oficiais de estado-maior envolvidos e representa um dos mais importantes componentes do trabalho de estado-maior.

Os oficiais que atuam em trabalho de informação e reconhecimento podem ser divididos em “profissionais”, ou seja, aqueles cuja função básica é essa, e “amadores”, os empregados eventualmente nesse tipo do trabalho e para quem isso representa uma ocupação adicional e não a principal.

Os recursos de reconhecimento e informação de um batalhão não são consideráveis. Um batalhão de fuzileiros motorizado tem uma bateria de morteiros, com um pelotão de comando, na qual se insere uma seção de reconhecimento de artilharia. Esta seção trabalha para a bateria de morteiros, comunicando todos os resultados obtidos tanto para o comandante da bateria quanto para o segundo-oficial do estado-maior do batalhão, ou seja, o responsável por todo o serviço de reconhecimento no batalhão. É só isso. Todo o pessoal é “profissional”. Em um batalhão de carros, não existe a bateria de morteiros e, portanto, não há os “profissionais”. Mas há “amadores”. Em cada batalhão de fuzileiros motorizados ou

de carros de combate, a segunda companhia, além de desincumbir-se dos deveres normais, é treinada para operações de reconhecimento atrás das linhas inimigas. Durante uma ação, qualquer um dos pelotões da segunda companhia pode ser destacado para missões de reconhecimento do batalhão. Às vezes, a segunda companhia inteira pode ser destacada para levar a cabo reconhecimentos para o regimento.

[2]

O segundo-oficial do estado-maior de um regimento tem o título de "Oficial de Informação Regimental". É um major, e os recursos a seu dispor não são escassos.

Diretamente sob o comando dele há a companhia de reconhecimento do regimento, com quatro carros de combate, sete viaturas blindadas (BMP Korshun ou BRDM-3) e nove motocicletas.

Além disso, o regimento dispõe de um grupo de artilharia, baterias anticarro, antiaérea e de foguetes. Todas estas têm recursos suficientes para fazer face a suas próprias necessidades de reconhecimento e observação do tiro, e as informações que produzem são também remetidas ao comando do regimento.

O regimento tem ainda uma companhia de engenharia com um pelotão de reconhecimento e uma companhia de guerra química com um pelotão de reconhecimento de guerra química. As atividades de reconhecimento especializado destes pelotões beneficiam primordialmente a companhia de engenharia e a de guerra química, mas como estão engajadas em reconhecimento são controladas pelo Oficial de Informação Regimental (OIR).

Finalmente, este último está a cargo dos segundos-oficiais dos estados-maiores dos batalhões. Estes trabalham para seus batalhões, mas são subordinados ao OIR, que os controla plenamente. Durante operações de combate, mediante ordem do comandante do regimento, os "amadores" de qualquer dos batalhões podem ser subordinados ao OIR, a fim de trabalhar em proveito do regimento inteiro. Assim, aos "profissionais" da companhia de reconhecimento

do regimento podem juntar-se, a qualquer momento, uma segunda companhia de carros e as três segundas companhias dos batalhões de fuzileiros motorizados.

Em combate, as companhias de reconhecimento regimentais operam a até 50 quilômetros de distância. Tanto as companhias "profissionais" quanto as "amadoras" dispõem de viaturas BMP ou BRDM, a fim de executar trabalho orientado para guerra química, engenharia e artilharia. O fato de que essas viaturas estão sempre com subunidades exclusivamente de reconhecimento deu a idéia de fazerem parte integral de tais subunidades. Mas não é assim. O pelotão de reconhecimento de guerra química é tirado da companhia de guerra química; o pelotão de reconhecimento de engenharia, da companhia de engenharia, e assim sucessivamente. É fácil perceber que seria inútil e perigoso enviar desprotegidas subunidades especializadas de reconhecimento à retaguarda das linhas inimigas. Por esta razão, elas operam sempre com subunidades normais de reconhecimento de carros de combate e de fuzileiros, que as defendem e as comandam temporariamente.

Durante operações de reconhecimento, todas as subunidades de reconhecimento agem ostensivamente, mantendo-se afastadas das concentrações de tropas inimigas e sempre evitando contato. Operam para alcançar a surpresa, recorrendo a emboscadas para capturar prisioneiros e documentos e também efetuar observação do inimigo. Somente aceitam combate quando inesperadamente topam com o inimigo e não é viável evitar o contato ou escapar. Se entrarem em contato com inimigo em número superior, frequentemente se dispersarão, reunindo-se horas mais tarde em um ponto combinado a fim de retomar a missão

Há uma situação em que as subunidades de reconhecimento aceitarão combate, em quaisquer condições. Se encontrarem forças nucleares inimigas (lançadores de mísseis, artilharia nuclear, comboios ou depósitos de ogivas nucleares), comunicarão o fato de terem localizado o objetivo, suspenderão a missão de reconhecimento e lançarão um ataque de surpresa contra o inimigo, com todos os seus recursos, qualquer que seja o preço a pagar e não importando o valor das defesas inimigas.

Um oficial de informação divisionário — o segundo-oficial de um estado-maior de divisão — tem o posto de tenente-coronel, e dispõe de recursos bem consideráveis. Em primeiro lugar, estão a seu cargo todos os oficiais de informação regimental da divisão, com todos seus subordinados, tanto "profissionais" como "amadores". Ele supervisiona o reconhecimento e observação de artilharia, que em uma divisão atinge proporções apreciáveis. Também a seu cargo se encontram a companhia de reconhecimento do batalhão de sapadores e a companhia de reconhecimento do batalhão de defesa contra a guerra química. Ademais, exerce o controle pessoal sobre o batalhão de reconhecimento da divisão.

Para coordenar o trabalho de todos esses meios (mais de 1.000 "profissionais" e mais de 1.500 "amadores"), o oficial de informações da divisão tem um grupo de oficiais designado como "Segundo Grupo do Estado-Maior Divisionário".

O batalhão de reconhecimento divisionário compõe-se dos melhores soldados e oficiais da divisão — os mais competentes, mais robustos, de maior presença de espírito e engenhosidade. Possui quatro companhias e subunidades auxiliares.

A primeira destas, uma companhia de reconhecimento remoto, é a menor e mais preparada para o combate das 166 unidades da divisão. Tem um efetivo de 27 homens, dos quais seis são oficiais e todos os demais sargentos. Tem um comandante, um sargenteante e cinco grupos de reconhecimento remoto, cada um composto de um oficial e quatro sargentos. Estes grupos podem penetrar fundo na retaguarda das linhas inimigas. Podem ser desembarcados de helicópteros, de jipes ou de viaturas blindadas leves, após acompanhar de perto a tropa amiga e, em seguida, ultrapassando-a, deslocar-se para bem dentro da retaguarda inimiga. Esses grupos são empregados a fim de colher informes destinados à consecução de missões diversionárias e terroristas.

As segunda e terceira companhias de cada batalhão têm estrutura análoga à das companhias de reconhecimento regimentais e usam o mesmo equipamento e tática, mas, ao contrário delas, operam a distâncias de até 100 quilômetros à frente da linha de contato.

A quarta companhia é a companhia de “reconhecimento por rádio e radar”, ou seja, a companhia de informação de comunicações. Sua função é detectar e localizar transmissores, interceptar e decifrar mensagens e localizar, identificar e estudar os postos de radar inimigos. Durante a paz, a grande maioria dessas companhias já se encontra em bases operacionais. No Grupo de Forças Soviéticas na Alemanha, por exemplo, há 19 divisões de carros e de fuzileiros. Elas contém 19 batalhões de reconhecimento, cada um tendo uma companhia de informação de comunicações. Todas estas companhias foram deslocadas, em tempo de paz, para até a fronteira com a Alemanha Ocidental e trabalham a pleno vapor, 24 horas por dia, coletando e analisando qualquer sinal transmitido em sua área operacional. O mesmo sé aplica a todas as outras companhias similares das divisões estacionadas em território soviético e em todos os distritos militares da zona da fronteira. Em muitos casos, as companhias de informação de comunicações de divisões em distritos militares longe da fronteira têm sido deslocadas para distritos na fronteira e trabalham operacionalmente, suplementando e dobrando o serviço de outras companhias similares.

[4]

O segundo-oficial do estado-maior de um exército tem o posto de coronel. Para controlar o trabalho de reconhecimento do exército, ele possui o Segundo Departamento [Seção] do Estado-Maior do Exército. Por ter o exército tantos recursos de reconhecimento, que diferem tão amplamente entre si, esse departamento divide-se em quatro grupos [Subseções].

O primeiro grupo diz respeito à atividade de reconhecimento das divisões de fuzileiros motorizadas e de carros de combate e também das brigadas e regimentos independentes do exército.

Não existe segundo grupo nos departamentos de reconhecimento do exército.

O terceiro grupo interessa-se pelas operações diversionárias e terroristas. Sob seu controle acha-se uma companhia independente

SPETSNAZ, cuja organização e funções já foram abordadas.

O quarto grupo lida com o processamento de todos os informes recebidos.

O quinto grupo dirige o reconhecimento pelo rádio e radar. Controla dois batalhões de informação eletrônica. Também coordena as operações realizadas nesse setor pelas divisões subordinadas ao exército. Desnecessário dizer, todos os batalhões desse tipo estão funcionando em tempo de paz operacionalmente. Na Alemanha Oriental, por exemplo, há cinco exércitos soviéticos, isto é, 10 batalhões de informação eletrônica, que vigiam permanentemente o inimigo, além das 19 companhias que constam do efetivo das divisões desses exércitos.

[5]

Uma frente compõe-se de dois ou três exércitos de todas-as-armas, um exército de carros e um exército aéreo. Pertence-lhe uma vasta quantidade de recursos para reconhecimento — o suficiente para igualar os serviços de informação de um importante Estado europeu industrializado.

O segundo-oficial do estado-maior de uma frente é um major-general. Para controlar as atividades de reconhecimento e informação da frente, ele tem uma diretoria de reconhecimento (a Segunda Diretoria de Frente), com cinco departamentos.

O primeiro destes departamentos controla o trabalho de reconhecimento de todos os exércitos integrantes da frente, inclusive o efetuado pelo exército aéreo, de que já tratamos.

O segundo departamento cuida do trabalho de agentes, para o que mantém um Centro de Informação, funcionando em proveito dos exércitos que compõem a frente, já que eles não dirigem agentes, e três ou quatro postos avançados de informação. O Centro e os postos avançados-dão duro em tempo de paz, obtendo informes no território no qual a frente operária em tempo de guerra. O Exército Soviético possui um total de 16 distritos militares, quatro grupos de

forças e quatro esquadras. Cada um deles tem um estado-maior com uma Segunda Diretoria que, por sua vez, tem um Segundo Departamento. Há, pois, 24 destes departamentos; cada um constitui uma organização independente de informação que dirige agentes, é ativa em territórios de diversos países estrangeiros, agindo separadamente de quaisquer outros serviços semelhantes. Cada um deles tem quatro ou cinco organizações individuais dirigindo agentes e que buscam recrutar estrangeiros para trabalhar para a frente ou para seus exércitos de carros, esquadra, flotilha ou exército de todas-as-armas.

O terceiro departamento de cada uma destas 24 diretorias de reconhecimento tem a ver com atividades diversionárias e terroristas. O departamento supervisiona a atividade desse gênero nos exércitos da frente mas também possui seus próprios homens e equipamento. Tem uma brigada diversionária SPETSNAZ e uma rede de agentes diversionários SPETSNAZ de cidadãos estrangeiros, que foram recrutados para atuar em prol da frente na respectiva zona de operações em tempo de guerra. Assim, tanto na paz como em guerra o oficial encarregado do trabalho de reconhecimento e informação de uma frente ou esquadra tem duas redes secretas completamente estanques: uma, que coleta informes, controlada pelo Segundo Departamento da Diretoria, e outra, interessada em operações diversionárias e terroristas, vinculada ao Terceiro Departamento.

O Quarto Departamento coteja todo o material de reconhecimento e informação produzido.

O Quinto Departamento tem a ver com o trabalho de rádio e reconhecimento das divisões e exércitos, e também possui dois regimentos e um esquadrão de helicópteros dele próprio, os quais se encarregam igualmente de operações de informação de comunicações.

[6]

Uma direção estratégica é constituída por quatro frentes, uma esquadra e um grupo de exércitos de carros. Seu estado-maior

abarca uma “diretoria de reconhecimento”, chefiada por um; tenente-general. Já sabemos que ele tem à sua disposição um regimento de reconhecimento remoto diversionário SPETSNAZ, contendo ganhadores de medalhas olímpicas, a maioria dos quais são não apenas atletas profissionais como matadores profissionais. A Diretoria de Reconhecimento também se beneficia de toda uma coleção de diversas espécies de equipamento para reconhecimento e coleta de informes, uma das quais merece menção especial.

Trata-se da aeronave-foguete sem piloto Yastreb, arremessada por um lançador móvel e que realiza reconhecimento pelo rádio e fotográfico a alturas superiores a 30 quilômetros, voando a velocidades acima de 3.500 quilômetros por hora. Da Rússia Branca, o Yastreb efetuou reconhecimento fotográfico eficaz da Espanha, Grã-Bretanha e do litoral atlântico francês. Seu aparecimento, no princípio da década de 70, causou alarma no Quartel-General da OTAN. Ele foi erroneamente identificado como um MIG-25R. Após um MIG-25 ter aparecido no Japão, onde foi cuidadosamente examinado, os técnicos chegaram à conclusão de que essa aeronave tinha raio de ação insuficiente para sobrevoar a Europa Ocidental. Percebeu-se, então, que tinha havido um falso alarma, e, a fim de não provocar outro, a União Soviética suspendeu os voos do Yastreb em tempo de paz. Entretanto, ele continua a ser usado para sobrevoar a China, Ásia, África e os oceanos. Tendo a invulnerabilidade de um foguete e a precisão de um avião, o Yastreb poderia ser igualmente um excelente veículo para uma ogiva nuclear. Ao contrário dos foguetes, ele pode ser repetidamente usado.

[7]

O segundo-oficial do Estado-Maior Combinado tem o título de Chefe da Diretoria Superior de Informação (GRU). É um general-de-exército. Além de controlar os recursos de reconhecimento e informação a ele subordinados, tem sua própria rede incomparavelmente imensa de informação. A GRU trabalha para o Comandante Supremo. Ela faz espionagem em escala sem precedentes na História. Basta recordar que durante a Segunda Guerra Mundial a GRU conseguiu, com os próprios recursos,

penetrar o Estado-Maior Combinado alemão, partindo da Suíça, bem como roubar dos Estados Unidos segredos nucleares, além de, após a guerra, ter sido capaz de induzir a França a abandonar a OTÁN, isso tudo a par da execução de muitas operações de menor risco. Á atividade dos agentes da rede da GRU é dirigida pelas primeiras quatro Diretorias, cada uma das quais é chefiada por um tenente-general. O processamento de todos os informes chegados à GRU compete a uma organização enorme, grupada em seis Diretorias de Informações. Hoje em dia o Chefe da GRU dispõe de duas organizações de informação, separadas e de âmbito mundial, um número colossal de centros de informação eletrônica, unidades diversionárias com controle centralizado, e assim sucessivamente.

Entretanto, a Diretoria Superior de Informação do Estado-Maior Combinado é assunto que por si só exige um livro substancial.

[8]

Os estados-maiores são de diferentes tipos. O menor é o de um batalhão, o maior é o Estado-Maior Combinado. Cada um, porém, tem seus próprios recursos de reconhecimento e informação, tal como cada cérebro dispõe dos próprios olhos e ouvidos. Os estados-maiores superiores controlam os inferiores e a correspondente organização superior de informação dirige as que lhe estão subordinadas. Em todos os níveis, as organizações de reconhecimento e de informação atuam em proveito dos respectivos estados-maiores, mas se a informação conseguida for de interesse de um escalão superior ou inferior, será imediatamente passada adiante.

Eis um exemplo interessante dessa coordenação.

No verão de 1943, o Exército Vermelho preparava-se para deter a tremenda progressão alemã. Na saliência de Kursk, sete frentes soviéticas preparavam suas defesas.

A coordenação global das operações na direção estratégica estava nas mãos do Marechal G. K. Jukov. Nunca na história militar fora montado um sistema defensivo como aquele, em uma frente de mais

de mil quilômetros de extensão. A profundidade total dos obstáculos erguidos pela engenharia era de 250 a 300 quilômetros. Em média, foram assentadas sete mil minas anticarro e antipessoal por quilômetro de frente. Pela primeira vez, a densidade da artilharia anticarro alcançou 41 canhões por quilômetro. A par disso, foram trazidos canhões de campanha e antiaéreos para serem utilizados contra os blindados. Já era impossível romper uma frente daquelas. Não obstante, o Comando Alemão decidiu tentar fazê-lo. Porém, só foi capaz de reunir um milhão de homens para levar a cabo a operação, e não logrou obter a surpresa. Na noite de 5 de julho, um grupo de reconhecimento de um dos milhares de batalhões soviéticos capturou um anspeçada alemão que abria uma passagem através dos obstáculos de arame farpado. O batalhão soviético foi imediatamente posto em alerta e o segundo oficial de seu estado-maior decidiu comunicar ao oficial de informação do regimento o que sucedera. O regimento foi posto incontinenti alerta para o combate e a notícia da captura do anspeçada foi transmitida ao grupo de informação do estado-maior divisionário, sendo daí passada ao estado-maior do corpo, ao do 13 Exército, e então diretamente do quartel-general da Frente Central e em seguida ao da Direção Estratégica, o Marechal Jukov, chegando, por fim, à Diretoria Superior de Informação do Estado-Maior Combinado. Levou 27 minutos para a mensagem ir do estado-maior do batalhão até a Diretoria Superior de Informação. A notícia foi espantosa. Se o inimigo abria passagens através do arame farpado, tinha de estar preparando um ataque. Mas só uma vastíssima ofensiva poderia ser esperada contra um sistema defensivo de tamanha magnitude. E vastíssima ela foi mesmo, só que terminou em completo desastre.

O Espelho Deformante

[1]

Na época do sítio de Sebastopol, Nicolau I tentou tornar a vergonhosa guerra da Criméia parecer mais aceitável. Nada, porém, resultou daí: os jornais russos publicaram não o que o governo queria mas o que os jornalistas viam com os próprios olhos. Mais do que isso: não foram apenas jornalistas que escreveram nos jornais e revistas russos acerca da guerra, porém oficiais do Exército Russo — participantes efetivos da guerra.

Lev Tolstoi, então um oficial bastante jovem, escreveu Contos de Sebastopol, no qual, contrariando a propaganda do governo, retratou a guerra como a viu por si mesmo. Naquele tempo, é claro, não havia liberdade, para não falar em democracia. No entanto, surpreendentemente, o jovem oficial não foi enforcado, estripado com um soquete ou banido para a Sibéria. Sequer foi demitido do Exército. Prosseguiu sua carreira militar, e com pleno sucesso.

Tolstoi não foi exceção. Quem vir os jornais daquele tempo ficará surpreso com o fato de que oficiais russos, até mesmo generais, escreveram em quase todos os números criticando o próprio governo por sua letargia e inépcia e pela incapacidade para governar o país ou dirigir o Exército. Lev Tolstoi sobressaiu dentre todos os críticos do regime apenas por ser mais talentoso que os demais.

Durante a guerra russo-japonesa, o governo czarista uma vez mais tentou fazer a guerra afigurar-se atraente. Não conseguiu. Os jornais russos rejeitaram totalmente as tentativas para dourar a realidade. Publicaram não o que o Czar queria mas o que testemunhas oculares haviam visto. Um deles, um marinheiro sem instrução, do encouraçado Orei, Novikov, juntou um monte de dados acerca das mancadas do Estado-Maior da Marinha Russa e dos almirantes que

participaram da guerra, e, sem qualquer medo das consequências, começou a publicá-los. Foi um sucesso, e Novikov faturou alto graças às críticas ao governo russo e ao próprio Czar. Cortaram-lhe a cabeça? Qual nada! Ele comprou uma casa enorme à beira-mar, em Yalta, vizinha da do Czar, e ali viveu, escrevendo seus livros, dos quais o melhor é Tsushima.

Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, o governo já não fazia força para emprestar falso colorido à realidade. Um certo Vladimir Ulyanov, estudante que não se diplomara e ocultava sua identidade por trás do pseudônimo "Lenine", começou a publicar jornais comunistas, em tiragens de milhões de exemplares, desvendando todas as tentativas para iludir o público. Seus jornais eram distribuídos gratuitamente, embora sua impressão custasse milhões de rublos. Onde aquele homem semi-educado conseguia pôr as mãos em tanto dinheiro?

Foi então que a anarquia terminou. O Czar foi derrubado, a burguesia posta para fora e o povo herdou tudo. As editoras, sendo grandes empreendimentos, foram imediatamente estatizadas. A partir daí, os jornais começaram a apresentar não qualquer coisa que viesse à cabeça de alguém, mas o de que o povo realmente precisava saber e tudo aquilo que pudesse beneficiá-lo. Naturalmente, desde que o povo como um todo não pode dirigir um jornal, ele é dirigido pelos melhores representantes desse povo. Eles tomam muito cuidado para ninguém utilizar os jornais contra o povo. Se um jovem oficial, um marinheiro sem instrução ou um estudante sem diploma procurasse os editores, estes representantes imediatamente perguntariam: Nosso povo precisa disto? Será necessário assustá-lo ou desiludi-lo? Deverá ele ser corrompido? Talvez não sejam matérias assim imaturas, subjetivas, prejudiciais aos interesses populares que devam ser publicadas, mas sim aquilo de que ele precisa.

Foi assim que as coisas se desenrolaram. Se um artigo ou narrativa não atendia aos interesses do público, não era publicado nos jornais do povo. Tudo fora estatizado, tudo pertencia ao povo. Sendo assim, por que deveriam seus representantes desperdiçar dinheiros públicos na divulgação de um artigo ou reportagem nocivos?

Afirma-se que as empresas estatizadas pertencem à comunidade

toda. Experimente, porém, sentar-se na cabine de um trem estatizado sem o bilhete: porão você para fora e o multarão. Em outras palavras, as estradas de ferro estatais não são suas ou minhas, dele ou nossas. Pertencem às pessoas que as dirigem—ou seja, ao governo. O mesmo se aplica a um jornal estatizado. Ele, também, pertence ao governo. Na União Soviética, todos os jornais são estatais e, por conseguinte, pertencem ao governo. Será necessário ao governo criticar os próprios atos em seu próprio jornal? Essa é a razão pela qual não há absolutamente críticas ao governo nos jornais soviéticos. Por isso, nenhum estudante desqualificado poderia, nos dias de hoje, expor censuras a qualquer representante do povo soviético. Por outro lado, o governo conquistou excelentes meios de publicar o que quer que deseje, sem correr risco de ser publicamente desmascarado: agora a imprensa inteira lhe pertence. É esta ausência de controle que permite ao governo, e a todas as suas instituições e órgãos, fazer uso diário, até mesmo horário, de uma arma excepcionalmente poderosa e eficaz — o blefe.

[2]

Os líderes soviéticos valem-se do blefe em larga escala na política internacional, e fazem-no magistralmente. Eles o empregam com particular perícia no campo militar, tudo é secreto—tente apenas descobrir o que é ou não verdade.

Durante a crise cubana, Khruschev ameaçou reduzir o capitalismo a cinzas apertando um botão; isso se deu numa ocasião em que os soviéticos tinham foguetes ainda cegos, com sistemas de navegação absolutamente precários, o que significava não poderem ser lançados em trajetórias a não ser rigorosamente limitadas, pois do contrário ninguém poderia ter certeza de onde iriam parar.

Após Khruschev, todo esforço voltado para burlar o inimigo passou a ser centralizado. Já mencionei a Diretoria Superior de Desinformação Estratégica, que é chefiada pelo General N. V. Ogarkov. Eis um exemplo de sua operosidade.

A União Soviética vinha alarmando o mundo com seus foguetes,

algum tempo antes de os Estados Unidos começarem a desdobrar um sistema de defesa contra mísseis. Para ela, este foi como uma faca no pescoço — por causa dele, os foguetes soviéticos perderam muito de sua capacidade para aterrorizar. A URSS estava simplesmente incapacitada para montar um sistema similar próprio e não tinha intenção de fazê-lo — ela não nutre grande estima por sistemas defensivos. Mas era indispensável, de algum jeito, deter os americanos.

Assim, a imprensa soviética (estatizada) começou a afirmar (em uníssono): "Vimos lidando há bastante tempo com este assunto e temos tido certo sucesso." Então, negligentemente, exibiram para o mundo inteiro trechos de um filme mostrando um foguete destruindo outro. Truque bem primitivo. Um palhaço de circo que conheça as características exatas da trajetória de um foguete e a hora de seu lançamento pode atingi-lo até com uma espingarda de ar comprimido. Se uma brincadeira destas fosse mostrada a escolares soviéticos, não os tapearia. Saberiam perfeitamente não haver milagre algum e que o palhaço teria preparado a coisa. Nas capitais do Ocidente, igualmente, sabiam não haver milagres, pois até os Estados Unidos darem computadores à URSS nenhum sistema daquele gênero poderia ter sido construído lá.

Mas a mistificação prosseguiu. Num desfile em Moscou, apareceu um gigantesco foguete, não no contingente da Força de Foguetes Estratégicos mas no da Força da Defesa Aérea Nacional — obviamente, portanto, deveria ser um míssil antibalístico. Finalmente, a URSS resolveu-se a erguer um edifício muito importante — uma estação de orientação ABM. Uma estação de tal natureza construída pelos americanos seria completamente automática, exigindo uma equipe de mais de mil pessoas, com qualificação superior em Engenharia para dirigi-la. Essa estação parece a Pirâmide de Quéops, só que bem maior.

Principiaram a erguê-la nos arredores de Moscou, bem na estrada de contorno da cidade — para os diplomatas estrangeiros verem-na bem. Sinais de alta potência eram ocasional e incompreensivelmente emitidos pela estação, cuja análise cuidadosa revelava ser exatamente a espécie de sinais que uma estação daquelas transmitiria. Dentro, contudo, o prédio estava vazio, sem

seu mais essencial componente: um computador e sistema de comando.

Não obstante, as dimensões do edifício, as incompreensíveis transmissões, os trechos de filme e várias insinuações enigmáticas deixadas transpirar por generais soviéticos surtiram o efeito desejado. E a imprensa soviética proporcionou mais provas — a defesa contra mísseis, disse ela, é um negócio muito caro e não muito eficiente, embora estejamos dedicando-lhe todo o esforço possível. Agentes de informação soviéticos subitamente receberam ordem para suspender todos seus esforços destinados a colher informes acerca dos sistemas ABM norte-americanos. A exibição de tal desrespeito e desinteresse pela indústria de alto nível dos Estados Unidos foi propositada, para indicar nitidamente que a União Soviética desfrutaria de enorme superioridade nesse campo. A fibra do Ocidente aí falhou, e seguiram-se as conversações SALTI. * Na cerimônia de assinatura do acordo final, o Presidente americano sentou-se à mesa de conferência com Brejnev... e assinou. O mundo suspirou aliviado e aplaudiu o tratado como uma vitória do bom senso, como um passo dado por dois gigantes juntos.

Mas será que o Presidente dos Estados Unidos sabia que estava sentado à mesa com o chefe de uma organização denominada Partido Comunista da União Soviética? Sabia ele que essa organização fuzilara 60 milhões em seu próprio país e que se estabelecera a meta de fazer o mesmo no mundo inteiro? Nem mesmo a Máfia norte-americana poderia sonhar em fazer coisas nessa escala. Quando ele adotou a decisão de entabular conversações com o cabeça do mais terrível bando de celerados da história da civilização, não percebeu que poderiam simplesmente iludi-lo, como o fariam com um ingênuo escolar? Teria ele tomado providências adequadas contra isso? Estariam seus assessores suficientemente alerta?

Quando, no dia seguinte, os jornais soviéticos publicaram fotografias dos sorridentes rostos dos participantes da conferência, o Exército Soviético não pôde acreditar nos próprios olhos. Imagine-se: o Presidente dos Estados Unidos com seus auxiliares mais chegados, Brejnev e, bem atrás deste... o General Ogarkov!

Inacreditável! Como podia acontecer uma coisa dessas? Em que

estavam pensando os assessores presidenciais americanos? Nada aprenderam com Pearl Harbor? Poderia haver alguém mais negligente do que essa turma na assinatura daquele tratado? Por que nenhum deles se deu conta de que atrás de Brejnev não estava o Ideólogo-Chefe, nem o membro do Politburo responsável pela pesquisa científica, nem o responsável pelo maior sistema industrial do mundo, nem o Ministro da Defesa, nem o Chefe do Estado-maior Combinado, nem mesmo o Comandante-em-Chefe da Força da Defesa Aérea Nacional, que estaria a cargo do sistema de defesa antimísseis? Por que não havia ninguém a não ser Ogarkov, titular da Diretoria Superior de Desinformação Estratégica? Esta Diretoria é a mais poderosa do Estado-Maior Combinado. Ainda mais do que a Primeira ou a Segunda Diretorias. Desinformação Estratégica é o setor do Estado-Maior responsável por toda a censura militar — por toda a censura nos campos da ciência, tecnologia, economia e assim por diante. Essa Diretoria efetua estudo cauteloso de tudo que se sabe no Ocidente a respeito da União Soviética, e engendra um enorme volume de material para deformar essa imagem real. Essa poderosíssima organização supervisiona todas as paradas, desfiles e exercícios militares a que estejam presentes estrangeiros, é responsável pelas relações com os adidos das Forças Armadas de todos os países estrangeiros, incluindo os que mantêm laços "fraternos" com a União Soviética. Esta multitentacular instituição publica Estrela Vermelha, União Soviética, Porta-Estandarte, Equipamento e Armamento e uma centena de outros jornais e revistas militares. A Editora Militar, do Ministério da Defesa, faz parte desta Diretoria. Nada pode ser publicado na URSS sem permissão de seu chefe, nenhum filme tampouco pode ser exibido sem ela, nenhum simples movimento de tropa pode ter lugar sem autorização dessa Diretoria, nenhuma base de foguetes ou quartel (nem mesmo para as unidades do KGB) pode ser construído sem sua concordância, nem sequer uma única fábrica, fazenda coletiva, oleoduto ou estrada de ferro, nada pode ser feito sem sua permissão prévia. Tudo neste tremendo país tem de ser elaborado de maneira a que o inimigo tenha uma falsa impressão do que se passa. Em alguns setores, as realizações são deliberadamente escondidas; em outros (como se deu com a defesa antimísseis), são exageradas a ponto de ficar irreconhecíveis. Além disso, é claro, representantes dessa Diretoria, ajudados pela Informação Militar soviética, recrutaram um rol de jornalistas mercenários no estrangeiro, por

intermédio dos quais são disseminados informes fictícios, camuflados de estudos sérios. Seus representantes comparecem a negociações atinentes à distensão, paz, desarmamento etc. Por exemplo, o titular do 79 Departamento dessa Diretoria Superior, Coronel-General Trusov, era membro permanente da delegação soviética às discussões SALT. Quando as "paradas" atingiram o auge, o próprio Chefe da Diretoria Superior, General Ogarkov, juntou-se à delegação. Teve brilhante sucesso na missão de "embrulhar" a delegação americana. Por isso, foi nomeado Chefe do Estado-Maior Combinado e, ao mesmo tempo, promovido a Marechal da União Soviética. É expressivo que seu antecessor, Kulikov, só tenha alcançado o posto de marechal após deixar aquele Estado-Maior.

A presença de Ogarkov não gerou reação alguma. A delegação americana não interrompeu as negociações quando ele surgiu, não abandonou o salão de conferência em sinal de protesto, não bateu a porta. Pelo contrário, foi sua chegada que fez com que as conversações, que haviam atingido um impasse, recomeçassem, após o que avançaram aceleradamente para um final triunfante. Ambos os lados trocaram aplausos e depuseram as cartas na mesa, tendo concordado em que se dera um empate.

Mas, pelo amor de Deus, se o acordo deveria em breve sustar o ulterior crescimento dos sistemas antimísseis, se o jogo estava quase encerrado, não seria essa, por certo, a oportunidade para dar uma espiada nas cartas do adversário? Pelo menos como precaução contra o que pudesse suceder no futuro? Qual o sentido de meramente assinar o acordo, após o que nada mais se poderia endireitar, sem deixar um pequeno grupo de cada lado dar uma olhadela em como estavam as coisas no outro lado? O acordo não deveria ter sido assinado sem um acerto qualquer neste gênero.

Ou, ao menos, uma vez assinado o acordo, os soviéticos poderiam ter mostrado a seus homólogos americanos alguma coisa, não um filme em um cinema, porém algo concreto — ainda que em termos bem gerais, sem revelar pormenores. A delegação soviética, igualmente, ter-se-ia interessado em ver algo das realizações americanas. Mas os trapaceiros soviéticos já sabiam que os americanos tinham pelo menos três ases na mão, e por isso atiraram

as cartas na mesa e trataram de embaralhá-las rapidamente, sem mostrar nada.

Incidentalmente, pouco depois disso, tendo explorado a credulidade dos Estados Unidos, a União Soviética construiu um excelente foguete, com o número 8-K-84 no catálogo industrial e a designação militar UR-100. UR significa "foguete universal". ** Ele pode ser usado tanto para efetuar um ataque nuclear quanto para repeli-lo. É o maior dos foguetes estratégicos soviéticos. Sua fabricação é uma rematada violação do combinado no SALT I, mas não houve protesto de parte de americanos. Isto porque o órgão comandado por Ogarkov conseguiu ocultar a segunda função do foguete, de modo que, oficialmente, ele é encarado como uma arma puramente ofensiva. O acordo SALT I foi também desrespeitado de outra maneira. Um excelente foguete antiaéreo soviético, o S-200, desenvolvido para destruir aeronaves hostis, foi modernizado e adaptado (com certas restrições) para utilização contra mísseis inimigos. A organização de Ogarkov nunca deixou esse foguete aparecer em paradas, nem mesmo em sua forma original, antiaérea. A Diretoria Superior de Desinformação Estratégica é rigorosa na observância do princípio: "O inimigo só deve ver o que Ogarkov quiser mostrar-lhe." Esta é a razão pela qual a todos os diplomatas estrangeiros foi permitido ver a imensa construção bem nos arredores de Moscou.

[3]

Desde a primeira vez em que me vi no Ocidente, tenho estado absorvendo informações de toda sorte. Visitei dúzias de bibliotecas, vi centenas de filmes. Assimilei tudo, indiscriminadamente — James Bond, Emmanuelle, Drácula, o Imperador Calígula, o Chefão, nobres heróis e vilões matreiros. Para quem só vira filmes acerca da necessidade de preencher as quotas de produção e edificar um futuro brilhante, era impossível imaginar tamanha variedade. Fiquei indo sempre e cada vez mais ao cinema. Um dia fui ver uma excelente película sobre o roubo de um depósito de diamantes. Os ladrões penetraram no vasto edifício com formidável habilidade, desarmaram uma dúzia de alarmes, abriram portas imensamente grossas e afinal chegaram ao mais recôndito quarto secreto onde

ficavam os cofres-fortes. Naturalmente, além de todos os transmissores, dispositivos de alarma e assim por diante, havia câmeras de TV pelas quais um guarda mantinha vigilância constante sobre o que ocorria na sala dos cofres. Mas os ladrões também eram engenhosos. Tinham trazido consigo uma grande fotografia da sala, tirada antes. Puseram-na diante das câmeras e, usando-a como biombo, esvaziaram os cofres. Os guardas sentiram que alguma coisa estava acontecendo, e começaram a ficar vagamente intranquilos. Mas olhando para a tela do televisor, puderam convencer-se de que tudo estava quieto na sala dos cofres.

Dizem-me, às vezes, que os satélites de espionagem americanos mantêm uma espreita cuidadosa do que está se passando na União Soviética. Tiram do alto fotografias infravermelhas do país, inclusive de ângulos oblíquos; essas fotos são comparadas, as emissões eletrônicas, térmicas e todas mais são medidas, as radiotransmissões são interceptadas e analisadas esmeradamente. É impossível lograr os satélites. Quando ouço isto, sempre penso no trio de simpáticos vilões que se ocultavam das câmeras por trás de uma fotografia, usando-a como escudo enquanto enchiam os sacos com diamantes. Diga-se, de passagem, que o filme terminou com um final feliz para os gatunos. Quando me lembro dos sorrisos animados que trocaram ao término de sua operação bem-sucedida, também penso na fisionomia radiante de Ogarkov no momento em que o acordo foi assinado.

A Diretoria Superior de Desinformação Estratégica faz exatamente o que o simpático trio fez; mostra para o olho vigilante da câmera uma imagem tranquilizadora, atrás de cujo abrigo os bandidos que se denominam Partido Comunista da União Soviética, Exército Soviético, Indústria Militar e assim por diante ocupam-se de seus negócios.

Esta é a forma pela qual as coisas se processam na prática. Um colossal computador norte-americano, instalado no Posto de Comando Central da Diretoria Superior de Desinformação Estratégica, mantém registro permanente de todos os satélites de coleta de informes, estações espaciais em órbita e suas trajetórias. São preparadas previsões extremamente precisas, a curto e longo prazos, do horário de passagem dos satélites sobre várias regiões da

União Soviética e todos os territórios e áreas marítimas nas quais estão ativas as Forças Armadas da URSS. Cada unidade dessa Diretoria Superior instalada em um distrito militar, grupo de exércitos ou esquadra utiliza os dados fornecidos por esse mesmo computador americano para efetuar trabalho semelhante para suas próprias forças e área. Cada exército, divisão e regimento recebe constantemente horários atualizados, mostrando a hora exata em que satélites de reconhecimento inimigos sobrevoarão a respectiva área, com minúcias sobre tipo de satélite (foto-reconhecimento, informação, emprego geral etc.) e a trajetória que percorrerá. Nem os soldados nem a maioria dos oficiais conhece a razão exata para as ordens diárias, como: "De 12:20 às 12:55 deverão cessar todas as transmissões da rádio e todos os radares deverão ser desligados", mas têm de obedecê-las. Ao mesmo tempo, cada divisão tem diversos radiotransmissores e radares com que trabalhar somente nesse período, e que devem apenas fornecer sinais para os satélites do inimigo.

Essa Diretoria Superior possui seus próprios satélites de busca de informes. Mas, ao contrário dos que trabalham para a Diretoria Superior de Informação, eles mantêm vigilância sobre o território soviético, procurando constantemente radiotransmissores e radares que deixem de obedecer aos horários fornecidos para segurança das comunicações. Punições severas aguardam os comandantes de divisão ou regimento que se constate estarem ignorando aqueles horários.

Além desses sinais falsificados, a Diretoria Superior está sempre organizando voos de aeronaves, testes de foguetes, movimentos de tropas e outras operações para ocorrerem quando os satélites sobrevoarem o local, com a intenção de ressaltarem um aspecto enquanto ocultam outros. Assim sendo, no período até as negociações SALT I, toda espécie de tentativa foi empreendida para apresentar uma imagem da atividade e sucesso soviético nas operações antimísseis. Após as negociações, muito trabalho tem sido dedicado a ocultar atividade e sucessos nesse setor, já que representam violação dos acordos alcançados.

A Diretoria Superior difere de nossos espertos ladrões ao apresentar falsas imagens não por algumas horas, mas durante décadas. Ela

tem à sua disposição não três velhacos, mas dezenas de milhares de especialistas de elevada qualificação com poderes quase ilimitados ao lidar com generais, marechais e os diretores das indústrias militares, quanto ao encobrimento da situação real.

Não há dúvida de que essas atividades permitem ao Politburo, sem grande dificuldade, esvaziar os bolsos dos que no Ocidente hão entendem que estão lidando com o crime organizado, cometido por um Estado que opera em escala mundial.

---

* Abreviatura de Strategk Arms Limitation Talks. (N. do T.)

** Em inglês: universal rocket. (N. do T.)

PARTE III - ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

A Divisão

[1]

Já vimos que a unidade conhecida no Exército Soviético como "regimento de fuzileiros motorizado" é, com efeito, uma unidade de todas-as-armas, com metade do efetivo numérico das brigadas nos exércitos ocidentais, mas que, não obstante, é igual ou mesmo superior a estas em poder de fogo e capacidade ofensiva. Esta situação é alcançada graças à impiedosa exploração dos soldados soviéticos, vistos exclusivamente como máquinas de combater, ao invés de seres humanos que precisam do repouso, boa alimentação, recreação e assim por diante.

Com um efetivo de dois mil homens, um regimento de fuzileiros motorizado é equipado com 41 carros de combate, três viaturas de reconhecimento blindadas, 100 transportes de pessoal blindados, seis canhões de assalto pesados de 130mm, 18 obuses autopropulsados de 122mm, seis lança-foguetes múltiplos Grad-P, 18 morteiros autopropulsados, 18 lança-granadas automáticos, quatro canhões antiaéreos autopropulsados, quatro conjuntos de mísseis superfície-ar, 100 armas leves antiaéreas e várias centenas de armas leves anticarro, inclusive os lança-foguetes anticarro Mukha e RPG-16, ambos portáteis e montados em viaturas, a par das indispensáveis subunidades de apoio de engenharia, guerra química, saúde, manutenção e outras.

Um moderno regimento de carros de combate soviético é organizado segundo quase exatamente as mesmas linhas do regimento de fuzileiros motorizado, exceto por possuir três batalhões de carros de combate em vez de um, e um batalhão de fuzileiros motorizado em vez de três. Suas outras unidades são exatamente as mesmas: um grupo de artilharia autopropulsado, uma bateria de lança-foguetes múltiplos, uma bateria antiaérea, e as companhias de reconhecimento, comunicações, engenharia, guerra

química e manutenção. O efetivo de um regimento desses é de 1.300 homens. Tem consideravelmente menos armas anticarro do que um regimento de fuzileiros motorizado, bastante razoável para uma unidade com um total de 97 carros de combate, já que os canhões dos carros são as melhores armas anticarro.

[2]

Uma divisão de fuzileiros motorizada soviética é mais uma unidade de todas-as-armas do que o regimento de fuzileiros motorizado, contendo, como é o caso, unidades e subunidades das mais variadas funções e possibilidades.

A organização da divisão é simples e bem equilibrada.

Seu efetivo é de 13 mil homens. Comandada por um major- general, compreende:

Um quartel-general.

Um batalhão de comunicações — o sistema nervoso da divisão, utilizado para comunicação com todos os seus elementos, com o comando superior e com as divisões vizinhas.

Batalhão de reconhecimento — os olhos e ouvidos da divisão.

Um grupo de foguetes — a arma mais poderosa nas mãos do comandante da divisão com seis lançadores capazes de projetar armas químicas e nucleares a até ISO quilômetros de distância.

Um batalhão de carros independente — a guarda pessoal do comandante da divisão, que protege o quartel-general divisionário e o grupo de foguetes, podendo ser empregado em combate quando o comandante da divisão necessitar de todos os seus meios.

Um regimento de carros de combate — o poder de choque da divisão.

Três regimentos de fuzileiros motorizados, dois dos quais são dotados de transportes de pessoal blindados e armas leves, e que

atacam em larga frente durante uma ofensiva, procurando pontos fracos nas defesas inimigas. O terceiro regimento, dotado de viaturas do combate de infantaria, bem como armamento pesado, é empregado como regimento de carros para atacar o inimigo em seu ponto mais fraco — "no fígado", como se diz no Exército Soviético.

Um regimento de artilharia — o principal poder de fogo da divisão — consistindo de três grupos de obuses autopropulsados de 152mm e um grupo de lança-foguetes múltiplos BM-27. Ao todo, o regimento tem 54 obuses e 18 lança-foguetes pesados. O efetivo completo do regimento é empregado no eixo de progressão da divisão, no qual também atuam os regimentos de carros e de fuzileiros motorizados — isto é, na área onde o inimigo revelou-se mais vulnerável.

O regimento antiaéreo (SAM) tem a missão primordial de proteger o quartel-general divisionário e o grupo de foguetes. Também deve proporcionar cobertura para o grosso da divisão, conquanto este seja capaz de defender-se mesmo sozinho contra aviões inimigos. O regimento possui cinco baterias, cada uma com seis lançadores. Durante a paz, dois dos lançadores de cada bateria são conservados em reserva e o fato de existirem não deve ser revelado, em quaisquer circunstâncias, até a guerra ser deflagrada. Isto levou peritos ocidentais a subestimar as possibilidades defensivas das divisões soviéticas, acreditando que cada regimento só tem 20 lançadores quando de fato são 30. A fim de manter essa ilusão, os exércitos de todos os aliados soviéticos com efeito só possuem 20 lançadores em cada regimento.

O grupo anticarro age como a carta de trunfo nas mãos do comandante da divisão quando se encontra em situação crítica. Até então ele é mantido em reserva. É posto em ação durante uma defensiva quando os blindados inimigos penetraram muito profundamente e desde que possa ser claramente identificada a direção principal do seu ataque. Em uma ofensiva, é empregado quando o principal grupamento de ataque da divisão tiver rompido a fundo as defesas do inimigo e este estiver atacando os flancos e a retaguarda dela. O grupo é armado com 18 canhões anticarro de 100 ou 125mm e seis conjuntos de mísseis anticarro.

O batalhão de engenharia é usado, junto com o grupo anticarro,

para lançar campos de minas rapidamente à frente de carros inimigos que tenham rompido a frente divisionária, a fim de detê-los ou no mínimo retardá-los diante dos canhões anticarro da divisão. Também retira minas adiante das tropas divisionárias progredindo em uma ofensiva, e as auxilia a transpor obstáculos aquáticos.

O Batalhão de guerra química toma as medidas apropriadas para defesa contra ataques nucleares, químicos ou biológicos do inimigo.

O batalhão de transporte abastece a divisão com combustíveis e munição. Suas 200 viaturas permitem deslocar ao mesmo tempo mil toneladas de combustível e munição.

O batalhão de manutenção recupera e substitui equipamento de combate.

O batalhão de saúde faz o mesmo com o pessoal da divisão.

A esquadrilha de helicópteros, com seis aparelhos, é empregada em missões de comando e de comunicações, e desembarca as tropas diversionárias da divisão através das linhas inimigas.

A divisão tem um total de 34 batalhões e grupos. Destes, os subordinados diretamente ao comandante da divisão recebem a designação de “Independente” — por exemplo: “Batalhão Independente de Comunicações da 24 Divisão.” Esse sistema também é utilizado em unidades superiores. Por exemplo, um exército consiste de divisões. Mas também encerra regimentos e batalhões ou grupos que não fazem parte integrante delas, e que são chamados “independentes”, como, por exemplo, no caso de o “41 Regimento Independente de Pontoneiros da 13 Divisão”.

O efetivo total de uma divisão soviética de fuzileiros motorizada é de 287 carros de combate, 150 viaturas de combate de infantaria, 221 transportes de pessoal blindados, seis lança-foguetes, 18 canhões de assalto pesados de 130mm, 18 canhões anticarro, 126 obuses autopropulsados e rebocados, 96 morteiros e lança-foguetes múltiplos, 46 conjuntos móveis de mísseis antiaéreos, 16 canhões antiaéreos autopropulsados, e centenas de armas leves anticarro e antiaéreas.

[3]

Uma divisão de carros de combate é organizada da mesma forma que uma divisão de fuzileiros motorizada, salvo por ter três regimentos de carros em vez de um, e um regimento de fuzileiros motorizado em vez de três. Ademais, uma divisão de carros não dispõe de batalhão independente de carros ou grupo independente de artilharia anticarro, visto ser seu poder de fogo anticarro bem superior ao de uma divisão de fuzileiros motorizados.

Uma divisão de carros tem 10.500 homens. É equipada com 341 canos de combate, 232 viaturas de combate de infantaria, seis lança-foguetes, seis canhões de assalto pesados, 126 obuses autopropulsados, 78 morteiros e lança-foguetes múltiplos, 62 conjuntos de mísseis e artilharia antiaéreas e centenas de armas leves antiaéreas e anticarro. Apesar de ter menos pessoal, uma divisão de carros possui poder ofensivo bem maior que uma divisão de fuzileiros motorizados.

O Exército

[1]

Até meados da década de 50, as divisões eram grupadas em corpos de exército, e um certo número de corpos formava um exército. Todavia, por causa da crescentemente ampliada capacidade de combate das divisões e também por terem os comandantes de exército adquirido meios para controlar todas as divisões simultaneamente, o corpo foi considerado desnecessário como escalão intermediário e, por isso, abolido.

Hoje, não obstante, resta um número relativamente pequeno de corpos de exército nas Forças Armadas Soviéticas. Eles existem onde uma divisão é pequena demais para a tarefa em tela e o exército demasiadamente grande.

De vez em quando, neste livro, empregamos o nome "exército de todas-as-armas". Isto foi feito para distinguir esse tipo de exército dos exércitos de carros, exércitos aéreos, exércitos de defesa aérea e exércitos de foguetes. Entretanto, no uso corrente não se emprega a expressão "todas-as-armas"; em vez disso, as unidades envolvidas são simplesmente citadas como o 13 ou o 69 Exército. Alguns têm títulos honoríficos, como o "2 Exército de Choque" ou o Exército de Guarda". Estes títulos nada acrescentam ao efetivo atual desses exércitos — são simplesmente reflexo de glórias passadas. Por exemplo, o 3 Exército, que não tem título honorífico, acha-se consideravelmente mais bem equipado do que o 11 Exército da Guarda.

Às vezes os exércitos evoluem segundo novas linhas, porém conservam os antigos nomes, que não casam com suas atuais funções. Assim, o 2 Exército de Carros é presentemente um exército de todas-as-armas. Pelo contrário, o 3 Exército de Choque, a despeito de sua designação, é de fato um exército de carros.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Exército Vermelho possuía um total de 18 exércitos aéreos, 11 exércitos de defesa aérea, seis exércitos de carros de combate da guarda e 70 outros exércitos, dos quais cinco eram conhecidos como “exércitos de choque” e 11 como “exércitos de guarda”.

Hoje há menos exércitos, porém seus efetivos variam enormemente. As Forças Armadas Soviéticas agora têm três exércitos de foguetes, 10 exércitos de defesa aérea, 16 exércitos aéreos, oito exércitos de carros de combate da guarda e 33 outros exércitos, dos quais alguns ainda são chamados de “exércitos de choque” ou “exércitos da guarda”.

[2]

No Ocidente, hoje em dia, se acredita seriamente que os exércitos soviéticos carecem de uma estrutura orgânica clara. Uma análise superficial do efetivo de cada um dos exércitos soviéticos parece confirmar isso: alguns exércitos têm sete divisões, ao passo que outros só têm três. A proporção de divisões de carros de combate e de fuzileiros que eles contêm também varia constantemente.

Contudo, a verdade é que os exércitos possuem estruturas orgânicas bastante claras. A União Soviética, porém, não julga aconselhável revelar essa clareza em tempo de paz; isso lançaria muita luz sobre seus planos de guerra. As divisões têm elevado grau de autonomia administrativa e podem ser rapidamente transferidas de um exército para outro. Na paz, o sistema por certo afigura-se ilógico, mas, uma vez iniciada uma guerra, cada exército assumiria forma inteiramente definida.

Há ainda outra causa para essa aparente confusão. É que a União Soviética proibiu seus aliados do Leste europeu de formar exércitos, seja em tempo de paz ou na guerra. Se uma massa homogênea cresce muito, pode explodir. O Alto Comando Soviético evita esse perigo dentro do próprio Exército Soviético movimentando as nacionalidades constantemente, a fim de produzir uma massa cinza e descaracterizada de soldadesca, uns incapazes de entender os outros. Em tempo de paz, as Forças Armadas dos países da Europa

Oriental só podem ter divisões. Na guerra, essas divisões imediatamente se incorporariam a exércitos soviéticos que estivessem com efetivo incompleto. Foi precisamente o ocorrido no verão de 1968.

Em tempo de paz, essas divisões da Europa Oriental se veem como parte de suas próprias Forças Armadas nacionais. Na guerra, seriam distribuídas pelos exércitos soviéticos; para fins administrativos, continuariam subordinadas aos respectivos ministérios da Defesa e, em última análise, ao Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia. Para fins militares, elas estariam subordinadas aos exércitos, frentes e direções estratégicas e, no final, ao Comandante Supremo soviético e seu Estado-Maior Combinado. Por isso é que o Estado-Maior da Organização do Tratado de Varsóvia é antes uma instituição burocrática que um quartel-general operacional. E isso porque, durante a paz, muitos exércitos soviéticos parecem desestruturados. Em tempo de guerra, teriam seu efetivo completado com contingentes do Leste europeu e então assumiriam suas formas próprias.

[3]

Em tempo de guerra, um exército consiste de cinco divisões, uma das quais é uma divisão de carros, e as quatro restantes divisões de fuzileiros motorizadas. Em vários casos, nos quais seria difícil o emprego de carros em massa, um exército pode não ter senão divisões de fuzileiros motorizadas, que só possuem número limitado de carros de combate. Mas os exércitos destinados a operar na Europa Ocidental são constituídos de uma divisão de carros e quatro de fuzileiros.

Além destas cinco divisões, cada exército tem:

Um quartel-general — o cérebro do exército.

Um regimento de comunicações — seu sistema nervoso.

Uma companhia diversionária independente SPETSNAZ e dois batalhões de informação de comunicações — seus olhos e ouvidos.

Uma brigada de foguetes — o mais poderoso armamento nas mãos do comandante do exército, que lhe permite efetuar ataques nucleares e químicos. Antes, cada brigada possuía nove lançadores, com um alcance de até 300 quilômetros. Hoje, uma brigada tem 18 lançadores, com alcance bastante ampliado.

Um batalhão independente de carros de combate — a guarda pessoal do comandante do exército. Este defende o posto de comando do exército e a brigada de foguetes, e só é acionado nas situações mais críticas, quando tudo é muito arriscado.

Uma brigada de artilharia — o principal poder de fogo do exército. Consiste de cinco batalhões, sendo três com 18 canhões de 130mm cada, um com 18 canhões-obuseiros de 152mm e um com 18 lança-foguetes múltiplos BM-27.

Uma brigada antiaérea, que cobre o posto de comando do exército e as brigadas de foguetes com seu fogo e também opera na direção do ataque principal do exército, suplementando a cobertura antiaérea que as divisões proporcionam para si mesmas. Esta brigada consiste de um grupo de comando, um grupo de suprimento e três grupos de tiro, cada um com três baterias. A Diretoria de Desinformação determinou que um dos lançadores de cada uma destas baterias nunca deve ser mostrado. Por isso, afigura-se aos observadores que essas baterias possuem três lançadores, embora de fato tenham quatro, um dos quais sempre mantido em reserva. Acredita-se geralmente, por isso, que uma brigada antiaérea tenha 27 lançadores quando na realidade tem 36.

Um regimento antiaéreo, com 30 canhões antiaéreos do tipo S-60, de 57mm. A experiência no Vietnam e em guerras no Oriente Médio demonstrou que de forma alguma a artilharia antiaérea convencional tomou-se inútil, e que são muitas as situações onde a eficácia dos foguetes antiaéreos cai verticalmente e os canhões antiaéreos podem suplementá-los com grande valia.

Um regimento anticarro, dotado de 57 canhões anticarro pesados e 18 conjuntos de mísseis anticarro, distribuídos por três grupos.

Um grupo anticarro independente, com 40 lança-foguetes anticarro, de lagarta, IT-1. A existência destes grupos, e do próprio IT-1, é um

segredo cautelosamente guardado. Suas baterias não fazem parte do regimento anticarro, havendo sólidas razões para isso, pois se incumbem de operações que empregam táticas bem diversas. Os grupos anticarro independentes, com seus lançadores de alta mobilidade, inquietam constantemente o inimigo, fazendo ataques de surpresa com suas viaturas e manobrando de uma área para outra quando pressionados por forças inimigas superiores. Entrementes, o regimento anticarro, com seus canhões menos móveis, mas mais possantes, tem a missão de deter os carros de combate inimigos, a absolutamente qualquer custo, quando chegarem a uma linha previamente definida. Assim, o batalhão, mais móvel, atua contra os carros inimigos a partir do momento em que estes entram em ação, ao passo que o regimento anticarro, bem na retaguarda, prepara uma barreira intransponível, atrás da qual ele lutará até o último homem.

O esquadrão de helicópteros é empregado para comunicações e controle, e às vezes para desembarcar tropas atrás das linhas inimigas. Possui 16 helicópteros médios e quatro pesados.

As unidades de apoio do exército abrangem:

Um regimento de engenharia.

Um regimento de pontes de pontões.

Um batalhão independente de transposição de assalto [de cursos d'água]

Um regimento de transporte.

Um batalhão independente de montagem de oleodutos.

Um batalhão de guerra química.

Um batalhão de saúde

Uma oficina móvel de manutenção de carros de combate, com uma companhia de recuperação.

Em tempo de guerra, o efetivo de um exército é de 83 mil homens. Tem 1.541 carros, 48 lança-foguetes, 832 viaturas de combate de infantaria, 1.100 transportes de pessoal blindados, 1.386 canhões, morteiros e lança-foguetes múltiplos, 376 lançadores de mísseis antiaéreos pesados e canhões antiaéreos, 40 helicópteros de transporte e milhares de armas leves antiaéreas e anticarro.

Um exército de carros de combate, como um exército de todas-as-armas, tem um efetivo permanente que é rigorosamente respeitado. Sua organização é padronizada com a de um exército de todas-as-armas. Portanto, é mais simples não relacionar a brigada de foguetes, a companhia diversionária e assim sucessivamente, mas apenas destacar os aspectos que distinguem um exército de carros de um exército de todas-as-armas. São três esses aspectos a saber:

(1) Um exército de todas-as-armas possui cinco divisões, uma das quais é uma divisão de carros.

(2) Um exército de carros não efetua uma ruptura das defesas inimigas. Isto é efetuado pelos exércitos de todas-as-armas. Portanto, um exército de carros não tem uma brigada de artilharia, da qual não precisa. Mas enquanto estiver operando profundamente no dispositivo inimigo, pode de repente topar com forças inimigas poderosas contra as quais tem de ser lançada bem rapidamente uma intensa concentração de fogos. Para este fim, em vez de uma brigada de artilharia, o exército de carros dispõe de um regimento de lança-foguetes múltiplos BM-27.

(3) Um exército de carros não luta para manter linhas ou áreas: sua missão é exclusivamente atacar o inimigo. Por tal razão, ele não tem regimento anticarro (que mantém a posse de território) ou batalhão anticarro independente (que inquieta o inimigo em progressão). Ele não carece dessas unidades, que em nada contribuiriam para sua função própria.

Em futuro próximo haverá um outro traço especial na organização de um exército de carros. Ele incluirá uma brigada de assalto aeromóvel, com a função de capturar e manter pontes, locais de transposição de cursos d'água e entroncamentos de estradas à frente da enxurrada da progressão dos carros de combate. Atualmente, só as frentes dispõem dessas brigadas. Temporariamente, até elas

serem ativadas, os exércitos de carros são obrigados a usar regimentos de fuzileiros motorizados, ou às vezes divisões, que possuem batalhões com treinamento especial para desembarques de assalto utilizando helicópteros. Uma vez reunidas aos exércitos de carros as brigadas de assalto aeromóveis desaparecerá a necessidade desses regimentos e divisões de fuzileiros motorizados.

Ao todo, em tempo de guerra, um exército de carros possui 54 mil homens, 1.416 carros de combate, 993 viaturas de combate de infantaria, 894 canhões, morteiros e lança-foguetes múltiplos, 42 lança-foguetes, 314 lança-mísseis e canhões antiaéreos pesados, 64 helicópteros de combate e 34 de transporte, bem como milhares de armas leves antiaéreas e anticarro.

[4]

Se compararmos o armamento disponível para um exército de todas-as-armas com o de um exército de carros, constataremos uma situação aparentemente paradoxal: o exército de carros tem menos carros do que o de todas-as-armas, porém tem mais viaturas de combate de infantaria do que o último, cujos próprios alicerces são as unidades de fuzileiros motorizadas!

De fato, no entanto, isso não é um paradoxo. Um exército de todas-as-armas é uma combinação de carros de combate, de infantaria motorizada pesada e leve, de artilharia e de outras tropas, cuja finalidade é romper as linhas inimigas.

Um exército de carros é bastante menor do que um exército de todas-as-armas. É uma combinação de carros e infantaria pesada, com unidades de artilharia e de helicópteros operacionais, cuja missão é operar profundamente na retaguarda inimiga.

Um exército de todas-as-armas tem mais de mil transportes de pessoal blindados (para a infantaria leve) e um exército de carros praticamente não dispõe de nenhum.

Um exército de carros, sendo menor, tem muito melhor desempenho na progressão através campo, e maior capacidade de

manobra e poder ofensivo. Tem menos carros do que um exército de todas-as-armas, porém eles são de longe mais fortemente concentrados. Isto dá ao exército de carros uma característica nitidamente ofensiva, enquanto que o exército de todas-as-armas é um instrumento de emprego geral.

A Frente

[1]

A frente é um grupo de exércitos com um comando unificado para levar a cabo operações de combate em tempo de guerra. E instalada seja durante ou imediatamente antes da deflagração de uma guerra. É uma organização de todas-as-armas sob todos os aspectos, abrangendo elementos das várias forças armadas.

O comandante de uma frente tem uma função operacional, e não administrativa. Possui autoridade muito considerável e as tropas sob seu comando não se acham subordinadas aos comandantes-em-chefe das respectivas forças armadas. Às diferentes forças armadas de que são retiradas as unidades componentes de uma frente não é permitido interferir no emprego operacional dessas tropas. Um comandante de frente tem responsabilidade única e pessoal pela preparação, conduta e resultado das operações. Ele é subordinado, seja ao comandante-em-chefe de uma direção estratégica que esteja no controle das operações, seja ao próprio Comandante Supremo. Às forças armadas de que provêm as tropas integrantes de uma frente compete apenas reforçar, reequipar, reaprovisionar e suprir cada uma delas.

Esta diferenciação clara entre funções operacionais e administrativas possibilita concentrar autoridade total nas mãos de um indivíduo, de maneira a evitar duplicação de controle, a assegurar adequada cooperação entre unidades de diferentes forças armadas e a impedir atrito entre elas.

No início da guerra entre a União Soviética e a Alemanha, foram criadas cinco frentes. No decorrer do conflito esse número foi aumentado para 15. Em seus estágios finais, as frentes operando na Direção Central compunham-se de um ou dois exércitos aéreos, oito ou nove exércitos de todas-as-armas, dois ou três exércitos de carros

e um número considerável de corpos de exército independentes, de carros, artilharia e fuzileiros motorizados. Estas frentes tinham efetivos que iam até um milhão de homens, três mil carros de combate, três mil aviões, e até 15 mil canhões e morteiros.

[2]

Após a guerra, devido à introdução de armas nucleares e como parte do contínuo aperfeiçoamento técnico das Forças Armadas, foi resolvido que em qualquer guerra futura seriam empregadas frentes mais poderosas, mais compactas e, portanto, mais facilmente controladas.

Contrariamente à crença reinante no Ocidente, as frentes têm uma organização de combate bem claramente definida, como batalhões, regimentos, divisões e exércitos.

Uma frente compreende:

Um comando e estado-maior.

Um regimento de comunicações — o sistema nervoso.

Uma brigada diversionária SPETSNAZ, um regimento de informações das comunicações e um regimento de vigilância de radar no campo de batalha — os olhos e ouvidos da frente.

Um exército aéreo.

Um exército de carros — o poder de choque da frente.

Dois exércitos de todas-as-armas.

Uma brigada independente de carros — a guarda pessoal do comandante de frente, que defende o posto de comando e as brigadas de foguetes de frente. Esta brigada só entra em ação nas situações mais críticas.

Duas brigadas de foguetes. Uma tem 12 lançadores com um alcance de nove a 1.200 quilômetros e é usada de acordo com os planos do

comandante da frente. A segunda brigada tem composição e armamento semelhantes aos de uma brigada de foguetes de exército e é empregada em reforço ao exército que estiver obtendo maior sucesso.

Uma divisão de artilharia, consistindo de seis regimentos e um grupo anticarro. Três dos regimentos possuem, cada um, 54 canhões M-46 de 130mm e os outros dois têm 54 obuses D-20 de 152mm cada um. O outro regimento tem 54 morteiros de 240mm. A divisão de artilharia, em sua totalidade, é empregada para reforçar a artilharia do exército que estiver obtendo maior sucesso.

Uma brigada de artilharia especialmente reforçada, consistindo de cinco grupos. Os três primeiros têm 12 canhões S-23 de 180mm, os outros dois têm cada um 12 obuses B-4M de 203mm. A brigada é empregada para reforçar o exército que estiver tendo maior sucesso.

Uma brigada de destruidores de carros, com cinco grupos, armados com 90 canhões pesados anticarro e 30 conjuntos de foguetes anticarro.

Duas brigadas de mísseis antiaéreos e dois regimentos de artilharia antiaérea, equipados e organizados analogamente às unidades correspondentes de um exército.

Uma brigada de assalto aeromóvel, empregada para a conquista rápida de linhas, pontes, pontos de transposição e desfiladeiros, em apoio às tropas em progressão da frente. Nestes próximos anos, os comandantes dos exércitos de carros de uma frente disporão igualmente de uma brigada assim.

Diversos batalhões penais, usados para a transposição de campos minados e para ataques a posições inimigas extremamente fortificadas. O número de batalhões penais disponíveis varia com o número de oficiais e soldados que não estejam querendo lutar pelo socialismo.

As unidades de apoio compreendem:

Uma brigada de engenharia.

Uma brigada de pontes de pontões.

Um batalhão de transposição de cursos d'água.

Uma brigada de transporte.

Um regimento de instalação de oleodutos.

Um regimento de defesa contra a guerra química.

Diversos hospitais de campanha e de evacuação.

Uma oficina móvel de manutenção de carros de combate.

Um regimento de transporte de carros de combate.

Em territórios onde for difícil o emprego de carros, uma frente não terá exército de carros. Em vez deste, talvez tenha uma divisão de carros independente, ou talvez nem isto. É claro que isto não se aplica à Europa Ocidental.

As frentes destinadas a operações na Europa Ocidental terão até 5.600 carros de combate, 772 aviões de combate, 220 helicópteros, três mil viaturas de combate de infantaria, três mil transportes de pessoal blindados, e 4.100 canhões, morteiros e lança-foguetes de tiro por salva, além de grande quantidade de outras armas e equipamento de combate.

[3]

Está claro que será assinalado que as forças estacionadas na Alemanha Oriental têm exatamente o dobro de tudo o que relacionei, possuindo:

Não um exército de carros, mas dois.

Um exército aéreo com número de aviões consideravelmente superior ao que mencionei.

Duas brigadas de assalto aeromóvel e não uma.

Não uma brigada diversionária, mas duas.

Quatro brigadas de foguetes, em lugar de duas.

Duas brigadas de engenharia, e não uma.

Duas brigadas de pontes de pontões, e não uma.

Uma divisão de artilharia com mais de 700 bocas de fogo, em vez das 324 anteriormente citadas.

Como isto pode ser explicado? Nada há de misterioso a respeito. Uma frente progredindo contra um inimigo forte pode ter uma zona de ataque de 200 a 250 quilômetros de largura. Na Alemanha Oriental, pois, há espaço para duas frentes. Na Tchecoslováquia só há espaço para uma.

Dois itinerários conduzem da Alemanha Oriental para oeste, separadas entre si por distância considerável. Devido a isto, convém empregar duas frentes diferentes; o controle sobre uma única frente avançando por duas direções diversas tenderia a gerar dificuldades. Se as forças soviéticas forem suplementadas por unidades alemãs orientais, haverá exatamente duas frentes na República Democrática Alemã. Não é divulgada esta intenção em tempo de paz, a fim de mantê-la em segredo. Ademais, é assaz simplesmente inconveniente manter dois generais da mesma antiguidade num mesmo país. Pois o mais antigo oficial soviético na RDA não é tão-somente um comandante militar, é também o chefe administrativo de uma colônia comunista. Por esta razão, os estados-maiores das frentes são unificados, ainda que mesmo para manobras anuais se separem, como ocorre com os exércitos aéreos e as divisões de artilharia. Um único telefonema basta para separar as duas frentes — tudo já está providenciado.

Por Que Há 20 Divisões Soviéticas na Alemanha, Mas Só Cinco na Tchecoslováquia?

[1]

A União Soviética mantém 10 divisões de fuzileiros motorizadas (D. F. M.), uma de artilharia (D. Ar.) e nove de carros de combate (D. C.) na Alemanha Oriental. Na Polônia, ela tem duas divisões de carros; na Tchecoslováquia, duas divisões de carros e três de fuzileiros motorizadas. No Distrito Militar da Rússia Branca, limítrofe da Polônia, são nove divisões de carros e quatro de fuzileiros motorizados. A Polônia tem cinco divisões de carros e oito de fuzileiros motorizadas; a Tchecoslováquia, cinco de carros e cinco de fuzileiros motorizadas.

À primeira vista, estes números parecem uma mixórdia arbitrária e insensata.

Mas, recordemos o fato fundamental de que as divisões, brigadas e regimentos do Leste europeu não podem constituir seus próprios exércitos (Ex.) ou frentes (F.). Eles simplesmente fazem parte de vários exércitos soviéticos, cobrindo os claros existentes. Não devemos, pois, encarar divisões soviéticas e do Leste europeu como entidades distintas. Em vez disso, temos de vê-las como tropas da Organização do Tratado de Varsóvia, sem distinções nacionais. Uma vez isso feito, encontramos um quadro inteiramente harmonioso.

Tomemos a Tchecoslováquia como exemplo. Em Praga há um coronel-general soviético que comanda o Grupo de Forças Central. Sob suas ordens acham-se os estados-maiores de um exército aéreo (Ex. Ae.) e de dois exércitos de todas-as-armas. O exército aéreo tem uma dotação prevista de apenas 150 aviões de combate soviéticos, mas, se a estes acrescentarmos os 500 aviões tchecos, teremos um

exército aéreo completo, com um general soviético na chefia.

Ao todo, na Tchecoslováquia há sete divisões de carros e oito de fuzileiros motorizadas. Este é exatamente o número necessário para compor uma frente. Quatro das divisões de carros constituem um exército de carros (Ex. C.). Duas das restantes divisões de carros e as oito de fuzileiros motorizadas formam dois exércitos, e a outra divisão de carros funciona como reserva. Durante a paz, a Tchecoslováquia tem duas brigadas de artilharia e dois regimentos anticarro. Isso é exatamente o necessário para completar dois exércitos, porém o exército de carros não precisa dessas unidades. A Tchecoslováquia possui três brigadas de foguetes, e é justamente essa a sua necessidade: uma brigada para cada exército, inclusive o exército de carros. Todas as unidades da linha de frente são soviéticas.

O coronel-general soviético em Praga é o Comandante da Frente Central. Os comandantes do exército aéreo e dos dois exércitos de todas-as-armas também são soviéticos, ao passo que os das divisões, brigadas e regimentos são tanto soviéticos como tchecos, porém todos inteiramente sob controle soviético. Já em tempo de paz há uma frente completa na Tchecoslováquia; só está ausente um elemento: um estado-maior para o quartel- general do exército de carros. Tudo o mais está ali. Não obstante, a 500 quilômetros da fronteira soviético-tcheca, na pequena cidade ucraniana de Jitomir, encontra-se o estado-maior do 8 Exército de Carros de Combate da Guarda (Ex. C. Gr.). Este estado-maior não tem ninguém sob sua direção. Então, a fim de que os generais não se aborreçam, frequentemente viajam à Tchecoslováquia para inspecionar as divisões de carros, e em seguida regressam à base. Tudo o que é preciso para transferi-los para a Tchecoslováquia é um voo de duas horas em avião de passageiros. Feito isso, a Frente Central estará pronta para a batalha.

Em Varsóvia, identicamente, há um coronel-general soviético. Ele tem igualmente à sua disposição o estado-maior e quartel-general de um exército aéreo (o 37 Exército Aéreo, com 360 aviões de combate), mas só possui duas divisões de carros soviéticos. Não há estados-maiores para os exércitos terrestres, pois seria inusitado ter três estados-maiores de exército para apenas duas divisões de

carros. Assim sendo, o coronel-general soviético dispõe de um imenso estado-maior em Legnica, no qual há generais suficientes para formar tanto o quartel-general de uma frente quanto os de três exércitos. E na Polônia, da mesma forma, há o número exato de divisões para constituir uma frente: sete de carros e oito de fuzileiros. Como na Tchecoslováquia, há quatro divisões de carros (um exército de carros), duas divisões de carros e oito de fuzileiros (dois exércitos) e mais uma divisão de carros, para atuar como reserva. Há exatamente o número de unidades auxiliares requerido para a frente e para os exércitos que a compõem. O número de aviões de combate é suficiente para reforçar tanto o 37 Exército Aéreo como o Exército Aéreo da Tchecoslováquia.

Durante a paz, já existe uma frente completa na Polônia, a qual não carece de ulterior fortalecimento. A transformação do estado-maior soviético em Legnica num quartel-general de uma frente e estados-maiores para três exércitos terrestres pode ocorrer automaticamente. Em 1968 foi concluída em uma questão de minutos. O que se afigura ser um estado-maior, de fato funciona, mesmo na paz, como quatro estados-maiores independentes; todos se acham instalados no mesmo local para disfarçar esse fato.

Na Alemanha Oriental há duas frentes. O total global de aviões soviéticos e alemães orientais é precisamente o número exigido para compor dois exércitos aéreos. O estado-maior do 16 Exército Aéreo já se encontra estacionado na Alemanha Oriental; o do l Exército Aéreo pode ser facilmente trazido da Rússia Branca em um único avião de transporte, em umas duas horas, e, uma vez isso feito, as duas frentes terão seu efetivo completo.

Em tempo de paz, há dois estados-maiores de exército de carros na Alemanha Oriental — cada frente possui um — e três estados-maiores para exército de todas-as-armas. Em outras palavras, há necessidade de mais um. Este, igualmente (o estado- maior do 289 Exército), viria da Rússia Branca, em um único avião e dentro de duas horas. Haveria, então duas frentes, cada uma com um exército aéreo, um exército de carros e dois exércitos de todas-as-armas. A mudança dos estados-maiores pode ser levada a cabo com tanta presteza por ser apenas preciso transferir cinco generais e 12 coronéis para cada estado-maior — os demais já se encontram na

Alemanha Oriental.

Ao todo, existem 11 divisões de carros e 14 de fuzileiros motorizadas na Alemanha Oriental. Cada frente carece de um mínimo de seis divisões de carros e oito de fuzileiros. Assim, apenas mais três divisões são necessárias, e elas, também, viriam da Rússia Branca. Isto tomaria 24 horas. As duas frentes poderiam iniciar operações de combate sem elas, que, por sua vez, poderiam estar em ação no prazo de um dia.

Porém, o que seria da pobre Rússia Branca, roubada do estado-maior de um exército aéreo e de um exército de todas-as-armas, e de mais três divisões—uma de carros e duas de fuzileiros motorizadas? Ainda lhe resta muita coisa.

Para ser mais claro, ela possui um coronel-general e seu estado-maior, duas brigadas de foguetes, duas brigadas antiaéreas SAM, uma brigada diversionária, uma brigada de assalto aeromóvel, os estados-maiores dos 5 e 7 Exércitos de Carros de Combate da Guarda e oito divisões de carros — quatro para cada exército de carros.

[2]

Com um número bem reduzido de movimentações (três estados-maiores de exército e três divisões), criamos uma estrutura que tem a precisão e harmonia de uma fórmula matemática.

Temos agora o seguinte quadro:

No primeiro escalão existem três frentes, duas na Alemanha Oriental e uma na Tchecoslováquia.

No segundo escalão — uma frente na Polônia.

No terceiro escalão — um grupo de exércitos de carros (Gr.Ex.C.).

O flanco marítimo está coberto pela Esquadra do Báltico soviética, a qual, em tempo de guerra, incorporaria todos os navios das Armadas polonesa e alemã oriental.

À testa de cada uma dessas organizações, acha-se um comandante. Acima dele há um comandante-em-chefe, cujo quartel-general fica em Zossenwunsdorf. Não poderia haver local melhor para um quartel-general em nenhuma parte do mundo. Fica bem próximo de Berlim Ocidental, que, com seus arredores imediatos, estaria, é claro, imune a ataques nucleares do Ocidente. O Comandante-em-Chefe utiliza Berlim Ocidental como refém e salvaguarda; ele fica perfeitamente protegido contra armas convencionais por abrigos de concreto e por exércitos de carros.

Cada exército dispõe de uma divisão de carros e quatro de fuzileiros motorizadas. Cada exército de carros tem quatro divisões de carros. Cada frente tem um exército aéreo, um exército de carros e dois exércitos de todas-as-armas. O grupo de exércitos de carros compreende dois exércitos de carros. Ao todo, cada frente inclui seis divisões de carros e oito de fuzileiros motorizadas. Há um total de seis exércitos de carros e oito de todas-as-armas. A direção estratégica abrange quatro frentes (todas-as-armas) e um grupo de exércitos de carros de combate.

Os exércitos desta direção estratégica totalizam 32 divisões de carros e 32 de fuzileiros motorizadas.

Acrescente-se a isso, à disposição do comandante-em-chefe da direção, duas divisões de carros, uma na Polônia e outra na Tchecoslováquia, e duas divisões paraquedistas (D.P.Q.) — a 6 Polonesa e a 103 da Guarda, esta na Rússia Branca.

Igualmente às ordens do comandante-em-chefe da direção estratégica há um regimento SPETSNAZ de reconhecimento de longo alcance, um regimento de aviões de reconhecimento sem piloto Yastreb, uma brigada de comunicações da guarda, uma brigada de transporte, uma divisão de tropas ferroviárias, uma brigada de montagem de oleodutos, uma brigada de defesa contra guerra química, uma brigada de engenharia, uma brigada de pontes de pontões e outras unidades.

Durante a execução de determinada operação, ele poderá exercer comando temporário de:

Um corpo de exército da Força de Foguetes Estratégicos

Um (ou, em alguns casos, todos os três) corpo de exército da Força Aérea de Longo Alcance

Um exército da Força da Defesa Aérea Nacional

Toda a Aviação de Transporte Militar

[3]

A Direção Estratégica Oeste é o mais poderoso grupamento de forças deste planeta. Tem a missão de romper as defesas do Ocidente para resgatar os europeus ocidentais dos grilhões do capitalismo. O plano para seu emprego operacional é simples: um ataque simultâneo por todas as três frentes. A frente que for mais bem-sucedida será imediatamente reforçada com o acréscimo da frente em segundo escalão da Polônia, com a incumbência de destruir as defesas inimigas, após o que o grupo de exércitos de carros será empenhado para ampliar a brecha, apoiado por lançamentos das divisões paraquedistas. As divisões que sofrerem perdas graves não serão reforçadas, mas sim imediatamente retiradas da batalha e substituídas por novas divisões vindas dos Distritos Militares de Moscou, Volga ou Urais. Na eventualidade de uma ruptura e penetração na França, a Direção Estratégica Oeste poderá receber mais um grupo de exércitos de carros, localizado no Distrito Militar de Kiev em tempo de paz e composto dos 3 e 6 Exércitos de Carros de Combate da Guarda.

Deve ser salientado que a missão do Comandante-em-Chefe da Direção Estratégica Oeste é avançar rapidamente para oeste e concentrar todos os seus esforços unicamente nisso. Ele é coberto ao sul pela Áustria e Suíça, ambas neutras, as quais, segundo está planejado, serão libertadas um pouco mais tarde, enquanto ao norte desta direção estratégica fica o “Território” alemão ocidental do Schleswig-Holstein e da Dinamarca. Foi elaborado um plano para impedir as forças desta direção de se deslocarem para o norte tanto quanto para o oeste. O Distrito Militar do Báltico em tempo de guerra se tomará a Frente Báltica. Esta não ficará sob o comando da Direção Estratégica Oeste mas sim independente; em outras palavras: ficará subordinada diretamente ao Comandante Supremo.

A Frente Báltica atravessará território polonês no rumo da Alemanha e se desdobrará para o norte, com a missão de cobrir o flanco norte da Direção Estratégica Oeste, libertar a Dinamarca e apoderar-se dos estreitos do Báltico. Por ter de operar em uma frente muito estreita e efetuar operações em ilhas, a composição da Frente Báltica foi um tanto mudada. Ela incluirá:

O 30 Exército Aéreo.

Os 9 e 11 Exércitos da Guarda, cada um consistindo de uma divisão de carros e três de fuzileiros motorizadas, em vez de quatro.

Uma divisão de carros, em lugar de um exército.

Uma divisão de artilharia e todas as demais unidades que normalmente integram uma frente.

Como compensação pelas divisões que lhe faltam, a Frente Báltica tem uma componente muito incomum — uma Divisão de Infantaria de Marinha (D.I. Mar.) polonesa. Ademais, a 107 Divisão Paraquedista da Guarda soviética apoiará a Frente Báltica, embora sem lhe ficar subordinada.

Ao norte operará outra frente, independente de qualquer direção estratégica, diretamente subordinada ao Comandante Supremo. Esta frente será estabelecida sobre a base proporcionada pelo Distrito Militar de Leningrado. Será composta por um exército aéreo, dois exércitos de todas-as-armas e uma divisão de carros independente. Uma divisão paraquedista baseada no Distrito Militar de Leningrado, mas não subordinada a este, dará apoio operacional. Esta frente agirá contra a Noruega e, possivelmente, a Suécia.

A Organização da Direção Estratégica Sudoeste

[1]

A Direção Estratégica Sudoeste, que fica ombro a ombro com a Oeste, está organizada exatamente da mesma maneira: três frentes no primeiro escalão, uma frente no segundo, um grupo de exércitos de carros no terceiro, e um flanco marítimo protegido pela Esquadra do Mar Negro, a que se reuniriam, em caso de guerra, todos os navios das Armadas búlgara e romena.

Ao contrário de sua equivalente Oeste, a Direção Estratégica Sudoeste cobre terreno inadequado ao desdobramento de uma grande quantidade de carros. A par disso, é claro, o inimigo aqui não é tão forte quanto o é no Oeste. As frentes da Direção Estratégica Sudoeste, por conseguinte, não têm exércitos de carros. Cada frente consiste de um exército aéreo e dois exércitos de todas-as-armas. Os estados-maiores de todos os exércitos são trazidos de distritos militares no interior da URSS.

A fim de examinar a estrutura desta direção estratégica, faremos duas coisas: admitiremos que as cinco brigadas de carros búlgaras igualem duas divisões de carros, igualdade essa que qualquer especialista militar confirmará ser razoável. Também avançaremos uma divisão de fuzileiros motorizada soviética, apenas uns 200 metros, da cidadezinha soviética de Ujgorod para dentro do território húngaro. Teremos, então, o seguinte quadro:

Na Hungria, há três divisões de carros e oito de fuzileiros motorizadas. A frente ali consistirá de dois exércitos, cada uma com uma divisão de carros e quatro de fuzileiros motorizadas, mantendo em reserva uma divisão de carros.

Na Romênia, há duas divisões de carros e oito de fuzileiros

motorizadas — estas igualmente formarão uma frente de dois exércitos comuns junto com um exército aéreo.

Na Bulgária, há duas divisões de carros e oito de fuzileiros motorizadas.

No segundo escalão, acha-se o Distrito Militar Carpatiano, composto do 58 Exército Aéreo e dos 13 e 38 Exércitos. Já sabemos que o estado-maior do 8 Exército de Carros da Guarda não tem ninguém sob seu comando e que, em caso de guerra, se mudará para a Tchecoslováquia. Feita esta suposição, e após ter avançado uma divisão de fuzileiros motorizada para 200 metros mais adiante, a frente terá três divisões de carros e oito de fuzileiros motorizadas — dois exércitos com uma divisão em reserva.

Finalmente, no terceiro escalão acha-se o Distrito Militar de Kiev, no qual se localiza o estado-maior do comandante-em-chefe da direção estratégica e o do grupo de exércitos de carros (os 3 e 6 Exércitos de Carros da Guarda, com uma lotação total de oito divisões de carros de combate).

Em reserva, o comandante-em-chefe dispõe de duas divisões de carros (na Hungria e na Tchecoslováquia), quatro divisões de fuzileiros motorizadas e a 102 Divisão Paraquedista da Guarda. Em complemento, ele tem um regimento diversionário e a variedade de unidades e órgãos de apoio igual à do Comandante-em-Chefe da Direção Estratégica Oeste.

Naturalmente, não é acidental o fato de o grupo de exércitos de carros estar localizado no Distrito Militar de Kiev. Dali, o grupo pode deslocar-se rapidamente para a frente que dele mais carecer. Também poderia ser colocado sob o comando da Direção Estratégica Oeste e, violando a neutralidade da Áustria a partir da Hungria, atacar a indefesa fronteira austro-húngara.

[2]

As proporções estabelecidas para a Direção Estratégica Sudoeste são seguidas tão exatamente quanto as de sua equivalente do Oeste.

Em cada exército há quatro divisões de fuzileiros motorizadas e uma de carros. Na direção estratégica há quatro frentes de todas-as-armas e um grupo de exércitos de carros.

Em cada frente há duas divisões de carros e oito de fuzileiros motorizadas. Ao todo são dois exércitos de carros e oito de todas-as-armas, compostos por 16 divisões de carros e 32 de fuzileiros. Lembremo-nos de que na Direção Estratégica Oeste são 32 divisões de carros e 32 de fuzileiros motorizadas.

A Direção Estratégica Sudoeste pode ser reforçada com tropas dos Distritos Militares de Odessa e do Norte do Cáucaso.

PARTE IV - MOBILIZAÇÃO

Tipos de Divisões

[1]

O Exército Soviético está dotado de dúzias de tipos de armas de artilharia: canhões, obuses, canhões-obuseiros e obuseiros-canhões, morteiros comuns e automáticos, lança-foguetes de canos múltiplos e tiro por salva, canhões anticarro e antiaéreos. Em cada uma dessas classes de armamento há uma gama enorme de modelos — desde muito pequenos até enormes — e a maioria destes existem com variantes: autopropulsados, de propulsão auxiliar, rebocados, de assalto, de montanha e fixos ou estáticos.

A despeito, porém, da vasta diversidade de sistemas de artilharia, todos eles têm um traço comum: não importa quantos homens haja na guarnição de uma peça — três ou 30 — só dois especialistas qualificados — o chefe de peça e o apontador — são necessários. Todo o restante da guarnição pode desincumbir-se dos encargos sem qualquer gênero de instrução especializada. Qualquer municiador, carregador, operador do soquete, graduador de espoletas, ou seja, qualquer outro servente da peça, pode ter suas tarefas explicadas em três minutos, e a guarnição pode estar funcionando como um autômato em poucas horas. O mesmo aplica-se ao motorista de um canhão autopropulsado ou de um trator de rebocar canhão. Se ele foi antes motorista de trator, prontamente dominará seus afazeres.

Os generais soviéticos sabem ser possível ensinar um urso a andar de bicicleta — e muito depressa. Por que, raciocinam eles, precisamos manter um exército de paz com centenas de milhares de soldados, se as tarefas que eles desempenhariam em tempo de guerra seriam tão simples? Por certo é mais fácil substituir os 30 homens de uma seção de dois obuses por cinco: o comandante da seção, dois chefes de peça e dois municiadores, e guardar na naftalina os obuses e seus tratores. Se a guerra vier, os outros — os

ursos — podem ser treinados bem rapidamente. Por enquanto, que eles permaneçam ocupados com trabalho pacífico: fundição de aço (para blindagem, é claro) ou construção de usinas elétricas (para a produção de alumínio, que na URSS é usado somente para fins militares).

[2]

É por isso que, em tempo de paz, a grande maioria dos regimentos, brigadas e divisões da Artilharia soviética têm apenas 5% dos soldados de que precisariam em tempo de guerra. Só as unidades (uma insignificante minoria) estacionadas em países da Europa Oriental ou na fronteira chinesa encontram-se com efetivos completos.

Este princípio aplica-se não só à Artilharia como à maioria das tropas terrestres e, de fato, ao grosso das Forças Armadas Soviéticas. É quase impossível aplicá-lo a certas categorias — carros de combate ou submarinos, digamos. Mas aplica-se em muitos casos, particularmente às unidades de Infantaria, Infantaria de Marinha, manutenção, transporte e engenharia, e a unidades que guarnecem as áreas fortificadas.

Devido a isto, as colossais forças soviéticas, com seu efetivo de paz de 183 divisões, além de grande número de brigadas, regimentos e batalhões independentes, têm um efetivo numérico ridiculamente pequeno — pouco além de 1,5 milhão de homens.

Este número espantosamente reduzido é ilusório. Simplesmente, ao completar o efetivo das divisões, assim como das brigadas, regimentos e batalhões independentes no primeiro dia de mobilização, elevará o total das forças terrestres para 4,1 milhões de homens. Essa, porém, é tão-só a primeira etapa da mobilização.

As divisões soviéticas estão grupadas em três categorias, dependendo do número de “ursos” ausentes em tempo de paz:

Categoria A — divisões com 80% ou mais do efetivo completo.

Categoria B — entre 30% e 50%.

Categoria C — entre 5% e 10%.

Alguns observadores ocidentais usam as categorias “1”, “2” ou “3” referindo-se às divisões soviéticas. Isto não afeta a essência da questão, mas não é exato. As categorias de 1 a 3 são utilizadas na URSS somente ao referir-se a distritos militares. As divisões são sempre indicadas por letras do alfabeto. Isto ocorre por ser mais simples usar letras em abreviaturas secretas. Por exemplo, “213 C MRD” refere-se à 213 Divisão de Fuzileiros Motorizada*, que cai na categoria C. O emprego de uma categoria numérica em uma mensagem dessas poderia conduzir a confusão. Ao referir-se a distritos militares, que têm títulos mas não números, é mais cômodo utilizar algarismos para indicar categorias.

Outros observadores ocidentais superestimam o número de soldados no efetivo das divisões de categorias B e C. Com efeito, há consideravelmente menos soldados do que se afigura a um observador de fora. Estas superestimativas presumivelmente decorrem do fato de, em muitos aquartelamentos, além do pessoal das divisões que estão abaixo do efetivo, existirem outras unidades e subunidades também abaixo do efetivo mas não abrangidas no total divisionário. A Força Terrestre soviética compreende cerca de 300 brigadas independentes, mais de 500 regimentos independentes e alguns milhares de batalhões e companhias independentes, não integrados a divisões. Na maioria dos casos, seu pessoal fica aquartelado em quartéis de divisões com efetivo abaixo do previsto, dando uma impressão enganadora do efetivo da própria divisão. Em muitos casos, também, para fins de dissimulação, essas subunidades usam as insígnias das divisões com as quais se acham aquarteladas. Isso aplica-se primordialmente a pessoal de foguetes, diversionário e de reconhecimento e informação, mas é igualmente o caso de unidades relacionadas com o suprimento, armazenagem e transporte de armas nucleares e químicas.

Cerca de um terço das divisões do Exército Soviético enquadram-se na categoria A. Elas abrangem todas as divisões estacionadas no estrangeiro e um certo número das que ficam na fronteira com a China.

As categorias B e C também respondem por aproximadamente um terço de todas as divisões soviéticas. Nestes últimos anos, tem havido uma constante troca de divisões da categoria B para a C devido à introdução de novas Armas, como as unidades de assalto aeromóvel e das áreas fortificadas. As novas subunidades e unidades exigem tropas inteiramente novas, sempre retiradas de divisões da categoria B. Não podem ser aproveitadas das divisões de categoria A por estas representarem o número mínimo de tropas a serem mantidas em prontidão, ou das divisões de categoria C por estas não terem nada sobrando.

Deve-se observar igualmente que nas divisões de categoria B os três batalhões ou grupos mais importantes — de foguetes, de reconhecimento e de comunicações — são mantidos com efetivo de categoria A. Nas divisões de categoria C essas unidades são mantidas com efetivo da categoria B.

O mesmo aplica-se a unidades e subunidades similares integradas nos exércitos e frentes. Todas as unidades de foguetes, reconhecimento, diversionárias e de comunicações servindo em exércitos ou frentes são conservadas com efetivo de uma categoria acima de todos os demais elementos desse exército ou frente em particular.

[3]

Deve-se salientar o fato de que a categoria alocada a uma divisão não tem efeito de qualquer espécie sobre a extensão com que ela é suprida com novos armamentos. As divisões estacionadas no estrangeiro, todas sem exceção incluídas na categoria A, ficam em segundo lugar quando está sendo distribuído material bélico novo.

O material mais recente é distribuído antes de mais nada aos distritos militares de fronteira — Báltico, Rússia Branca, Carpatiano, Extremo Oriente e Trans-Baikal.

Só cinco, sete ou, às vezes, 10 anos depois de um determinado artigo de equipamento ser distribuído pela primeira vez, é fornecido às divisões estacionadas no estrangeiro. Só em terceiro lugar vêm os

aliados da União Soviética. Uma vez plenamente atendidas as necessidades de todos esses três elementos, é interrompida a produção daquele modelo em particular. Tendo início a produção de uma nova versão, recomeça uma vez mais o reequipamento dos distritos militares da fronteira soviética e o material deles recolhido é usado para recompletar as unidades estacionadas em áreas de retaguarda. Uma vez reequipados os distritos militares da fronteira, o processo de fornecer o material usado deles para as divisões de categoria C vem a seguir. Aí recomeça tudo de novo — para o segundo escalão, a seguir o primeiro, e assim por diante.

Esse sistema de suprimento de equipamento de combate possui vantagens inegáveis.

Primeiramente, o sigilo é grandemente aumentado. Tanto amigos como inimigos imaginam que o equipamento distribuído ao Grupo de Forças na Alemanha é de fato o último disponível. Os inimigos, por conseguinte, subestimam grandemente o potencial combativo e as possibilidades do Exército Soviético. Os amigos também são confundidos, e por isso toma-se possível vender-lhes peças que estão sendo distribuídas na Alemanha Oriental como se fossem o modelo mais recente.

Em segundo lugar, torna-se bem mais difícil para um soldado soviético desertar para o inimigo com pormenores sobre o mais novo material — ou mesmo, talvez, atravessar a fronteira dirigindo o mais recente modelo de carro de combate ou transporte blindado. É praticamente impossível fazer isto partindo dos Distritos Militares do Báltico ou da Rússia Branca. O comando soviético não se preocupa absolutamente com os Distritos Militares do Trans-Baikal ou do Extremo Oriente. Ele sabe muito bem que todo soldado soviético odeia o socialismo e que, por conseguinte, só desertaria para passar para um país capitalista. Ninguém jamais pensaria sequer em desertar para a China socialista.

Em terceiro lugar, no caso de guerra o primeiro escalão de forças é que sofreria as maiores perdas nas primeiras horas — equipamento bom tem de ser perdido, é claro, mas não tem de ser do último tipo. Mas a seguir, após isso, as divisões dos Distritos Carpatiano, da Rússia Branca e do Báltico entrarão na batalha equipadas com as novas armas, cuja existência é insuspeitada pelo inimigo.

Este sistema de reequipamento existe há várias décadas. É significativo que o carro de combate T-34, que entrou em produção em massa já em 1940, só tenha sido distribuído a distritos militares das zonas de retaguarda. Conquanto a URSS estivesse despreparada para o ataque de surpresa da Alemanha, essas medidas de segurança foram tomadas automaticamente, pois era fácil aplicá-las. O morticínio de surpresa logrado pelos alemães destruiu milhares de carros de combate soviéticos, porém entre eles não havia um único T-34. Tampouco, a despeito do fato de o Exército Soviético possuir dois mil desses carros de combate, eles apareceram na batalha durante as primeiras semanas de guerra. Só depois que o primeiro escalão das forças soviéticas tinha sido completamente aniquilado é que as forças alemãs toparam pela primeira vez com o excelente T-34. É também expressivo que o Serviço de Informação alemão nem sequer suspeitasse da existência do carro, sem falar do fato de estar ele sendo produzido em massa.

---

* Em inglês: Motor-Rifle Division. (N. do T.)

As Divisões Invisíveis

[1]

A 31 de dezembro de 1940, o Estado-Maior Combinado alemão acabou de elaborar uma diretriz sobre o desdobramento estratégico da Wehrmacht para o ataque de surpresa contra a URSS. Um apêndice ultra-secreto à diretriz foi preparado, a partir de dados fornecidos pelo Serviço de Informação alemão, contendo uma apreciação acerca do efetivo de combate do Exército Vermelho. Os generais alemães acreditavam que a Força Terrestre soviética abrangesse 182 divisões, das quais só 141 poderiam ser lançadas em uma guerra contra a Alemanha. Devido à tensa situação nas fronteiras asiáticas da URSS, um mínimo de 41 divisões deveriam a todo custo ser deixado guardando aquelas fronteiras. Todo o plano de guerra contra a URSS, nessas condições, era baseado numa estimativa da velocidade com que as 141 divisões soviéticas poderiam ser destruídas.

A 22 de junho a Alemanha atacou, pegando a todos na URSS, inclusive Stalin, de surpresa. A maneira pela qual a guerra evoluiu não poderia ter sido melhor para a Alemanha. Nas primeiras poucas horas, milhares de aviões incendiavam os campos de pouso soviéticos enquanto milhares de carros de combate e canhões soviéticos sequer conseguiam sair dos depósitos. Nos primeiros dias da guerra, dúzias de divisões soviéticas, vendo-se cercadas e sem munição, combustível ou provisões, renderam-se ingloriamente. Pontas de lança blindadas alemãs efetuaram brilhantes operações de envolvimento, cercando não apenas divisões ou corpos soviéticos mas exércitos inteiros. No terceiro dia da guerra, os 3 e 10 Exércitos soviéticos foram cercados perto de Bialistok. Imediatamente depois, uma outra operação de envolvimento igualmente ampla foi levada a cabo próximo a Minsk, Vitebsk e Orsha, perto de Smolensk. Dois exércitos soviéticos foram destruídos, após cercados, nas proximidades de Uman, e cinco exércitos em um imenso bolsão

perto de Kiev.

Entretanto, ainda enquanto os sinos repicavam por suas vitórias, os sóbrios generais alemães já roíam as unhas ao se inclinarem sobre os mapas: o número de divisões soviéticas não diminuía — pelo contrário, aumentava depressa. Já em meados de agosto o General Halder escrevia em seu diário: "Nós os subestimamos. Descobrimos agora e identificamos 360 de suas divisões!" Mas Halder falava apenas das divisões soviéticas diretamente envolvidas naquele momento em combate nas áreas avançadas — isto é, divisões de primeiro escalão. Quantos, porém, havia no segundo escalão? E no terceiro? E nas reservas dos exércitos e das frentes? E nos distritos militares do interior? E na reserva da Stavka? E quantas divisões tinha o NKVD? Quantas eram elas ao todo?

O erro de cálculo mostrou-se fatal: 153 divisões alemãs e 37 dos Aliados provaram ser insuficientes para destruir o Exército Vermelho, mesmo levando em conta as mais favoráveis condições.

O engano dos generais alemães foi dobrado. Primeiramente, o Exército Vermelho consistia não de 182 mas de 303 divisões, sem contar as divisões do NKVD, as forças paraquedistas, a Infantaria de Marinha, as tropas de fronteira, as tropas das áreas fortificadas e outras.

Em segundo lugar, e isto foi mais importante, os generais alemães nada sabiam absolutamente acerca do sistema da "segunda formação" — o sistema que em uma única noite cinde as divisões soviéticas em duas cada. Este é um sistema que permite ao Estado-Maior Combinado soviético aumentar o número de suas divisões de exatamente cem por cento, em tempo extraordinariamente escasso.

[2]

O sistema das divisões "invisíveis" foi adotado pelo Exército Vermelho no início da década de 30. Salvou a União Soviética da derrota na Segunda Guerra Mundial. Ainda está em uso hoje em dia.

O processo, que habilita a liderança soviética a expandir o efetivo de combate de suas Forças Armadas com grande presteza, é simples, confiável e não se vale de recursos materiais.

Durante a paz, cada comandante de divisão tem não um mas dois subcomandantes. Um destes exerce suas funções continuamente, o outro só de vez em quando, uma vez que tem uma série de outras responsabilidades. Ele também tem uma designação secreta: "Comandante de Divisão — Segunda Formação".

O chefe de estado-maior da divisão, um coronel, também tem dois subchefes, tenentes-coronéis, um dos quais também tem uma designação secreta: "Chefe de Estado-Maior Divisionário — Segunda Formação".

O mesmo sistema aplica-se a todos os regimentos.

Cada batalhão possui um comandante (um tenente-coronel) e um subcomandante, o qual é secretamente designado "Comandante de Batalhão — Segunda Formação".

Imaginemos que tenha irrompido um conflito na fronteira sino-soviética. Uma divisão recebe sua ordem de marcha e desloca-se imediatamente para a respectiva zona de operações. O comandante da divisão tem apenas um subcomandante — o oficial que vem desempenhando esta função, com todas as suas responsabilidades, durante a paz. Seu chefe de estado-maior e os comandantes de regimentos, igualmente, só dispõem de um subcomandante cada um. Os comandantes de batalhões não têm subcomandantes, mas em uma situação desse gênero um dos comandantes de companhia de cada batalhão imediatamente toma-se o sub do comandante do batalhão e um dos comandantes de pelotão automaticamente assume o seu cargo.

Tais movimentações irrelevantes de oficiais não reduzem a eficiência combativa da divisão de forma alguma.

Portanto, a divisão deixa seu aquartelamento com efetivo completo, com todos os homens e equipamento. Se estiver com soldados, graduados e subalternos a menos, eles serão recompletados a caminho da zona de operações. A incorporação de reservistas é uma

operação muito cuidadosamente trabalhada.

Todavia, após a partida da divisão de seu estacionamento, este não ficou vazio. O coronel que, em tempo de paz, agia como subchefe de estado-maior da divisão permaneceu ali. Há, também, seis tenentes-coronéis que eram subcomandantes de regimentos, junto com os subcomandantes dos batalhões, e com um terço dos comandantes de pelotões, os quais agora se converteram em comandantes de companhias.

Assim, todo um quadro de comando fica no estacionamento. Seus títulos anteriormente secretos tornam-se explícitos. Dentro de 24 horas, esta nova divisão recebe 10 mil soldados da Reserva e o estacionamento de onde uma divisão acaba de partir já está ocupado por outra. Indiscutivelmente, é claro, a nova divisão é inferior em capacidade de combate à que acaba de partir para a frente. Naturalmente, os reservistas de há muito esqueceram o que lhes foi ensinado vários anos antes, durante seu período de serviço militar. É compreensível que os pelotões, companhias e batalhões ainda não tenham desenferrujado e não sejam capazes de obedecer às ordens de seus comandantes pronta e precisamente. Não obstante, essa é uma divisão. À sua testa, acha-se um oficial treinado e experiente, que há vários anos tem sido, essencialmente, um substituto de prontidão para o comandante de uma divisão realmente operacional, e que muitas vezes desempenhou as funções deste. Os em comando dos novos regimentos, batalhões e companhias são, igualmente, todos oficiais operacionais, e não reservistas. Cada um deles trabalhou constantemente com soldados de verdade e com equipamento atualizado, participando de exercícios de combate e mantendo constante e dura responsabilidade por suas ações e pelas dos subordinados. Ademais, todos os oficiais da nova divisão, do comandante para baixo, conhecem-se uns aos outros e trabalharam juntos vários anos.

Porém, de onde vem material suficiente para tantas divisões novas? Esta questão é simples. Estas divisões “invisíveis” utilizam equipamento velho. Por exemplo: imediatamente após o término da guerra, os infantes soviéticos estavam equipados com armas automáticas PPSh. Estas foram trocadas por fuzis de assalto AK- 47. Cada divisão recebeu a quantidade de novas armas de que

necessitava e as antigas foram colocadas na naftalina e armazenadas nos depósitos divisionários para as “divisões invisíveis”. Em seguida, os fuzis AKM substituíram os AK-47, que foram levados para o depósito divisionário, de onde os velhos PPSh foram mandados (ainda em condições de utilização) para armazéns do governo, ou foram transferidos para “movimentos de libertação nacional”. O mesmo trajeto foi seguido pelos lança-foguetes RPG-1, RPG-2, RPG-7 e depois os anticarro RPG-16. À medida que eram recebidos novos armamentos, os da geração anterior ficavam no armazém da divisão, até esta receber algo inteiramente novo. A seguir, o conteúdo dos armazéns era renovado.

O mesmo ocorre com material de carros de combate, artilharia, comunicações e assim por diante. Eu mesmo vi, guardados em muitos depósitos divisionários, carros de combate JS-3 (que foram distribuídos inicialmente às unidades no final da Segunda Guerra Mundial), e isto numa ocasião em que a divisão inteira achava-se equipada com os do tipo T-64, novinhos em folha. Quando a artilharia soviética começou a ser reequipada com canhões autopropulsados, os velhos canhões rebocados certamente não foram enviados para serem derretidos, mas postos em reserva para a “divisão da segunda formação”.

Então, dirá você, essas “divisões invisíveis” são não apenas integradas por reservistas que ficaram gordos e preguiçosos mas também equipadas com material obsoleto? Absolutamente certo. Mas por que, indagam com razão generais soviéticos, deveríamos distribuir o equipamento mais moderno a reservistas lerdos? Seriam capazes de aprender a usá-lo? Haveria tempo para ensiná-los em plena guerra? Não é melhor guardar o equipamento antigo (em outras palavras, simples e confiáveis), já conhecido pelos reservistas? Armas que aprenderam a utilizar oito ou 10 anos atrás, quando serviram ao Exército? Guardar em reserva um carro de combate antigo é mil vezes mais barato do que construir um novo. Não é melhor guardar no depósito 10 mil carros velhos do que construir 10 novos?

Sim, as “divisões invisíveis” são antiquadas e não estão tinindo com equipamento secreto, mas não custa absolutamente nada manter 150 delas durante a paz. E a chegada de 150 divisões, ainda que

antiquadas, em um momento crítico, para reforçar 150 outras armadas com a última palavra em equipamento, pode deixar o inimigo atônito e anarquizar com todas as suas previsões. Foi exatamente o que se deu em 1941.

O sistema da "segunda formação" não se restringe às forças terrestres. Também é empregado pelas forças paraquedistas, as tropas de fronteira, a Infantaria de Marinha, a Força Aérea e a Força da Defesa Aérea Nacional.

Eis um exemplo de utilização desse sistema.

No final da década de 50, os regimentos e divisões de artilharia antiaérea da Força da Defesa Aérea Nacional começaram a ser rapidamente reequipados com foguetes em vez da artilharia convencional. Todos os canhões antiaéreos foram deixados com os regimentos e divisões antiaéreos como sistema de armamento secundário, em acréscimo aos novos foguetes. Pretendia-se, então, que num caso de guerra pudesse ser formado um regimento de artilharia antiaérea como contrapartida a cada regimento de foguetes, e que isso pudesse ser realizado com as brigadas e divisões de foguetes antiaéreos. O próprio Khruschev manifestou-se fortemente oposto ao sistema. Os que se encontravam no comando da Força da Defesa Aérea Nacional sugeriram que Khruschev se retratasse amigavelmente mas ele recusou, repelindo o que via como uma idéia estapafúrdia de meia dúzia de generais conservadores incapazes de entender a superioridade dos foguetes antiaéreos sobre canhões obsoletos. Aí, porém, começou a guerra no Vietnam. Subitamente, percebeu-se que foguetes são inócuos contra aviões voando a alturas extremamente reduzidas. Ficou claro, ainda, haver condições nas quais é de todo impossível transportar foguetes para certas áreas, que durante ataques maciços é quase impossível recarregar os lança-foguetes, de modo que se tornam totalmente inúteis após o primeiro disparo, que o equipamento eletrônico das unidades de foguetes fica exposto a contramedidas intensas do inimigo e que estas podem reduzir seriamente a eficácia dos sistemas de mísseis. Então foram lembrados os antiquados, simples, confiáveis e econômicos canhões antiaéreos. Milhares deles foram retirados dos depósitos e enviados para o Vietnam, a fim de reforçar as unidades de foguetes antiaéreos. Os resultados

conseguidos são bastante conhecidos.

Isto esclarece bem por que velhos canhões antiaéreos (dezenas de milhares) ainda estão armazenados hoje pelas unidades de foguetes antiaéreos do Exército Soviético. Todos foram reunidos para os regimentos, brigadas e divisões “invisíveis”. Se necessário for, tudo de que se precisa é convocar os reservistas que um dia serviram em unidades equipadas com essas armas e o efetivo numérico da Força da Defesa Aérea Nacional será duplicado. Naturalmente, o poderio de combate não será aumentado proporcionalmente ao crescimento numérico, mas na batalha qualquer incremento poderá modificar as posições relativas dos combatentes.

Por Que um Distrito Militar É Comandado por um Coronel-General Durante a Paz, Mas Apenas por um Major-General em Tempo de Guerra?

[1]

Nenhum aspecto isolado do Exército Soviético suscita tantas discordâncias e incompreensões entre especialistas quanto a questão dos “distritos militares”. Um deles afirmará que um distrito se acha sob o comando do Comandante-em-Chefe da Força Terrestre. Outros imediatamente repelirão isso. O comandante de um distrito militar tem à sua disposição um exército aéreo e comanda-o, mas o Comandante-em-Chefe da Força Terrestre não está autorizado a exercer o comando de um exército aéreo. O comandante de um distrito militar pode ter em sua área escolas de treinamento navais, de foguetes ou de voo, mas o Comandante-em-Chefe da Força Terrestre não possui autoridade sobre esses estabelecimentos.

A fim de compreender o papel dos distritos militares no Exército Soviético, precisamos, uma vez mais, voltar ao tempo da guerra e recordar qual foi então a função deles.

Antes da guerra, o território da União Soviética encontrava- se dividido em 16 distritos militares. A mesma estrutura existe hoje em dia, com mínimas modificações. Antes da guerra os distritos militares eram comandados por coronéis-generais e generais-de-exército. Hoje a situação permanece exatamente a mesma. Durante a guerra, as forças desses distritos foram para a frente de combate, sob o comando desses mesmos coronéis-generais e generais. Mas os distritos militares continuaram existindo. Durante a guerra, foram comandados por majores-generais ou, em poucos casos, por tenentes-generais.

Durante a guerra, os distritos militares nada mais eram do que unidades da administração territorial militar. Cada distrito militar era responsável por:

• Manter a ordem e a disciplina entre a população, assegurando a estabilidade do regime comunista.

• Guardar instalações militares e industriais.

• Prover e defender as comunicações.

• Mobilizar recursos humanos, materiais, econômicos e naturais para uso dos exércitos combatentes.

• Instruir reservistas.

Está claro que essas atividades não se enquadravam nas atribuições do Comandante-em-Chefe da Força Terrestre. Por esta razão, os distritos militares eram subordinados ao Vice-Ministro da Defesa e, através deste, à mais influente seção do Politburo.

Nos distritos militares há escolas para todas as Forças Armadas e para as Armas e especialidades destas, e é em tais escolas que se reúnem as novas formações das Forças Armadas. Por exemplo, 10 exércitos, dos quais um é um exército aéreo, foram formados no Distrito Militar do Volga durante a guerra, junto com diversas brigadas de Infantaria de Marinha, uma divisão polonesa e um batalhão tcheco. Em qualquer guerra futura, os distritos militares desempenharão função idêntica. Enquanto unidades e organizações militares estiverem sendo reunidas e treinadas, todas ficarão às ordens do comandante do distrito militar. Ele próprio será responsável perante o Comandante-em-Chefe da Força Terrestre por tudo que se referir aos exércitos desta, perante o Comandante-em-Chefe da Marinha no que disser respeito à Infantaria de Marinha, para assuntos aéreos se responsabilizará junto ao Comandante-em-Chefe da Força Aérea e, nas questões relativas a unidades estrangeiras, junto ao Comandante-em-Chefe da Organização do Tratado de Varsóvia. Devido à esmagadora maioria das unidades de um distrito provir da Força Terrestre, chegou-se a crer que o Comandante-em-Chefe desta fosse o superior direto dos comandantes de distritos militares. Mas isso é um mal-entendido.

Cada Comandante-em-Chefe controla apenas suas próprias tropas em qualquer dado distrito militar. Ele não possui autoridade para imiscuir-se no amplo leque de responsabilidades do comandante de um distrito militar, afora o treinamento dos reservistas. Logo que as novas formações hajam concluído sua instrução, passam da responsabilidade do comandante do distrito militar para a da Stavka, e são enviadas para a frente. Assim, o comandante de um distrito militar é meramente o comandante militar de um vasto território. Como tal, ele exerce o comando de qualquer organização militar localizada em seu território, seja qual for sua força armada de origem.

[2]

No final da guerra, estados-maiores e unidades combatentes seriam dispersados pelo país conforme os planos do Estado-Maior Combinado. Seria normal uma frente, composta de um exército de carros, um exército aéreo e dois de todas-as-armas, estar localizada em um distrito militar. Por força de sua posição, o comandante da frente, que tem o posto de coronel-general ou general-de-exército, é de consideravelmente maior importância do que o comandante em tempo de guerra de um distrito militar. Durante a paz, a fim de evitar burocracia e duplicação, os estados-maiores da frente e do distrito militar são incorporados. O comandante de frente, então, torna-se comandante militar e territorial, com o título de "Comandante das Forças do Distrito". O general, que agia exclusivamente como comandante territorial durante a guerra, passa a subcomandante do distrito durante a paz, com responsabilidade especial pela instrução. O chefe do estado-maior da frente vira chefe do estado-maior do distrito em tempo de paz, e o oficial que exercia esta função na guerra toma-se seu subchefe.

Assim sendo, na paz um distrito militar é simultaneamente uma frente operacional e um enorme espaço do território. Todavia, ele pode partir-se em dois a qualquer momento. A frente vai para a luta e a estrutura orgânica do distrito permanece atrás para manter a ordem e treinar reservistas.

Em alguns casos, algo maior ou menor do que uma frente pode ficar

localizado em um determinado distrito militar. Por exemplo, só um único exército é estacionado no Distrito Militar Siberiano, ao passo que os Distritos Militares do Volga e do Ural só possuem um único exército, em ambos os casos com efetivo reduzido. Na paz, os estados-maiores destes exércitos são fundidos com os dos distritos onde se encontram localizados. Os comandantes desses exércitos agem como comandantes de distrito, enquanto os generais que em tempo de guerra os comandariam funcionam como seus subcomandantes. Já que esses distritos em particular não contêm frentes, tampouco possuem exércitos aéreos. O Comandante-em-Chefe da Força Terrestre, por conseguinte, é o responsável exclusivo pela inspeção dessas unidades, e foi isso que levou à crença de que esses distritos se achariam sob seu comando.

Não há dois distritos exatamente na mesma situação. O Distrito Militar de Kiev contém o estado-maior do Comandante-em-Chefe da Direção Estratégica Sudoeste e de um grupo de exércitos de carros. Os estados-maiores do Distrito Militar de Kiev, da direção estratégica e do grupo de exércitos de carros foram incorporados num único. Na paz, igualmente, o comandante-em-chefe, usa o modesto título de “Comandante do Distrito Militar de Kiev”. Já vimos como é diferente a situação em outros distritos.

No Distrito Militar da Rússia Branca os estados-maiores do distrito e de um grupo de exércitos de carros estão reunidos. Embora tenha mais tropas do que seu colega de Kiev, o comandante deste distrito é, não obstante, colocado dois lances abaixo dele, desde que não é o comandante-em-chefe de uma direção estratégica mas somente o comandante de um grupo de exércitos de carros.

No Distrito Militar do Trans-Baikal, o estado-maior do distrito, o do Comandante-em-Chefe da Direção Estratégica do Extremo Oriente e o da frente acham-se englobados.

Dependendo das tropas estacionadas em seu território, um distrito militar é classificado em uma de três categorias, sendo a mais alta a categoria 1. Esta classificação é conservada secreta, como o são os títulos verdadeiros dos generais, cada um dos quais em tempo de paz usa o modesto título e “Comandante de Distrito Militar”.

O Sistema Para Evacuar o Politburo do Kremlin

[1]

O Kremlin é uma das mais possantes fortalezas da Europa. A espessura de seus muros em alguns pontos atinge 6,5 metros e a altura vai até 19 metros. Acima destes, erguem-se 18 torres, cada qual capaz de defender-se sozinha e de cobrir os acessos aos muros.

No século XIV, o Kremlin, por duas vezes, resistiu a sítios efetuados pelos lituanos, e durante o século XV os tártaros mongóis fizeram duas tentativas frustradas, num espaço de 50 anos, para capturá-lo.

Após ter sido livrado do jugo tártaro, o Kremlin foi utilizado como tesouro nacional, casa da moeda, prisão e palco de cerimônias solenes. Os czares russos moravam em Kolomenskoye e em outras residências fora da cidade. Pedro, o Grande, abandonou completamente Moscou e construiu para si uma nova capital, abrindo uma janela para a Europa. Uma idéia inaudita — construir uma nova capital na distante fronteira daquele imenso país, bem sob o nariz do formidável inimigo contra o qual Pedro lutou quase que seu reinado inteiro. E tudo com o fito de entrar em contato com outros países.

Após Pedro, o Grande, nenhum czar edificou algo por trás dos muros de Kremlin. Vá à capital que ele construiu, a Tsarkoye Syelo, a Peterhof, ao Palácio de Inverno, e você notará que todos revelam um traço comum: janelas enormes. E quanto mais largas se tomaram as janelas dos palácios imperiais, mais amplamente foram abertas as portas do império. Os nobres russos passavam pelo menos metade de suas vidas em Paris, alguns deles só regressando à pátria o suficiente para combater Napoleão e voltando para Paris o mais depressa possível. Após as reformas de 1860, um camponês russo não tinha sequer de pedir permissão para emigrar. Se quisesse

viver na América, se não gostasse de morar na pátria, o diabo que o carregasse! Mesmo hoje em dia, nos Estados Unidos e no Canadá, milhões de pessoas ainda estão presas a seus antecedentes eslavos. Os estrangeiros eram admitidos no país sem vistos de qualquer espécie — e não só como turistas. Eram admitidos no serviço público e lhes confiavam quase tudo, recebendo cargos no Ministério da Guerra, no Ministério de Assuntos Estrangeiros, no Ministério do Interior... Os ministérios, coroa e o trono foram confiados a Catarina, a Grande, que era honrada, como a mãe da pátria, todos se esquecendo do fato de que era alemã. Não é necessário mencionar a liberdade dada a empreendimentos comerciais estrangeiros que se instalavam em território russo. Foi, em suma, um estado de coisas idílico, ou talvez não exatamente idílico mas por certo inteiramente diferente do que hoje existe.

Sob Lenine, tudo mudou. Ele principiou fechando todas as fronteiras. Antes da Primeira Guerra Mundial, mais de 300 mil pessoas iam todos os anos, só para a Alemanha, para trabalhar por temporada. Vladimir Ilyich logo acabou com isso. E, tendo cerrado as fronteiras do país, em breve deu-se conta de que não seria mau também isolar a si mesmo do povo por trás de um muro de pedra. Subitamente pensou no Kremlin. Lenine percebeu, bastante claramente, que ele próprio seria alvo mais frequente de tiros do que os Imperadores da Rússia jamais tinham sido, e, sem hesitar um momento, abandonou as amplas janelas dos palácios imperiais trocando-as pelos monótonos muros do Kremlin.

Tendo fechado seu povo com uma muralha de ferro e colocado uma de pedra entre ele e si próprio, Lenine então tomou uma precaução a que não se recorrera na Rússia em um milhar de anos: trouxe mercenários estrangeiros para defender o Kremlin — o 4 Batalhão de Fuzileiros da Letônia. Lenine não confiou nos russos para esse serviço — devia ter tido suas razões.

Esses mercenários alegaram, em uníssono, estar guardando Lenine unicamente por motivos ideológicos, já que eram socialistas convictos. A despeito disso, no entanto, nenhum deles admitiu a validade das notas bancárias soviéticas: exigiram que Lenine lhes pagasse com ouro do Czar. Graças a Lenine, havia grande disponibilidade deste. Ao mesmo tempo, um bravo pregador de

Riga profetizou que a população inteira da Letônia pagaria um dia com o próprio sangue pelas mancheias de ouro.

O Kremlin também exerceu grande atração em Stalin, que o herdou de Lenine. Ele fortaleceu e modernizou minuciosamente todos os edifícios que o compõem. Entre as primeiras alterações devidas a ele, houve uma série de grandes construções subterrâneas: um corredor secreto levando até o metrô, uma saída subterrânea dando para a Praça Vermelha e um posto de comando e centro de comunicações subterrâneo. Stalin pôs para fora do Kremlin os mercenários estrangeiros de Lenine. Muitos deles foram imediatamente executados, outros o foram muitos anos depois — antes da captura da própria Letônia.

Stalin optou por passar grande parte dos seus 30 anos no poder emparedado no Kremlin. Também providenciou para serem construídas diversas fortalezas nos terrenos de suas várias dachas nos arredores de Moscou. A de mais vulto era em Kuntsevo. Seu plano de movimentação entre o Kremlin e essas dachas fortificadas permitia a Stalin confundir até os seus íntimos quanto ao local onde estaria em qualquer dado momento.

O sistema de Stalin governar o país e controlar suas Forças Armadas ainda funciona hoje em dia. Durante a paz, todos os fios da meada continuam a levar ao Kremlin e às fortalezas subterrâneas ao redor de Moscou. Em tempo de guerra, o controle será exercido de um posto de comando do Alto Comando que, incidentalmente, foi construído por Stalin.

[2]

É de todo impossível adquirir um lote de terreno no centro de Moscou — mesmo em um cemitério. Isto não é de surpreender se a gente imaginar uma cidade com 70 ministérios. Pois Moscou não é apenas a capital da União Soviética como também da RSFSR (República Socialista Federal Soviética Russa), o que significa ter de alojar não só ministérios soviéticos como ainda dúzias de ministérios republicanos. Ademais, Moscou é a sede do KGB, do Estado-Maior Combinado, do Quartel-General do Distrito Militar de

Moscou, do Quartel-General da Força da Defesa Aérea do Distrito de Moscou, do Quartel-General da Organização do Tratado de Varsóvia, Conselho de Assistência Econômica Mútua, de mais de uma centena de embaixadas, de 12 academias militares, da Academia de Ciências, de centenas de comitês (incluindo o Comitê Central) e de diretorias (inclusive a Diretoria Superior de Informação-GRU), de órgãos da imprensa, bibliotecas, centros de comunicações etc.

Cada um desses órgãos deseja ter seus edifícios tão perto do centro da cidade quanto possível, e construir acomodações para seus milhares de burocratas o mais próximo que possa de suas instalações principais.

Luta feroz é travada em disputa de cada metro quadrado de terreno no centro de Moscou, e só o Politburo pode decidir quem deve ser autorizado a construir e a quem se deve recusar.

E no entanto, praticamente no centro, um vasto terreno, quase ilimitado, permanece sem ocupação. Trata-se de Khodinka, ou, como é hoje conhecido, o Aeroporto Central. Se se construíssem nesse campo, haveria espaço para todos os burocratas. Seus arranha-céus envidraçados se ergueriam ao longo da Leningradsky Prospekt, que vai até a Rua Gorki e conduz diretamente ao Kremlin. Muita gente olha com inveja para Khodinka, brincando sobre maneiras de cortar fatias pequenas dele — afinal, esse "Aeroporto Central" não é usado por aviões: simplesmente fica lá, vazio à toa.

Durante anos o KGB envidou esforços para adquirir um pequeno trecho do terreno de Khodinka. A Lubyanka * não podia mais ser ampliada, mas o KGB continuava crescendo.

Precisava-se de um vasto edifício novo. Mas todas as tentativas do KGB para persuadir o Politburo a alocar-lhe algum terreno em Khodinka foram em vão. Foi assim que o enorme prédio novo do KQB veio a ser construído logo depois da avenida perimetral — localização altamente inconveniente. Entrementes, o campo ilimitado estende-se ainda pelo centro de Moscou, vazio como sempre. Uma vez por ano, ali são realizados treinamentos para a parada militar na Praça Vermelha, e em seguida o campo retoma à letargia. Naturalmente, esse valioso pedaço de terra não está sendo

conservado só para tais ensaios. As tropas poderiam ser treinadas em qualquer outro campo, pois há bastante deles ao redor de Moscou.

Por que o Politburo recusa até ao KGB, seu rebento favorito, permissão para cortar o mais mínimo cantinho desse imenso campo inútil? Porque o campo está ligado ao Kremlin por uma linha direta subterrânea do metrô: Praça Sverdlov (bem embaixo do Kremlin)—Mayakovskaya—Byelorusskaya—Dínamo— Aeroporto. Os moscovitas sabem com que frequência e rapidez essa linha é fechada durante qualquer tipo de feriado ou comemoração, ou qualquer outro acontecimento que interrompa o ritmo normal da vida na capital soviética.

Por que os chefes soviéticos gostam especialmente desta linha do metrô? Já antes da guerra muitos saguões espaçosos haviam sido construídos para estações do metropolitano de Moscou, tendo mesmo as cerimônias que marcavam o aniversário da Revolução, a 6 de novembro de 1941, sido realizadas na estação Mayakovskiy. Todos os convidados tiveram de alcançar a estação por cima, porque a linha fora fechada. Uma vez lá, apareceu um trem especial do metrô transportando Stalin, Molotov e Beriya. Tinham vindo da estação do metrô da Praça Sverdlov. Para chegar a esta, é claro, não haviam saído do Kremlin. Eles têm seu próprio corredor secreto, que de bem dentro dos prédios leva ao metrô.

O caminho de saída do Kremlin usado por Stalin existe há décadas, imutável. Se necessário, qualquer um ou todos os membros do Politburo podem ser levados para o subsolo, em segredo e segurança totais, e daí para Khodinka, onde aviões do governo aguardam-nos em hangares bem defendidos. Com organização normal, o Politburo pode sair da imensa cidade, com tráfego pesado, em 15 minutos, durante os quais nenhum estranho avistará automóveis oficiais zunindo ao longo das ruas do centro ou helicópteros saírem voando do Kremlin.

A noroeste de Moscou há um outro aeroporto oficial, o Podlipki. (De passagem, diga-se que bem ao lado deste aeroporto acha-se o centro de treinamento dos cosmonautas). A unidade estacionada em Podlipki é conhecida como 1 Força-Tarefa da Frota de Aviação Civil. De fato, ela nada tem a ver com a Aviação Civil; trata-se de

um grupo de aviões do governo. Os voos oficiais comuns se iniciam e terminam em Podlipki. Voos oficiais especiais, implicando reuniões cerimoniosas e séquitos, fazem o curto percurso até Sheremetyevo ou um dos outros grandes aeroportos de Moscou.

Em uma emergência, o Politburo pode ser evacuado de várias maneiras:

— do Kremlin, em automóveis oficiais, até Podlipki, e daí, pelo ar, até o Posto de Comando Supremo; este é um itinerário longo e incômodo. Ademais, Moscou inteira pode ver o que se passa.

— do Kremlin, em metrô, até Khodinka, e daí por helicóptero até Podlipki; este é, igualmente, um itinerário bem longo e incômodo, acarretando baldeação de helicóptero para avião.

— a variante mais curta: um avião da 1 Força-Tarefa da Frota de Aviação Civil acha-se permanentemente estacionado em Khodinka ou então faz o curto percurso daí até Podlipki, leva os membros do Politburo e desaparece.

[3]

O avião especial eleva-se na bruma da madrugada por sobre Moscou adormecida. Ao ganhar altura, faz ampla curva e ruma para o PCS — Posto de Comando Supremo, construído por Stalin e modernizado por seus sucessores. Onde é o PCS? Como pode ser encontrado? Onde Stalin teria escolhido a localização?

O mais provável é ele não ser na Sibéria. Hoje as regiões a leste estão ameaçadas pela China, como o estiveram, antes da guerra, pelo Japão. Naturalmente, o PCS não ficaria em qualquer área onde pudesse ser ameaçado, ao menos teoricamente, por um agressor, de sorte que não pode ser na Ucrânia, na região báltica, no Cáucaso nem na Criméia. O bom senso insinua que deva estar em algum outro lugar, tanto quanto possível, longe de qualquer fronteira. Em outras palavras: na parte central da RSFSR, que dificilmente possa ser devastada pior carros de combate inimigos e provavelmente não alcançável por bombardeiros inimigos ou por aviões transportando

paraquedistas. E se aeronaves inimigas atingissem o local, só poderiam fazê-lo sem escolta de caças, de sorte a estarem indefesas.

Em segundo lugar, o PCS não pode, evidentemente, ficar em campo aberto. Deve haver um mínimo de 200 metros de sólido granito sobre seus muitos quilômetros de túneis e estradas. Assim sendo, ele só pode ficar nos Urais ou em Jiguli.

Em terceiro lugar, é razoável que ele deva estar cercado por obstáculos naturais tão impenetráveis que não ocorra a entrada casual de um caçador na área, nem um geólogo extraviado, nem um fugitivo da prisão ou piloto que tenha sobrevivido a uma queda do avião e vagueado semanas pela taiga, e que possa topar com os imensos poços de ventilação do PCS, dando para aterradores abismos ou gigantescos túneis, com as entradas lacradas por placas blindadas pesando milhares de toneladas. Se Stalin decidiu manter secreta a localização do PCS, não terá escolhido os Urais, cujas encostas suaves estavam sendo completamente desgastadas pelos pés de dezenas de milhões de prisioneiros. Onde poderia ser construída uma povoação inteira, de maneira a não ser encontrado qualquer traço dela por um único ser vivo? O único local possível é Jiguli.

Seria possível achar melhor lugar, em qualquer parte do mundo, para construir uma cidade subterrânea? Jiguli é um verdadeiro milagre natural: um monólito de granito com 80 quilômetros de comprimento e 40 de largura.

Alguns geólogos sustentam ser Jiguli uma rocha única, um pouco desmoronada nas bordas mas conservando a unidade maciça, original, de todos os seus milhões de toneladas. Ergue-se das infinitas estepes, quase inteiramente cercada pelo gigantesco Rio Volga, que a converte em uma península, com margens rochosas que se estendem por 150 quilômetros e caem a prumo até a beira da água. Jiguli é uma fortaleza ciclópica erguida pela natureza, com muralhas de granito de centenas de metros de altura, confinadas pelas águas de um grande rio. Do ar, Jiguli aparece com uma superfície quase plana, coberta por impenetrável floresta secular.

O clima é excelente: o inverno é frio e com geadas fortes, mas sem vento; o verão é quente e seco. Este seria o lugar para construir

sanatórios! Aqui e ali existem clareiras nas florestas virgens, onde se veem lindas casas particulares, cercas, arame farpado, cães alsacianos. Uma das dachas de Stalin foi construída ali, mas nada jamais foi escrito a esse respeito, não mais do que sobre as quintas em Kuntsevo ou Yalta. Nas vizinhanças havia as casas de campo de Molotov e Beriya, e posteriormente as de Khruschev, Brejney e outros.

Quem quer que haja viajado no metrô de Moscou dirá que não há melhor sistema de trem metropolitano subterrâneo no mundo. Mas eu discordo disso. Há um bastante superior. Em Jiguli. Foi construído pelo melhor de todos os engenheiros que trabalharam no metrô de Moscou... e por milhares de prisioneiros.

Em Jiguli, foram abertas dezenas de quilômetros de túneis, centenas de metros no fundo do monólito granítico, e construíram-se postos de comando, centros de comunicação, depósitos e abrigos para os que controlarão os gigantescos exércitos durante uma guerra.

Em tempo de paz, nenhuma aeronave pode sobrevoar essa região. Nem mesmo ao mais amigável estrangeiro é permitido ingressar na área de Jiguli, que é protegida por um corpo de exército da Força da Defesa Aérea Nacional e por uma divisão do KGB. Bem à mão acha-se ali um vasto aeroporto, em Kurumoch, completamente deserto. É aí que o avião especial pousará, mas esse aeroporto também se destina a aviões de caça adicionais, para reforçar as defesas na eventualidade de uma guerra.

Perto de Jiguli existe a cidade de Kuibyshev. Ela, igualmente, é vedada a estrangeiros, e vale a pena lembrar que ali esteve sediado todo o governo soviético durante a última guerra.

---

* Sede das sucessivas polícias secretas russas: Tcheká, GPU, NKVD etc. (N. do T.)

PARTE V - ESTRATÉGIA E TÁTICA

A Teoria da Machadinha

[1]

Durante décadas a fio, teóricos militares ocidentais têm unanimemente asseverado que qualquer guerra nuclear principiaria com uma primeira etapa, durante a qual somente seriam utilizadas armas convencionais. Então, após um certo período, cada lado começaria, insegura e irresolutamente de início, a usar armamento nuclear do calibre mais inferior. Gradativamente, armas nucleares cada vez maiores seriam postas em ação. Esses teóricos sustentam opiniões diversas quanto ao tempo de duração dessa escalada, indo de algumas semanas a vários meses.

Não tendo opositores, esta teoria pôde ser encontrada tanto nas páginas de estudos sérios quanto nas de novelas frívolas, estas últimas sendo fantasias com finais felizes, nos quais uma guerra nuclear terminava de tal modo que jamais poderia repetir-se.

A teoria de que uma guerra nuclear levaria muito tempo para crescer originou-se no Ocidente ao iniciar-se a era nuclear. É incompreensível e absurda, e mistifica totalmente os marechais soviéticos. Por longo tempo desenvolveu-se um debate secreto nos mais elevados escalões do governo soviético: teriam os políticos e generais do Ocidente perdido o juízo ou estariam blefando? Concluiu-se que, naturalmente, ninguém acreditava na teoria, mas que fora concebida a fim de esconder o que os formuladores de políticas do Ocidente realmente acreditavam com relação ao assunto. Surgiu, então, a pergunta: em benefício de quem poderia ter sido sonhada essa idéia inconvincente e, para ser brando, tola? Presumivelmente, não seria para a liderança soviética. A teoria é por demais ingênua para que especialistas creiam nela. Isso deve significar que foi inventada para as massas ignorantes e populares do Ocidente, a fim de tranquilizar o homem comum.

[2]

O primeiro filme americano que eu vi na vida foi The Magnificent Seven (Sete Homens e Um Destino), com Yul Brynner no papel principal. Nessa época, tudo que eu sabia acerca dos norte-americanos era o que a propaganda soviética deles dizia e em que eu não acreditava desde minha mais remota infância. Assim, foi a partir de um filme de bangue-bangue que comecei a tentar formar idéias independentes a respeito do povo norte-americano e dos princípios pelos quais vive.

Filmes americanos não são apresentados amiúde na União Soviética, mas depois de Sete Homens nunca perdi nenhum. O país que eu via na tela agradava-me, e as pessoas ainda mais: bonitas, fortes, viris e decididas. Parecia que os americanos passavam todo o tempo na sela, cavalgando maravilhosos cavalos sob o sol inclemente de desertos, impiedosamente abatendo a tiros os vilões. Meu coração pertencia só aos Estados Unidos. Eu adorava os americanos, especialmente pela firmeza com que mantinham reduzido o número de patifes em sua sociedade. Os mocinhos dos filmes americanos se sujeitavam por longos períodos, com grande paciência, a humilhações e insultos, e eram logrados a toda hora, mas as coisas sempre acabavam resolvidas com um duelo a tiros teatralmente decisivo. Os dois adversários olhavam firmemente no olho um do outro. Ambos tinham as mãos tensas em cima dos coldres. Nada de troca de pragas ou insultos, nenhum movimento supérfluo. Silêncio dramático. Ambos estão calmos e controlados. É claro que a morte estendeu suas asas por sobre os dois. O duelo representa a morte para cada um deles. Fitam-se longa e resolutamente nos olhos. Repentina e simultaneamente, ambos se dão conta, não pelo que veem ou ouvem, não com as mentes ou os corações, porém por puro instinto animal, que chegou o momento. Dois tiros ressoam como um só. É impossível detectar exatamente quando sacaram as armas e puxaram os gatilhos. O desfecho é instantâneo, sem preâmbulo. Um cadáver rola pelo chão. Ocasionalmente, há dois cadáveres. Em geral, o vilão é morto, mas o mocinho sai apenas ferido. Na mão.

Muitos anos se passaram e eu me tomei um oficial servindo no Estado-Maior Combinado. De repente, ao estudar teorias de guerra

norte-americanas, cheguei a uma conclusão consternadora. Ficou claro para mim que quando um moderno vaqueiro norte-americano se prepara para um combate decisivo sempre se espera que ele comece cuspindo em seu opositor e xingando-o, para em seguida atirar uísque e tortas cremosas no rosto dele, antes de recorrer a meios mais sérios. Espera-se que ele jogue cadeiras e garrafas em cima do inimigo e tente enfiar-lhe na nádega um garfo ou faca de mesa, para depois brigar com os punhos e só após tudo isso liquidá-lo com o revólver.

Esta é uma filosofia muito perigosa. A gente não vai acabar usando pistolas? Então, por que não começar logo com elas? Por que o bandido com que você está brigando irá esperar que você se lembre do revólver? Ele pode atirar antes, quando você for bater-lhe na cara. Usando sua arma mais mortífera no começo da briga, o inimigo poupa forças. Por que deveria gastá-las atirando cadeiras sobre você? Ademais, isso lhe permitirá salvar sua desprezível vida. Afinal, ele tampouco sabe quando você, o nobre herói, decidirá usar o revólver. Por que deverá ele esperar por este momento? Você pode, de repente, resolver atirar imediatamente depois de jogar tortas em cima dele, sem esperar a fase de atirar cadeiras. É claro que não aguardará a sua vez, quando se trata de continuar vivo. Ele atirará primeiro. Logo no começo da briga.

Consolei-me por longo tempo na esperança de que a teoria da escalada em uma guerra nuclear fora imaginada por especialistas americanos para tranquilizar idosos pensionistas nervosos. Claramente, a teoria é fatalmente perigosa demais para servir de base a um planejamento militar secreto. Todavia, subitamente os especialistas americanos demonstraram para o mundo inteiro que acreditavam mesmo que essa teoria seria aplicável a uma guerra nuclear de âmbito mundial. Acreditavam, realmente, que o bandido com que estivessem lutando lhes daria tempo para arremessar tortas de creme e cadeiras em cima dele antes de lançar mão de sua mais mortífera arma.

A demonstração foi tão pública quanto possível. No término dos anos 60, os americanos começaram a desdobrar seu sistema de defesa antimísseis. Não podiam, naturalmente, utilizá-lo para defender mais do que um objetivo vitalmente relevante. O objetivo

que escolheram para proteger foi seu arsenal de foguetes estratégicos. Resolveram não proteger o coração e o cérebro de sua pátria — o Presidente, seu governo ou sua capital. Em vez disso, optaram por proteger sua pistola. Em outras palavras: estavam revelando ao mundo inteiro que, no caso de uma luta, não pretendiam usá-la.

Esta revelação foi saudada com a máxima satisfação no Kremlin e no Politburo.

[3]

A filosofia do Estado-Maior Combinado soviético não difere da dos cavaleiros que eu observara cavalgando no deserto: “Se quiser ficar vivo, mate seu inimigo. Quanto mais depressa acabar com ele, menor oportunidade ele terá de usar o próprio revólver.” Em última análise, esta é toda a base teórica sobre a qual os planos deles para uma terceira guerra mundial foram traçados. A teoria é oficialmente conhecida no Estado-Maior Combinado como a “teoria da machadinha”. É burrice, dizem os generais soviéticos, começar uma briga com os punhos se seu opositor pode usar uma faca. É tão estúpido quanto atacá-lo com uma faca se você pode usar uma machadinha. Quanto mais terrível a arma que seu oponente possa usar, mais resolutamente você deve atacá-lo, e o mais depressa liquidá-lo. Qualquer atraso ou hesitação só dará a ele uma nova oportunidade para usar a machadinha contra você. Resumindo: você só pode impedir o inimigo de usar a machadinha se usar primeiro a sua.

A “teoria da machadinha” foi formulada em todos os manuais e compêndios para serem lidos do escalão regimento para cima. Em cada um deles, assim foi intitulada uma das seções principais: “Como Desviar do Golpe”. Estes manuais advogavam, com grande insistência, o desencadeamento de um ataque maciço para ocupação de terreno do inimigo como o melhor método defensivo. Esta recomendação não se limitou a manuais secretos — as publicações militares não-confidenciais também a publicaram.

Isso, porém, foi banal em comparação com a demonstração que a

União Soviética deu para o mundo inteiro no começo dos anos 70, com a publicação oficial de dados a respeito do sistema de defesa antimíssil soviético. O sistema todo era inteiramente inadequado, mas a idéia subjacente fornece uma excelente ilustração da filosofia soviética sobre guerra nuclear. Contrastando com os Estados Unidos, a União Soviética não pensou em defender seus foguetes estratégicos com um sistema antimíssil. A melhor proteção para foguetes numa guerra é empregá-los imediatamente. Poderá alguém conceber meio mais eficaz de defendê-los?

[4]

A par dessa lógica militar elementar, há razões políticas e econômicas que forçariam o comando soviético a usar a esmagadora proporção de seu arsenal nuclear dentro dos primeiros minutos de uma guerra.

Sob o ponto de vista político, o ponto crítico tem de ser alcançado nos primeiros poucos minutos. Que alternativa poderia existir? Em tempo de paz, soldados soviéticos desertam às centenas para o Ocidente, os marujos pulam dos navios em portos ocidentais, seus pilotos tentam transpor as defesas antiaéreas ocidentais com seus aviões. Mesmo na paz, os problemas implícitos na manutenção do povo em grilhões são quase insolúveis. Os problemas já são assim agudos quando apenas uns poucos milhares dos cidadãos soviéticos mais confiáveis têm ao menos uma oportunidade teórica de escapar. Em tempo de guerra, dezenas de milhões de soldados teriam chance de desertar — e a aproveitariam! A fim de impedir isso, todo soldado tem de perceber muito claramente, desde os primeiros momentos de uma guerra, que não há abrigo para ele do lado de lá do deserto nuclear. Do contrário, todo o castelo de cartas comunista desmoronará.

Sob um ponto de vista econômico, igualmente, a guerra tem de durar o menor tempo possível. O socialismo é incapaz de alimentar-se com os próprios recursos. E o socialismo soviético não é exceção a esta regra geral. Antes da Revolução, a Rússia, a Polônia, Estônia, Lituânia e Letônia, todas exportavam gêneros alimentícios. Hoje em dia, não têm reservas suficientes para aguentar entre uma safra e a

próxima colheita. No entanto, falta de víveres conduz muito depressa a manifestações de descontentamento, a motins por comida e a revoluções. Lembrem-se do que ocorreu em Novocherkassk em 1962, em toda a União Soviética em 1964 e na Polônia em 1970 e 1980. Se o socialismo é incapaz de alimentar-se na paz, quando o Exército inteiro é empregado na colheita, o que acontecerá quando todo o Exército for lançado à batalha e quando todos os homens e veículos atualmente usados na agricultura forem mobilizados para a guerra?

Por estas razões, os comunistas são obrigados a planejar quaisquer aventuras que lhes ocorram para a segunda metade do ano, para o período em que a colheita já tiver sido trazida dos campos, e tentar acabar com elas tão depressa quanto possível. Antes que chegue a temporada seguinte para trabalhar nos campos.

A Ofensiva Estratégica

[1]

Os generais soviéticos acreditam, e bem corretamente, que a melhor espécie de defensiva é uma operação ofensiva. Em consequência, nenhum trabalho prático ou teórico de operações puramente defensivas é realizado em escalão do exército ou superior. A fim de que venham a partir para a ofensiva, os generais soviéticos são ensinados a atacar. A fim de que saibam se defender com sucesso, também são ensinados a atacar. Portanto, quando falamos de uma operação em grande escala — conduzida por uma frente ou uma direção estratégica — só podemos falar de uma ofensiva.

A filosofia subjacente à ofensiva é simples. É fácil rasgar um baralho se a gente pegar as cartas uma a uma. Se se juntar uma dúzia de cartas, é muito difícil rasgá-las. Se se tentar rasgar o baralho inteiro de uma vez, a gente terá um insucesso: não só não se conseguirá rasgar o baralho inteiro, como cada uma das cartas permanecerá inteira. Analogamente, os generais soviéticos só atacam com enormes massas de tropas, usando suas cartas somente como um baralho inteiro. Desta maneira, o baralho protege as cartas que o compõem.

Observando este princípio de economia de forças, em qualquer guerra futura, o Exército Soviético só realizará operações por frentes separadas em certos setores isolados. Na maioria das vezes, levará a cabo operações estratégicas, isto é, operações por grupos de frentes agindo juntas no mesmo setor.

O cenário para uma operação ofensiva estratégica é padronizado, em todos os casos. Tomemos como exemplo a Direção Estratégica Oeste. Já sabemos que há um mínimo de três frentes em seu primeiro escalão, uma outra no segundo, e um grupo de exércitos de carros de combate no terceiro. A Esquadra do Báltico opera em

seu flanco. Cada uma de suas frentes tem um exército de carros, um exército aéreo e dois exércitos de todas-as-armas. Ademais, o comandante-em-chefe tem à disposição um corpo de exército da Força de Foguetes Estratégicos, um corpo da Força Aérea de Longo Alcance, três divisões paraquedistas e todas as unidades da Aviação de Transporte Militar. As áreas da retaguarda da direção estratégica acham-se defendidas por três exércitos da Força da Defesa Aérea Nacional.

Uma ofensiva estratégica divide-se em cinco fases:

A primeira fase, ou ataque nuclear inicial, dura meia hora. Participam desse ataque todas as unidades de foguetes que possam ser empregadas nessa fase, inclusive o corpo de exército da Força de Foguetes Estratégicos, as brigadas de foguetes das frentes e dos exércitos, os grupos de foguetes do escalão da primeira divisão e toda a artilharia nuclear que tenha alcançado a faixa anterior da zona de combate. O ataque nuclear inicial tem como alvos:

• Postos de comando e centrais de comando, centros administrativos e políticos, linhas de comunicação e centrais de comunicação. Em outras palavras: o cérebro e os centros nervosos de um Estado e de seus exércitos.

• Bases de foguetes, depósitos de armas nucleares, bases de submarinos nucleares e de aviões de bombardeio. Estes alvos têm de ser aniquilados a fim de reduzir a um mínimo absoluto as perdas soviéticas produzidas pelo inimigo.

A fim de garantir o sucesso da ofensiva e o rompimento das defesas inimigas, precisam ser providenciados aeródromos, posições de tiro antiaéreo e estações de radar para os aviões soviéticos. Quanto aos principais grupamentos de forças inimigas, por que combatê-los se podem ser destruídos antes que a batalha comece?

Além das forças diretamente sob o comando do Comandante-em-chefe da Direção Estratégica, unidades da Força de Foguetes Estratégicos também desempenharão papel de apoio no ataque nuclear inicial. Estas terão a ver com ataques aos principais portos inimigos, com a finalidade de impedir o inimigo de trazer reforços e isolar o continente europeu.

Os generais soviéticos consideram, com boas razões, que um ataque nuclear inicial deve ser inesperado, de curta duração e com a máxima intensidade possível. Se for retardado por apenas uma hora, a situação na União Soviética se deteriorará agudamente. Muitas das unidades de combate inimigas poderão deslocar-se de seus aquartelamentos permanentes, suas aeronaves poderão ser dispersadas pelas estradas; divisões de sua força terrestre poderão deixar os quartéis, seus chefes mais graduados poderão deslocar-se com os assessores, para abrigos subterrâneos ou para postos de comando aeromóveis, e a missão de aniquilá-los ficará então extremamente difícil, se não inviável. É por isto que o máximo possível de armas nucleares será utilizado para desfechar o ataque nuclear inicial.

A segunda fase vem imediatamente após a primeira. Dura entre 90 e 120 minutos. Consiste em um maciço ataque aéreo pelos exércitos aéreos de todas as frentes e pelas unidades da Força Aérea de Longo Alcance à disposição do Comandante-em-Chefe da Direção Estratégica.

Este ataque é efetuado sob a forma de uma sucessão de vagas. A primeira inclui todas as aeronaves de reconhecimento disponíveis — não só as dos regimentos de reconhecimento, como também as dos esquadrões de caça e caça-bombardeiro que foram treinados para reconhecimento. Somando, mais de um milhar de aeronaves de reconhecimento da direção estratégica participarão desta vaga; serão ajudados por várias centenas de aeronaves de reconhecimento sem piloto. As missões principais destas aeronaves são avaliar a eficácia do ataque nuclear inicial e identificar quaisquer objetivos que não hajam sido destruídos.

Logo depois destas aeronaves surge a vaga principal, composta de todos os exércitos e corpos de exército aéreos. Armas nucleares são levadas pelos aviões cujas equipagens tenham sido adestradas para efetuar um ataque nuclear. Os alvos desta vaga são das mesmas categorias dos foguetes que efetuaram o ataque nuclear inicial. Mas, ao contrário dos foguetes, estes aviões atacam objetivos móveis de preferência aos estáticos. Eles secundam os foguetes, liquidando tudo aquilo que estes foram incapazes de destruir. Dentre os primeiros alvos móveis, contam-se: colunas blindadas que

conseguiram deixar seus aquartelamentos, grupos de aeronaves que lograram decolar de seus campos de pouso permanentes e alcançar pontos de dispersão em auto-estradas, e armas antiaéreas móveis.

Os comandantes soviéticos creem que esta atividade aérea em massa possa ser realizada sem grandes perdas, já que os radares inimigos terão sido destroçados, muitas de suas linhas de comunicação e sistemas de computação desintegrados e as unidades antiaéreas desmoralizadas.

Enquanto essas imponentes operações aéreas estiverem em curso, todo o pessoal dos estados-maiores estará agindo na maior rapidez possível para avaliar os informes que chegam a respeito dos resultados do ataque nuclear inicial. Entrementes, todos os lança-foguetes que tomaram parte no ataque inicial nuclear estarão sendo recarregados. Ainda simultaneamente, os grupos de foguetes das divisões e as brigadas de foguetes dos exércitos e frentes, igualmente, que não participaram daquele ataque nuclear inicial por estarem longe demais da linha de frente, se projetarão para o limite avançado da zona de combate com a máxima velocidade possível.

Todos os aviões retornarão então a suas bases e a terceira fase terá início imediatamente.

A terceira fase, como a primeira, durará somente meia hora. Dela farão parte ainda mais lança-foguetes do que na primeira fase, já que muitos se terão deslocado de áreas da retaguarda. A idéia por trás deste plano é simples: em combate, a preocupação primordial do adversário será caçar e destruir todos os lança-foguetes soviéticos; por conseguinte, cada um destes deverá infligir o máximo possível de danos ao inimigo antes que tal suceda. A meta é destruir todos os objetivos que hajam sobrevivido à primeira e à segunda fases, e pôr fora de ação o maior número exequível de homens e material do inimigo, especialmente armamento nuclear.

A quarta fase dura entre 10 e 20 dias. Pode ser fracionada em operações ofensivas a cargo de frentes isoladas. Cada frente concentra todos os seus esforços para assegurar o sucesso de seu exército de carros de combate. A fim de possibilitar isto, o exército de todas-as-armas ataca as defesas inimigas e o comandante da

frente dirige o exército de carros para o ponto onde foi alcançada uma ruptura. Ao mesmo tempo, todos os meios de artilharia da frente são empregados para abrir caminho para o exército de carros. As brigadas de foguetes estendem um tapete nuclear adiante do exército de carros, e o exército aéreo dá cobertura à operação de ruptura. As brigadas anticarro da frente protegem os flancos do exército de carros, a brigada aeromóvel apodera-se de pontes e locais de transposição para ele utilizar, enquanto a brigada diversionária, atuando adiante do exército de carros e nos seus flancos, faz todo o possível a fim de proporcionar-lhe condições favoráveis às operações.

O exército de carros só é levado até uma brecha nas defesas inimigas quando tiver sido conseguida uma ruptura de verdade e uma vez que as forças da frente disponham de espaço para manobrar. O exército de carros progride o mais depressa que lhe for possível e até o mais longe que estiver a seu alcance. Evita engajamentos prolongados, mantém-se ao largo de bolsões de resistência e amiúde fica bastante separado das demais tropas da frente. Sua missão, sua meta, é desfechar um golpe como de espada ou machadinha: quanto mais fundo cortar, tanto melhor.

Um exército de todas-as-armas avança mais devagar do que um exército de carros, liquidando com todos os bolsões de resistência e quaisquer grupos de soldados inimigos que tenham ficado cercados, limpando assim a área à medida que progride.

Um exército de carros é como uma enchente impetuosa, rasgando caminho através de uma brecha em um dique, esmagando e destruindo tudo à sua frente. Em contraste, um exército de todas-as-armas é um lençol de água tranquilo, estagnado, enchendo toda uma região, afogando ilhotas inimigas e lentamente solapando prédios e outras estruturas até desmoronarem.

Durante as primeiras horas ou dias de guerra, uma ou todas as frentes podem sofrer perdas imensas. Não se deve supor, contudo, que o comandante-em-chefe de uma direção estratégica empregará sua frente em segundo escalão para reforçar ou substituir a frente que haja sofrido mais. A frente em segundo escalão é posta em ação no ponto onde se tenha conseguido maior sucesso, onde o dique haja sido de fato rompido ou, pelo menos, onde possa ser vista uma

rachadura muito perigosa aumentando.

A quinta fase dura de sete a oito dias. Pode começar a qualquer momento no decorrer da quarta fase. Tão logo o comandante-em-chefe esteja certo de uma das frentes ter realmente rompido as defesas inimigas, ele faz avançar a frente em segundo escalão e, se esta consegue penetrar na brecha, aciona sua força de choque, o grupo de exércitos de carros. Esta operação do grupo de exércitos de carros contra as defesas da retaguarda adversária constitui a quinta fase de uma ofensiva estratégica.

Este grupo de exércitos de carros consiste de dois exércitos de carros. Todavia, a essa altura os exércitos de carros das frentes talvez já se achem em ação contra as defesas da retaguarda inimiga. Estes exércitos de carros podem ser retirados dos comandantes das respectivas frentes por decisão do comandante-em-chefe e incorporados ao grupo de exércitos de carros. Lá para o final da ação, poderá haver cinco ou até seis exércitos no grupo, elevando seu efetivo para uns mil carros de combate. Se durante uma ruptura, metade ou mesmo uma terça parte desses carros for perdida, ainda assim o grupo terá um poderio impressionante.

Contudo, o Estado-Maior Combinado soviético espera que as perdas não sejam tão consideráveis assim. O efeito do baralho deverá manifestar-se. Ademais, as operações do grupo de exércitos de carros serão apoiados por todos os recursos à disposição do Comandante-em-Chefe da Direção Estratégica. Todas as suas unidades de foguetes e aéreas atacarão o inimigo com armas nucleares, suas divisões paraquedistas serão lançadas a fim de auxiliar a progressão do grupo. Por fim, toda a Esquadra do Báltico estará dando apoio ao grupo. Se o grupo conseguir avançar, a totalidade das forças de que o Estado disponha, incluindo até o próprio Comandante Supremo, podem ser concentradas para apoiá-lo.

[2]

A ofensiva estratégica possui uma forma alternativa. Esta é às vezes conhecida como uma ofensiva “de noite de sexta-feira”. Ela só

difere da versão normal para dispensar as três primeiras fases acima descritas. A operação começa, portanto, na quarta fase, ou seja, com um ataque de surpresa por um grupo de frentes contra um ou mais países.

Na prática, o que ocorreu na Tchecoslováquia foi uma operação por um grupo de frentes, executada com rapidez e sem aviso. Significativamente, essa operação apanhou os tchecos desprevenidos — aproveitando a folga da máquina do Estado em uma noite de sexta-feira após uma semana de trabalho. Devido ao pequeno tamanho da Tchecoslováquia e à evidente relutância do Exército Tcheco em defender seu país, o comandante-em-chefe não trouxe o grupo de exércitos de carros lá da Rússia Branca e os comandantes das frentes não lançaram seus exércitos de carros para dentro da Tchecoslováquia. Só um número bem pequeno de carros de combate tomou parte na operação — uns nove mil ao todo, retirados dos batalhões de carros dos regimentos envolvidos, dos regimentos de carros das divisões e das divisões de carros dos exércitos.

O sucesso da operação tcheca suscitou um novo otimismo em vários outros países da Europa, que se deram conta de poder esperar ser libertados analogamente em umas poucas horas.

A terrível epidemia de pacificação que a seguir varreu a Europa Ocidental despertou novas esperanças de êxito por meio de uma revolução incruenta nos corações do Estado-Maior Combinado.

Operação Distensão

[1]

No inverno de 1940, o Exército Vermelho rompeu a Linha Mannerheim. Ninguém sabe o preço que ele pagou por essa vitória, mas, reiteradamente, demógrafos calcularam o mesmo dado numérico — um total de 1,5 milhão de vidas humanas. Seja esta cifra exata ou não, as perdas foram tão estonteantes, mesmo por padrões soviéticos, que o avanço foi sustado no momento preciso em que a resistência finlandesa se quebrou.

No verão seguinte, carros de combate soviéticos estrondeavam pelas ruas de três Estados soberanos: Estônia, Lituânia e Letônia. Desde então, carros soviéticos visitaram Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Bucareste, Budapeste, Sófia, Belgrado, Piongiang e até Pequim. Mas nunca se atreveram a entrar em Helsinque.

A Finlândia é o único país que sustentou uma guerra contra a agressão soviética sem ter deixado que carros de combate soviéticos penetrassem em sua capital.

É por isso surpreendente que a Finlândia tenha virado símbolo da submissão à expansão comunista. Detidos pelo valor com que o bravo país se defendeu, os comunistas modificaram sua tática. Já que não podiam pôr os finlandeses de joelhos combatendo-os, eles resolveram que o fariam por métodos pacíficos. Sua nova arma mostrou-se mais poderosa do que os blindados. Os carros de combate soviéticos entraram na Iugoslávia e na Romênia, mas ambos os países são hoje independentes. Eles nunca chegaram a Helsinque, porém a Finlândia submeteu-se.

Este resultado surpreendeu até aos próprios comunistas soviéticos, e estes levaram muito tempo para apreciar a força da arma que lhes caíra tão inesperadamente nas mãos. Quando, afinal, se deram conta da sua eficácia, puseram-na imediatamente em uso contra os

restantes países da Europa Ocidental. Seus efeitos podem ser vistos por toda parte ao redor de nós. Os comunistas sabiam que nunca poderiam apossar-se da Europa Ocidental enquanto esta fosse capaz de defender-se, e foi por isso que concentraram seus ataques contra a determinação da Europa Ocidental de enfrentá-los.

O pacifismo está empolgando o Ocidente. O mesmo está se passando na União Soviética. No Ocidente, contudo, é incontrolado, ao passo que na URSS é encorajado pela cúpula. Entretanto, ambos os movimentos têm uma finalidade comum. Os pacifistas ocidentais estão lidando para sustar a instalação de novos foguetes na Europa Ocidental. Os pacifistas soviéticos advogam a mesma causa: são contra a instalação de foguetes na Europa Ocidental.

Tática

[1]

Quando faço conferências para oficiais ocidentais a respeito da tática do Exército Soviético, frequentemente encerro minhas palavras fazendo uma pergunta (sempre a mesma) a fim de certificar-me se me entenderam corretamente. A pergunta é trivial e elementar. Três companhias de fuzileiros motorizadas acham-se em deslocamento no mesmo setor. A primeira topou com fogo mortífero e seu ataque esfacelou-se, a segunda progride lentamente com pesadas perdas, e a terceira sofreu um contra-ataque inimigo e, tendo perdido todo o pessoal em funções de comando, está se retraindo. O comandante do regimento a que pertencem tais companhias tem, em reserva, três companhias de carros de combate e três baterias de artilharia. Tentem um palpite, digo eu, sobre como esse comandante de regimento empregará suas reservas em apoio às três companhias. "Vocês tem de adivinhar", falo, "que providências um comandante de regimento soviético tomaria: não um ocidental, mas um soviético, um comandante soviético."

Nunca recebi uma resposta certa.

Contudo, nessa situação só há uma possível resposta certa. Do escalão do pelotão ao do Comandante Supremo, todos concordariam só haver uma decisão possível: todas as três companhias de carros e todas as três baterias de artilharia têm de ser empregadas em reforço à companhia que se acha avançando, ainda que lentamente. As outras, que sofrem perdas, certamente não se encontram qualificadas para receber ajuda. Se o comandante do regimento, por estar embriagado ou por mera estupidez, tomasse outra decisão qualquer, seria, é claro, imediatamente exonerado do comando, rebaixado a soldado raso e mandado pagar o erro com o próprio sangue em um batalhão penal.

Meus ouvintes perguntam, surpresos, como pode acontecer que dois comandantes de companhia, cujos homens estejam sofrendo perdas copiosas, peçam socorro sem receber nada?

— É assim mesmo — respondo calmamente. — Como pode haver qualquer dúvida a esse respeito?

— O que sucede — indagam os oficiais ocidentais — se um comandante de pelotão ou de companhia soviético pede apoio de artilharia? Ele consegue?

— Ele não tem direito de pedir — respondo.

— E se um comandante de companhia solicitar apoio aéreo? Será que consegue?

— Ele não tem direito de solicitar apoio de qualquer espécie, quanto mais apoio aéreo.

Minha audiência sorri... Todos julgam ter encontrado o calcanhar-de-aquiles da tática soviética. Eu, porém, fico sempre irritado, pois isto não é fraqueza, mas força.

Como é possível não se irritar? Uma situação onde cada comandante de pelotão pode pedir apoio de artilharia é aquela onde o comandante da divisão é incapaz de concentrar todo o poderio de sua artilharia no setor decisivo — um comandante de pelotão não pode saber qual é este. Uma situação em que cada comandante de companhia possa pedir apoio aéreo é aquela em que o comandante de um grupo de exércitos é incapaz de congregar todos os seus aviões em uma única força de ataque. Para um militar, isto representa algo impensável de todo — a dispersão dos meios.

[2]

As táticas empregadas por Gêngis-Khan eram extremamente primitivas. Seus cavaleiros mongóis nunca se engajaram em um combate singular em qualquer dos países que ele assolou com suas hordas. O treinamento para o combate que recebiam era somente instrução sobre como manter a formação e a observância de um

código disciplinar que era aplicado da maneira mais bárbara possível.

Durante um combate, Gêngis-Khan vigiava de perto a situação, postado em um morro nos arredores. Logo que o mais tênue indício de sucesso fosse visível em qualquer ponto, ele concentrava ali todas as forças, às vezes lançando até sua guarda pessoal. Tendo rompido a linha inimiga em um único local, arremetia irresistivelmente para diante, e o exército inimigo, partido em dois, desintegrava-se. Vale a pena lembrar que ele nunca perdeu uma única batalha na vida.

Passaram-se séculos e novas armas surgiram. Afigurava-se que esse vetusto princípio de guerra estava morto e enterrado. Isso era pelo menos o que parecia ao exército francês em Toulon. Mas aí o jovem Bonaparte apareceu, concentrou toda a artilharia em um único ponto e obteve sua primeira brilhante vitória com a velocidade de um raio. Subsequentemente, ele sempre concentrou sua artilharia e cavalaria em grandes números. Em consequência, os comandantes subordinados viam-se privados de artilharia e cavalaria. A despeito disto, durante décadas seus exércitos ganharam todas as batalhas. Em Waterloo, ele foi castigado por abandonar o princípio da concentração de forças no setor mais importante. A denota que sofreu ali foi o preço que pagou por dispersar suas disponibilidades.

Passou-se mais tempo, apareceram os carros de combate, aviões e metralhadoras. Os princípios de Gêngis-Khan e Bonaparte foram completamente esquecidos na França. Em 1940, os aliados tinham mais carros do que os alemães. Eles foram distribuídos igualmente entre as unidades de infantaria, cujos comandantes ficaram orgulhosos de ter carros diretamente sob seu comando. Os seus adversários alemães não tinham tais motivos para orgulho, e foi esta a razão de a vitória alemã ter sido tão rápida e decisiva. Os carros alemães não foram dispersados, mas concentrados no que, pelos padrões de 1940, eram grupamentos imensos. Os carros aliados estavam espalhados, como os dedos da mão espalmada que não podem ser fechados para dar um soco. Já os carros alemães golpearam como um punho, inesperadamente e no ponto mais fraco. E o sucesso alemão entrou para a História como uma vitória ganha pelos carros de combate.

A tática soviética é da mais rematada simplicidade; pode ser condensada em uma única frase: a máxima concentração de forças no setor decisivo. Quem quer que tenha sido julgado responsável por dispersar forças de valor igual ou superior a uma divisão durante a guerra foi fuzilado sem maiores cerimônias. Em níveis inferiores, a penalidade usual para o esbanjamento de recursos desta forma foi rebaixamento a soldado raso e transferência para um batalhão penal, o que também conduzia à morte, embora nem sempre imediatamente, é verdade.

Toda a operação soviética, a partir de Stalingrado, evoluiu da maneira pela qual a água irrompe através de um dique de concreto: uma única gota infiltra-se por uma fissura microscópica e é seguida imediatamente por mais uma dúzia de gotas, após o que centenas e depois milhares de litros passam por ali com velocidade crescente, virando uma catarata de centenas de milhares de toneladas de água enfurecida.

Eis um exemplo inteiramente característico de uma ruptura dessas, concretizada pelo 16 Corpo de Exército de Fuzileiros da Guarda eo2 Exército da Guarda em Kursk, em 1943. Durante uma ofensiva por nove batalhões da vanguarda, apenas um conseguiu avançar alguma coisa. Imediatamente, o comandante do regimento a que pertencia o batalhão concentrou todos os seus recursos naquele ponto, em uma frente com um quilômetro de largura, Logo a seguir, o comandante da respectiva divisão lançou todos os meios naquele setor. A brecha vagarosamente foi ficando mais funda e larga, e dentro de meia hora principiaram a chegar as reservas do comandante do corpo de exército superior. Dali a três horas, 27 dos 36 batalhões integrantes do corpo de exército tinham sido colocados no combate daquele estreito setor, agora alcançando sete quilômetros de largura. Dos 1.176 canhões pertencentes ao corpo, 1.087, além de todos os seus carros de combate, estavam reunidos no setor da ruptura. Naturalmente, os comandantes dos batalhões que não haviam logrado penetrar nas defesas inimigas não só não receberam reforços, como tudo que lhes estava à disposição foi retirado deles. E isso era exatamente o que devia ter ocorrido!

À medida que a brecha era alargada, mais e mais forças foram centralizadas nela. Logo que foi informado da ruptura, o

Comandante da Frente Central, General Rokossovskiy, despachou às pressas um exército inteiro para a região, com um exército aéreo destinado a cobrir as operações. Poucos dias depois, o Comandante Supremo adicionou seu próprio exército em reserva, o 4° Exército de Carros, às forças empenhadas na ruptura. Naturalmente, os comandantes alemães não podiam resistir a uma concentração de forças tão maciça. Várias centenas de quilômetros da frente deles desmoronaram simultaneamente e teve início uma retirada apressada. A última grande ofensiva montada pelo Exército Alemão na Segunda Guerra Mundial falhara. Após isso, os alemães nunca mais desencadearam um ataque isolado em grande escala, limitando-se a operações menores, como as no Balaton ou nas Ardenas.

A moral desta história é clara. Se cada comandante de pelotão tivesse tido o direito de pedir apoio de fogo para sua fração de tropa, o comandante do corpo teria sido incapaz de concentrar suas reservas na brecha, e a frente jamais teria podido abrir caminho. Sem isto, não teria havido sucesso.

[3]

A tática soviética moderna, pois, segue as pegadas de Gêngis- Khan, Bonaparte, os generais alemães que venceram a batalha da França e os generais soviéticos na guerra contra a Alemanha.

As armas nucleares alteraram a face da guerra, como a artilharia fizera na Idade Média, a metralhadora na Primeira Guerra Mundial e os carros de combate na Segunda. Os princípios da ciência militar não foram afetados por tais modificações, pois são imutáveis: disperse suas forças e perderá; concentre-as e vencerá.

O único reparo que se impõe fazer a esses antigos princípios na era nuclear é que um comandante tem de concentrar suas forças nucleares também no setor decisivo, juntamente com a artilharia, os aviões e os carros de combate que ali reúne. A ameaça de uma resposta nuclear é, igualmente, importante no que se refere à tática. A concentração de forças pode ser concluída muito depressa hoje em dia, tomando-se então um alvo para as armas nucleares do

inimigo, ao passo que antigamente ele era incapaz de empregá-las durante o tempo relativamente longo exigido pela concentração. Quanto ao resto, tudo permanece como era. Se uma única companhia consegue a ruptura, o comandante de batalhão a apoia com toda a sua bateria de morteiros, deixando que as outras companhias se cuidem por si mesmas. Informado do sucesso da companhia, o comandante do regimento determina o avanço de seus batalhões de carros para aquele subsetor e providencia o apoio maciço do fogo de sua artilharia; então, o comandante da divisão envia seu regimento de carros e também aciona sua artilharia de reserva; ademais, ele pode conseguir ataques nucleares efetuados adiante de suas tropas. Em seguida, inundando como a torrente através do dique rompido, chegam todos os carros de combate e a artilharia do exército; todos os carros, aviões, artilharia e foguetes da frente, da direção estratégica, da União Soviética e de seus satélites!

[4]

Um outro mal-entendido carece de esclarecimento. Conquanto um comandante de pelotão ou companhia não esteja em condições de convocar carros ou a artilharia divisionária, isto por certo não significa que as forças soviéticas operem sem apoio de fogo. O comandante de um batalhão de fuzileiros motorizado (400 homens) tem à sua disposição seis morteiros de 120mm. O comandante de um batalhão norte-americano (900 homens) tem somente quatro morteiros de 106mm. O comandante de um regimento soviético (2.100 homens) tem um grupo de 18 obuses de 122mm e uma bateria de seis lança-foguetes de cano múltiplo Grad-P. O comandante de uma brigada norte-americana (quatro a cinco mil homens) não dispõe absolutamente de bocas de fogo. Os comandantes de divisão americanos e soviéticos têm aproximadamente a mesma quantidade de armas de fogo.

Os comandantes de batalhão e regimentos soviéticos, não sendo autorizados a solicitar ajuda de seus comandantes de divisão, têm sob seu comando número suficiente de armas de fogo para explorar sucessos alcançados por quaisquer de seus pelotões, companhias ou batalhões. Visto estarem equipados com todas essas armas, o

comandante de divisão tem liberdade para empregar o peso total de sua artilharia divisionária onde concluir ser mais necessário.

Suprimentos da Retaguarda

[1]

Muitos especialistas ocidentais acreditam que, para levar a cabo uma operação do tipo descrito, seria necessária uma concentração maciça de recursos materiais e que o comando soviético encontraria extrema dificuldade para proporcionar a suas imensas forças os suprimentos de que careceriam.

Esta ilusão baseia-se em conceitos ocidentais característicos da organização do suprimento e reabastecimento de forças militares.

O Exército Soviético aborda de maneira completamente diferente da adotada no Ocidente os problemas de suprimento — maneira essa que evita muitas dores de cabeça. Vamos partir do fato de um soldado soviético não receber um saco de dormir, nem precisar dele. Tudo de que precisa é munição, e isto resolve muitos problemas.

A questão de abastecer tropas soviéticas em combate limita-se, assim, ao remuniciamento. Já sabemos que cada comandante tem unidades de transporte à sua disposição; cada regimento tem uma companhia capaz de transportar cargas de 200 toneladas, cada divisão um batalhão com capacidade de até mil toneladas, cada exército um regimento, e assim sucessivamente. Toda essa capacidade é utilizada para levar munição até as forças em progressão. Cada comandante aloca grande porção desta munição ao setor que está conseguindo sucesso — os demais sofrem, consequentemente.

Não menos importante durante um avanço rápido é o combustível — a força vital da guerra. Tem sido adotada uma abordagem básica ao problema do reabastecimento de combustível. Como condição prévia para sua aceitação pelas Forças Armadas, todo tipo de viatura de combate soviética — carros de combate, transportes de

pessoal blindados, viaturas de reboque etc. — tem de poder armazenar combustível suficiente para percorrer pelo menos 600 quilômetros. Assim, as frentes seriam capazes de dar um pique através da Alemanha Ocidental sem reencher os tanques. A partir daí, o batalhão de instalação de oleodutos de cada exército deverá assentar uma ligação até o oleoduto principal que terá sido montado pelo regimento de instalação de oleodutos da frente. Os oleodutos da frente seriam engatados nos oleodutos principais, subterrâneos e secretos, que teriam sido construídos em tempo de paz na Europa Ocidental. Além disso, o comandante-em-chefe de uma direção estratégica tem sob seu comando uma brigada de instalação de oleodutos, que pode ser mobilizada para auxiliar as frentes. Nos terminais de oleodutos, as instaladoras deles montam um certo número de centros de abastecimento, cada um dos quais pode reabastecer simultaneamente as viaturas de um batalhão ou até mesmo de um regimento. Ademais, o Exército Soviético está atualmente criando técnicas para utilizar helicópteros no reabastecimento de combustível. Tomemos uma divisão que progride. Um de seus batalhões de carros de combate parou por ordem do comandante da Divisão e é deixado à retaguarda dos demais. Em um campo ao lado da estrada, na qual o batalhão fez alto, pousa um helicóptero V-12 transportando 40 ou mais toneladas de combustível. Dentro de 10 minutos reabasteceu todos os carros e decolou uma vez mais. O batalhão parte de novo para diante, substituindo outro que parou para se reabastecer. Um único helicóptero V-12, voando a baixa altura, a uma velocidade de 250 quilômetros horários, pode reabastecer uma divisão inteira em um dia. Ele não é especialmente vulnerável, já que sobrevoa suas próprias áreas de retaguarda, que se acham protegidas pelas unidades da Defesa Aérea das Forças Terrestres. Se fossem usados caminhões para abastecer uma divisão, seriam necessários centenas deles, percorrendo estradas danificadas e congestionadas, e constituindo excelente alvo. A destruição de uma única ponte poderia deter todos eles. Enquanto um único caminhão levando 10 toneladas gastaria 24 horas para fazer um determinado percurso, um helicóptero poderia dar conta do mesmo serviço em uma hora. Ainda que helicópteros fossem mais vulneráveis do que intermináveis comboios de caminhões, os generais soviéticos os usariam assim mesmo, pois o tempo é bem mais precioso do que dinheiro durante uma guerra.

Quanto a mantimentos, peças sobressalentes etc., simplesmente não são fornecidos.

[2]

Vejamos, agora, como isto funciona na prática. Uma divisão que se acha com efetivo completo, alimentada e abastecida, com mais de duas mil toneladas de munição, está saindo do segundo escalão para entrar em ação. Ela pode passar de três a cinco dias em ação, sem repouso para seus homens. Os feridos são evacuados para a retaguarda pelo batalhão de saúde, após terem recebido os primeiros socorros.

Suas companhias, batalhões e regimentos não perdem tempo à espera de sobressalentes para equipamento que esteja danificado. Simplesmente o põem de lado. O batalhão de manutenção conserta o que puder, desmontando um carro de combate para endireitar dois ou três outros, tirando fora o motor, lagartas, torre e tudo o mais que for preciso. Qualquer material seriamente escangalhado é deixado para ser conduzido à retaguarda pela oficina móvel de reparação de carros de combate do exército ou da frente.

Em ação, a divisão luta com grande determinação, mas seus números mínguam. Parte de seu equipamento é devolvida após reparada, mas não grande quantidade dele. Após três a cinco dias de combate duro, os sobreviventes são mandados de volta para o segundo escalão, sendo seus lugares tomados por uma divisão novinha após boa alimentação e muito repouso. Com os remanescentes da outra divisão, rapidamente se organiza uma nova. O equipamento de combate é fornecido pelas oficinas de reparação de carros de combate. O fato de, até a véspera, ele ter pertencido a outra divisão não tem a menor importância. Reforços chegam à nova divisão vindos dos hospitais — também é irrelevante esses oficiais e soldados terem antes pertencido a outras divisões, exércitos ou frentes. Com eles vem material das fábricas, bem como reservistas, alguns dos quais são mais velhos, outros ainda rapazinhos. A divisão desenferruja-se, avança para a ação, bem alimentada e abastecida de combustível, com duas mil toneladas de munição.

Frequentemente, enquanto está sendo remodelada, uma divisão recebe equipamento inteiramente novo, saindo da fábrica, mas ela também pode receber material mais antigo tirado dos depósitos, enquanto o seu próprio, ou o que dele sobrou, é transferido dela para uma outra divisão que também esteja sendo remodelada não longe dali.

Amiúde, após uma série de combates particularmente rude, uma divisão não pode ser remodelada. Nesta hipótese, todos os seus comandantes do escalão companhia para cima são afastados e o que sobra da divisão fica sob as ordens dos subcomandantes dos batalhões e regimentos e também da divisão. Este remanescente continuará a lutar até o último homem, enquanto o comandante da divisão e seus subordinados estão na retaguarda, recebendo novo equipamento e novos soldados. Em curto prazo, regressam ao combate, no qual o que sobrara de sua divisão anterior acabou de perecer.

Um importantíssimo elemento indispensável à reconstrução de uma nova divisão é a antiga bandeira. Uma divisão nova pode ser criada bem depressa em torno dos antigos símbolos. Mas se estes forem perdidos... é o fim da divisão. Se tal coisa suceder, todos os seus ex-oficiais em comando são enviados para batalhões penais, onde expiam culpa com sangue, enquanto a divisão é dispersada e usada para completar o efetivo de outras divisões.

Eis um exemplo da história de 24 Divisão de Ferro Samaro-Ulyanovsk, com a qual penetrei na Tchecoslováquia em 1968.

A divisão, criada em 1918, foi uma das melhores do Exército Vermelho. Lenine correspondia-se pessoalmente com alguns dos soldados dela. Atuante na guerra contra a Alemanha desde o início das hostilidades, distinguiu-se na luta nos arredores de Minsk até que, como parte do 13 Exército, viu-se cercada. Uma parte da divisão conseguiu romper o cerco, mas perdeu a bandeira. A despeito de seus feitos anteriores, a divisão foi dispersada e seus oficiais foram julgados por tribunais militares. Em 1944, quando o Exército Vermelho uma vez mais alcançou e transpôs as fronteiras soviéticas, uma comissão especial começou a interrogar habitantes do local, em uma tentativa de descobrir onde estavam sepultados oficiais e soldados soviéticos que haviam sido mortos nos primeiros

dias da guerra. Um camponês, D. N. Tyapin, contou à comissão como encontrara o corpo de um oficial soviético morto, envolto em uma bandeira, e como o enterrara com esta. A sepultura foi imediatamente aberta, e encontrada a bandeira da 24 Divisão de Ferro, a qual foi prontamente mandada para ser restaurada, e, com a mesma rapidez, foi formada uma nova divisão que recebeu a bandeira e o título da antiga, bem como suas condecorações de combate. Hoje, a 24 Divisão de Ferro é uma das mais famosas do Exército Soviético. Entretanto, a despeito de ter-se distinguido na batalha que pôs fim à guerra, ela nunca foi classificada como uma "divisão da guarda". Não lhe foi perdoada a perda da bandeira.

PARTE VI - EQUIPAMENTO

Que Espécie de Armamento?

[1]

Eu adoro armas. De toda espécie. Gosto do equipamento e dos uniformes militares. Um dia, abrirei um pequeno museu, e o primeiro objeto que comprarei para expor nele será um jipe norte-americano. Esta é uma arma realmente miraculosa. Ela foi concebida antes da Segunda Guerra Mundial e serviu desde o primeiro até o último dia, como um soldado fiel. Foi lançada em paraquedas, encharcada em água salgada, estraçalhou os pneus nos pedregosos desertos da Líbia e afundou em pântanos de ilhas tropicais. Serviu com honra nas montanhas da Noruega e do Cáucaso, nos Alpes e nas Ardenas. E, desde a guerra, poderá algum outro veículo militar ter visto tantas batalhas — Coréia, Vietnam, Sinai, África, o Ártico, América do Sul, Indonésia, índia, Paquistão? E haverá qualquer espécie de armamento que não tenha sido instalado em um jipe? Canhões sem recuo, foguetes anticarro, metralhadoras... E tem funcionado em tarefas de reconhecimento, como ambulância, viatura de patrulha, malho e burro de carga militar.

E quantos tipos de carros de combate, aeronaves, foguetes surgiram e sumiram na era do jipe? Eles foram importantes e impressionaram, enquanto o jipe era cinzento e indistinguível. Mas eles se foram e o jipe continua aí. E quantas tentativas foram feitas para substituir o jipe? Mas ele é indispensável. No deserto, é mais confiável do que um camelo; nas campinas, mais veloz do que um leopardo; no Ártico, mais vigoroso que um urso polar.

Outra mostra de meu museu será um fuzil automático de assalto Kalashnikov. Não um dos que os terroristas usaram para matar os atletas olímpicos, ou o que eu tive comigo na Tchecoslováquia ou um dos com que os comunistas mataram médicos no Camboja. Não; será um dos milhares capturados pelos fuzileiros navais norte-

americanos no Vietnam, e usado em sua tentativa desesperada para deter o comunismo e evitar a calamidade que ameaçava o povo vietnamita.

Soldados norte-americanos no Vietnam muitas vezes desconfiaram de suas próprias armas e preferiram usar seus Kalashnikov guardados como troféus. Isto não era simples, pois dificilmente poderiam esperar ser remuniciados com os cartuchos apropriados a essas armas, mas de qualquer jeito as usavam, capturando mais munição à medida que combatiam. Qual é o segredo do Kalashnikov? É descomplicado e confiável, como um irmão de armas, e estas são as duas mais relevantes qualidades em combate.

[2]

Meu museu terá armas oriundas de toda parte: da Alemanha e Grã-Bretanha, França e Japão. Mas o maior número virá da União Soviética. Odeio os comunistas, mas amo as armas soviéticas. O fato é que os projetistas soviéticos perceberam, décadas atrás, a verdade fundamental de que somente equipamento simples e seguro pode ter êxito na guerra. Isto é tão verídico quanto o fato de que só serão bem-sucedidos planos que sejam claros e de fácil compreensão, e que o melhor uniforme de combate é o mais despojado e durável.

As exigências soviéticas referentes a armas são de que sejam de fácil produção e construção bem simples, o que favorece aos soldados aprender seu manejo bem como toma menos árdua sua manutenção e reparo.

Embora a União Soviética produzisse a mesma quantidade de aço que a Alemanha, construiu número bem mais elevado de carros de combate. Por outro lado, devido à simplicidade de sua construção, possibilitou consertar dezenas de milhares desses carros e devolvê-los, em seguida, para a luta, mais duas ou três vezes.

O General Guderian admirava os carros soviéticos e escreveu extensa e entusiasticamente a respeito deles. Insistiu para que os alemães copiassem o T-34. O projeto do carro soviético foi tomado como base para o Panther e pouco depois para o Tiger-Konig. Os

projetistas alemães, contudo, foram incapazes de atender à mais capital exigência: simplicidade de construção. Daí resultou que somente foram construídos ao todo 4.815 carros Panther, ao passo que não mais de 484 carros Tiger-Konig chegaram a ser produzidos. No mesmo período, a União Soviética construiu 102 mil carros de combate, dos quais 70 mil foram T-34.

Ao considerar estes números, deve ser lembrado que, enquanto a maioria das fábricas de carros de combate alemãs foi submetida a bombardeios, muitas fábricas soviéticas foram perdidas totalmente — a de Kharkov foi capturada pelos alemães nos primeiros meses da guerra, e essa era a maior fábrica soviética e o berço do T-34; a fábrica de carros de Stalingrado foi o palco da mais feroz batalha que se possa imaginar. Leningrado foi sitiada, mas, a despeito de estar sem aço nem carvão, a fábrica de carros de combate dali, submetida a constante bombardeio de artilharia, continuou a consertar carros durante três anos. Em algumas ocasiões, carros ainda em reparo eram usados para atirar, através de brechas nos muros, contra grupos de soldados alemães que atacavam. A única fábrica que restou ficava nos Urais, e para ela foi levada a maquinaria, instalada praticamente ao ar livre, a fim de produzir o mais simples e confiável carro de combate do mundo.

Não se deve imaginar que o material bélico soviético sofra prejuízos devido à simplicidade de seu projeto. Muito pelo contrário. Em sua época, o T-34 foi não só o mais simples como igualmente o mais poderoso carro de combate do mundo.

[3]

Quando um MIG-25 pousou no Japão, os especialistas ocidentais que o examinaram maravilharam-se ante a simplicidade de seu projeto. Naturalmente, com finalidades de propaganda, as qualidades de combate desse excelente avião foram depreciadas. Um especialista não particularmente perceptivo até comentou: “Pensávamos que ele fosse feito de titânio, mas acabou não sendo nada mais do que de aço.” É, de fato, impossível alcançar as velocidades de que o MIG-25 é capaz utilizando titânio; todavia, os projetistas soviéticos lograram construir esse, o mais rápido avião

de combate do mundo, com aço comum.

Este é um fato extremamente significativo. Demonstra que este notável avião pode ser construído independente de máquinas-ferramentas particularmente complexas ou da ajuda de especialistas altamente qualificados, e que sua produção em massa durante a guerra não seria afetada pela carência de importantes materiais. Ainda mais, esse avião é de produção extremamente barata, podendo, por conseguinte, ser construído em número imensamente elevado, se necessário. Esta é sua mais importante característica; o fato de durante duas décadas ter sido o mais veloz interceptador do mundo, com a maior velocidade de subida, é secundário.

[4]

A tecnologia está evoluindo, e a cada ano o equipamento fica mais requintado. Isto, porém, não conflita com a filosofia global dos projetistas soviéticos. É bem verdade que, décadas atrás, seus predecessores usaram o mais recente equipamento disponível em suas viaturas e aviões de combate, e tal equipamento deve ter sido então reputado muito complexo. Mas o férreo e inquebrantável princípio seguido pelos projetistas soviéticos conserva sua força. Sempre que um novo equipamento está sendo desenvolvido, utilizando inevitáveis ferramentas e técnicas altamente complicadas, há uma escolha de centenas, até mesmo milhares, de possíveis processos técnicos. Dentre as inúmeras opções, os projetistas sempre selecionarão a mais elementar possível. Seria exequível, naturalmente, produzir um sistema de transmissão automática para um jipe, porém é possível arranjar-se com um sistema comum. Assim sendo, só pode haver uma escolha soviética: a transmissão comum.

Uma vez vi um filme comparando um carro de combate soviético com um americano. Um motorista teve oportunidade de dirigir ambos e, quando indagado sobre qual era o melhor, respondeu: “O americano, é claro. Tem transmissão automática, enquanto no carro soviético é preciso fazer mudança, o que não é fácil em uma máquina pesada.” Ele estava com toda a razão... se a gente olhar a guerra como um agradável passeio pelo campo. Os projetistas

soviéticos, porém, se dão conta de que qualquer guerra futura será tudo menos isso. Eles levam em conta, bastante corretamente, que, se houvesse bombardeios maciços, se áreas industriais inteiras fossem destruídas, se fossem interrompidas as comunicações interurbanas, a produção em massa de carros com transmissão automática seria posta de lado. Seria igualmente impossível consertar ou cuidar de carros de combate desse tipo que tivessem sido produzidos antes da guerra. Consequentemente, só pode haver uma opção: a transmissão comum, não automática. Isto pode ser penoso para o motorista do carro de combate, pois ele ficará cansado. Mas será mais fácil para a indústria e para o país todo, que continuará a produzir carros de combate às dezenas de milhares, utilizando-se para isso de máquinas que terão sido instaladas praticamente ao ar livre.

[5]

A singeleza do armamento soviético surpreende a todos. Mas cada tipo de equipamento produzido é apresentado em duas versões — a normal e a “imitação”. *

O modelo “imitação” é uma arma que foi simplificada em tudo que for concebível e destinada apenas à produção de tempo de guerra.

Por exemplo, o carro de combate T-62 é um dos mais simples veículos de combate do mundo. Mas enquanto estava sendo projetado, uma versão ainda menos complexa estava sendo igualmente criada, para uso em tempo de guerra. O modelo “imitação” do T-62 não tem um canhão estabilizado, seu equipamento de rádio é ótico e simplificado, o equipamento para visão noturna usa uma fonte de luz infravermelha a fim de iluminar os alvos (método com 20 anos de idade), o canhão é acionado manualmente na elevação e direção, é usado aço em vez de tungstênio ou urânio nas pontas dos seus projetis penetrantes de blindagem.

Os generais soviéticos justificadamente consideram ser melhor ter carros como estes em uma guerra do que nenhum. Pretende-se que a idéia do modelo “imitação” seja utilizada não só na construção de

carros de combate, mas também na de todos os outros gêneros de equipamento — foguetes, canhões, aviões, aparelhos de rádio etc. Durante a paz, estas variantes são produzidas em grandes quantidades, mas só são distribuídas a países amigos da União Soviética. Vi duas variantes da viatura de combate da Infantaria BMP-1, uma que é distribuída ao Exército Soviético e outra destinada aos amigos árabes da União Soviética. Contei 63 simplificações que tomaram o modelo "imitação" diferente da versão original. Dentre as mais importantes: o canhão de 73mm não possui mecanismo de carregamento ou de seleção de munição — enquanto na versão soviética o atirador apenas comprime os botões apropriados e o cartucho que ele deseja desliza para dentro do tubo-alma, no modelo simplificado tudo isso tem de ser feito manualmente, e, ademais, o canhão não é estabilizado. A torre é girada e o canhão é elevado por meios mecânicos. Na versão soviética isto é feito eletricamente — o sistema mecânico fica ali apenas de reserva. A versão para "exportação" é armada com um foguete Malyutka, a soviética com o Malyutka-M, que difere do outro por ter um sistema automático de orientação para o alvo. O modelo "imitação" é desprovido da forração de chumbo nas paredes, que protege a guarnição contra a radiação que penetre e contra estilhaços de blindagem em caso de receber um impacto direto. O sistema ótico é grandemente simplificado, como o equipamento de comunicações, não tendo detector de radiação nem de gás, tampouco um sistema hermético de vedação automática do ar nem sistema de filtragem do ar, para uso em caso de contaminação muito séria, nem sistema automático de marcação topográfica, bem como muitos outros sistemas.

Quando um desses modelos "imitação" caiu nas mãos de especialistas ocidentais, estes naturalmente tiveram impressão completamente falsa das verdadeiras possibilidades de combate do BMP-1 e dos carros soviéticos. Pois o que estavam examinando não era mais do que um estojo ou recipiente, como um cofre de dinheiro que não tem valor algum sem o conteúdo.

A União Soviética está presentemente fazendo entregas no estrangeiro de carros T-72, caças MIG-23 e bombardeiros TU-22. Mas estes são diferentes dos modelos com que o Exército Soviético se armou. Quando um dos bolsos de um homem contém notas

bancárias e o outro simplesmente pedaços de papel, é impossível, olhando-se de fora, dizer qual deles tem o dinheiro.

A atual política soviética acerca de material bélico é sábia: acumular equipamento de primeira classe mas muito simples, em quantidades suficientes para as primeiras poucas semanas de guerra. Se a guerra continuar, será produzido equipamento em escala imensa, mas em variantes o mais simplificadas possível. A experiência de produzir os modelos padronizado e "imitação" está sendo conseguida na paz; os modelos mais elementares estão sendo vendidos aos "irmãos" e "amigos" da URSS como sendo a última palavra disponível em equipamento.

---

* No original: "monkey-model". (N. do T.)

Aprender com os Erros

[1]

O inverno de 1969 foi excepcionalmente amargo no Extremo Oriente soviético. Quando os primeiros choques com os chineses ocorreram no Rio Ussuri, e antes de divisões de combate chegarem à região, a pressão exercida pelo inimigo foi suportada pelas tropas de fronteira do KGB. Após encerrado o conflito, o Estado-Maior Combinado levou a cabo cuidadoso inquérito acerca de todos os erros cometidos e lapsos ocorridos. Descobriu-se prontamente que diversos soldados do KGB haviam congelado sob a neve, simplesmente por nunca haverem recebido instrução sobre como dormir ao ar livre em temperaturas abaixo de zero.

Essa foi uma notícia alarmante. Imediatamente uma comissão do Estado-Maior Combinado efetuou experiências com três divisões, escolhidas ao acaso, e chegou a uma conclusão deprimente: a experiência da guerra fora perdida irrevogavelmente, e o moderno soldado soviético não tinha sido ensinado a dormir na neve. Naturalmente, ele não recebia um saco de dormir e, é claro, era-lhe proibido acender uma fogueira. Normalmente, quando a temperatura estivesse abaixo do ponto de congelamento, um soldado passaria a noite em sua viatura. Mas, o que fazer se a viatura fosse posta fora de ação?

Os chefes dos estados-maiores de todas as divisões foram incontinenti convocados a Moscou. Foi-lhes ministrado um dia de instrução sobre a técnica de dormir na neve em temperaturas glaciais, usando apenas o pesado capote. A seguir, cada um foi mandado convencer-se da possibilidade disso, dormindo na neve durante três dias. (Deve ser recordado que março em Solnechnogorsk, perto de Moscou, é um mês implacável, com o solo coberto de neve e temperaturas abaixo de zero.) Em seguida, os chefes de estados-maiores retomaram às respectivas divisões e logo

o Exército Soviético inteiro foi submetido a rigoroso teste: passar uma noite ao ar livre com frio de entorpecer e sem qualquer agasalho suplementar. Pareceu que os estacionados em desertos no Sul estavam com sorte. Nada disso: foram remetidos, por turnos, seja para a Sibéria, seja para o Norte, a fim de serem submetidos ao mesmo severo treinamento. Desde então, passar uma noite na neve tomou-se parte de todos os programas de instrução militar.

Dois anos antes disto, após os vergonhosos reveses no Sinai, quando ficara claro quanto os soldados árabes temiam carros de combate e napalm, ordens urgentes haviam sido expedidas, tomando obrigatório para todos os soldados e oficiais soviéticos, até o posto de general inclusive, pular através de chamas crepitantes e abrigar-se em covas rasas enquanto carros de combate estrondeiam por sobre suas cabeças, ou, caso não possam achar sequer tal proteção, ficar deitados no chão, entre as lagartas dos barulhentos veículos.

O Exército Soviético reaprendeu suas lições em um único dia. Senti napalm na minha própria pele, acocorei-me em uma cova enquanto um carro de combate fazia um estardalhaço danado por cima de mim, e passei noites terríveis em plena neve.

No início da guerra, o Exército Vermelho não tinha qualquer idéia sobre como organizar a defesa do país ou, particularmente, das grandes cidades. Nunca fora ensinado a fazer isso. Aprendera somente a atacar e a “levar a guerra ao território do inimigo”. Todavia, a guerra começou de acordo com os planos do Estado-Maior alemão em vez dos de seus opositores soviéticos. Uma catástrofe sucedeu-se a outra. Tentativas para defender Minsk duraram três dias; para aguentar Kiev, dois dias. Todos estavam desnorteados sobre como organizar melhor as coisas. Kiev caiu no final de setembro e em outubro Guderian aproximava-se de Moscou. Subitamente, algo espantoso ocorreu. As defesas soviéticas tornaram-se impenetráveis, especialmente em tomo de Moscou, Tula e Tver’. Pela primeira vez, no decurso da Segunda Guerra Mundial, a máquina militar alemã foi levada à imobilização. Diz-se que o frio congelante desempenhou seu papel na mudança da maré. Isso realmente aconteceu, em novembro e dezembro, porém em outubro o tempo foi ensolarado. Algo acontecera; ocorrera uma mudança radical. No ano seguinte, teve lugar a batalha por

Stalingrado — a cidade foi defendida o verão inteiro, e as geadas não tiveram qualquer participação nos bons resultados obtidos. Esta campanha entrará na História como um modelo de defesa de uma grande cidade. Um segundo modelo assim é a defesa de Leningrado, que se manteve por quase três anos, durante os quais um milhão e meio de seus habitantes perderam a vida. Esteve sob ataque durante dois invernos e três verões. As temperaturas geladas não exerceram papel algum aqui tampouco — a cidade poderia ter sido tomada em qualquer estação, durante esses três anos.

No Exército Soviético, a linha divisória entre incapacidade para desempenhar determinado papel e capacidade para realizá-lo com grande habilidade profissional é praticamente imperceptível. Ocorrem transições de uma para outra quase instantaneamente, não só em tática, estratégia e na formação do pessoal, como também em programas de reequipamento.

[2]

No início da década de 60, desenvolveu-se um debate nas revistas militares do Ocidente acerca da necessidade de uma nova viatura de combate para a Infantaria: ela deveria ser anfíbia, blindada e fácil de manobrar, e teria que dispor de considerável poder de fogo. A imprensa militar soviética respondeu somente com um silêncio de morte. A discussão ganhou ímpeto, houve muita argumentação a favor e contra a proposta, levaram-se a cabo provas intensas. E a União Soviética permaneceu silenciosa.

Numa noite, lá para o fim de 1966, transportes pesados chegaram à nossa escola militar trazendo viaturas incomuns de algum tipo, cobertas com encerados. Eram os BMP-1 — anfíbios, diabolicamente maneáveis, bem blindados e pesadamente armados. Em 1967 esse veículo estava sendo produzido em grandes números; entrementes, a discussão no Ocidente prosseguia. Só a Alemanha Ocidental tomou medidas positivas, ao contrair o Marder — um excelente veículo, mas que não era anfíbio e transportava quase o mesmo armamento de anteriores transportes blindados de pessoal alemães. E, pena, era de projeto excepcionalmente complicado.

No início da década de 80, essa discussão continua no Ocidente; os primeiros passos foram dados, mas, como antes, os Estados Unidos têm transportes blindados de pessoal armados apenas com metralhadoras. É claro, especialistas ocidentais descobriram muitos defeitos na construção do BMP-1. Mas este não é um produto recente, e trata-se do seu modelo "imitação". A União Soviética vem produzindo uma segunda geração do BMP em vastas quantidades há bastante tempo, enquanto a discussão prossegue no Ocidente.

O mesmo se passou com helicópteros militares, artilharia autopropulsada, morteiros automáticos e muitos outros tipos de material bélico.

Quando Poderemos Prescindir dos Carros de Combate?

[1]

Um dia, em Paris, comprei um livro, publicado em 1927, tratando dos problemas de uma futura guerra. O autor, sóbrio e razoável, apresentava lógica sólida, análise arguta e argumentos inatacáveis. Após analisar a maneira pela qual o material bélico evoluira no decurso da sua vida, ele concluía declarando que o lugar adequado para o carro de combate era o museu, ao lado dos esqueletos de dinossauros. Sua argumentação era simples e lógica: haviam sido criados canhões anticarro capazes de deter formações maciças de carros de combate em qualquer futura guerra, tal como as metralhadoras tinham parado completamente a cavalaria na Primeira Guerra Mundial.

Não sei se o autor viveu até 1940, para ver os carros de combate alemães deslizando majestosamente pelos bulevares de Paris, passando pelo local onde, muitas décadas depois, eu compraria meu exemplar empoeirado de seu livro, com as folhas amareladas pela idade.

A crença de que o carro de combate está chegando ao fim da vida é por si mesma surpreendentemente longeva. No começo dos anos 60, a França resolveu suspender a produção de carros porque passara a era deles. Foi sorte ter sido esta ilusão estilhaçada pelos velhos carros Sherman de Israel na Península do Sinai. A brilhante vitória israelense evidenciou para o mundo inteiro, uma vez mais, que nenhuma arma anticarro é capaz de parar carros de combate em uma guerra, desde que estes sejam, é claro, empregados habilmente.

O raciocínio dos detratores do carro de combate é simples: “Atente para os foguetes anticarro; para sua precisão e capacidade de perfurar blindagens!” Mas este argumento não resiste a exame. O

foguete anticarro é uma arma defensiva, parte de um sistema passivo.

O carro, ao contrário, é uma arma ofensiva. Qualquer sistema defensivo implica dispersão de forças por um vasto território, deixando-as fortes em algumas partes e fracas em outras. E é onde se acharem fracas que os carros surgirão, em enormes concentrações. Mesmo se fosse viável distribuir igualmente os recursos, isto significaria que nenhum setor teria o bastante. Tente distribuir 10 foguetes anticarro ao longo de cada quilômetro de fronteira. Os carros, então, escolherão um determinado local e o atacarão às centenas, ou talvez aos milhares, simultaneamente. Se se concentrarem os meios anticarro, os carros simplesmente se desviarão. Eles são uma arma ofensiva e dispõem da iniciativa na batalha, sendo capazes de escolher quando e onde atacar, e com que forças.

A esperança de que a perfeição de armas anticarro conduziria à extinção do carro de combate demonstrou-se completamente infundada. É como esperar que as defesas eletrônicas dos bancos fiquem tão perfeitas no futuro que se extinguirá a raça dos ladrões de bancos. Garanto que os assaltantes de bancos não acabarão. Melhorarão suas ferramentas, sua tática, suas informações acerca dos alvos, assim como seus métodos de ludibriar os adversários, e continuarão a realizar incursões. Às vezes estas falharão, às vezes terão sucesso, porém continuarão enquanto os bancos continuarem a existir. Os ladrões dispõem da mesma vantagem que os carros de combate — estão na ofensiva. Decidem quando, onde e como atacar, e só o farão quando confiarem no sucesso, quando tiverem secretamente descoberto um ponto fraco nas defesas do inimigo, cuja existência seja desconhecida até deste mesmo.

[2]

Os generais soviéticos nunca se defrontaram com problemas deste gênero. Sempre souberam que a vitória em uma guerra somente pode ser alcançada avançando. Para eles, operações defensivas importam em derrota e morte. Na melhor hipótese, essas operações só podem indicar um beco sem saída, mesmo assim por pouco

tempo. A vitória somente pode ser obtida através de uma ofensiva, ou seja, apoderando-se da iniciativa e desfechando golpes nas áreas mais vulneráveis do inimigo.

Assim, para vencer é mister atacar; tem-se de lançar-se para diante, inesperadamente e com determinação; é preciso avançar. Para isto, carece-se de uma viatura que possa andar por toda parte para destruir o adversário, de preferência permanecendo ela mesma incólume. A única viatura que combina movimento, poder de fogo e couraça é o carro de combate. Talvez, no futuro, sua couraça seja aperfeiçoada, talvez não tenha mais lagartas, mas ande de alguma outra maneira (já houve carros de combate sobre rodas), talvez não tenha um canhão porém seja armado com outra coisa (houve carros armados apenas com foguetes), talvez tudo o mais seja alterado— mas suas características relevantes (capacidade de andar, de atirar e de defender-se) perdurarão. Enquanto houver guerras, enquanto subsistir o desejo de vitória, o carro de combate existirá. A guerra nuclear não só não o eliminou, como lhe concedeu novo prazo de vida, pois nada é tão adequado à guerra nuclear quanto um carro de combate. Para sobreviver a um conflito nuclear, precisa-se colocar o dinheiro em um desses cofres de aço.

O Carro de Combate Voador

Vá dirigindo um carro de combate até um campo de pouso e então o estacione junto de um avião militar. A seguir, ponha um helicóptero entre o carro e o avião. Agora, olhe para cada um deles e então responda à pergunta: com que o helicóptero parece mais — o carro ou o avião?

Sei qual será sua opinião. Não precisa me dizer. Mas os generais soviéticos acreditam que para todos os efeitos o helicóptero é um carro de combate. De fato, eles acham difícil distinguir entre os dois. Por certo há muito pouca coisa em comum entre o helicóptero e o avião. Pormenores, como, por exemplo, a possibilidade de voar, mas nada mais.

E claro, eles estão certos. O helicóptero relaciona-se com o carro de combate, não com o avião. O raciocínio por trás disso é bastante simples: em combate, um carro pode apoderar-se de território inimigo e um helicóptero pode fazer o mesmo. Mas isso não acontece com um avião, que pode destruir tudo na superfície e bem abaixo dela, mas não pode conquistar e ocupar terreno.

Por esta razão, o Exército Soviético vê o helicóptero como um carro de combate — um carro capaz de alta velocidade e de irrestrito desempenho através do campo, só que dotado de blindagem leve. E que possui aproximadamente o mesmo poder de fogo de um carro de combate.

As táticas adotadas no emprego de helicópteros e de carros de combate são notavelmente semelhantes. Um avião é vulnerável porque na maioria dos casos só pode operar baseado em um aeródromo. Tanto o helicóptero quanto o carro de combate podem agir em campo aberto. Um avião é vulnerável por sobrevoar o inimigo. Tanto o helicóptero quanto o carro veem o inimigo diante deles. Para atacar, um helicóptero não precisa sobrevoar o inimigo

ou chegar perto dele.

A introdução do helicóptero não foi saudada com qualquer particular entusiasmo pelas Forças Aéreas, porém as Forças Terrestres ficaram jubilosas — estava ali um carro de combate com um rotor em vez de lagartas, e que não precisava temer campos de minas, rios ou montanhas.

Não é, portanto, surpreendente que as brigadas de assalto aeromóveis (que são transportadas por helicópteros) formem parte do efetivo de exércitos de carros de combate ou de frentes, para emprego conjunto com exércitos de carros.

No momento atual, o MI-24 soviético é o melhor helicóptero de combate do mundo. Esta não é mera opinião pessoal minha, mas compartilhada por peritos militares ocidentais. Sabendo da afeição que os generais soviéticos têm por seus helicópteros, profetizo que variantes ainda melhores destes carros de combate voadores surgirão nestes próximos anos. Ou, quem sabe, já estarão elas sobrevoando Saratov ou algum outro lugar, embora ainda não tenham sido mostradas?

A Arma Mais Importante

[1]

Antes da Segunda Guerra Mundial, cada exército tinha seu próprio método de abordar as questões de defesa. Baseados em sua experiência na Primeira Guerra Mundial, os franceses consideravam que seu maior problema seria sobreviver a bombardeios de artilharia que poderiam durar vários dias ou mesmo meses. Os generais alemães resolveram que tinham de tomar suas forças capazes de repelir ataques por todas as armas do inimigo. Os generais soviéticos concluíram que precisavam evitar diluir recursos e deveriam concentrar-se na mais importante das armas. Desde que, para eles, esta eram os blindados, só encaravam a defesa como defesa contra carros de combate. Seu sistema de defesa, por conseguinte, só poderia ser considerado completo quando suas forças fossem aptas a repelir ataques de carros. Se pelo menos pudermos deter os carros de combate do inimigo, raciocinavam os generais, tudo mais será detido também.

Estavam certos, como muitos generais alemães (o primeiro dos quais Guderian) acabaram verificando. Muitas das batalhas que tiveram lugar em território soviético seguiram um roteiro padronizado. As forças alemãs lançavam um ataque de carros muito poderoso, que, a partir da segunda metade de 1942, as tropas soviéticas sempre conseguiam sustar. Esta foi a sequência dos acontecimentos em Stalingrado, em Kursk e na Hungria, nas operações no Balaton. De 1943 em diante, tendo exaurido a capacidade para desencadear tais ataques, Hitler ordenou que as forças alemãs adotassem uma estratégia de defesa em profundidade. Mas esta não era a maneira de opor-se a carros de combate.

Ela não possibilitou aos alemães sustar uma única ruptura por carros soviéticos.

[2]

Tendo em mente a guerra, os generais soviéticos insistem que a defesa tem de significar, antes e acima de tudo o mais, defesa contra carros. O inimigo só pode alcançar vitórias avançando, e na era nuclear, como antes, operações ofensivas serão levadas a efeito por carros e infantaria. Outras forças não podem realizar uma ofensiva: sua única função é apoiar os carros e a infantaria. Assim, a defesa é essencialmente uma batalha contra carros de combate.

A arma mais importante para alcançar a vitória é o carro de combate. A arma mais importante para privar o inimigo de sua vitória é a arma anticarro. A União Soviética, por isso, dedica grande atenção ao desenvolvimento de armas anticarro. Em consequência, ela é frequentemente a primeira do mundo em inovações táticas e técnicas realmente revolucionárias. Por exemplo, já em 1955 a URSS começou a produzir o Rapira, um canhão anticarro de alma lisa, que tem uma espantosa velocidade inicial. Ao introduzir esta arma, ela pôs-se adiante do Ocidente mais de um quarto de século. No mesmo ano, foi iniciada igualmente a produção do visor noturno infravermelho APNB-70 para o canhão Rapira. Visores desse gênero não foram distribuídos aos exércitos ocidentais nos 10 anos seguintes.

O Exército Soviético adota medidas excepcionalmente rigorosas para proteger os segredos de suas armas anticarro. Muitas destas são completamente desconhecidas no Ocidente. A Diretoria Superior de Desinformação Estratégica insiste que as únicas armas anticarro que podem ser exibidas são as suscetíveis de serem exportadas, o que vale dizer: as menos eficazes. Os sistemas que não podem ser exportados nunca são demonstrados, permanecendo ignorados desde seu nascimento, durante toda sua vida secreta e, frequentemente, após sua morte. Diremos algo a respeito disto mais adiante.

Por considerar tão importante a luta anticarro, os generais soviéticos insistem que todo soldado e todo sistema de armamento deva estar apto a atacar carros de combate.

Daí todo soldado ser armado com um lança-foguetes anticarro Mukha, com um único tiro. Estes lança-foguetes são distribuídos a todos os motoristas de viaturas motorizadas, bem como aos integrantes de estados-maiores, unidades de apoio da retaguarda e a todas as demais subunidades auxiliares.

Quando estava sendo desenvolvida a viatura de combate de infantaria BMP-1, os projetistas sugeriram para seu armamento um canhão de 23mm — ele seria eficaz contra infantaria e é simples e fácil de carregar. Mas os generais se opuseram: como primeira prioridade, a viatura tinha de ser capaz de opor-se a carros; precisava possuir foguetes anticarro e um canhão que, embora pequeno, pudesse ser utilizado contra carros. O BMP-1 foi por isso equipado com um canhão automático de 73mm, capaz de destruir um carro de combate inimigo a distâncias de até 1.300 metros, e com foguetes anticarro aptos a serem usados até para maiores distâncias. O fato de canhões automáticos de 20mm serem adaptados em viaturas de combate da infantaria do Ocidente é visto com amistosa incompreensão por especialistas militares soviéticos: "Se uma viatura assim não é capaz de fazer frente a nossos carros, por que afinal foi construída?"

Verdade que recentemente foi montado no BMP um canhão antiaéreo leve. Isso, porém, não indica qualquer alteração em sua função primordial. Este canhão é instalado como armamento auxiliar, para suplementar os foguetes anticarro, e também como arma anti-helicóptero. Em outras palavras, destina-se a ser usado contra o carro de combate voador. De passagem, diga-se que a decisão de adaptá-lo só foi tomada após os projetistas terem sido capazes de demonstrar que ele também podia ser usado contra carros de combate convencionais, terrestres.

Todos os outros sistemas de armamento soviéticos, ainda quando não voltados primordialmente para a aplicação anticarro, têm de ser capazes de fazê-lo. Em consequência, todos os obuses soviéticos são municiados com granadas anticarro, e os canhões antiaéreos são muito utilizados contra carros — suas guarnições são treinadas com esta finalidade e recebem a munição apropriada.

Isto, porém, não é tudo. O novo lança-foguetes AGS-19 Plamya e o morteiro automático Vasilek também podem ser utilizados contra

carros, como função secundária. Cada um deles tem uma velocidade de 120 tiros por minuto, e ambos são capazes de atirar com trajetória tensa contra carros atacantes.

Por fim, os BM-21, BM-27, Grad-P e outros lança-foguetes de tiro por salva podem atirar por cima dos visores anulares e lançar uma chuvarada de fogo sobre carros de combate que se aproximam.

Por Que os Canhões Anticarro Não São Autopropulsados?

Por que a União Soviética não usa canhões anticarro autopropulsados? Esta é uma pergunta que muita gente não sabe responder. Afinal, um canhão autopropulsado é bem mais móvel no campo de batalha do que um rebocado, e sua guarnição fica mais protegida. Esta pergunta já foi em parte respondida no capítulo anterior. A União Soviética possui alguns excelentes sistemas de armas anticarro autopropulsadas — mas não os exibe. Não obstante, é verdade que os canhões rebocados se acham em maioria. Por que isso ocorre? Há diversas razões:

Primeira: Um canhão anticarro rebocado é muitas vezes mais fácil de fabricar e de usar do que o autopropulsado. Na guerra talvez seja exequível reduzir a produção de carros; o efeito disto seria simplesmente reduzir a intensidade das operações ofensivas. Mas uma queda na produção de armas anticarro seria catastrófica. Seja o que for que ocorra, elas têm que ser produzidas em quantidades suficientes. Do contrário, qualquer ruptura das linhas por carros do inimigo poderia mostrar-se fatal para todo o programa de produção militar, para a economia nacional, e para a própria União Soviética. A fim de assegurar que esses canhões continuarão sendo fabricados, qualquer que seja a situação, mesmo em meio a uma guerra nuclear, é essencial serem eles de construção a mais simples possível. Não foi à toa que os primeiros canhões soviéticos de alma lisa a serem produzidos foram anticarro. Canhões de alma lisa para os carros de combate soviéticos foram lançados consideravelmente mais tarde. Embora a alma lisa reduza a precisão do tiro, possibilita elevar sensivelmente a velocidade inicial e, mais importante do que tudo, simplifica a construção da arma.

Segunda: Um canhão rebocado tem silhueta bem baixa, pelo menos a metade da de um carro de combate. Em combate singular com um carro, especialmente no alcance máximo, isto oferece maior

proteção do que a blindagem ou a maneabilidade.

Terceira: Canhões anticarro são usados em duas situações. Na defesa, quando o inimigo conseguiu a ruptura, está avançando velozmente e tem de ser detido a qualquer custo. E na ofensiva, quando as nossas próprias tropas romperam e vão avançando rapidamente, e o inimigo tenta cortar a base de nossa ponta de lança com um ataque de flanco, separando as forças em progressão das áreas de retaguarda. Em ambas essas situações, canhões anticarro têm de deter os carros do inimigo em uma linha predeterminada, a qual não lhes deve ser permitido atravessar. Canhões rebocados são forçados, devido ao peso de sua construção, a lutar até a morte. São incapazes de manobrar ou de mover- se para posição melhor. Certamente, as perdas são sempre bastante elevadas. Por isso, eles são tradicionalmente apelidados de “Adeus à Pátria!” Mas, por deterem o inimigo na linha predeterminada, as subunidades anticarro podem salvar a divisão inteira, o exército e, às vezes, toda a frente. Isso foi o que aconteceu em Kursk. Se os canhões anticarro tivessem sido autopropulsados, seu comandante teria conseguido retrair-se para uma posição mais vantajosa quando submetido à pressão do inimigo. Isso teria salvado sua pequena subunidade anticarro, mas poderia ter trazido a catástrofe para a divisão, o exército, a frente e, talvez, para diversas frentes.

A fim de que pensamentos sediciosos não entrem na cabeça do comandante da tropa anticarro, e assim ele não cogite de cair fora em uma situação crítica, seus canhões não possuem meios de autopropulsão. Em combate, seus tratores blindados são alojados em abrigos: dificilmente poderiam retirar os canhões do combate sob o mortífero fogo adverso. Só dispõem suas guarnições de uma opção: morrer na posição, impedindo o inimigo de atravessar a linha que elas defendem.

Durante a guerra, uma das razões principais para a estabilidade pertinaz das formações soviéticas foi a presença entre elas de unidades enormes, mas praticamente imóveis, de canhões anticarro.

A Arma Favorita

[1]

A arma favorita do comandante soviético é o morteiro. Um morteiro é simplesmente um tubo, do qual uma extremidade apoia-se em uma placa-base, enquanto a outra aponta para o céu, apoiada em duas pernas. Seria difícil conceber arma mais simples, e é justamente a simplicidade que a toma a favorita.

Em 1942, um ano terrível para a URSS, durante o qual a produção militar caiu a um nível catastroficamente baixo, o morteiro foi o único armamento que continuou disponível para todos os comandantes.

Em três anos e meio de guerra, a União Soviética produziu 348 mil morteiros. No mesmo período, a Alemanha produziu 68 mil. Todos os demais países reunidos produziram consideravelmente menos que a Alemanha. Além disso, os morteiros soviéticos eram os mais possantes do mundo, e o número de granadas produzidas para cada um deles foi o mais elevado registrado em qualquer parte.

Os comandantes soviéticos valorizam tanto o morteiro devido à sua confiabilidade e sua simplicidade quase primitiva, pois bastam poucos minutos para ensinar um soldado a usá-lo, e por não necessitar quase de manutenção — seu cano não é sequer raiado! E também gostam dele por estar sempre pronto, em qualquer situação, para disparar granadas bem pesadas sobre o inimigo, muito embora lhe falte precisão.

A pressão gerada no interior do cano de um morteiro quando atira é relativamente baixa e, por isso, ao contrário de um canhão ou obus, o morteiro pode atirar granadas de ferro fundido em vez das de aço. Isto adiciona duas outras vantagens: primeira, simplicidade e baixo custo de produção; segunda, o fato de que quando uma granada de ferro fundido estoura fragmenta-se em partes muito pequenas, que

formam um denso quadro de estilhaços. As granadas de aço dos canhões e obuses não são apenas mais caras como também mais solidamente construídas, e, portanto, produzem menor quantidade de estilhaços, os quais não cobrem tão densamente a área.

Na França e nos Estados Unidos, após a guerra, aperfeiçoaram-se os morteiros. Tinham canos raiados, o que lhes proporcionava maior precisão. Já em 1944, um projetista soviético, B. L. Shavyrin, sugerira que os morteiros soviéticos fossem raiados, mas foi firmemente repelido — era mais simples fazer 10 morteiros de alma lisa do que um raiado. Mesmo que um morteiro raiado fosse duas vezes mais eficaz do que um liso, este seria ainda uma proposta bem melhor. Se fosse duas vezes mais eficaz, porém custasse 10 vezes mais para produzir, seria classificado como uma arma bem ruim. Concordo inteiramente com tal ponto de vista.

Mas, que dizer da precisão?, poderão perguntar. Nada significa. Os comandantes soviéticos escolheram um modo diferente de abordar o problema. Se for preciso pagar por precisão com complexidade de projeto, está-se seguindo o caminho errado. A quantidade é a melhor maneira de exercer pressão. Desde que dois singelos morteiros de alma lisa podem fazer o serviço de um raiado, empregaremos os dois lisos, já que nos darão a vantagem suplementar de fazer bem mais barulho, poeira e fogo do que um. E isso não é de forma alguma sem importância na guerra. Quanto mais barulho se produz, mais elevado fica o moral de nossos homens e mais baixo o dos inimigos. E o que é mais importante: dois morteiros são mais difíceis de destruir do que um.

Contudo, foi concebida outra maneira de abordar o problema. A falta de precisão dos morteiros soviéticos é mais do que compensada pelo poder explosivo de suas granadas. Para comandantes soviéticos, o melhor morteiro é um grande — quanto maior, melhor. Presentemente, o maior morteiro norte-americano tem 106,7mm, ao passo que o menor soviético tem 120mm. A maior granada de morteiro americana pesa 12,3 quilos; a menor soviética, 16. Além desse pequeno morteiro, porém, o Exército Soviético possui um modelo de 160mm, que dispara uma granada de 40 quilos, e um outro de 240mm, cuja granada pesa 100 quilos.

Quem quer que haja visto morteiros de 120mm atirando,

especialmente se estava perto deles, nunca esquecerá a experiência. Eu cheguei a ver 12 morteiros de 240mm juntos em ação. Estes disparam granadas não de 16 mas de 100 quilos. Em 20 minutos, cada morteiro disparou 15 granadas. Isto representou, como calculei depois, um total de 18 toneladas de explosivos e estilhaços de ferro fundido. Achei o barulho absolutamente atordoante. Foi de espantar que os homens pudessem manter sua sanidade em meio àquilo. Enquanto o tiro continuava, tinha-se a impressão de que milhares de toneladas de explosivos iam pelos ares a cada segundo, e a coisa toda parecia durar séculos. O fantástico poder de destruição desses morteiros compensa qualquer imprecisão na pontaria ou na dispersão. Creio ser esta a maneira certa de encarar as coisas. Só um país, Israel, teve a oportunidade de experimentar o valor desta política excepcionalmente barata e eficaz. Seu Exército tem morteiros de 160mm. Sinceramente, espero que ele progrida ainda mais, pois está no rumo correto.

[2]

A extraordinária singeleza, confiabilidade e fácil manutenção do morteiro de 240mm são qualidades vitais, e desempenharam papel decisivo quando chegou o momento de escolher qual deveria ser a primeira arma de artilharia a atirar projéteis nucleares. Ele foi opção óbvia, e já faz agora muitos anos que foi escolhido para tal papel. Foi também uma boa escolha, sendo relativamente menor, mais maneável e mais fácil de ocultar do que um canhão. Ao mesmo tempo, possui um calibre grande, o que soluciona diversos problemas técnicos. Por ser sua velocidade inicial apreciavelmente inferior à de um canhão ou obus, não há perigo de que a granada exploda ao ser disparada ou detone acidentalmente. O que poderia ser melhor?

Em 1970, foi apresentada uma versão autopropulsada do morteiro de 240mm, instalada em um chassi GMZ com lagartas. Isto aumentou-lhe grandemente a mobilidade, a capacidade para deslocar-se através do campo e a proteção dada à guarnição. Este desenvolvimento incrementou mais ainda a predileção dos generais soviéticos por estas armas. Nesse período, somente as reservas das frentes e dos quartéis-generais estavam equipadas com tal

armamento. Entretanto, os comandantes de exércitos e divisões imploravam a uma voz, em cada reunião a que compareciam no Ministério da Defesa, para ser dada a cada divisão um grupo desses morteiros, e também que cada comandante de exército dispusesse de pelo menos um regimento deles. Seus apelos foram ouvidos, e em breve receberam os morteiros. E por que não? Ela é, afinal de contas, o armamento mais simples e econômico que se possa imaginar.

[3]

Está muito bem para os generais, poderão dizer vocês, mas o que dirão os comandantes de batalhão? Devem contentar-se com o que seus antecessores tinham na Segunda Guerra Mundial? O número de morteiros em um batalhão mal poderia ser aumentado, pois isso significaria que metade da infantaria deveria ser reclassificada na artilharia. Tampouco é possível aumentar o calibre dos morteiros dos batalhões. Isso os deixaria muito pesados para acompanhar a infantaria aonde quer que vá.

Uma saída para esta situação também foi encontrada. Em 1971, o morteiro automático Vasilek foi entregue aos batalhões. Sua introdução não quis dizer ter sido abandonada a insistência em simplicidade. Essa arma automática é tão descomplicada quanto um Kalashnikov. Quando necessário, ele pode disparar tiros isolados. Como arma automática, dispara 120 granadas por minuto. Difere de todos os morteiros anteriores por ser capaz de atirar com trajetórias tanto tensas quanto curvas. Pode usar tanto granadas normais quanto anticarro. Se necessário, um comandante de batalhão pode deslocar sua bateria de morteiros inteira para um setor ameaçado por carros de combate inimigos e lançar sobre eles uma chuva de 720 granadas anticarro por minuto.

O Vasilek está sendo produzido sobre um chassi blindado autopropulsado e também em uma versão rebocada. Seis deles proporcionam a um comandante de batalhão capacidade grandemente incrementada de levar fogo concentrado a um setor decisivo.

Por Que os Calibres Variam?

[1]

Quando a União Soviética pela primeira vez expôs a viatura de combate da Infantaria BMP-1 em uma parada, sua designação e o calibre de suas armas eram desconhecidos. Pelo exame cuidadoso das fotografias, analistas ocidentais concluíram que o calibre do canhão deveria ser entre 70 e 80mm. Nessa faixa só havia um canhão — o 76mm, que é ainda, como tem sido por muitos anos, uma arma padronizada do Exército e da Marinha soviéticos. Este canhão foi a mais amplamente distribuída das armas de artilharia soviéticas, antes, durante e após a guerra, e seu calibre reaparece com frequência nas designações de equipamento soviético (por exemplo, T-34-76, o SU-76, o PT-76). Desde que essa parecia uma dedução segura, manuais ocidentais relacionaram o novo veículo soviético como “BMP-76”.

Então, diversos BMP-1 foram capturados no Oriente Médio e cuidadosamente examinados. Para espanto dos especialistas, ficou demonstrado que o calibre do canhão era de 73mm. Ora, isso era praticamente o mesmo que 76mm; então, por que os projetistas soviéticos não utilizaram este calibre de confiança? Por que a variação?

Nesse ínterim, fotografias dos novos carros de combate soviéticos — o T-64 e o T-72 — tinham começado a surgir em revistas ocidentais. Análise esmerada revelou que o calibre do canhão levado por ambos esses canos era 125mm. Mas este calibre não existia, fosse na URSS, ou em qualquer outra parte. Muitos dos peritos recusaram-se a aceitar a conclusão dos analistas, asseverando que os novos carros deveriam ter canhões de 122mm.

O calibre 122mm (como o 76mm) é padronizado, e tem estado em uso constante desde antes da Revolução. O obus de 122mm é o

maior em uso no Exército Soviético. A maioria das viaturas blindadas pesadas tinham, e ainda têm, canhões deste calibre: os IS-2, IS-3, T-10, T-10M, SÜ-122, ISU-122, IT-122 e, mais recentemente, o novo obus autopropulsado Gvozdika, malgrado este aparecesse consideravelmente depois do T-64. Foi então que os novos carros soviéticos começaram a aparecer no estrangeiro e acabaram as dúvidas todas — eles tinham canhões de 125mm. De que se tratava afinal? Por que estavam sendo abandonados todos os modelos anteriores? O que se achava por trás disso?

[2]

A mudança dos calibres existentes não decorreu de um capricho; pelo contrário, foi uma política cautelosamente meditada—e com uma longa história. Ela foi iniciada pelo próprio Stalin, poucas horas antes do ataque de surpresa da Alemanha contra a URSS.

Foi na véspera da guerra que a artilharia naval e costeira soviética pela primeira vez recebeu o excelente canhão de 130mm. Este foi subsequentemente usado como canhão anticarro e como canhão de campanha, e, por fim, numa versão autopropulsada. Também pouco antes da guerra, na primavera de 1941, um lança-foguetes altamente bem-sucedido foi criado na URSS. Era o BM-13, que podia atirar, simultaneamente, 16 foguetes de 130mm. Posteriormente tomou-se conhecido no Exército Soviético como "Katyusha" e entre os alemães como "Órgão de Stalin". Naturalmente, a existência tanto do canhão quanto do lança-foguetes fora mantida em segredo total.

Nos primeiros dias de junho de 1941, o novo lança-foguetes foi mostrado a membros do Politburo, na presença de Stalin. Entretanto, não foi disparado, por terem sido entregues no campo de provas granadas de artilharia, em vez de foguetes. O erro era compreensível, em face do grande zelo com que estava sendo preservado o segredo — como poderiam os oficiais do Material Bélico ter sabido da existência dos foguetes de 130mm, que em nada lembravam granadas de artilharia?

Conhecendo Stalin, os presentes admitiram que todos os

responsáveis por tal engano seriam imediatamente fuzilados.

Contudo, Stalin disse aos “tchekistas” * para não se meterem, e regressou para Moscou.

A segunda demonstração teve lugar a 21 de junho, em Solnechnogorsk. Desta feita, tudo saiu muito bem. Stalin ficou encantado com o lança-foguetes. Então, e ali mesmo, no campo de tiro, assinou uma ordem autorizando sua distribuição ao Exército Soviético. Contudo, determinou que dali em diante, a fim de evitar confusão, os foguetes deveriam ser designados como 132mm e não 130mm.

Consequentemente, enquanto o lança-foguetes continuou a ser conhecido como “BM-13” (13cm equivalem a 130mm), os foguetes foram desde então referidos, a despeito de seu calibre real, como 132mm. Naquela mesma noite a guerra começou.

Durante a guerra, foram disparados projéteis de todos os tipos em quantidades enormes, alcançando totais astronômicos. Eles foram transportados por milhares de quilômetros, sob constante ataque do inimigo. Enquanto em deslocamento tiveram de ser baldeados repetidas vezes, e isso foi feito por escolares, por velhos camponeses, por presos de prisões e acampamentos, por prisioneiros alemães e por soldados soviéticos que estavam havia apenas dois ou três dias no Exército. Encomendas e requisições dos foguetes eram transmitidas às pressas por telefone de uma estação para outra, quase inaudíveis devido à interferência. Mas não houve erros. Todos podiam entender que “Precisamos de 130” era uma referência a granadas de artilharia, e era igualmente claro que “1-3-2” significava foguetes.

Em 1942, o projeto dos foguetes foi modernizado, e sua capacidade para serem reunidos e seu efeito destrutivo foram melhorados. No decurso disso, ficaram ligeiramente mais grossos e seu calibre cresceu para 132mm, ficando assim de acordo com sua designação.

A decisão de Stalin mostrara-se correta, e como resultado disso foi criada, durante a guerra, uma série de armas de artilharia com calibres incomum. Só apareceram, é claro, quando era projetada uma granada ou um foguete incomum. Por exemplo, em 1941 foi

dado início ao desenvolvimento de um morteiro enorme que era necessário para atirar uma granada de 40 quilos. O calibre do morteiro poderia ter sido, por exemplo, de 152mm, como a grande maioria dos canhões e obuses soviéticos. Evidentemente, contudo, uma granada de obus seria inconveniente para um morteiro, e vice-versa. Um morteiro dispara um tipo especial de projétil, que tem de ser de um certo calibre. Esta foi a exigência de que resultou a criação do morteiro de 160mm. Imediatamente após a guerra, apareceram lança-granadas de 40mm. Nunca houvera antes uma arma deste determinado calibre no Exército Soviético. Havia granadas de 37 e 45mm. Mas um lançador de granadas usa seu próprio tipo de projétil, e por isso um calibre especial teve de ser escolhido para ele.

Os projetistas soviéticos tomaram providências para corrigir erros do passado, que haviam sido tolerados até a sensata decisão de Stalin. O calibre da arma-padrão da infantaria soviética é 7,62mm. Em 1930, entrou em serviço uma pistola denominada “TT”, de 7,62mm, além dos fuzis e metralhadoras deste calibre já existentes. Apesar de seu calibre ser o mesmo, é claro que as balas de pistola não podem ser utilizadas, seja em fuzis, seja em metralhadoras.

Na guerra, quando tudo está desabando, quando exércitos e grupos de exércitos inteiros se veem cercados, quando Guderian e seu Exército Blindado vêm fazendo carga por detrás das nossas próprias linhas, quando uma divisão combate até a morte por um pedacinho de terra e outras fogem ao primeiro disparo, quando operadores telefônicos ensurdecidos, que não dormem há várias noites, têm de berrar para alguém ordens incompreensíveis através dos telefones... Bem, nesta espécie de situação, absolutamente qualquer coisa pode ocorrer. Imagine que, numa ocasião assim, uma divisão receba 10 caminhões carregados com cartuchos de 7,62mm. De repente, horrorizado, o comandante dá-se conta de que a consignação consiste inteiramente de munição para pistola. Não há nada para os milhares de fuzis e metralhadoras de sua divisão, e sim uma quantidade verdadeiramente inacreditável de munição para as poucas centenas de pistolas com que seus oficiais se acham armados.

Não sei se um caso destes de fato concretizou-se na guerra, mas

uma vez ela terminada, a pistola TT (se bem que não fosse uma arma ruim de todo) foi depressa retirada de serviço. Os projetistas foram mandados produzir uma pistola com calibre diferente. Desde então as pistolas soviéticas têm sido de 9mm. Por que padronizar calibres se isso poderia resultar em incompreensões fatalmente perigosas?

Dali em diante, toda vez que um tipo inteiramente novo de projétil foi introduzido, recebeu um calibre novo. Naturalmente, as granadas para o canhão BMP-1 não se prestam ao carro de combate PT-76 — isso já era óbvio quando foi iniciado o trabalho de projeto da nova viatura e de seu armamento. Por conseguinte, ela não deveria ter um canhão de 76mm, mas algo diferente — por exemplo, um de 73mm. As granadas para o novo carro T-62 foram de projeto totalmente diverso e evidentemente não adequado ao uso nos velhos canhões de l00mm dos carros. Nesse caso, o calibre aqui igualmente teria de ser bastante diverso — por exemplo, 115mm. O mesmo se deu com o T-64 e o T-72. Suas granadas tinham de ser bastante diferentes das dos antigos carros pesados. Para que os tipos antigo e novo de munição não viessem a ser misturados, foi resolvido que as novas granadas deveriam ser de 125mm, ao passo que as antigas eram de 122mm. Existem dúzias de exemplos similares.

Há exceções. Em certos casos é essencial usar um determinado calibre e não outro. Por exemplo, o lança-foguetes múltiplo de 40 canos de 122mm tem de ser exatamente desse calibre — nem mais nem menos. Seus foguetes, por isso, recebem uma designação especial: são chamados foguetes “Grad”. Esta é a única maneira pela qual eles são citados — nunca são chamados de foguetes “de 122mm”. A gente se habitua a isso desde o primeiro dia. Então, se alguém pedir “1-2-2” estará se referindo a granadas de obus, mas se pedir “Grad” quer dizer foguetes.

[3]

Analistas ocidentais acham difícil entender por que a União Soviética desviou-se de seus velhos e bem experimentados calibres. Os analistas soviéticos, por seu turno, estranham a razão pela qual

os projetistas ocidentais ficam tão teimosamente presos a especificações antigas. Os britânicos possuem um canhão de 120mm para carro de combate que é excepcionalmente possante. Uma arma excelente. Eles também dispõem de um útil canhão sem recuo de 120mm. Um deles foi criado já faz tempo, o outro mais recentemente. Evidentemente, eles utilizam granadas bem diferentes. Por que não empregar calibres diversos — um poderia ser 120mm, o outro 121mm — ou então deixar os calibres como estão, apenas mudando a designação de um deles para 121mm? Por que não?

O mesmo é aplicável à Alemanha Ocidental e à França. Ambos os países têm excelentes morteiros de 120mm e ambos acham-se trabalhando no desenvolvimento de novos canhões de 120mm para carros de combate. É claro que isto funciona perfeitamente bem em tempo de paz. Tudo se acha bem controlado quando os soldados são profissionais, prontos para entender uma ordem. Mas, que ocorre se, amanhã, reservistas de meia- idade e estudantes de arte dramática tiverem de ser mobilizados para defender a liberdade? Como será? Toda vez que forem necessárias granadas de 120mm, alguém terá de explicar que não se precisa do tipo utilizado pelos canhões sem recuo ou do atirado pelos morteiros, e sim de granadas para canhões de carros. Mas, tenha cuidado — existem granadas de 120mm para canhões raiados de carros de combate e granadas diferentes, de 120mm, para canhões de alma lisa de carros de combate. Os canhões são diferentes e suas granadas também. O que acontece se um estudante de teatro comete um engano?

Os analistas soviéticos ficam sentados coçando as cabeças, ao procurar entender por que os calibres ocidentais nunca são mudados.

---

* Membros da Tcheká, a polícia secreta da época. (N. do T.)

Segredos, Segredos, Segredos

[1]

A 41 Divisão de Carros de Combate da Guarda recebeu os carros T-64 no início de 1967. Naturalmente, seus soldados nada sabiam acerca disso. Eles sentaram praça na divisão, serviram-na com honra por dois anos e então regressaram para suas casas; outros soldados vieram, aprenderam algo a respeito de carros de combate mas foram para casa sem ter ouvido falar coisa alguma sobre o T-64 e sem nunca terem visto um deles. Em 1972 a divisão foi reequipada com os novos T-72, e os T-64 foram mandados para a Alemanha. Os soldados, é claro, nada sabiam a respeito — nem que a divisão recebera os novos carros nem que os antigos tinham partido. Os soldados servem em uma divisão, são por ela treinados para a guerra, mas nada sabem acerca dos carros de combate da divisão em que servem.

Para o leitor ocidental isto pode parecer um tanto esquisito, Entretanto, quando vim para o Ocidente e dei minha primeira olhada nos seus exércitos, fiquei estupefato ao descobrir que os soldados sabiam os nomes de seus carros de combate e que os dirigiam e atiravam de dentro deles. Isso pareceu-me absurdo, mas não consegui qualquer explicação para esta estranha norma.

No Exército Soviético, tudo é secreto. Quando a guerra começou, são eram só os generais alemães que nada sabiam acerca do carro de combate T-34 — mesmo os generais soviéticos não sabiam mais do que eles. O T-34 estava sendo produzido em massa, mas isso era conservado em segredo. Nem mesmo as tropas blindadas sabiam da existência dele. Os novos carros eram levados das fábricas para algumas divisões, mas somente para aquelas que ficavam bem longe da fronteira. Eram conduzidos por uma equipe da fábrica (num total de 30 motoristas para toda a União Soviética) em comboios, como nunca fora antes visto, escoltados por oficiais do NKVD, que eram

proibidos até de falar com os motoristas. Viajavam somente à noite, com os carros de combate cobertos por lonas. As estradas seguidas eram sempre fechadas a toda outra espécie de tráfego e fortemente vigiadas. Quando os carros chegavam a seu destino, eram desembarcados pela equipe da fábrica, que então os dirigia até os parques de viaturas, cercados por altos muros, dentro dos quais ficavam armazenados.

As guarnições dos novos carros eram prontamente instruídas sobre seus vários aspectos, mas nunca lhes diziam como eles se chamavam nem os mostravam a elas. Os atiradores, contudo, eram familiarizados com os novos aparelhos de pontaria e ensinados a usá-los, mas atirando de carros velhos. Os motoristas recebiam treinamento intensivo nos carros antigos, depois de lhes ser dito que havia um carro novo na iminência de chegar, que teria de ser dirigido de modo um tanto diferente. Os motoristas, é claro, não sabiam se a divisão já tinha ou não esse novo carro. Os comandantes dos carros, também, eram informados de certas coisas e lhes era mostrado como cuidar dos motores, mas não lhes revelavam o nome do carro do qual provinha o motor diferente ou a potência desse motor. Em suma, a divisão era simplesmente retreinada, mas utilizando os carros antigos.

Então chegou a guerra, inesperada e aterrorizante. As divisões de primeiro escalão, que tinham equipamento bom, mas não secreto, foram despedaçadas nos primeiros embates. Enquanto isto ocorria, as divisões nas áreas da retaguarda recebiam ordem para ir até os parques de carros de combate, retirá-los da armazenagem e familiarizar-se com os mesmos. Tomou-lhes duas semanas este trabalho, e após mais duas chegaram à frente. Aí, nesses carros completamente desconhecidos, as divisões enfrentaram as colunas blindadas de Guderian. Cedo ficou claro que elas sabiam operá-los muito bem. Afinal de contas, um motorista que sabe manejar um Volkswagen como um campeão não demoraria muito para dominar uma Mercedes. Assim foi feito no Exército Soviético naquela época e é como será feito no futuro: eles aprendem em um Volkswagen, mas conservam a Mercedes secretamente oculta até ser realmente necessária.

Naturalmente, porém, o T-34 não foi a única surpresa à espera dos

alemães. Eles descobriram a existência do carro de combate pesado KV somente quando o enfrentaram em ação; antes jamais haviam sequer ouvido falar nele. Tampouco suas guarnições soviéticas tinham tido qualquer idéia de sua existência — o KV fora armazenado secretamente. As tropas alemãs em breve toparam também, pela primeira vez, com o "Órgão de Stalin", e entraram em pânico. Na paz, subunidades dotadas dessa excelente arma tinham se fantasiado de batalhões de pontes de pontões, cujos uniformes envergavam, donde resultou que seus próprios soldados não se haviam dado conta de serem na realidade uma unidade de foguetes. Seu retraimento só foi iniciado quando a guerra começou, mas mesmo então somente os comandantes de bateria conheciam a designação correta de seus lança-foguetes. Os demais oficiais, suboficiais e praças nem sabiam como se chamava o material que estavam usando em combate. Os lançadores eram marcados com a letra K (representando a fábrica Komintem, em Vironej). Naturalmente, ninguém, nem mesmo os comandantes de bateria, sabiam o que isso indicava, e o resultado foi que os soldados de todas as frentes, quase simultaneamente, batizaram aquelas esplêndidas armas de "Katerina", "Katya" ou "Katyusha". Foi com este último nome que elas ingressaram na História. Sua designação correta — BM-13 — só teve uso autorizado, em documentos secretos, a partir de meados de 1942, e não foi empregada em documentos ostensivos até após o término da guerra.

[2]

A norma de observar as mais rigorosas regras de sigilo tem se justificado completamente. Por esta razão, é universalmente aceita e aplicada com rigor sempre crescente. Em consequência, oficiais que servem em submarino nuclear podem saber, por exemplo, a potência efetiva do seu reator, se estiverem a cargo de sua manutenção, mas não saberão a profundidade máxima a que o barco pode mergulhar, pois isto não lhes diz respeito. Outros podem saber esta profundidade máxima, mas não conhecerão o alcance dos mísseis que o submarino leva.

Esta política de sigilo é aplicada à produção de canhões de assalto pesados montados em chassi de carro de combate. Um carro com

torre fixa é uma excelente arma. É verdade que seu campo de tiro é reduzido, mas, em contrapartida, pode ser instalado um canhão mais possante, a quantidade de munição transportada por ele pode ser aumentada, sua blindagem pode ser reforçada sem aumentar-lhe o peso total, e, o que mais importa, é bem mais fácil de fabricar. Canhões desta espécie são indispensáveis, quando utilizados em ligação íntima com carros de torres normais. Tanto os generais soviéticos quanto os alemães deram-se conta de seu valor durante a guerra, mas desde então somente os primeiros continuaram a produzi-los. A fim de outros países não se sentirem tentados a adotar esta arma modesta mas excelente, todos os canhões de assalto pesados soviéticos são protegidos por medidas de segurança severas. Sua produção prosseguiu sem interrupção, depois da guerra. Cada regimento de fuzileiros motorizado (no interior da URSS, mas não no estrangeiro) tem uma bateria de canhões de assalto pesados. Na década de 50, o possante D-74 (122mm) foi montado sobre um chassi de carro de combate T-54, a seguir o canhão M-46 (de 130mm) foi instalado no chassi do carro T-62. Todos os regimentos, sem exceção, possuem canhões de assalto pesados desta espécie. São mantidos em depósitos durante décadas, sem nunca ver a luz do dia. Suas guarnições treinam em carros de combate T-54 e T-62. Às vezes, são-lhes mostrados os aparelhos de pontaria dos canhões de assalto. Conhecem as táticas que serão empregadas e sabem como cuidar dos motores. Se a guerra começar, seu comandante lhes revelará que em vez de carros de combate eles estão para ser equipados com algo parecido mas bem mais possante e com melhor blindagem. Em meados da década de 70, todos esses canhões foram substituídos por modelos mais poderosos mas, naturalmente, não foram derretidos. Em vez disso, foram enviados para a fronteira chinesa, a fim de serem instalados em embasamentos de concreto ou para depósitos de guarda, para o caso de um dia virem a tomar-se úteis.

[3]

O mesmo sigilo é mantido em tomo dos lança-foguetes anticarro IT-1 e IT-2 e dos canhões anticarro Rapira-2 e Rapira-3.

O IT-1 é construído sobre um chassi de carro de combate T-62, mas

está armado com o foguete anticarro Drakon em vez de canhão. Cada exército possui um grupo desses IT-1, que ficam guardados em armazéns, bem escondidos e nunca vistos sequer pelos soldados do próprio grupo. Se o exército a que pertence é transferido para o estrangeiro, o grupo permanece em território soviético — para todos os efeitos, um batalhão de carros de combate comum. Seus soldados recebem instrução de tática, direção de carro de combate e sua manutenção, mas para isso são utilizados carros comuns ou simuladores de treinamento.

Desta maneira, é possível passar-se o tempo de serviço no Exército Soviético aprendendo nada — ou muito pouco — acerca de seu próprio material bélico.

Quanto Custa Tudo Isso?

Absolutamente nada. Vou repetir: tudo isso não custa absolutamente nada.

Imaginemos que você trabalhe em um emprego de tempo integral, mas sua esposa não. Você lhe dá uma mesada e ela não dispõe de outra fonte de renda. Você começa a dar-lhe aulas de direção e resolve ganhar um dinheirinho com isso. Afinal, você está usando sua energia, seu tempo, mão-de-obra, nervos, gasolina. Mas responda: Será mais interessante fazer sua mulher pagar os olhos da cara pelas aulas, ou manter o preço baixo? Que será mais lucrativo para você?

Se estivesse dando aulas a um vizinho, é claro que você pediria o preço mais alto possível. Mas, o que deverá fazer ao ensinar a sua própria esposa? Quanto mais você fizer com que ela pague, na esperança de ficar rico, tanto mais ela precisará de você, pois onde mais poderia conseguir o dinheiro?

Se você baixar seus honorários, precisará dar menos a ela, que, por sua vez, lhe dará menos de volta. Em breve você perceberá que, seja qual for o preço que cobrar, ela estará apenas tirando dinheiro de você para lhe devolver.

Ora, volte seu pensamento para o 69 Exército de Carros de Combate da Guarda, com seus milhares de carros e dezenas de milhares de homens. Imagine que você é o “Faraó Comunista”, ou seja, o Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética, e que algo estranho — só Deus sabe o quê! — está ocorrendo na Tchecoslováquia. Para garantir-se, você decide deslocar o 6 Exército da Guarda até sua fronteira com aquele Estado fraterno. Apenas por ferrovia é possível deslocar um milhar de carros de combate numa distância de mil quilômetros, pois os carros estragam as rodovias muito depressa, e vice-versa. Quanto isto vai-lhe custar? Você

convoca o Ministro das Ferrovias (estando estatizadas, as estradas de ferro são completamente controladas pelo povo — vale dizer: pelo governo — isto é, por você pessoalmente) e faz-lhe a pergunta. Ele lhe responde: “Cem milhões de rublos.” Isto significa que você terá de retirar 100 milhões de rublos do Estado e dá-los ao Exército; o Exército paga esse dinheiro à estrada de ferro, que, a seu turno, põe isto, o lucro que obteve, de volta no bolso do Estado. Mas, antes de mais nada, por que cargas-d’água tirá-lo, se vai pô-lo de volta quase imediatamente? Assim, para começo de conversa, ele simplesmente não é tirado. O Secretário-Geral apenas convoca o Ministro e diz-lhe para transportar o 69 Exército de Carros da Guarda. O Ministro diz “Sim, senhor”, bate os calcanhares e faz o que lhe foi mandado. É só isso. Nenhum dinheiro é necessário para a operação. O mesmo sistema aplica-se a qualquer deslocamento de soldados isoladamente. Um oficial chega a uma estação ferroviária e mostra documentação dizendo que, no interesse da pátria, ele deve seguir para o Extremo Oriente. Que valor haveria em dar-lhe dinheiro para ele pagar a uma organização estatal, que em seguida deverá reembolsar o mesmo dinheiro ao Estado?

Na União Soviética, tudo foi estatizado. São proibidas transações privadas. Desde que tudo se encontra nas mãos do governo, os preços dos bens produzidos para o Estado não têm significação. Carros de combate, foguetes, canhões — nenhum tem preço dentro do Estado. É como plantar um pé de morangos em seu quintal, vendê-los para si mesmo e comê-los, passando o dinheiro do seu bolso direito para o esquerdo. Seus morangos só adquirirão preço quando você os vender a alguém mais e colocar no bolso o dinheiro que lhe pagarem. Da mesma forma, os carros de combate soviéticos adquirem um preço só quando alguém no estrangeiro os compra.

Para o Estado, que é o dono de todos os cofres do país, mudar bilhões de rublos de um cofre para outro não faz sentido. Assim, nada é mudado. Um ministério simplesmente recebe uma ordem para produzir mil carros, foguetes ou bombardeiros e entregar às Forças Amadas. É só isso. Se um ministro não cumprir as ordens, perde seu lugar na correia alimentadora ministerial. Um certo dinheiro é pago aos trabalhadores, mas realmente nada mais é do que o equivalente a cartões de ração. Os trabalhadores recebem o bastante para comprar pão ou batatas, um terno de má qualidade a

cada três anos e vodca diariamente. Esse dinheiro é impresso pelo Estado mas não é reconhecido por ninguém no estrangeiro, desde que não pode ser trocado por ouro.

Na União Soviética, praticamente não há impostos, por não serem necessários. Tudo se acha nas mãos do Estado, tudo foi estatizado. Uma nota bancária soviética é, em última análise, um cartão de ração emitido pelo Estado por trabalho em prol de seus interesses. Por que dar 10 cartões e depois tomar cinco de volta? O Estado não enriquece ao readquirir esses cartões, que nada fazem para tomar maior a disponibilidade de carne nas lojas. Consequentemente, o Estado, que imprime esses cartões, só produz o suficiente para comprar a quantidade de pão, batatas, carne podre e roupas antiquadas que são preparados para distribuir aos cidadãos. Estes comem a carne e dão os cartões de volta ao Estado, que os distribui de novo.

Às vezes o Estado preocupa-se mais em produzir carros de combate do que alimentos, mas continua a ter de dar cartões ou vales-refeição ao povo. Isso é inflacionário — desde que então os vales não podem sequer comprar pão — e em breve tem um efeito calamitoso em toda a vasta máquina bélica.

É bom haver capitalistas no mundo, prontos a vir em socorro em ocasiões como essas.

Cópia de Armamento

A União Soviética projetou grande número de armas de primeira classe, dentre elas o carro de combate T-34, o fuzil automático de assalto Kalashnikov e o avião de ataque a alvos terrestres JL-2 Sturmovik. Ainda hoje, nos primeiros anos 80, ninguém conseguiu aperfeiçoar o desempenho do canhão soviético de 130mm, apesar de ter sido criado lá por 1935. A União Soviética foi a primeira a utilizar foguetes de bordo de uma aeronave, isso em agosto de 1939, na Mongólia, combatendo aviões japoneses. Uma lancha-torpedeira soviética (com bandeira egípcia) foi a primeira na História a utilizar foguetes para afundar um navio inimigo. A União Soviética foi a primeira a empregar o lançador de foguetes por salva BM-13. Foi igualmente a primeira a, muitos anos atrás, perceber o valor dos canhões de alma lisa, com sua espantosa velocidade inicial, e foi também a primeira a produzir em massa morteiros automáticos e muitos outros excelentes tipos de armamento.

Ao mesmo tempo, os serviços de informações soviéticos, os maiores do mundo, pesquisam incessantemente qualquer novidade no campo do material bélico. A colossal atividade soviética nesse setor é simplesmente indescritível. A informação soviética conseguiu obter toda a documentação técnica necessária à produção de armas nucleares, ao aliciar muitos distintos cientistas e recrutar outros ideologicamente para servir como agentes.

Desde a guerra, a União Soviética logrou copiar e começar a produzir em série o bombardeiro norte-americano B-29, motores de aviação britânicos Rolls-Royce, caminhões de carga americanos e foguetes alemães V-2. Completou, também, o desenvolvimento de diversos projetos de foguetes alemães ainda inacabados ao terminar a guerra. Roubou planos para a construção de foguetes anticarro franceses, mísseis ar-terra americanos, telêmetros baseados nos raios laser, estabilizadores para canhões de carro de combate, combustível para foguetes, corantes especiais e muitíssimos outros produtos de enorme importância.

PARTE VII - A ETAPA DO SOLDADO

Formação

[1]

Durante 35 anos (entre 17 e 50 anos de idade) todos os homens soviéticos — e todas as mulheres cujas profissões possam torná-las úteis às Forças Armadas — permanecem no cadastro dos sujeitos ao serviço militar, constituindo a Reserva das Forças Armadas. Esse cadastro, relacionando todos os indivíduos em tais condições, é mantido em dia pelas autoridades postais, da Oblast (província) e Comissários da República, que se acham subordinados à Diretoria de Organização dos Distritos Militares e, pois, em última análise, à Diretoria Superior de Organização do Estado- Maior Combinado.

As dezenas de milhões de pessoas cadastradas podem ser convocadas sem aviso, caso seja anunciada uma mobilização parcial ou total.

Logo que um rapaz completa 17 anos, comparece a uma junta de saúde e é relacionado no cadastro. No ano seguinte, ao completar 18 anos, é convocado para servir nas Forças Armadas. Dependendo da data exata de nascimento, isto pode ocorrer na primavera (em maio ou junho) ou no inverno (em novembro ou dezembro).

Os conscritos passam dois anos em todas as Forças e Armas, excetuando a Marinha, onde servem durante três anos.

Todo ano, há duas incorporações, cada uma de aproximadamente um milhão de jovens, quando então são desmobilizados os que tenham completado seu tempo de serviço. Assim, a cada seis meses, algo em tomo de um quarto do efetivo total de outras graduações é revezado. Novos homens ingressam, os mais velhos partem, permanecendo na Reserva até os 50 anos de idade.

[2]

O Soldado Ivanov recebeu ordem para apresentar-se no ponto de reunião local a 29 de maio. Ao preparar-se, fez três coisas:

— reuniu-se a um bando de cupinchas para dar uma surra em alguns inimigos, de acordo com o princípio: “Hoje você me ajuda a baixar o pau em gente de que não gosto e amanhã eu o ajudo a fazer o mesmo”;

— disse à namorada que teria de esperar dois anos por ele, não deveria sair com mais ninguém e escrever-lhe frequentemente, “do contrário, vai ver só: eu volto e mato você. Você me conhece”;

— na noite de 28 de maio, bebeu até ficar totalmente fora de si. Os pais sabem que se não levarem o filho, embora bêbado, ao ponto de reunião até meio-dia, ele será punido conforme a legislação militar.

Um comboio conduz os jovens, todos os embriagados e semi-embriagados, até a estação, onde são postos no trem e levados para as unidades onde vão servir.

Um soldado não tem direito de escolher Arma, região onde servirá ou a especialidade que terá no Exército. Muito antes de Ivanov receber os documentos de convocação, o Estado-Maior Combinado enviara a todos os comissariados militares pormenores a respeito dos homens que iriam receber e instruções sobre para onde deveriam ser enviados. Naturalmente, o Estado-Maior não entra em minúcias, nada dizendo além de “150 homens de categoria ‘0’ devem ser encaminhados para a Unidade Militar 54678”. Esta pode ser uma unidade das tropas diversionárias, talvez um submarino nuclear, ou, quem sabe, algo realmente bem secreto. O comissário militar só pode dar palpites. (Se o número tem quatro algarismos, a unidade pertence ao KGB ou ao Ministério do Interior. Se tem cinco, é uma unidade do Ministério da Defesa.) Só isso lhe é dito, exceto quando há por vezes uma exigência secundária, tal como: “Categoria ‘0’, porém todos têm de ser altos e bem desenvolvidos”.

O comissário militar prepara grupos de soldados por categorias, por exemplo: cinco homens da Categoria 1,100 da Categoria 2 e cinco mil da Categoria 3, para a Unidade Militar 64192. As unidades

militares recebem as respectivas instruções: “Vocês receberão 100 homens de Khabarovsk, 950 de Baku e 631 de Tbilisi.”

Cada distrito militar organiza diversos comboios de tropas, fornece escolta e oficiais, e envia-os aos diferentes recantos do gigantesco país, enquanto colunas mistas deslocam-se até remotas baterias, áreas fortificadas e divisões de fuzileiros motorizadas.

Uma exigência é sacrossanta ao ser feita esta seleção: sempre que possível, russos não devem servir na RFSR, ucranianos na Ucrânia ou letões na Letônia. Se houver distúrbios entre a população russa de, por exemplo, Murom ou Tolyatti ou Omsk, serão esmagados, às vezes com copioso derramamento de sangue, por soldados não-russos. Se irromper uma greve em Donetsk (como ocorreu em 1970), não haverá soldados ucranianos na região. Os soldados estacionados ali são tártaros, quirguizes, georgianos. Para eles, não importa em quem estão atirando. O que importa é não haver, na turba com que se defrontam, alguém a quem conheçam nem ninguém que fale uma língua que sejam capazes de entender.

É essencial também misturar todas as nacionalidades reunidas em divisões, regimentos e batalhões. Se um regimento contiver lituanos demais e outro tártaros em excesso, isso deve decorrer de um deslize de algum burocrata militar. A punição por enganos do gênero é rigorosa.

O deslocamento de quantidades assim colossais ocupa dois meses inteiros. Surpreendentemente, a máquina funciona com extrema maciez, parecida com uma máquina de fazer salsichas — todas as variedades de pedaços de carne, algumas cebolas, um pouco de pão torrado e um pouco de alho são colocados numa das pontas, e da outra saem rolos bem comprimidos de material humano bastante mesclado.

Uma coluna de novos recrutas não é uma visão para alguém com nervos fracos. Tradicionalmente, quem ingressa no Exército vem vestido com andrajos tais que se imagina onde poderão ter sido encontrados. Pois os recrutas sabem que qualquer artigo mais ou menos em condições de uso — meias, por exemplo, que não estejam esfarrapadas — será imediatamente tomado deles pelos soldados que escoltam a coluna. Assim, eles se vestem com o tipo de trapos

que deviam ser atirados numa fogueira: um macacão de mecânico endurecido pela graxa, uma veste de pintor borrada com tinta de todas as cores, até roupas de inspetor de esgotos. Muitos deles estarão com olhos arroxeados conseguidos em brigas de despedida com seus inimigos do bairro. Todos estão barbudos, despenteados, desgrenhados, sujos e, ainda por cima, bêbados.

Todos os oficiais e praças que escoltam a coluna vão armados. Os sargentos mais durões, mais grossos, assim como todos os demais graduados, são escolhidos para este encargo. Eles apartam as brigas que surgem a cada instante, mas ao fazê-lo deixam novas contusões nos recrutas. Os jovens recém-chegados rapidamente sentem o peso do punho de um sargento, e em breve compreendem que é melhor fazer o que ele manda — e que o mesmo se aplica a um soldado, o qual, um ano atrás, pode ter passado uma quinzena nessa mesma espécie de coluna, trocando sopapos com os que o rodeavam.

Quem quer que haja visto com os próprios olhos a aparência de uma coluna desses novos recrutas, entenderá por que não existem voluntários no Exército Soviético, por que nunca pode ter havido e por que não há necessidade deles. O sistema todo é por demais inflexível, regulado e rigidamente controlado para preocupar-se com os desejos ou opiniões de qualquer indivíduo. Cada um é simplesmente agarrado, indiscriminadamente, assim que chega aos 18 anos, e estamos conversados.

Como Evitar Ser Convocado

[1]

Em certo momento crítico há longo tempo, antes de Stalin, na época de Lenine, foi tomada a decisão prudente de que o aparelho estatal deveria ser guarnecido não pela gentalha mas por camaradas de valor provado, que fossem responsáveis, experimentados e dedicados à causa do povo. A fim de que o Estado não se visse infiltrado por elementos forasteiros em certa etapa futura, decidiu-se que os sucessores daquele grupo dominante fossem preparados, e que era indispensável garantir que esses jovens fossem adequadamente educados. Organizaram-se, portanto, estabelecimentos de ensino para elaborar a futura classe dominante, e foram preenchidas as vagas deles, na maioria, por filhos dos camaradas de valor comprovado, pessoalmente dedicados à causa revolucionária. Os camaradas ficaram encantados com esse plano, e nunca, desde então, projetaram qualquer desvio da rota aprovada por Lenine.

Como exemplo: o Ministro do Exterior da URSS, Camarada A. A. Gromyko, é, evidentemente, pessoa de valor comprovado. Decorre daí que o seu filho, também, deva ser devotado à causa do povo; isto significa que o filho do Camarada Gromyko pode tomar-se um diplomata, e desde que se possa constatar que o filho do Camarada Gromyko teve sucesso em sua carreira, o neto do Camarada Gromyko, igualmente, poderá entrar para o serviço diplomático. O substituto imediato do Camarada Gromyko é o Camarada Malik. Ele, da mesma forma, é uma pessoa de confiança, devotada à causa nacional, e isto quer dizer que o caminho para uma carreira diplomática está também aberto tanto para seu filho quanto para o neto.

Os camaradas de valor comprovado reuniram-se e acordaram entre si que, como seus filhos eram dedicados à Pátria e preparados para

defender os interesses dela durante suas vidas inteiras, não era necessário que eles ingressassem no Exército. Consequentemente, quando os filhos dos camaradas de valor comprovado atingem a idade de 17 anos, não têm de alistar-se para o serviço militar; em vez disso, sem perda de tempo, entram para o Instituto de Relações Internacionais. Após ali diplomados, partem para passar não dois anos apenas mas o resto de suas vidas defendendo os interesses da Pátria na parte mais exposta da linha de frente da batalha contra o capitalismo: em Paris, Viena, Genebra, Estocolmo ou Washington. É por isso que os filhos de camaradas de valor comprovado não têm de ser transportados em imundos vagões ferroviários de um lado para o outro, não levam socos na boca dados por sargentos, não têm seus dentes de ouro extraídos, e, ainda, suas namoradas não precisam esperar por eles dois ou três anos.

A fim de que não entre na cabeça de ninguém a idéia absurda de que os filhos dos camaradas de valor comprovado não estejam defendendo o socialismo com armas nas mãos, de vez em quando eles são condecorados com prêmios militares por seu serviço. O filho do mais responsável e digno de confiança de todos os camaradas, Brejnev, por exemplo, passou anos defendendo os interesses do socialismo nas barricadas de Estocolmo; ao regressar dessa operação altamente crucial, foi-lhe concedido o posto de major-general, conquanto não haja passado um dia no Exército, ou sequer uma hora trancado em um vagão ferroviário com um bando de recrutas imundos.

No KGB, assim como no Ministério do Exterior, eles leem as obras de Lenine e, por conseguinte, seguindo os preceitos dele, também admitem em suas escolas de formação os filhos de camaradas de valor comprovado, em vez de qualquer um. E porque também esses rapazes terão de passar suas vidas defendendo o socialismo, ficam igualmente isentos do serviço militar.

O Estado dos Operários e Camponeses contém uma multidão de outras importantes organizações e empresas estatais para que devem ser preparados futuros chefes. A fim de treiná-los, existe uma imensa rede de instituições educacionais de nível superior. Os camaradas de valor comprovado decretaram que ninguém que ingresse nessas instituições de ensino superior deve ficar isento do

serviço militar. As universidades organizam cursos de instrução militar, de âmbito limitado, e isso é considerado suficiente.

[2]

Em toda cidade existe pelo menos uma escola que é controlada em última análise, por intermédio de uma série de autoridades, pelo Primeiro-Secretário do Comitê Oblast do Partido. Naturalmente, os filhos do próprio Primeiro-Secretário não frequentam essa escola. Eles estudam em algum outro lugar em Moscou. Mas ele tem um Segundo e um Terceiro-Secretários; estes têm imediatos que por sua vez têm assistentes os quais têm assessores. Todos eles têm filhos. Outrora, todos os interessados na administração desse Comitê mandavam os filhos diretamente para a escola local, onde, uma vez que se tratava de filhos de camaradas de confiança, eram recebidos de braços abertos. Hoje em dia as coisas mudaram um pouco. O Terceiro-Secretário do Comitê Oblast telefonará a outro Terceiro-Secretário em uma cidade próxima. “Meu filho deve ser matriculado no outono e o seu na próxima primavera. Se você cuidar do meu filho, cuidarei do seu.” Um intercâmbio de ajuda mútua é então combinado. Uma dupla de sonhadores é admitida em duas escolas de ensino superior, sem exigência de passar em exames. Entretanto, eles se veem em cidades próximas em vez de em casa, e são também considerados “operários e camponeses” antes que filhos de camaradas de valor comprovado. Mas aí, primeiro numa cidade e a seguir na outra, os dois Terceiros-Secretários são tomados subitamente do desejo de melhorar as condições de vida dos estudantes. Nem todos podem receber apartamento gratuito, é claro, de sorte que o Comitê Oblast aloca apenas um. Assim, somente um estudante consegue um — nosso querido “operário-camponês”. Com esforço considerável, ele obtém seu certificado de ensino superior. Todos os demais são mandados trabalhar na Sibéria, mas ele encontrará uma vaga no Comitê Oblast, como assistente. O tempo passa depressa, ele vai subindo sem parar, e não demora para que seu próprio filho cresça e chegue à idade de se alistar, para o serviço militar. Entrementes, contudo, o sistema ficou mais complicado,

Intercâmbios de ajuda mútua entre duas cidades vizinhas dão muito

na vista. Assim, nosso operário-camponês não matricula seu filho na cidade mais próxima. Ao invés, o filho de alguém que aparenta ser um membro verdadeiro da classe trabalhadora ingressa em uma escola de uma terceira cidade, sem ter de passar em exames, enquanto desta terceira cidade vem para a nossa um jovem aparentemente honesto, filho de algum funcionário graduado, cujo nome ninguém conhece. Rapidamente arranja-se um apartamento para o rapaz, que depois consegue um cargo no Comitê Oblast. Ele arranja um emprego para um outro, que retribui deixando-o conseguir um carro, sem pagamento, e que por sua vez faz o mesmo para ainda outra pessoa. A roda vai girando e centenas de milhares de parasitas evitam ter de suportar os vagões ferroviários ou os brutais sargentos armados.

[3]

Mas, que acontece se seu pai não se acha entre os que estão no leme do Estado dos Operários e Camponeses? Neste caso, se ele escorregar alguns milhares de rublos para o comissário militar, você poderá ser considerado incapaz para o serviço militar e seu nome retirado do arquivo. O comissário militar em Odessa foi fuzilado por fazer isso, e o mesmo sucedeu em Kharkov, em Tbilisi, todo ano durante cinco anos seguidos; então mandaram um comissário militar para a cadeia mas não resolveu o problema, de modo que tiveram de fuzilar o sexto. Dificilmente fariam isso a um comissário militar — um coronel — por delitos envolvendo alguns milhares de rublos. É que as somas em questão devem ter sido mesmo muito elevadas.

E se seu pai não tiver uns milhares de rublos para gastar? Nesse caso você pode cortar o dedo indicador — o do gatilho — com um machado. Ou então colar um pedaço de chapa metálica nas costas quanto for tirar radiografias, de modo a que concluam que você está tuberculoso e reprovem seu ingresso no Exército. Você pode ir para a cadeia. Mas se não tiver coragem para nada disto, meu irmão, vai se ver naquele vagão imundo.

Se Você Não Souber, Nós Ensinaremos; se Não Quiser, Faremos Querer

[1]

A coluna de recrutas afinal alcança a divisão a que foi destinada. Os milhares de jovens reprimidos e bastante assustados saem do trem em uma estação rodeada de arame farpado, suas cabeças são rapidamente raspadas, levam-nos para tomar um banho frio, seus trapos asquerosos são queimados em grandes fogueiras, distribuem-lhes capotões, túnicas e calças amarrotadas, grandes ou pequenas demais, botas que rangem e cintos. Com isso, terminou a primeira classificação dos recrutas. Não ocorre a nenhum deles que já foram avaliados individualmente, levando em conta sua confiabilidade política, os antecedentes criminais de sua família (ou a ausência destes), participação (ou omissão) em comícios de massa comunistas, seu peso e seu desenvolvimento físico e intelectual. Todos esses fatores foram levados em conta ao ser cada um enquadrado na Categoria 0,1,2 e assim por diante, e alocando-lhes uma subcategoria em cada um desses grupos. Não haverá mais de 10 soldados de Categoria 0 em uma divisão de fuzileiros motorizada inteirinha—eles irão para o 89 Departamento do Estado-Maior da Divisão. Em cada incorporação haverá dois ou três deles, que substituirão outros que estão sendo desmobilizados e que entrarão para a Reserva. Eles não têm a menor idéia de pertencer a esta determinada categoria, ou de que existem dossiês de cada um deles, os quais há muito tempo foram verificados e aprovados pelo KGB.

Os soldados da Categoria 1 são logo agarrados pelo batalhão de reconhecimento ou grupo de foguetes divisionário. Os da Categoria 2, capazes de entender e lidar com fórmulas matemáticas complicadas, são agarrados pelas centrais de tiro do regimento de artilharia e dos grupos de artilharia autopropulsados dos regimentos de fuzileiros e de carros de combate.

E eis aí os soldados de minha própria Arma de origem: as guarnições dos carros de combate — Categoria 6, graças ao porco que faz o planejamento do Estado-Maior Combinado. Mas nada pode ser feito quanto a isso — o Exército é enorme e soldados espertos são necessários em toda parte. Todos estão atrás dos fortes, bravos e sadios. Nem todos podem ter sorte.

Em cada batalhão é criado um grupo para cuidar dos recrutas que estão sendo incorporados. O subcomandante do batalhão chefia esse grupo e é auxiliado por alguns dos comandantes de pelotão e sargentos. Sua tarefa é converter os recrutas em soldados decentes no decorrer de um mês. Isto é chamado “Curso do Jovem Soldado”. É um mês muito duro na vida do soldado, que durante ele chega a pensar que seu sargento é um rei, um deus e seu comandante militar.

Os recrutas são submetidos a um programa disciplinar extremamente requintado e rigoroso: limpam lavatórios com as escovas de dentes, são postos para fora da cama 20 ou 30 vezes por noite, pressionados para poupar segundos do tempo para se vestir, os dias são tomados por treinamentos que podem durar até 16 horas seguidas. Estudam seu armamento, são-lhes ensinados regulamentos militares, aprendem o significado das diferentes estrelas e insígnias das platinas dos oficiais. No final do mês, atiram com as próprias armas pela primeira vez, e então formam numa parada para prestar o juramento de fidelidade, sabendo que qualquer desobediência a este será severamente punida, talvez até com a sentença de morte. Após isto, o recruta é considerado um soldado de verdade. O destacamento de treinamento é dissolvido e os recrutas são distribuídos entre as companhias e baterias.

[2]

Os socialistas fazem a alegação mentirosa de ser possível criar uma sociedade sem classes. De fato, se várias pessoas são reunidas, é certo que um grupo de liderança surgirá, ou talvez vários grupos — em outras palavras: classes diferentes. Isto nada tem a ver com raça, religião ou crença política. Sempre acontecerá, em qualquer situação deste gênero. Se um grupo de sobreviventes após um

naufrágio alcançar uma ilha desabitada e você puder dar uma espiada neles depois de estarem ali uma semana, sem dúvida achará um líder ou grupo líder que já terá aparecido. Nos campos de concentração alemães, não importa a espécie de pessoas ali reunidas, os prisioneiros sempre se organizaram em sociedades estratificadas, com classes superiores e inferiores.

A divisão entre líderes e seguidores ocorre automaticamente. Tome um grupo de crianças e peça-lhes para armarem uma barraca; não encarregue ninguém mas fique de lado e observe-as. Dentro de cinco minutos surgirá um líder.

Um grupo de recrutas de cabelos curtos entra nervosamente em um alojamento, no qual vivem 200, 300 ou até 500 homens. Rapidamente dão-se conta de que ingressaram em uma sociedade de domínio de classe. A teoria comunista não tem lugar ali. Os sargentos dividem os jovens soldados por pelotões, destacamentos e equipes. A princípio tudo corre normalmente — aqui está sua cama, este é seu armário em que pode guardar seu estojo de limpeza pessoal, seus quatro manuais, escovas e o livro sobre comunismo científico, e nada mais. Entendeu? Sim, sargento.

Mas à noite o alojamento fica cheio de vida. Os recrutas precisam entender que ele contém quatro classes — os soldados que estarão deixando o Exército dentro de seis meses, os que o farão dali a um ano, uma terceira classe que tem 18 meses ainda para servir e, por fim, eles próprios, que têm dois anos inteiros pela frente. As castas superiores defendem ciosamente seus privilégios. As inferiores têm de reconhecer os mais antigos como seus chefes e superiores, os mais antigos referem-se aos novatos como “escória”. Os que têm 18 meses para servir são superiores dos novos recrutas, mas escória, naturalmente, perante os que só têm de esperar um ano.

A noite de chegada dos novos incorporados é terrível em qualquer alojamento: os recrutas nus são açoitados com cintos e montados em pelo pelos mais antigos, que os usam como cavalos para travar combates de cavalaria. Em seguida, são postos para fora e obrigados a dormir nos lavatórios, enquanto suas camas são emporcalhadas pelos mais antigos, seus superiores.

Seus comandantes, é claro, sabem do que se passa, mas não se

metem; é do interesse deles que os subordinados estejam divididos entre si por barreiras de ódio real.

A classe mais inferior não tem direito de espécie alguma. Eles, a escória, engraxam os calçados e fazem as camas dos mais antigos, limpam-lhes as armas, entregam-lhes suas rações de açúcar e carne, às vezes até o pão. Os soldados prestes a serem desmobilizados apropriam-se dos uniformes novos dos recrutas, deixando-os com os seus, já gastos. Se você estiver no comando de um pelotão ou companhia, fica muito contente com essa situação. Dê ordem a seus sargentos para alguma - coisa ser feita — por exemplo, cavar armadilhas contra carros. Os sargentos dão esta tarefa aos soldados antigos e estes passam à escória. Pode ficar confiante de que tudo estará acabado no devido tempo. Os soldados antigos não farão nada pessoalmente, mas obrigarão cada recruta a fazer a tarefa de dois ou três homens. Você pode levar os sargentos até uma moita e dar-lhes cigarros; seja lá o que for que fizer, não exagere. Espere um pouco até alguém vir comunicar que a tarefa está terminada. Este é seu momento: apareça como o sol saindo de trás das nuvens, e agradeça aos soldados antigos por terem trabalhado tanto. Garanto-lhe: tanto os soldados antigos quanto a escória o adorarão por isso...

Passam-se seis meses e um novo contingente de escória entra para sua subunidade. Agora os que ontem sofreram terão oportunidade de descarregar a raiva em alguém. Toda a humilhação e insultos que suportaram durante seis meses podem agora ser despejados em cima dos recém-chegados. Entrementes, os que ainda os insultam e surram continuam a ser vistos como escória por seus próprios superiores.

São estas as circunstâncias em que um soldado começa a dominar os rudimentos da ciência da guerra.

1.441 Minutos

[1]

“Andem com minha baixa!” “Desejo a todos uma pronta baixa — tenham certeza de merecê-la!” “Podem tirar tudo, mas nunca a minha baixa!” “A baixa é tão inevitável quanto a queda do capitalismo.” Estas são frases que se veem rabiscadas em qualquer banheiro de soldados. São apagadas todo dia, mas em breve estão de volta, com tinta fresta.

A baixa (ou desmobilização) vem após dois anos de serviço. É o devaneio permanente de todo soldado e sargento. Desde o momento em que um recruta entra para o Exército, começa a riscar os dias que faltam para sua baixa. Marca-os no forro do cinto ou risca-os em um quadro, na parede ou na parte lateral do compartimento do motor de seu carro de combate. Em qualquer estacionamento ou quartel, nas costas dos retratos de Marx, Lenine, Brejnev, Andropov e Ustinov podem ser encontradas dúzias de inscrições como “103 domingos até minha baixa”, acompanhadas do número apropriado de sinais, cuidadosamente riscados um a um com tinta ou lápis. Ou “730 jantares até minha baixa”, e mais marcas. Ou, frequentemente, “17.520 horas até minha baixa”, ou, ainda mais comum, “1.051.200 minutos até minha baixa”.

O dia do soldado é repartido em um certo número de períodos com tantos minutos cada, e isto toma mais cômodo, para ele, calcular tudo em minutos. O soldado soviético admite que seu dia dura um pouquinho mais do que o de qualquer outro habitante do planeta, de modo que em seus cálculos admite que o dia tem 1.441 minutos — um a mais do que para o resto de nós.

O minuto é a unidade de tempo mais cômoda para ele, embora também tenha de contá-lo em segundos.

[2]

O segundo sonho do soldado, após ser desmobilizado, é ser-lhe permitido dormir 600 minutos. Teoricamente, concedem-lhe 480 minutos. É claro que os da escória só conseguem metade disso: ao passar para uma casta acima e à medida que for se tomando veterano, dormirá cada vez mais. Um mês antes da baixa, um soldado veterano pendura um aviso na cabeceira da cama: “Não incline! A ser levado primeiro, em caso de incêndio.”

A alvorada é às 6:00. Acorda, pula da cama, enfia calça e botas, corre lá fora para uma rápida visita ao banheiro, corre até a porta que está amontoada de gente, outro pique até a estrada lá fora, passando pelos sargentos que estão à espera do “último para a parada”. Às 6:05 a companhia já está se deslocando em acelerado pelas estradas do aquartelamento. Com chuva e vento, geada e neve — apenas botas e calças, peito nu. Corrida e física até as 6:40 — 35 minutos de exercício físico realmente puxado.

Em seguida a companhia volta ao alojamento e os homens têm 20 minutos para se lavarem e fazerem as camas. Nesse intervalo de tempo, a escória é obrigada a fazer suas próprias camas e as dos veteranos. Às 7:00, revista matinal; O sargento- ajudante passa meia hora numa rigorosa verificação da arrumação geral da companhia, corte de cabelo, conteúdo dos bolsos etc. Após isso, a companhia entra em forma e sai marchando, cantando uma canção na cadência de marcha, até o rancho. Um observador atento notará que o número de soldados em forma agora é maior, de um quarto, do que durante a instrução física. Na verdade, quando o plantão gritou “Companhia, todos de pé!”, ao tocar alvorada, de forma alguma todos pularam às pressas para fora da cama. Os soldados mais antigos, aqueles com apenas seis meses para dar baixa, levantam-se devagar e de má vontade, espreguiçando-se, praguejando em voz baixa, sem participar do pique geral para o banheiro ou para a parada. Enquanto o resto da companhia marcha logo ali na esquina, eles cuidam calmamente de seus afazeres. Um pode esticar-se embaixo da cama para dormir mais meia hora, outros cochilam atrás da grande fileira de capotões pendurados em cabides na parede, e os demais talvez aconcheguem-se em algum lugar no fundo do alojamento, perto de um cano quente que sai da fornalha.

Seja lá qual for a escolha deles, não saem para a sessão de educação física com o resto da companhia. Ficam de olho aberto para a aproximação de oficiais de serviço, mudando de esconderijo quando surgir algum. Acabam indo lavar-se, deixando as camas para serem arrumadas pela escória.

O Exército Soviético serve um desjejum bem escasso. Cada soldado faz jus a 20 gramas de manteiga por dia, mas como, teoricamente, 10 são usados na cozinha, restam apenas 10 gramas no prato dele. Com isto, para desjejum ele recebe duas fatias de pão preto, uma de pão branco, uma tigela de mingau e um bule de chá com um torrão de açúcar.

Manteiga e açúcar são usados como uma espécie de dinheiro a fim de aplacar os mais antigos, irritados com os enganos dos novatos ou com alguma atitude desrespeitosa. São também usados para apostas, de modo que muitos soldados têm de entregar manteiga ou açúcar — ou ambos — do desjejum aos que tiveram mais sorte do que eles nos palpites sobre jogos de futebol ou de hóquei.

Não há muito pão, tampouco, mas, se um soldado consegue de algum jeito uma fatia a mais, sempre tentará cobrir também esta com sua minúscula porção de manteiga, de modo a que seja pão com manteiga, em vez de apenas pão, o que ele estará comendo. Diversos soldados de minha companhia, certa feita, passaram um dia trabalhando na padaria e, é claro, apanharam para si alguns pães que repartiram com outros homens de seu pelotão. Cada um ficou com 10 ou 15 fatias em que espalhar a manteiga, e pôde comer tanto quanto quis, pela primeira vez em meses. Mas havia mesmo muito pouca manteiga para pôr em cada fatia. Eu não estava longe e, ao ver como estavam se divertindo, fui até lá e indaguei de que modo podiam dizer quais fatias tinham manteiga em cima. Riram, e um deles, segurando uma fatia de pão por sobre a cabeça, com cuidado inclinou-a na direção do sol. A resposta ficou clara: as fatias com manteiga, ainda que pouquinho, refletiam a luz do sol.

Às 8:00 há uma parada regimental. O subcomandante do regimento apresenta o regimento para revista pelo comandante. A seguir, tem início a instrução do dia, que dura sete horas. A primeira hora é uma revisão, durante a qual oficiais do estado-maior do regimento ou da Divisão verificam até que ponto os oficiais, sargentos e

soldados estão prontos para prosseguir no trabalho do dia seguinte. Os soldados são interrogados sobre o que aprenderam na véspera, que instrução receberam e o que decoraram. Para mim, como para qualquer um em função de comando, essa era uma hora muito desagradável. Durante esse período de revisão, são ainda lidas ordens dos comandos superiores, desde as do regimento até as do próprio Ministro da Defesa, juntamente com as sentenças impostas no dia anterior pelos tribunais militares do Exército Soviético — sumários de casos incluindo prisão por cinco a 10 anos, e às vezes sentenças de morte.

Se o período de revisão terminar cedo, o resto do tempo é empregado em ordem-unida. Após isso vêm três períodos de duas horas cada. Nestes, cada pelotão trabalha conforme um programa de treinamento que abrange os seguintes assuntos:

Instrução política Instrução técnica

Tática Armas de destruição em massa

Treinamento com armamento Defesa contra elas

Ordem-unida Instrução física

O número de horas gasto com cada assunto varia muito, dependendo da Força Armada e da Arma em que o soldado estiver servindo. Todavia, o plano geral de trabalho é o mesmo em toda parte: um período de revisão, ordem-unida e seis horas de trabalho nos assuntos acima relacionados, segundo programas-horário individualmente organizados.

Noventa e cinco por cento de todo o trabalho, exceto a instrução política, é realizado ao ar livre em vez de em salas de aula — em campo aberto, nos estandes de tiro, em áreas de instrução, depósitos de carros de combate etc. Todos os períodos, exceto o de instrução política, acarretam trabalho físico, que é amiúde bastante exaustivo.

Por exemplo, a instrução tática pode implicar seis horas cavando trincheiras com sol forte ou numa nevasca, travessia em alta velocidade de rios, ravinas, valas e barricadas, construção rápida de trabalhos de disfarce— tudo feito em acelerado. A instrução tática é

sempre realizada sem equipamento. Assim, uma guarnição de carros de combate é mandada imaginar que se acha em um carro, atacando o inimigo "na orla do bosque ali adiante". Tendo corrido até o bosque, a guarnição volta e o chefe do carro explica os enganos cometidos: deviam ter atacado não pela crista do morro, mas sim pela ravina. Ora, vamos mais uma vez... Usando este sistema de instrução, pode-se ensinar rapidamente Uma guarnição, que talvez seja incapaz de compreender explicações complicadas, como um inimigo deve ser atacado e como usar cada depressão do terreno para proteger seu carro em combate. Se não compreenderem terão de correr de novo, repetidas vezes, durante as seis horas inteiras se necessário.

O treinamento com armamento implica o estudo das armas e do equipamento de combate. Mas não se deve pensar que um pelotão senta em uma sala de aula, enquanto o instrutor descreve a construção de carros, canhões e transportes de pessoal blindados.

O sargento mostra a um jovem soldado um fuzil de assalto. Esta é sua arma pessoal. Você a desmonta assim. Tem 15 segundos para fazê-lo. Eu mostrarei e depois praticaremos... de novo... de novo... agora com olhos vendados. E outra vez... Este é o seu carro de combate. Leva 40 granadas, cada uma das quais pesa entre 21 e 32 quilos, de acordo com o tipo. Todas as granadas devem ser tiradas destes recipientes e carregadas no depósito do carro através da abertura superior do carro. Você tem 23 minutos para fazer isso. Começar! Agora faça de novo... de novo... de novo.

Qualquer processo, desde trocar as lagartas de um carro ou seu motor até correr com roupa protetora de borracha durante a instrução de guerra química, é sempre aprendido através da prática intensiva e repetida até tornar-se inteiramente automatizado, todo dia, toda noite, durante dois anos. Tantos segundos são concedidos para cada parte da operação. Esteja certo de fazer isso dentro do tempo: se não o fizer, terá de praticar reiteradamente, de noite, aos domingos, nas noites de domingo.

É extremo o esforço físico exigido dos soldados soviéticos. Durante seus primeiros dias no Exército, um jovem recruta perde peso; em seguida, a despeito da comida nojenta, começa a recuperá-lo, não em forma de gordura, mas como músculos. Passa a andar diferente,

com os ombros para trás, uma certa malícia no olhar, e começa a adquirir confiança em si próprio. Após seis meses, ele passa a criar acentuada agressividade, e a dominar a escória. Em suas brigas com esta, ele ganha não só devido à tradição, ou ao apoio dos mais antigos, dos graduados e dos oficiais, mas também por ser fisicamente mais robusto do que eles. Ele sabe que os recrutas recém-chegados são bem mais fracos do que ele, que já tem seis meses de serviço. Dentro de um ano, ele se converte em um verdadeiro combatente.

Um soldado soviético é forçado a adaptar-se às circunstâncias. Seu corpo precisa de descanso e ele encontrará mil maneiras de consegui-lo. Aprende a dormir em qualquer posição e nos lugares mais improváveis. Jamais pense em fazer uma palestra com qualquer dose de teoria para um auditório cheio de soldados soviéticos: a suas primeiras palavras, cairão no sono.

Às 15:00 o pelotão, exausto e com o suor pingando, volta da instrução e vai se arrumar. Às pressas, todos limpam as botas, lavam-se, ajeitam as coisas — o tempo todo em acelerado. Parada do almoço — marcham, cantando, até o rancho e ali passam 30 minutos com uma sopa rala e repulsiva, batatas meio podres com peixe excessivamente salgado e três fatias de pão. Correndo, correndo. “Companhia, de pé! Em forma!” Acabou o almoço. Marcham, cantando, de volta ao alojamento. Das 16:00 às 18:00, limpam o armamento, equipamento, o alojamento, e arrumam a área adjacente. Das 18:00 às 20:00, “estudo individual”. Isto significa treinamento não organizado pelo estado-maior divisonário mas pelos sargentos. “Cinquenta flexões de braço. Repetição... Vocês não se saíram bem na arrumação daquelas granadas... Vamos tentar de novo... Uma vez mais... O tempo de vocês na corrida de três quilômetros com máscara contra gases não foi bom. Vamos tentar de novo.”

Das 20:00 às 20:30 — jantar. Mingau ou batatas, duas fatias de pão, chá e um torrão de açúcar. “Manteiga? — Você já recebeu hoje de manhã.” Depois do jantar, o soldado tem meia hora livre. Para escrever uma carta para casa, ler um jornal, costurar a túnica de um veterano para a inspeção do dia seguinte, engraxar-lhe as botas até brilharem, passar a ferro as calças dele.

Às 21:00, há uma parada formal do batalhão, regimento ou divisão. Revista da noite, leitura do quadro de trabalho do dia seguinte e do resultado da instrução dada no dia que se encerra, mais sentenças impostas por tribunais militares e, depois, um passeio noturno. Este consiste em 30 minutos de ordem unida noturna, com a cadência marcada pelas batidas do surdo e canções de treinamento, berradas por milhares de vozes. Às 21:45 o soldado retoma ao alojamento, faz a higiene pessoal, limpa e dá brilho em tudo para a manhã seguinte. Às 22:00—silêncio. Isto é, para os que não estão ocupados em instrução noturna. O quadro de trabalho prevê nove horas de treinamento noturno por semana. Não se dá desconto para compensar a perda de sono. Esses exercícios noturnos, é claro, podem durar qualquer tempo. E os que não se acham na instrução noturna podem ser tirados da cama a qualquer momento para um treinamento de alerta.

[3]

Sábado é um dia útil no Exército Soviético. O que o faz diferente dos demais dias da semana é que à noite os soldados têm uma sessão de cinema. Nada que inclua James Bond; apenas Lenine ou Brejnev.

Domingo é um dia de descanso. Assim, a alvorada é às 7:00, em vez de às 6:00. Como sempre: higiene matinal, educação física, desjejum. E depois, tempo livre. Era por esse tempo livre que o oficial político estava esperando. Há um desses "Zampolits", como são chamados, em cada companhia, batalhão, regimento, e assim por diante. O Zampolit só pode trabalhar com os soldados aos domingos, de modo que toda a energia dele se concentra nesse dia. Ele providencia competições de cabo-de-guerra e partidas de futebol... mais corrida! Também faz palestras a respeito de como as coisas eram ruins antes da Revolução, como é boa a vida agora, como os povos do mundo gemem sob o jugo do capitalismo e como é importante dar duro para libertá-los. Em alguns regimentos, os soldados são deixados dormir depois do almoço. E como dormem... todos eles! Num bonito domingo de sol, às vezes, uma divisão parece um cemitério. Só muito ocasionalmente vê-se uma figura solitária perambulando — o oficial de dia. O silêncio é espantoso e

inimaginável em qualquer outra hora. Até os pássaros param de cantar.

Os soldados dormem. Estão fatigados. Mas os Zampolits não estão. Descansaram a semana inteira e agora andam afobados de um lado para o outro, imaginando o que organizar a seguir para os soldados. Que tal uma corrida rústica?

O domingo não pertence ao soldado soviético, e assim ele admite, bem razoavelmente que este dia, também dura 1.441 minutos, em lugar de 1.440.

Dia Após Dia

A prática faz a perfeição. Este é um sábio ditado, que o Exército Soviético aceita. Em consequência, durante seu tempo de serviço todo soldado repete o mesmo ciclo de instrução quatro vezes.

Cada um destes períodos dura cinco meses, com um mês de intervalo entre eles. Nesse intervalo, os soldados que completaram seu serviço são desmobilizados e chega a nova leva. Neste mês, os recrutas passam pelo Curso do Jovem Soldado: os demais fazem a manutenção e reparos do equipamento e das armas, bem como dos alojamentos, campo de instrução e estandes de tiro. São também utilizados em toda sorte de serviço pesado. Este não é sempre para as Forças Armadas; às vezes, tomam-se operários de projetos estatais. Aí começa o ciclo de cinco meses de instrução. Todos os assuntos do programa são cobertos, mas durante o primeiro mês é dado destaque ao treinamento individual de cada soldado. Os mais novos aprendem tudo que precisam saber, enquanto os mais antigos repetem tudo pela segunda, terceira ou quarta vez. Com o passar do tempo de serviço do soldado, crescem as exigências a que tem de satisfazer. Um soldado que acaba de chegar pode ter de fazer, digamos, 30 flexões de braço, um que já serviu seis meses terá de fazer 40, após um ano serão 45 e após 18 meses, 50. Os padrões obrigatórios aumentam analogamente em todo tipo de atividade — tiro, corrida, direção de viaturas militares, resistência a materiais de guerra química, resistência embaixo da água etc.

No segundo mês, enquanto prossegue o trabalho de melhoramento das habilidades individuais, são organizadas seções, guarnições e equipes. Na realidade, elas já existem, visto 75% dos membros delas serem soldados que já serviram pelo menos seis meses. Os jovens recrutas adaptam-se rapidamente, pois a eles cabe fazer o serviço de toda a equipe: os mais velhos não se esforçam mas arrancam bastante suor dos recém-chegados para evitar serem acusados de indolência e a fim de não incorrer na ira do comandante do pelotão

ou do regimento.

A partir do segundo mês, o treinamento com arma não é mais individual, mas de seções inteiras. Analogamente, grupos de combate, peças e outros elementos táticos básicos recebem coletivamente toda sua instrução tática, técnica e outras. Ao mesmo tempo, os integrantes desses elementos aprendem como substituir um ao outro e a seu chefe imediato. Metralhadores aprendem a atirar com suas metralhadoras e com lança-granadas, atiradores a dirigir e cuidar de transportes de pessoal blindados, serventes do lança-foguetes a desempenhar as funções de seu comandante de seção. Membros das guarnições de carros, canhões, morteiros e lança-foguetes recebem instrução similar.

O terceiro mês é dedicado a aperfeiçoar a coesão da unidade e, em particular, do pelotão. Em exercícios que duram vários dias — travessia de rios, tiro de combate, transposição de obstáculos, tratamento antigás e anti-radiação de pessoal e equipamento—os soldados atuam em pelotões. Durante eles, os comandantes do grupo de combate ou peça aprendem a comandar um pelotão ou seção em combate. A seguir, vêm o tiro de combate e outros exercícios com duas semanas de duração cada, primeiro no escalão companhia, depois nos escalões regimental e divisionário. As duas últimas semanas são ocupadas com manobras em grande escala, incluindo exércitos, frentes ou até direções estratégicas completas.

Após isso, realiza-se uma inspeção de todas as organizações que compõem o Exército Soviético. São feitas verificações individuais de soldados, sargentos, oficiais, generais, grupos de combate ou peças, pelotões ou seções, companhias e baterias, batalhões, regimentos, brigadas, divisões e exércitos. Com isto, o ciclo de instrução se completa. Um mês é deixado de lado para consertos e reparos do equipamento, estandes ou campos de tiro, campos de instrução e centro de treinamento. Nesse mês, uma vez mais, tem lugar a desmobilização dos soldados que terminaram seu tempo e a recepção de uma nova leva de recrutas. Isso é seguido por uma repetição de todo o ciclo de instrução — instrução individual e, a seguir, a reunião de grupos de combate, pelotões e seções, companhias, batalhões, regimentos, divisões e, depois, os exercidos em grande escala e por fim as inspeções. E assim continua,

incessantemente.

Por Que um Soldado Precisa Saber Ler Mapas?

[1]

A maioria dos soldados soviéticos não sabe ler mapas. Esta é a absoluta verdade. Simplesmente não são ensinados a fazer isso. O que é mais: não há intenção de que aprendam, pois não é considerado necessário.

No Ocidente, pode-se comprar um mapa em qualquer bomba de gasolina. Na URSS, qualquer mapa com mais que uma certa dose de minúcias é considerado documento secreto. Se a gente perder uma única folha de um mapa, pode ir por longo tempo para a cadeia — não uma luxuosa prisão ocidental, mas algo bastante diferente.

O fato de os mapas serem encarados como secretos proporciona ao comando soviético uma porção de vantagens importantes. Em caso de guerra no território soviético, o inimigo teria considerável dificuldade para dirigir o tiro de artilharia, orientar suas aeronaves ou planejar uma operação qualquer. Assim, em 1941, o Comando Alemão teve de utilizar mapas anteriores à Revolução, impressos em 1897, para planejar suas incursões aéreas contra Moscou. De vez em quando, mapas soviéticos isolados caiam em mãos dos soldados alemães, mas isso era acidental, de modo que era improvável tratarem-se de folhas consecutivas. Quando os alemães penetraram em território soviético, notou-se que a precisão do tiro de sua artilharia, ocupando posições cobertas, caiu abruptamente. Foram incapazes de usar seus foguetes V-l e V-2.

Tornando secretos os mapas, os comunistas realizaram algo mais: tentar fugir do paraíso soviético sem um mapa é um empreendimento bem arriscado. Em certa ocasião, um soldado soviético atravessou a nado o Rio Elba, perto de Winterberg, e pediu asilo político. Quando lhe perguntaram se tinha algum

segredo a revelar, ele declarou que passara os últimos 18 meses coletando laboriosamente toda migalha de informação que pudera catar. Foi cuidadosamente interrogado e em seguida condenado à morte e fuzilado. Ele atravessara o Elba no lugar errado e caíra nas mãos dos guardas da fronteira da Alemanha Oriental, que o interrogaram, em russo estropiado, a pedido de seus camaradas soviéticos. Se ele tivesse nadado um pouco mais para o norte, teria atingido em segurança a Alemanha Ocidental — isto é, caso tivesse evitado tropeçar em minas ou ser dilacerado pelos cães de guarda.

[2]

No Exército Soviético existem, é verdade, centenas de milhares de soldados que foram ensinados a ler mapas. Mas são os únicos que teriam de usar um mapa em combate — gente das unidades de reconhecimento e de assalto, das tropas diversionárias SPETSNAZ, topógrafos, operadores de controle de mísseis, aviadores, artilheiros etc.

Um membro comum de uma guarnição de carro de combate ou soldado de infantaria não precisa de mapa. Ele não toma decisões operacionais; ele as obedece. Lembre-se da teoria tática soviética: nenhum batalhão, regimento, divisão ou exército avança independentemente. Mesmo uma frente, só em condições excepcionais pode operar independentemente. Uma ofensiva soviética é uma enxurrada maciça de carros de combate, apoiada por uma tempestade de fogo de artilharia. Tudo isso é dirigido contra um único estreito setor da frente adversária. A iniciativa individual poderia arruinar o plano global. E muitos casos, comandantes de regimento e de divisão não têm autoridade para se desviar do itinerário que lhes foi fixado. Nesta situação, um soldado comum não precisa de um mapa. Sua função é manter suas armas e equipamento em boas condições e utilizá-los com perícia, avançar com bravura e determinação na direção indicada por seu comandante, e progredir a todo custo e sem considerar perdas. O soldado soviético não tem nada que estudar um mapa — há uma porção de gente fazendo isso — mas sim reabastecer depressa um carro de combate, descarregar munição o mais rápido que puder, apontar cuidadosamente e atirar com sangue-frio. Sua missão é

trabalhar o mais velozmente possível, consertar suas armas pessoais e trocar lagartas ou rolos dos carros de combate, apagar incêndios, dirigir seu carro embaixo d'água até a praia inimiga. Tem de passar três dias sem dormir e cinco sem comer, dormir na neve com seu surrado capotão e cumprir as ordens dos comandantes sem indagações. O Exército Soviético ensina-lhe tudo isso. Mas só ensina a ler mapas aos que comandarão e dirigirão esse soldado.

Os que construíram as Grandes Pirâmides provavelmente não eram especialmente bem-educados e nem entendiam sequer um ao outro, já que foram trazidos escravos de regiões distantes e reunidos para erigir as imensas estruturas. Mas nem por isso as pirâmides saíram piores. Não se esperava que os escravos fizessem complexos cálculos ou tomassem medidas precisas: tudo que se exigia deles era obediência e diligência, submissão ao chicote o disposição para sacrificar-se a fim de ser alcançada uma meta desconhecida mas altamente desejável. Os generais soviéticos adotam atitude semelhante — certamente não é necessário envolver cada escravo em planos de tão vasta complexidade. Os generais soviéticos não são arrogantes; estão completamente satisfeitos com um soldado que, malgrado não saiba ler mapas, também não faz greves, não cria sindicatos, não julga as ações de seus comandantes e só corta o cabelo quando um sargento manda.

A Instrução dos Sargentos

[1]

Os soldados ficam contentes quando sua coluna chega à sua nova divisão e é-lhes dito que estão entrando para, digamos, a 207 Divisão de Fuzileiros Motorizada, a 34 de Artilharia da Guarda ou a 23 de Carros de Combate da Guarda. Conhecem o que os aguarda e estão preparados. Mas ficam seriamente alarmados se descobrem que estão entrando para 92 Divisão de Instrução de Fuzileiros Motorizada, a 213 Divisão de Instrução de Fuzileiros Motorizada ou a 66 Divisão de Instrução de Fuzileiros Motorizada. A palavra "Instrução" soa sinistramente para um recruta. Certamente, significa que ele nunca será alguém da escória, nunca terá soldados antigos acima dele, porém, em vez disso, se tomará um sargento dentro de seis meses, colocando-se acima da escória e dos soldados antigos, como seu mestre e senhor. Mas sabe que terá de pagar por isto um preço muito elevado: seis meses em uma divisão de instrução.

Antigamente, cada regimento treinava os próprios sargentos. Além dos seus quatro ou cinco batalhões e várias companhias, cada regimento possuía uma "escola regimental". O comandante do regimento colocava seu melhor comandante de companhia à testa dessa escola. Se a última das funções exercidas por um oficial continha a expressão "Comandou a escola regimental", isto indicava que em certa época ele foi encarado como o melhor jovem oficial de seu regimento. O comandante do regimento devotava atenção igual à escolha de comandantes de pelotão para essa companhia e também mandava para ela seus sargentos mais ferozes. Então, cada comandante de companhia escolheria os mais promissores de seus recrutas e os mandaria para a escola. Seu treinamento os transformaria em verdadeiros cães de caça a lobos; voltariam para sua companhia com as divisas de sargento para conduzir seus soldados à glória.

Mas o sistema de escolas regimentais tinha uma deficiência. Nacionalidades diferentes têm temperamentos diferentes e suas próprias tradições. Qualquer oficial soviético confirmará que um tártaro dá o melhor sargento possível. Os ucranianos são ótimos sargentos. Os lituanos não são maus. Mas o russo, embora dê um bom soldado ou um bom oficial, não é um bom sargento. O grande povo russo tem de perdoar-me, mas esta não é apenas minha opinião: é a da maioria dos oficiais soviéticos.

Pode ser, naturalmente, que todos os oficiais soviéticos estejam enganados, porém, de qualquer maneira, as escolas regimentais certamente aceitavam todos os tártaros que lhes eram oferecidos, imediatamente. Recebiam, igualmente, os ucranianos e os lituanos, mas georgianos, russos, usbeques e azerbaijães não arranjavam vagas. Ora, pense-se em quando for determinada a mobilização. Todas as divisões, onde quer que estejam sediadas permanentemente, convocarão seus reservistas e preencherão todos os claros. A seguir, as divisões da segunda formação — "divisões invisíveis" — serão formadas. Nesse processo, vem à luz que na República da Tartária todos os reservistas são sargento e que não existe ninguém de outros postos ou graduações. A situação na Ucrânia e na Lituânia é quase a mesma. Nas outras repúblicas, contudo, todos os reservistas são soldados rasos e não há absolutamente sargentos. Embora seja verdade que, por exemplo, os georgianos dão excelentes oficiais, não são aceitos para formação como sargentos, por serem muito bondosos e isto os deixará prontos para menosprezar pequenos enganos. Pequenos enganos são exatamente o que preocupa um sargento—nunca deve passar por cima deles e tem de castigar impiedosamente os que os cometem. Assim, como seria jamais possível formar uma divisão na Geórgia?

O Estado-Maior Combinado espremeu os miolos longo tempo por causa deste problema, mas afinal adotou a solução radical de dissolver todas as escolas regimentais e formar sargentos centralizadamente em "divisões de instrução".

Naturalmente, o padrão dos sargentos e sua autoridade caíram violentamente ao ser implementada essa decisão. Enquanto anteriormente cada comandante de companhia escolhia a dedo um de seus recrutas e lhe dizia: "Você vai ser um sargento", agora não

mais havia tal seleção pessoal. Uma coluna de recrutas era enviada para uma divisão normal, outra para uma divisão de instrução, e isto era feito de modo bastante aleatório. Em contrapartida, o Estado-Maior Combinado sabe agora que, conforme os planos de mobilização, a Geórgia, por exemplo, tem de produzir 105 mil sargentos tirados de sua Reserva, mas na realidade só dispõe de 73 mil. O remédio é óbvio: no futuro próximo o número indispensável de colunas de novos recrutas da Geórgia tem de ser enviado para as divisões de instrução. Tudo de que o Estado-Maior carece é verificar que espécie de sargentos vai ser necessária — unidades de foguetes, artilharia ou infantaria — e expedir as ordens adequadas aos comissários militares locais a respeito das quantidades que têm de encaminhar às divisões de instrução.

É claro que, ao formular estas ordens, o Estado-Maior Combinado não se esquece de assegurar em cada divisão a mescla adequada de nacionalidades.

[2]

Uma divisão de instrução possui os mesmos efetivo, organização e equipamento de uma divisão de fuzileiros motorizada normal. Três dos mais importantes batalhões — os de reconhecimento e comunicações e o grupo de foguetes — são unidades de combate idênticas às de uma divisão comum. Todos os outros regimentos e batalhões da divisão mantêm suas armas armazenadas, tendo recebido outras só para fins de instrução. As divisões de instrução não têm efetivo de pessoal fixo: de seis em seis meses, cada uma recebe 10 mil recrutas para treinar. Após cinco meses de instrução brutalmente rigorosa, esses homens viram sargentos e são enviados para as divisões de combate, a fim de substituir os que deram baixa. Aí, a divisão de instrução recebe outros 10 mil e o ciclo recomeça. Desse modo, cada divisão de instrução forma 20 mil sargentos por ano.

Cada recruta selecionado passa metade de seu primeiro ano na divisão de instrução, é promovido e passa os restantes 18 meses de serviço em uma divisão de combate.

As divisões de instrução ficam localizadas em território soviético. Se irromper uma guerra, seus homens no momento serão promovidos antes do tempo, haverá convocação de reservistas, os armamentos serão retirados dos armazéns e as divisões de instrução passarão a funcionar como divisões de combate.

Cada um dos regimentos de uma divisão de instrução treina sargentos em determinado setor da instrução, seguindo um currículo especializado. O regimento de artilharia forma 1.500 sargentos de artilharia, o batalhão de engenharia treina 300 sargentos de engenharia com diversas qualificações especializadas, e assim sucessivamente. Uma proporção bem grande dos membros das guarnições de carros de combate passa pelas divisões de instrução, já que o chefe, o atirador e o motorista são sargentos: só o carregador é soldado raso. Uma vez que os mais novos carros de combate soviéticos não levam carregador, todo membro de uma guarnição desses carros doravante terá passado por um divisão de instrução. Na artilharia, a proporção de sargentos é bem inferior. Na infantaria, unidades com viaturas de pessoal blindadas têm um sargento em cada grupo de combate, as com viaturas de combate de infantaria têm três sargentos em cada grupo. O treinamento de sargentos nos diferentes setores da instrução processa-se de acordo com as exigências das divisões de combate.

Nos regimentos de instrução de carros de combate, o primeiro batalhão geralmente forma chefes de carro, o segundo cuida dos atiradores e o terceiro se encarrega dos motoristas.

Ao concluir sua formação, todos os candidatos são submetidos a exames. Se aprovados, os especialistas (atiradores, motoristas de cano, radioperadores etc.) tomam-se anspeçadas; * os que passam com distinção saem logo terceiros-sargentos. Chefes de peça e de cano de combate, assim como comandantes de grupo de combate, tomam-se terceiros-sargentos, mas os que passam com distinção saem logo segundos-sargentos.

Uma divisão de instrução não tem escória ou soldados veteranos. Todos os 10 mil recrutas chegam e partem da divisão ao mesmo tempo. Entretanto, a divisão tem sargentos, e sua influência é cem vezes superior à dos sargentos nas divisões de combate. Nestas, embora um sargento não deva tomar-se por demais familiarizado

com seus soldados veteranos, tem ao menos de respeitá-los e levar em conta suas opiniões. Em uma divisão de instrução, pelo contrário, um sargento simplesmente domina seus pupilos, ignorando totalmente quaisquer opiniões que possam ter. Além disso, cada comandante de pelotão em uma divisão de instrução, supervisionando 30 ou 40 jovens candidatos a sargento, é autorizado a usar os serviços de um ou dois dos mais fortes deles. Um sargento em uma divisão de instrução sabe, ainda, que jamais teria a mesma autoridade em uma divisão de combate. Enquanto ainda é candidato, puxa brigas barulhentas com seus camaradas, na esperança de que seu comandante de pelotão repare nele e decida que é alguém que deve ser conservado para ficar como instrutor após o curso. Ele não pode permitir-se reduzir sua agressividade caso consiga arranjar um cargo na divisão de instrução, ou poderá ver-se mandado para uma divisão de combate, sendo substituído por algum jovem "terrorista" que esteja totalmente disposto a passar as noites, tanto quanto os dias, controlando ordem e disciplina. (Se, todavia, isto ocorrer, em breve ele perceberá ser improvável mandarem-no da divisão de combate para outro lugar qualquer, e então poderá permitir-se relaxar um pouco e afrouxar as rédeas.)

A disciplina em uma divisão de instrução é quase inacreditavelmente rigorosa. Se nunca se experimentou viver em uma delas, nem se pode imaginar como é. Por exemplo, pode haver um grupo de combate de não-fumantes comandado por um sargento fumante. Todos os integrantes do grupo levarão cigarros e fósforos no bolso. Se o sargento, aparentemente sem perceber o que está fazendo, levar dois dedos à boca, o grupo admitirá que ele está precisando de um cigarro. Como se fossem um só homem, 10 candidatos avançam correndo, puxando maços de cigarros do bolso. O sargento hesita, julgando qual dos 10 figura melhor no momento como seu favorito, e afinal escolhe um dos cigarros oferecidos. Ao fazê-lo, recompensa o candidato pelo desempenho. Dez carteiras de cigarros desaparecem incontinenti, e em seu lugar surgem 10 fósforos acesos, que são oferecidos ao sargento. Uma vez mais ele faz uma pausa, encarando pensativamente os rostos, um a um: a quem premiar desta vez? Um fósforo se apaga, queimando os dedos de um jovem candidato, que estoicamente suporta a dor, embora surjam lágrimas em seus olhos. O sargento aceita o fogo oferecido

pelo soldado a seu lado e afasta-se contente dando uma baforada.

Cada dia o sargento escolhe um dos candidatos e coloca-o comandando os demais. O escolhido deve passar o dia imaginando novos tormentos para seus camaradas. Se realmente se distinguir por sua criatividade, receberá a maior honraria de todas: será autorizado a lustrar as botas do sargento nessa noite. Os candidatos travam uma luta surda entre si, a todo instante, por este privilégio.

O poder deprava os que o exercem, e um sargento em uma divisão de instrução é o mais depravado possível. Ele usa seu poder para manipular os subordinados, transformando-os gradativamente em verdadeiros canibais.

Servir em uma divisão de instrução é o sonho dourado de muitos oficiais soviéticos. Acredita-se geralmente que nelas não se trabalha. Mas isso não é verdade, e eu sei porque servi em uma. O trabalho é uma tremenda caceteação. Verdade que não se precisa de ensinar coisa alguma aos candidatos, pois seus sargentos cuidam disso. Verdade que todo metro quadrado de asfalto é esfregado com escovas de dentes. Verdade que os pisos dos banheiros brilham quase tanto quanto as botas do sargento. Verdade que nenhum sargento fará tolices por medo de ser transferido para uma divisão de combate.

Em contraposição a tudo isso, contudo, o número de suicídios nas divisões de instrução deve exceder o correspondente a grupos equivalentes de pessoas em qualquer outra parte do mundo. Se um candidato de seu pelotão ou companhia se matar, sua própria folha de serviço receberá uma nota de descrédito. E este descrédito nunca mais será apagado. Cada oficial, portanto, tem de manter vigilância constante sobre seus candidatos. Logo que perceba o mais ligeiro indício de haver algo errado, tem de agir. Precisa identificar o homem e dar-lhe poder quando pareça ter chegado ao fim da corda e estar prestes a virar-se para o pelotão e passar fogo em todos, nos oficiais e em quem mais estiver por perto, para, a seguir, trocando calmamente o depósito da arma, disparar outra longa rajada contra o próprio corpo juvenil.

Mas, como se pode observá-los a todos? Pode-se chegar ao homem certo a tempo de deixá-lo tão embriagado pelo poder que resistirá à

tentação de se matar?

---

* Outrora, no Brasil, era uma graduação entre soldado e cabo. Em vários países, ainda hoje existe, como é o caso da Grã-Bretanha, onde significa um cabo que exerce funções de sargento sem perceber os vencimentos correspondentes a esta graduação. (N. do T.)

O Sistema Corretivo

[1]

Alguns dizem que antes da Revolução os russos eram escravos agrilhoados. Muitos acreditaram nisso e muitos outros continuam a acreditar. Napoleão foi um dos que acreditaram, e assim resolveu que conquistaria o pais aliciando seus servos oprimidos. Por isso, ao entrar na Rússia, divulgou um manifesto libertando os camponeses da servidão. Entretanto, por alguma razão, os camponeses russos não o encararam como libertador e ignoraram o édito. Mais do que isso, ergueram-se contra Napoleão, em toda parte onde ele ou seus exércitos apareceram. Acabaram pondo-o fora do solo russo, e ele, ao fazê-lo, ignominiosamente abandonou seus exércitos.

Os comunistas alegam ter libertado o povo russo. Todavia, ao começar a guerra, os mesmos russos saudaram seus invasores estrangeiros com lágrimas, flores e hospitalidade entusiástica. O que pode tê-los levado ao ponto de saudar Hitler como seu salvador e libertador?

As forças soviéticas renderam-se a Hitler em regimentos, divisões, corpos de exército e exércitos. Em setembro de 1941, os 5, 21, 26 e 37 Exércitos renderam-se simultaneamente e sem resistência. Em maio de 1942, a totalidade da Frente Sudoeste, os 6, 9 e 57 Exércitos, os 2, 5 e 6 Corpos de Cavalaria, os 21 e 23 Corpos de Carros de Combate renderam-se na região de Kharkov. Lutaram quatro dias e abaixaram as armas no quinto. No mesmo momento, o 2 Exército de Choque capitulou na Frente Noroeste. O que é pior: virou suas armas contra os comunistas. Soldados, oficiais e generais de todas as nacionalidades da União Soviética renderam-se, conquanto os russos fossem mais numerosos, tanto em número quanto em percentagem da população russa total do país. O Exército de Libertação Russo foi a maior de todas as forças anticomunistas, recrutadas entre os habitantes do pré-

revolucionário Império Russo, formadas durante a Segunda Guerra Mundial. Ao término da guerra, ele consistia de aproximadamente um milhão de soldados e oficiais russos, que haviam escolhido lutar contra o Exército Soviético. Poderia ter sido ainda maior, mas Hitler não quis dar seu apoio irrestrito ao Tenente-General A.Vlasov, chefe do movimento russo anticomunista. Com inacreditável miopia, Hitler encetou uma sanguinolenta campanha de terror contra os habitantes dos territórios ocupados por seus exércitos. Comparado com as campanhas de libertação e coletivização realizadas pelos comunistas, até que esse terror foi relativamente brando, mas privou Hitler de qualquer esperança de conquistar os lauréis de campeão da liberdade.

Os comunistas, porém, não estavam ociosos. Fizeram tudo que puderam para sustentar o poder e evitar o colapso do Exército Soviético. A 13 de maio de 1942, foi criada a homicida organização Smersh —- um serviço de contrainformação militar, operando separado do NKVD. Sua missão mais importante foi definida por Beriya, a 15 de maio, como “combater tentativas para reviver um Exército Russo”. Nesse mesmo dia, foi promulgada uma nova lei sobre reféns, decretando que todos os parentes de cidadãos soviéticos que entrassem para o Exército de Libertação Russo poderiam ser presos por 25 anos ou fuzilados. No dia seguinte, foi editada nova orientação a respeito dos batalhões penais.

Os batalhões penais já existiam mas não na forma então pretendida. Tampouco jamais houvera tantos quantos eram agora propostos. Sua forma final ficou decidida em maio de 1942. As propostas originais foram confirmadas e desde então jamais modificadas. Olhemos mais de perto para elas.

[2]

O antigo Exército Russo possuía uma boa tradição: se seus soldados considerassem justa uma guerra, lutariam como leões. Mas se a encarassem como injusta e desnecessária para o povo russo, simplesmente enterrariam as baionetas no solo e iriam para casa. Foi isso que fizeram em 1917 e repetiram em 1941. Milhões de soldados russos não conseguiam ver uma razão para defender o

regime comunista. Prova de ser esta uma atitude bem disseminada foi fornecida pelos exércitos que se entregaram. A mesma opinião era compartilhada por centenas de milhares de ucranianos, que instalaram o Exército Insurrecto Ucraniano, por cossacos, georgianos, lituanos, letões, crimeanos, tártaros e por muitos outros povos que, antes da Revolução, haviam combatido destemidamente pelos interesses do Império Russo contra toda invasão estrangeira.

Os comunistas são gente esperta. Salvaram sua ditadura de forma extremamente original: criando um novo emprego para os batalhões penais, que provaram ser uma força decisiva nas batalhas contra o Exército Alemão. Os alemães afogaram-se no sangue dos batalhões penais soviéticos. Igualmente, com a ajuda dos batalhões penais, os comunistas destruíram milhões de seus inimigos potenciais presentes dentro do país, pondo fim, por várias décadas, ao crescimento da desobediência e resistência ao regime.

Até maio de 1942, cada exército que combatia na frente dispunha de um batalhão penal. Esses batalhões eram utilizados na defesa assim como durante ofensivas. Esta situação depois alterou-se: os batalhões só deveriam ser empregados, de acordo com a nova orientação, em ofensivas. Nas situações defensivas, seriam empregados somente em contra-ataques — e, afinal, um contra-ataque é, por si mesmo, uma ação ofensiva em escala reduzida. A par dos batalhões já servindo com os exércitos, outros, subordinados às frentes, foram introduzidos. Cada comandante de frente, desde então, dispunha de 10 a 15 batalhões penais.

Cada batalhão tinha uma seção administrativa, uma companhia de guarda e três companhias penais. O elemento permanente do batalhão — o estado-maior e a companhia de guarda — consistia de soldados e oficiais comuns, selecionados por sua obtusidade, ferocidade e fanatismo. Eram recompensados com privilégios inauditos. Os oficiais recebiam sete vezes a remuneração normal — para cada ano de serviço eram-lhes acrescidos mais sete anos no cômputo de seus futuros proventos na inatividade.

Os batalhões penais abrigavam indivíduos que haviam demonstrado relutância em combater, e outros suspeitos de covardia. Junto havia oficiais e soldados que tinham sido sentenciados por vários crimes e transgressões. Os oficiais mandados para esses batalhões perdiam

todas as condecorações que lhes haviam sido concedidas, juntamente com os postos, e eram incorporados como soldados.

Durante períodos de calma, os batalhões penais eram conservados na retaguarda. No último momento antes de uma ofensiva, eram levados sob escolta para o limite anterior da zona de combate. Quando principiava a preparação de artilharia, a companhia de guarda, armada com metralhadoras, ocupava posição atrás das companhias penais a quem era então distribuído armamento. Aí, ao comando "Avançar para o ataque!", as metralhadoras da companhia de guarda obrigavam as relutantes companhias penais a porem-se de pé e avançar. Impedidos de seguir em qualquer outra direção, elas atacavam freneticamente. As mais brilhantes vitórias alcançadas pelo Exército Soviético foram obtidas com o sangue dos batalhões penais. Eles recebiam as tarefas mais penosas e ingratas. Rompiam as defesas do inimigo e, em seguida, infiltrando-se por entre elas, tropeçando em seus cadáveres, chegava à elite das divisões da guarda. Dali em diante, ninguém mais queria as companhias penais na área. Era bem melhor deixar os guardas lutarem.

Durante o assalto contra as defesas alemãs em Stalingrado, 16 batalhões penais foram concentrados no setor de ruptura do 21 Exército e 23 mais no do 65 Exército, na Frente do Don. As frentes soviéticas empregaram quase tanto quanto isso durante as batalhas de Kursk, para abrir brecha nas defesas alemãs. Em certo ponto, no decorrer da luta na Rússia Branca, por ordem do Marechal Jukov, 34 batalhões penais foram reunidos e lançados ao ataque, para abrir caminho ao 5 Exército de Carros da Guarda. E 34 batalhões são o equivalente a quase quatro divisões. Deve-se acrescentar a isso o fato de que pouquíssimos deles sobreviveram ao engajamento e que, é claro, os que tiveram sorte bastante para escapar a essa batalha foram, quase certamente, mortos na seguinte.

Cada batalhão penal tinha um efetivo de 360 homens. Isto pode parecer um número pequeno. Contudo, a capacidade desses batalhões era espantosa. Os generais soviéticos adoravam atacar ou contra-atacar: quem quer que, sob seu comando, parecesse desprovido de espírito combativo podia prontamente achar-se servindo como soldado em um batalhão penal. Um ataque

malsucedido trazia morte certa para os membros dos batalhões penais—não podiam escapar, e eram fuzilados pela companhia de guarda. Se conseguissem avançar, o processo seria repetido reiteradas vezes. Acabavam morrendo ao topar com defesa inexpugnável. A companhia de guarda, então, regressava à retaguarda e formava um novo batalhão, que retomava o ataque no dia seguinte — ou até no mesmo dia.

Os dados oficiais das baixas soviéticas durante a Segunda Guerra Mundial indicam 20 milhões de oficiais e soldados. Na realidade, é natural, o total foi consideravelmente maior. Vasta proporção desses milhões encontrou seu destino por intermédio da máquina de fazer salsichas dos batalhões penais. Muita estupidez e idiotice foi exibida no decorrer da guerra, houve inúmeros sacrifícios desnecessários e injustificáveis. Mas isso foi uma exceção: uma política sutil e cuidadosamente concebida de usar o sangue de potenciais inimigos internos para destruir um inimigo externo, ou seja, a máquina militar germânica. Foi, a um só tempo, um plano astuto e estarrecedor.

O Comando Alemão compreendeu muito bem a situação. Mas sua perspectiva era limitada e pedante demais para permitir a adoção do contragolpe correto — retrair-se rapidamente diante dos batalhões penais, dando-lhes oportunidade de encontrar abrigo contra o fogo das metralhadoras pesadas, que os ameaçavam pela retaguarda, e virar suas armas contra a companhia de guarda. Se o Marechal-de-Campo Von Paulus houvesse feito isso em Stalingrado, os batalhões penais soviéticos lhe teriam aberto a passagem para o Volga. Se Von Manstein tivesse procedido desta maneira em Kursk, teria ganho a maior batalha na história dos blindados.

Se... se... Se alguém ao menos houvesse percebido como os russos odeiam o comunismo... Se ao menos alguém tivesse tentado drenar essa reserva de ódio...

[3]

Além dos batalhões penais da Infantaria, que representavam a maioria, existiam unidades de limpeza de minas e unidades penais

da Força Aérea. A função das de limpeza de minas é auto-explicativa, mas algo mais tem de ser dito acerca das companhias penais da Força Aérea. Além de suas cargas de bombas e foguetes, os aviões de bombardeio e de ataque a alvos terrestres levavam canhões ou metralhadoras na torre, para defesa contra caças inimigos. Por que, raciocinaram nossos gloriosos chefes comunistas, deveriam honrados jovens comunistas, devotados à causa de libertar a classe trabalhadora, morrer em nossos aviões? É claro que nossos pilotos têm de ser dignos de confiança e dedicados (e há reféns que podemos empregar para nos assegurarmos de que eles continuem assim), mas os encargos de um metralhador de aviação podem igualmente ser desincumbidos por alguém que seja um inimigo do socialismo. E por que não deveria ser? Ele não pode escapar nem pode evitar a luta, posto que sua própria vida depende do resultado. Ao repelir aviões inimigos ele está, antes de mais nada, preservando sua própria desvaliosa vida, mas também está defendendo o avião, e com este a causa comunista.

A partir de maio de 1942, companhias penais de metralhadores de aviação foram anexadas a todas as unidades de bombardeio e de ataque a alvos terrestres do Exército Soviético. Eram mantidas perto dos campos de pouso cercados com arame farpado. Seu treinamento concluía-se prontamente. Simplesmente, eram ensinados a avaliar a distância de um avião inimigo que se aproximava e como disparar seu canhão ou suas metralhadoras. Não lhes eram fornecidos paraquedas — de qualquer maneira, não teriam sabido usá-los. A fim de que nenhuma idéia doida lhe entrasse na cabeça durante o voo, o recém-emplumado metralhador era firmemente amarrado ao assento — como se fosse para sua própria segurança. O piloto do avião de ataque terrestre IL-2, bem como o do IL-10, era protegido por blindagem; atrás dele, de costas para ele, ficava sentado o atirador, protegido unicamente por sua metralhadora de 12,7mm. Membros das companhias penais também eram usados como atiradores nos bombardeiros de mergulho PE-2 e TU-2, e igualmente no PE-8 e em outros bombardeiros.

A fim de despertar o espírito combativo desses “condenados voadores” foi concebido um incentivo: suas sentenças eram reduzidas de um ano por voo operacional. Na época, a sentença padrão era de 10 anos. Dez voos e você fica livre! Este artifício

funcionou, apesar de os atiradores não terem sido voluntários para essa função. Não obstante, o ânimo combativo entre esses prisioneiros, que realmente estavam condenados à morte, foi consideravelmente maior do que entre seus companheiros de sofrimento que ficavam no chão.

Seja quem for que teve esta idéia, não era bobo. Em primeiro lugar, não muitos dos atiradores sobreviveram a nove voos. Quem quer que o tenha conseguido jamais foi mandado realizar um décimo. Seus colegas eram informados de ter ele sido enviado para outro regimento próximo, ou solto, enquanto, de fato, o pobre-diabo fora mandado servir um ano em um batalhão de limpeza de minas. O pretexto usado era padronizado: “Seus nervos estão em mau estado. O médico não lhe permitirá voar mais.”

A expectativa média de vida em um batalhão de limpeza de minas era, de qualquer maneira, inferior a em um batalhão penal servindo com a Infantaria.

O índice de mortalidade entre os “condenados voadores” permaneceu excepcionalmente elevado. Isto não preocupou muito a ninguém; afinal, esse era o destino inevitável deles. Infelizmente, contudo, quando um atirador aéreo era morto, a metralhadora lhe escapava das mãos e o cano voltava-se para baixo, inerte. Este era um sinal valioso para os caças alemães. “O atirador daquele avião foi morto, de modo que o avião está indefeso. Vamos pegá-lo!”

O Comando Soviético, afinal, deu-se conta, após interrogar vários aviadores alemães que haviam sido abatidos, que, ao morrer, o atirador involuntariamente sinalizava para o inimigo que seu avião ficara sem defesa. O que poderia ser feito? Não se podiam levar dois condenados voando na mesma cabina — e de que valeria, de qualquer modo, já que a mesma rajada poderia matar ambos? Muito se meditou acerca desse problema. Foi então que uma brilhante idéia ocorreu ao Marechal da Força Aérea A. E. Golovanov, ex-piloto pessoal e guarda-costas de Stalin, cuja missão havia sido prender marechais e generais para seu chefe e levá-los até Moscou. Ele teve a idéia de que fosse fixada uma mola na culatra da metralhadora do avião. Quer o atirador estivesse vivo ou não, o cano da arma ficaria assim apontado para cima. Por esta invenção, Stalin recompensou seu favorito com a Ordem de Lenine.

Durante a paz, os batalhões penais são conhecidos como “batalhões disciplinares independentes”. Cada comandante de distrito militar é responsável por dois ou três deles. Os comandantes de grupos de forças estacionados fora da URSS também possuem batalhões desta espécie sob suas ordens, mas que ficam estacionados em território soviético.

Os batalhões disciplinares foram organizados exatamente da mesma forma que os batalhões penais do tempo de guerra: administração, uma companhia de guarda e três companhias penais. Em tempo de paz, os oficiais servindo nesses batalhões recebem vencimentos em dobro — para cada ano de serviço ali, recebem paga por dois anos e contam dois anos a mais para aposentadoria.

Os soldados e sargentos do quadro permanente desses batalhões foram sentenciados por tribunais militares a trabalhar ali por um período de três meses a dois anos. O tempo passado em um batalhão disciplinar não conta como tempo de serviço militar de um soldado. Em minha divisão, certa feita, dois sargentos embriagaram-se na véspera de dar baixa após dois anos de serviço. Bêbados, mostraram-se insuficientemente respeitosos para com um dos oficiais do estado-maior. Um tribunal condenou-os a perder a graduação e a servir dois anos em um batalhão disciplinar, só após os quais, voltaram para a divisão e completaram o dia restante de seu período de serviço, para então serem desmobilizados.

A vida em um batalhão disciplinar soviético hoje em dia é um assunto extenso, que deveria ser examinado com tempo e vagar. Eu me limitarei a dizer que um batalhão desses quebrará o mais forte caráter no prazo de três meses. Nunca, em minha carreira toda, conheci um soldado que tivesse servido em um deles e revelasse os mais mínimos traços de desobediência ou indisciplina. É uma grande data para um oficial em função de comando no Exército Soviético quando retorna à sua unidade alguém que todos haviam esquecido e a quem poucos reconhecerão: um homem enviado para um batalhão disciplinar algum tempo atrás por insubordinação, indisciplina ou qualquer manifestação de protesto. Os oficiais do regimento e da divisão, em sua maior parte, mudaram desde o tempo dele, tal como a esmagadora maioria dos sargentos e outros graduados. Subitamente, ele aparece — calado, pisoteado,

submisso. Não fala com ninguém e cumpre todas as ordens e instruções sem qualquer queixume. É impossível fazê-lo dizer uma única palavra sobre onde esteve ou o que viu. Suas respostas são monossilábicas e inexpressivas. “Sim” e “não” parecem ser as únicas palavras que sobraram de seu vocabulário. Aí, de repente, um dos “praças velhas” recorda:

— Este é Kol’ka, o encrenqueiro, o espertinho, o azougue, que vivia sugerindo fugas arriscadas, que cantava e tocava violão e era adorado por todas as garotas da região. Há 18 meses foi mandado para um batalhão disciplinar por uma trampolinagem boba qualquer.

Os novos soldados, fitando esse tristonho e quietão recém-chegado, mal podem crer no que ouvem. O regimento se acomoda, a disciplina melhora, é demonstrado mais respeito aos oficiais.

Por transgressões leves, um soldado pega de três a 15 dias no corpo da guarda. Qualquer soldado que passe mais de 45 dias em um ano nesse xadrez é automaticamente mandado para um batalhão disciplinar. Ali ele é remodelado: após regressar, nunca mais cometerá uma transgressão disciplinar. Nunca mais quererá ficar sentado por trás de grades.

Não obstante, se irrompesse a guerra com o Ocidente, os soldados soviéticos se renderiam aos milhões. Batalhões disciplinares ou penais não impedirão que isso aconteça. E o Politburo não alimenta ilusões a esse respeito.

PARTE VIII - A TRAJETÓRIA DO OFICIAL

Como Controlá-los

[1]

Cheguei de manhã cedo ao quartel-general divisionário. O oficial de dia, um tenente-coronel, deu as boas-vindas. Ele não dormira à noite e poderia, irritado, ter-me mandado para o inferno. Ocorre que minhas platinas, novinhas em folha, de segundo-tenente parecem haver tocado em uma corda na memória dele. Apenas sorriu e disse:

— Vá dar uma volta de meia hora por aí. Ainda é um pouco cedo.

Meia hora depois voltei ao QG e fui levado diretamente à sala do chefe do setor de Pessoal. Ele, também, foi agradavelmente acolhedor. Recebera, um mês atrás, meu dossiê pessoal. Após terminar o curso, eu tirara minhas primeiras férias como oficial, tal como todos os colegas na escola de formação, mas meu dossiê já estava defronte do oficial do Pessoal, naquela mesa, e à noite estivera guardado naquele cofre logo ali. Provavelmente ele me conhecia melhor do que eu mesmo. Olhou-me por longo tempo, e então fez uma pergunta que, naturalmente, eu já esperava:

— Que tal mudar para a Primeira Especialização?

Cada ocupação militar tem um número de referência. Antes da guerra havia 150 delas. Hoje, são mais de mil. Mas os comandantes de todas-as-armas são todos da Primeira Especialização — e são eles que garantem que todas as diferentes Armas e Forças Armadas trabalhem em conjunto corretamente. Os que comandam pelotões, companhias, batalhões, regimentos e divisões de fuzileiros motorizadas, assim como exércitos, frentes e direções estratégicas, são todos oficiais da Primeira Especialização. O Comandante Supremo, também, tem o mesmo passado. Sou oficial de carros de combate e adoro os carros, mas agora me ofereciam uma vaga na Infantaria. Os pelotões são comandados por sargentos, por não

haver tenentes suficientes. Na Infantaria, as probabilidades de promoção são muito boas, mas nunca conseguem achar gente bastante para suportar as durezas da vida do infante. Por isso, amiúde fazem essa pergunta a oficiais com outras especializações, tais como treinamento em carros, anticarro e morteiros.

— Não estou com pressa. Você tem tempo para pensar... e é uma coisa sobre a qual deve pensar.

Apesar disso, o oficial do Pessoal fita-me na expectativa. Não costumo demorar para tomar minhas decisões. Levanto-me e digo de forma resoluta:

— Desejo transferência para a Primeira Especialização.

Ele gosta de minha reação, talvez não por ter tido tanta facilidade em me convencer a voluntariar para um serviço tão infernal, mas simplesmente porque respeita uma atitude positiva. Seu tom se altera:

— Já conseguiu tomar o café da manhã?

— Ainda não.

— Há um bar muito bom defronte ao QG. Por que não vai dar uma olhada? Encontre-me lá às 10 horas e eu o levarei para conhecer o comandante da divisão. Recomendarei você para comandar uma companhia já. Sei que você aceitaria. No regimento de carros da divisão você só conseguiria um pelotão, e levaria uns três anos antes de qualquer possibilidade de promoção.

[2]

A ordem nomeando-me Comandante da 4 Companhia de Fuzileiros Motorizada da Guarda foi assinada às 10:03. Já às 10:30 eu estava no comando do regimento. O comandante do regimento olhou desapontado para meu emblema dos blindados. Pude vê-lo pensando: “Um bocado de vocês, seus safados, arrumam um emprego na Infantaria para ver o que arrancam dela.” Ele me fez algumas perguntas de rotina e disse-me que eu podia assumir a

companhia.

A 4 Companhia já estava sem comandante fazia três meses. Em vez de cinco oficiais, só tinha um, um segundo-tenente que comandava o primeiro pelotão. Ele se diplomara na escola de formação no ano anterior, comandara um pelotão durante seis meses e recebera o comando da companhia. Mas aí dera para beber muito e voltara para seu pelotão. Equipamento? A companhia nada possuía. Em caso de mobilização, um regimento receberia caminhões agrícolas para fazerem as vezes dos transportes blindados de pessoal, mas durante a paz o comandante do regimento tem um certo número desses transportes à sua disposição, e estes são empregados na instrução de combate das companhias e batalhões.

Havia 58 subtenentes e sargentos e outros graduados na companhia, em vez dos previstos 101 — a divisão estava sendo mantida com efetivo reduzido. A maior parte da companhia falava russo. A disciplina era ruim. Aproximava-se a época da baixa; uma ordem chegaria do Ministério imediatamente após a inspeção. Antecipando isso, os soldados veteranos estavam relaxando, apertando a escória não para fazê-los trabalhar duro mas para lhes arranjar vodca. Havia 19 desses “praças velhas” na companhia. Os sargentos consideravam-nos quase incontroláveis. A inspeção deveria começar dali a quatro dias.

[3]

Em reunião naquela tarde, o comandante apresentou-me a seus cento e poucos oficiais, que me encararam sem qualquer interesse especial. Bati os calcanhares e fiz uma ligeira reverência.

O único assunto debatido nessa reunião foi a próxima inspeção.

— E no caso de a idéia ocorrer a alguém, não deve haver embromação: é melhor a verdade, por mais desagradável que seja, do que uma complicada camuflagem. Se eu ouvir acerca de alguma tentativa para tapear a comissão, de fazer as coisas parecerem melhores do que são, o oficial envolvido perderá sua função e será preso imediatamente!

Gostei daquela abordagem franca. Essa era a maneira apropriada de fazer as coisas, e não simplesmente varrer a sujeira para baixo do tapete. Os outros oficiais aprovaram com as cabeças. O comandante do regimento concluiu e olhou para seu chefe de estado-maior, que sorriu jocosamente.

— Comandantes de companhia, 20 rublos cada um; subcomandantes de batalhão, 25; comandantes de batalhão, 30, e os demais sabem quanto devem dar. Entreguem seus donativos ao tesoureiro. Desejo ressaltar uma vez mais que isto é inteiramente voluntário. É só uma questão de hospitalidade.

O monte de dinheiro em frente do intendente crescia cada vez mais. Não perguntei por que estávamos entregando esse dinheiro.

O Exército Soviético tem não só mais divisões, carros de combate, soldados e generais do que qualquer outro Exército do mundo. Ele também tem mais porcos. Sob o sistema socialista de distribuição equitativa, cobra-se mais do operoso que do preguiçoso, e os camponeses não recebem incentivo para dar duro: qualquer excedente que produzem lhes é tirado. Isto quer dizer que o setor agrícola é incapaz de fornecer alimento suficiente, seja para o Exército seja para as indústrias de interesse bélico. Por isto, cada regimento tem de ter e manter porcos. Não há verba alocada para isso. Os porcos são alimentados com as sobras do rancho. Há milhares de regimentos no Exército Soviético: cada um tem uma centena de porcos. Como poderia um Exército neste mundo ter tantos porcos?

Teoricamente, os porcos são sustentados para que se possa melhorar a dieta dos soldados. Na prática, todos se destinam a alimentar as comissões que vêm inspecionar o regimento. Parte da carne deles é transformada em excelentes costeletas, filés de bacon, e assim por diante. O resto é vendido, e o apurado serve para comprar caviar, peixe, presunto e outras iguarias, todas sendo, assim como a carne, destinadas ao consumo das comissões. E a vodca é comprada com fundos regimentais, junto com os donativos “voluntários” proporcionados pelos oficiais.

As comissões compõem-se de oficiais dos estados-maiores dos distritos militares. Por exemplo, este ano oficiais do Distrito Militar do Báltico podem inspecionar as divisões nos Distritos Militares do Extremo Oriente e do Turquestão, enquanto outros do Distrito Militar Subcarpatiano inspecionarão as dos Distritos Militares de Moscou, Volga e Báltico.

Os oficiais de estado-maior são idealistas, teóricos longe da vida real. Esqueceram, ou talvez nunca souberam, o custo do suor humano. Esperam que os soldados sejam capazes de responder a indagações acerca dos princípios da guerra moderna, esquecendo que alguns deles jamais haviam sequer ouvido a língua russa antes de entrar para o Exército. Esperam que os soldados possam executar 50 flexões de braços com apoio sobre o solo, despreocupados do fato de alguns deles provirem de famílias que há gerações sofrem de desnutrição. Talvez me tenham sido necessários dois anos para ensinar alguém com esta espécie de antecedentes a fazer 10 flexões dos braços, e tanto ele quanto eu nos orgulhamos muito do conseguido. Mas isto não satisfaria a um oficial do estado- maior. Os oficiais de estado-maior estão acostumados a movimentar exércitos no mapa, como peões num tabuleiro de xadrez, esquecendo que um soldado pode desobedecer a uma ordem, pode enlouquecer subitamente, pode rebelar-se contra a autoridade, opor-se aos superiores, ou, talvez, movido pelo desespero, pode matar seu comandante de unidade. Será que os oficiais de estado-maior se dão conta disso? Uma ova! E é por isso que se tem de cuidar tão bem deles quando aparecem. Um copo de vodca? Mais um? Mais outro? Um pouco de carne de porco? Quer caviar? Uma porção de cogumelos e um pouco mais de vodca?

Todavia, ao entregar meu dinheiro para a vodca, não me ocorreu que um comandante de regimento precisa criar um ambiente geral de amistosidade e hospitalidade para a comissão; esqueci a amarga competição que existe entre comandantes de companhia e de batalhão; desprezei completamente o fato de que a comissão não é autorizada a dar boas notas a todo mundo e que, se uma companhia obtém, por sua cordialidade e hospitalidade, uma classificação “Excelente”, outra terá de sofrer, porque a comissão é forçada a dar

a alguém o conceito “Insatisfatório”.

Presumi que o alerta do comandante do regimento quanto a fraudes fosse sincero. Não me passou pela cabeça que, se o que estava realmente se passando fosse descoberto, o próprio comandante seria demitido incontinenti. Ao mesmo tempo, ele não poderia advogar o emprego de burla — seria jogado na cadeia por isso. Então, que mais poderia ele falar?

Fosse como fosse, a inspeção começou. Apresentei a companhia exatamente como se encontrava. Mas, ao redor de nós, estavam sendo realizados milagres. Os resultados alcançados por outras companhias foram bastante surpreendentes. Na 5 Companhia, por exemplo, testaram os motoristas dos transportes de pessoal blindados. O conhecimento destes sobre suas viaturas era inteiramente teórico. No entanto, todos os 10 motoristas receberam grau “Excelente” por seu desempenho dirigindo um TPB em terreno acidentado. Só meses depois descobri que o comandante da companhia usara toda a gasolina a ele alocada para treinar apenas dois — não os 10 — dos seus motoristas. Durante a prova, os motoristas um após outro ocupavam seu lugar no TPB, e cada um, ao entrar, fechava a abertura superior. Aí, um dos treinados, que já se achava dentro da viatura, pegava no volante e corria com a viatura pela pista.

Todos os soldados da 1 Companhia receberam classificação “Excelente”, por sua proficiência no tiro. Seu desempenho pareceu bom demais para ser verdadeiro, mas os membros da comissão, que na ocasião se encontravam bem sóbrios, haviam examinado o alvo após os tiros de cada soldado e marcado com tinta todos os impactos. Por mero acaso, descobri que o melhor atirador da companhia estivera deitado numa moita das proximidades, munido de um fuzil de precisão, com um silenciador adaptado. Ele auxiliara os seus camaradas. Todos estavam fazendo mais ou menos a mesma espécie de coisa. Então veio a hora da bebedeira. Primeiro a comissão foi recebida em nível regimental e, a seguir, chegou a vez dos batalhões e companhias, cada um por si. Nenhum preparativo fora feito em minha companhia. Em consequência, as notas com que nos premiaram foram simplesmente catastróficas. Cada vez que eu fazia meus homens desfilarem após a inspeção, ouvia alguém

murmurar, zangado, entredentes: “Lixo!” É claro, o alvo era eu.

Cada oficial é responsável pela unidade que comanda, desde o momento em que assume. É o responsável por tudo, ainda que tenha chegado somente quatro dias — ou três horas — antes.

Minha companhia tirou as piores notas de todo o regimento. Não importa que a penúltima pior não conseguisse nada muito melhor, o fato é que um largo fosso apareceu entre a nossa e todas as outras companhias. Os oficiais riram de mim ostensivamente, e nas portas do alojamento da companhia apareceu a inscrição “CIS = Companhia Incontrolável de Suvorov”.

Reagi a essa gozação toda com um sorriso animado. Enquanto isso, as companhias que haviam ficado entre o terceiro e o oitavo lugares na inspeção estavam sendo submetidas a sessões de “treinamento” por seus oficiais. Ostensivamente, a fim de corrigir os erros pelos quais haviam perdido pontos, foram levadas para o campo e punidas da maneira mais brutal, sendo os homens obrigados a correr com máscaras contra gás e uniformes protetores de borracha até caírem desmaiados. Minha companhia aguardou, silenciosa, que eu fizesse o mesmo. Não me retardei. Tracei um programa de instrução e submeti-o à aprovação do estado-maior regimental. Pedi para usar cinco transportes de pessoal blindados e a ajuda de um pelotão de carros de combate, uma vez que meus comandados me haviam dito que nunca tinham recebido instrução com carros em ação. Além dos carros, solicitei três granadas de festim para os canhões dos carros.

Levei minha companhia para a zona de instrução e realizei exercícios comuns. Expliquei tudo que os homens não entendiam e em seguida os pus à prova, mas não os castiguei de maneira alguma. Depois os coloquei em forma e chamei à frente o grupo de soldados mais antigos.

— Vocês cumpriram honestamente o seu dever — falei-lhes — e seguiram um caminho duro. Hoje vocês chegaram ao fim dele. Seu último dia de instrução no Exército Soviético acabou. Agradeço a todos pelo que fizeram. Não posso recompensá-los de nenhuma forma. Em vez disso, permitam-me apertar-lhes a mão.

Fui até cada homem e apertei-lhe firmemente a mão. Depois, voltei ao centro do dispositivo e fiz uma solene mesura diante deles — algo que, segundo o regulamento, só deveria ser feito diante de um grupo de oficiais. Aí, a um sinal meu, os três carros de combate de repente quebraram a quietude dos bosques em pleno outono, disparando os tiros de festim, um após outro. Isso foi tão inesperado que sobressaltou os jovens soldados.

— O Exército os saúda. Obrigado.

Virei-me para o primeiro-sargento e disse-lhe para levar a companhia marchando de volta para o quartel.

Alguns dias depois, no final da tarde, dúzias de foguetes subitamente elevaram-se no céu sobre o quartel, relâmpagos e o estampido de granadas de instrução foram seguidos de pequenas fogueiras que começaram a arder. A ordem de desmobilização, assinada pelo Ministro da Defesa, chegara. Era esperada havia dias, mas, como sempre, chegou sem aviso. Logo que sabem disso, os que devem dar baixa divertem-se com uma exibição de fogos de artifício. Dias antes de sair a ordem, todo regimento tem uma equipe procurando foguetes, granadas de instrução e qualquer outra coisa ilegalmente guardada que possa servir para armar uma fogueira. Tais equipes acham e confiscam muita coisa mas não conseguem descobrir tudo, pois cada soldado esteve cuidadosamente reunindo e escondendo materiais que possa usar para a “salva cerimonial”.

No momento em que o céu foi repentinamente iluminado por fogueiras resplandescentes, nós, oficiais, estávamos em meio a uma reunião do Partido.

— Vão parar isso! — gritou o comandante do regimento.

Os comandantes de companhia puseram-se de pé num salto e correram para sustar o banzé que seus indisciplinados subordinados estavam promovendo.

Os únicos a permanecer na sala foram o médico do regimento, o tesoureiro, alguns oficiais de serviços técnicos e do estado-maior que não tinham soldados sob seu comando direto, e eu. Fiquei

parado, quieto, observando o que se passava lá fora da janela. O comandante do regimento fitou-me espantado.

— A 4 Companhia não está nisso—respondi à sua pergunta não formulada.

— Ah, é assim? — disse ele, com certa surpresa, e mandou uns oficiais comprovarem minha alegação.

Era verdade que nada acontecera na 4 Companhia. Minha salva com os canhões dos carros havia sido bem mais impressionante do que alguns foguetes e coriscos. A apreciação por mim demonstrada envaidecera os soldados mais antigos e os graduados, dando-lhes prestígio e respeito próprio. Enquanto os alojamentos de todas as outras companhias estiveram sendo revistados em busca de algo que pudesse ser detonado ou queimado, eles tinham vindo me entregar um bornal cheio de bugigangas que haviam recolhido, e prometido que não participariam das comemorações.

Quando foi retomada a reunião, o comandante do regimento censurou os demais comandantes de companhia por sua falha em prevenir aqueles acontecimentos. Pediu-me, a seguir, para erguer-me e cumprimentou-me pela maneira com que controlava meus homens e fazia-os comportar-se como eu desejava. Não era jamais de seu feitio indagar dos oficiais como conseguiam resultados. Entretanto, seu chefe de estado-maior não pôde conter-se e pediu-me para contar como eu lidara com os graduados e soldados antigos da companhia de forma a que todos pudessem aproveitar meu exemplo.

— Camarada Tenente-Coronel, dei minhas ordens e elas foram obedecidas.

Pela explosão espontânea de gargalhada com que esta resposta foi recebida, vi que fora aceito como um igual pelos oficiais do regimento.

Um oficial soviético é alguém que não tem quaisquer direitos.

Na teoria, ele sabe, tem de encorajar os que são diligentes e cuidadosos; punir os preguiçosos e os indisciplinados. Mas a ditadura do proletariado produziu um Estado onde a autoridade é por demais centralizada para que lhe seja permitido usar uma vara ou um torrão de açúcar. Não lhe é permitida nem uma coisa nem outra, nem punir nem recompensar.

Aos domingos, o comandante de uma subunidade tem o direito de dispensar durante o dia 10% dos graduados e soldados, para irem à cidade. Isto pareceria uma forma de estimular os que mereçam. De fato, contudo, malgrado ele possa assim presentear um soldado com oito horas, não pode estar certo de não vir a ser desautorizado pelo comandante do batalhão ou do regimento cancelando todas as dispensas. Ademais, os comandantes de pelotão e de companhia não são pessoalmente entusiastas quanto a deixar que os soldados saiam do aquartelamento. Se um soldado é examinado por uma patrulha na cidade e o pegam na menor infração que seja, o oficial que autorizou o soldado a sair do quartel é responsabilizado. Um comandante, por conseguinte, prefere dar o dia livre aos soldados em grupo, sob as vistas do oficial político. Na Europa Oriental, é esta a única forma de os soldados soviéticos irem à cidade, e tal expediente é muito frequentemente empregado também na União Soviética. Já que um soldado soviético não gosta de andar em comboio, simplesmente não se dá ao trabalho de sair do quartel.

Um comandante de companhia pode deter um soldado por três dias, mas um comandante de pelotão não pode fazê-lo. Todavia, dando ao comandante de companhia este direito, as autoridades soviéticas mantêm-no seguro pelo pescoço; quando está sendo avaliado o estado disciplinar de uma unidade, leva-se em conta o número de punições. Por exemplo, as detenções podem ter a média de 15 em uma companhia num mês e 45 em outra. Claro, dizem as autoridades, a primeira companhia deve ser a melhor. Três soldados podem ter sido punidos na primeira companhia e 10 na segunda. Uma vez mais, esta é uma indicação de que a primeira companhia acha-se em melhor forma. Esta atitude por parte das autoridades força os comandantes de unidade a abafar ou ignorar transgressões disciplinares e até crimes, a fim de não ficar atrás dos competidores.

Quando um soldado passa a entender o sistema, começa a violar os regulamentos de modo cada vez mais frequente e engenhoso, confiando em não ser castigado. Muitas tentativas têm sido feitas no sentido de estabelecer critérios diferentes para avaliar o grau de disciplina, mas nada brotou delas. Enquanto permanecer o atual sistema, um comandante evitará aplicar punições, ainda quando necessárias.

Privado do direito de punir ou recompensar, um oficial inventa e impõe seu sistema próprio. Assim, em uma companhia os soldados saberão que, se algo sair errado, seus exercidos noturnos serão efetuados quando estiver chovendo e durarão bastante tempo. Em outra, saberão que terão de passar um bocado de tempo cavando trincheiras em terreno pedregoso.

Cada comandante aos poucos vai apurando seu sistema, e pode terminar evitando completamente detenções e outras punições consagradas: ele acaba sendo obedecido sem ter de recorrer a elas.

[6]

Assim como nega ao oficial qualquer método legal de controlar os subordinados, o sistema obriga-o igualmente a criar métodos próprios de instruí-los. Tampouco lhe é dada orientação quanto aos meios de assegurar a obediência por parte dos homens pelos quais é responsável. Os que entendem como exercer o poder na URSS guardam o segredo ciosamente: por certo não escrevem compêndios acerca do assunto. Isto é feito para eles por professores, que nunca puseram os olhos sobre um soldado em suas vidas. Esses professores não dispõem pessoalmente de qualquer poder; podem entender de como é adquirido ou conservado, mas seu conhecimento é puramente teórico.

Tampouco os colegas de um jovem oficial lhe transmitirão sua experiência, pois ela lhes custou muito para ser entregue de graça. Qualquer coisa que aprender, em sua escola de formação, sobre relacionamento com os subordinados é produto da imaginação de um professor e não tem qualquer valor prático.

Uma vez formado pela escola, o jovem oficial subitamente encontra-se na posição de um domador dentro de uma jaula de leões, exceto que nada sabe acerca de leões além de que pertencem à família dos felinos. A partir daí, entra em ação o sistema de seleção natural — se você entende como controlar seus homens, será aceito pelo sistema; do contrário, será relegado às mais humildes funções.

Aprendem-se as técnicas de controle através dos próprios erros. E, a menos que se seja idiota, através dos erros dos outros. Pois haverá erros à beça para serem vistos em volta da gente.

Como exemplo, durante anos o comandante da companhia de guarda do Quartel-General do 59 Exército punia impiedosamente, qualquer forma de desobediência. Sua companhia era considerada uma das melhores de todo o vasto Distrito Militar do Extremo Oriente. Sua excelente folha de serviço foi observada, sendo ele nomeado para um cargo na Academia, o que lhe possibilitaria evoluir e progredir. Dentro de um mês no comando da companhia, verificou a impossibilidade de manter a rédea firme: seu pensamento concentrava-se cada vez mais na Academia. Modificou seu estilo de comandar. Numa tarde convidou todos os seus sargentos para uma tremenda festa em seu gabinete. A noite acabou sendo desagradável para ele — os sargentos, tendo muito para beber, pregaram-no no chão do escritório. O infeliz evidentemente nada sabia de História; não apreendera o fato singelo de que uma revolução não ocorre durante um período de terror, mas no momento em que este é subitamente afrouxado. Historicamente, os exemplos da Revolução Francesa e da sublevação húngara em 1956 documentam este princípio: ele continuará funcionando.

Um comandante severo pode levar um soldado desobediente para seu gabinete e espancá-lo cruelmente. O soldado contorce-se no chão algum tempo mas, ao levantar-se, agarra uma lâmpada da mesa e atira-a no rosto do oficial. O soldado irá a julgamento mas o oficial nunca mais poderá controlar sua companhia: os soldados rirão nas costas dele.

Um jovem oficial diante de seus soldados diz-lhes: “Se vocês conseguirem bons conceitos na inspeção, eu lhes prometo...”

Como observador estranho, você poderá ver ceticismo nos rostos

dos soldados. Percebe-se que o jovem tenente está revelando uma de suas fraquezas, o desejo de ter sucesso. Não se pode ser delicado sempre com todos, Tenente, e doravante todos a quem tratar asperamente usarão esta fraqueza contra você. Todos têm alguma deficiência mas por que deixar os outros perceberem? Eles podem mostrar-se tudo, menos indulgentes.

Fixe-se apenas nessa cena e sempre procure lembrar a regra de ouro para controlar outras pessoas: NUNCA PROMETA NADA A NINGUÉM!

Se for capaz de fazer algo por outra pessoa, faça-o, sem haver feito qualquer promessa. Desta primeira regra decorre uma segunda: NUNCA AMEACE NINGUÉM!

Pode-se punir alguém e, se se considerar necessário, deve-se fazê-lo. Mas promessas e ameaças simplesmente diminuem a autoridade do indivíduo como comandante.

Após certo tempo, chega-se à compreensão das mais importantes regras, uma das quais jamais nos foi ensinada: RESPEITE SEUS SOLDADOS.

Se um comandante for convidado por seus soldados a sentar-se à mesa deles, e se aceitar com a gratidão com que aceitaria um convite assim partindo de seu coronel, provavelmente jamais sofrerá nas mãos deles. Pode estar certo de que esses soldados o defenderão em combate, mesmo à custa das próprias vidas. Se um comandante aprendeu a respeitar seus soldados (o que significa mais do que lhes demonstrar respeito), de repente perceberá, com certa surpresa, que não mais precisa ter informantes no meio deles. Seus homens o procurarão deliberadamente, contarão o que está sucedendo e pedirão sua ajuda ou proteção.

Um comandante que respeita os soldados pode pedir-lhes qualquer coisa e ficar confiante em que atenderão a suas solicitações sem necessidade de qualquer pressão.

Quanto Você Bebe em Suas Horas de Folga?

[1]

A parada regimental tem lugar diariamente às 8:00. Todos os oficiais do regimento devem comparecer. Alguns deles já terão fiscalizado a alvorada e a educação física matutina, de modo que deverão ter chegado ao quartel antes das 6:00. Se eles levam uma hora para chegar à unidade, deverão ter tido de acordar bem cedo mesmo. Das 8:00 às 15:00, todos os oficiais participam dos programas de instrução. Se você for um comandante de pelotão, trabalhará com seu pelotão. Se for comandante de companhia, poderá trabalhar com os sargentos de sua companhia ou com um dos pelotões — talvez um dos comandantes de pelotão esteja de folga, ou talvez você não disponha de comandantes de pelotão em sua companhia. Os comandantes de batalhão, seus subcomandantes e chefes de estado-maior, trabalham com pelotões sem comandante ou verificam a instrução ministrada pelos comandantes de pelotão ou companhia. Verificar a instrução é bem mais fácil do que ser você mesmo verificado.

Os oficiais almoçam entre 15:00 e 16:00. Das 16:00 até tarde da noite, eles se acham em reuniões de oficiais ou reuniões do Partido, ou ainda assistem a reuniões do Komsomol (Organização da Juventude Comunista) nos pelotões, companhias ou batalhões. Nesse período, após o almoço, os oficiais também recebem sua própria instrução — estudam cuidadosamente ordens secretas, assistem a filmes confidenciais, e assim por diante. Entrementes, a limpeza do armamento e do equipamento de combate está sendo realizada nas subunidades. Embora tal atividade seja fiscalizada pelos sargentos, os oficiais são responsáveis pelo estado do equipamento, e portanto não precisam mais do que alguns minutos para ficar sabendo se a limpeza está sendo feita a contento. Finalmente, o oficial terá de dar sete horas de instrução no dia

seguinte e tem de preparar-se para isso. O coronel vem do quartel-general-divisionário para ver os preparativos que estão em curso. Ele declara que a preparação para uma sessão de instrução de duas horas deve incluir uma visita à área do treinamento, a escolha de um bom local para o trabalho a ser feito e recomendações sobre a maneira pela qual deve ser ministrada a instrução. A seguir, os comandantes de subunidades devem regressar ao quartel e trabalhar com os sargentos, estudando manuais, regulamentos e instruções. Depois, devem traçar planos relacionando os exercícios a serem efetuados, ter estes aprovados pelos superiores imediatos e preparar tudo que se fizer necessário: alvos, simuladores, equipamentos de combate etc.

Pelo que o coronel disse, afigura-se que os preparativos para um exercício de duas horas devem tomar pelo menos cinco horas. Manifestamos concordância, mas no íntimo pensamos: “Vá mentir assim em outra paróquia, Coronel. Dou sete horas de instrução por dia. Se eu me preparar da maneira que sugeriu, nem terei tempo de ir ao banheiro. Não, meu caro Coronel, não vou passar cinco horas preparando este exercício. Passarei cinco minutos.” Logo que posso, redijo o plano do exercício e explico a meu auxiliar imediato como deve preparar-se para isso. Tudo se arranjará amanhã. Se o tempo estiver realmente curto, durante a reunião do Partido, pego os planos que preparei para o exercício do ano passado e altero a data. Isso quer dizer que poderemos usar o plano do ano passado outra vez.

Tarde da noite tem lugar a segunda parada regimental e às 22:00 os oficiais não participando de exercícios noturnos terminam sua jornada.

Que farei agora? Sou solteiro, é claro. Qualquer um bastante idiota para casar-se quando ainda é tenente em breve arrepende-se amargamente. Ele e a esposa nunca se veem. O regimento não tem acomodações para jovens oficiais casados, e o relacionamento está fadado ao insucesso. Qualquer gênero de vida privada é seriamente desencorajado no socialismo, como origem potencial de descontentamento e desunião. Os recursos disponíveis para as Forças Armadas são empregados na construção de carros de combate, não para construir acomodações para tenentes casados. Eu

já o percebera havia muito tempo, e por isso não me casei.

Então, que fazer em minhas horas de folga? A biblioteca já está fechada, naturalmente, assim como o cinema. Não tenho interesse em ir até o ginásio, pois corri tanto de um lado para o outro no dia de hoje que me sinto absolutamente exausto. Vou é voltar para o alojamento dos oficiais, onde moram todos os jovens solteiros. Há um televisor lá, mas já sei que a programação inteira de hoje é sobre Lenine. Ontem foi a respeito dos perigos do aborto e a excelência da colheita, amanhã será sobre Brejnev, a colheita de Ustinov e o aborto.

Ao entrar na sala de estar, sou saudado com gritos de satisfação. Em torno da mesa estão sentados uns 15 oficiais. Mal iniciaram um jogo de carteado e densas nuvens de fumaça já pairam sobre eles. Não dormi a noite passada, de modo que resolvo jogar apenas uma rodada e ir para a cama. Arranjam um lugar para mim à mesa e põem ao meu lado uma jarra grande de vodca. Bebo, sorrindo para meus colegas, e ponho na banca uma grande soma de dinheiro. Aí vamos nós!

Pouco depois de uma hora da madrugada, oficiais regressando de exercícios noturnos irrompem fazendo barulho no salão, sujos, molhados e extenuados. Arranjam-se lugares à mesa e alguém lhes traz jarras de vodca. Não dormiram na noite passada e resolvem ir para a cama logo após uma rodada.

Perco dinheiro depressa. Esse é um bom sinal — azar no jogo, sorte no amor. Garanto aos céticos que me rodeiam que perder é realmente um indício de boa fortuna.

Três horas depois, o comandante de uma companhia vizinha aparece, tendo acabado de inspecionar a guarda da noite. É saudado com gritos de contentamento. Alguém lhe arranja um copo cheio de vodca. Já engolimos um bocado e passamos a beber apenas meio copo de cada vez. O recém-chegado não dormiu na noite anterior, de modo que resolve deixar a sala após uma rodada. O dinheiro flui rapidamente dos bolsos dele, e isso não é um mau sinal — pelo menos, quem perde dinheiro não o está escondendo nos bolsos. Por tradição, o perdedor compra bebidas para todos os demais. Ele assim procede. Resolvemos jogar mais uma rodada. Um bom sinal...

bebemos aquilo tudo... alguém está chegando... estão servindo mais bebida... outra rodada... um bom sinal...

Às 6:00 as notas nítidas de uma cometa pairam sobre o regimento: alvorada para os soldados. Quando a escutamos, todos nos levantamos, atiramos as cartas na mesa e vamos nos deitar.

Às 7:00, um soldado, indicado por mim como o melhor da minha companhia, tem de me acordar. Não é tarefa fácil, mas ele dá um jeito. Sento-me na cama e fito o retrato de Lenine pendurado na parede. Que diria o nosso grande Mestre e Líder se pudesse ver-me neste estado, com o rosto inchado de bebida e falta de sono? Minhas botas foram cuidadosamente engraxadas, minhas calças passadas a ferro. Isto não faz parte dos deveres do soldado, mas evidentemente os veteranos deram-lhe ordens por conta própria. Devem gostar de mim, afinal de contas!

As portas e janelas parecem nadar ante meus olhos. Ali vem o chão flutuando. É indispensável não perder o momento certo para correr através dele quando passar. Alguém, prestimoso, empurra-me na direção correta. Ao longo do corredor há 10 portas e estão todas passando por mim, nadando. Tenho de encontrar a porta certa. De algum modo consigo, e entro embaixo do chuveiro frio de gelar. Depois vem o desjejum, e às 8:00, animado e rejuvenescido, estou presente à parada regimental, em frente da minha companhia da guarda. Raios! Esqueci o meu porta-mapas, e dentro dele é que está o programa para o dia! Mas uma alma caridosa pendura-o em meu ombro, e o dia de trabalho tem início.

[2]

O Partido Comunista espera que seja produzido um soldado inconquistável: que seja mais dedicado ao leninismo do que o próprio Lenine, seja um atleta de padrão olímpico, conheça seu carro de combate, canhão ou transporte de pessoal blindado pelo menos tão bem quanto o respectivo projetista. Mas, por qualquer motivo, não é assim que as coisas funcionam, de modo que os camaradas do Partido exigem que seja preparado um minucioso programa de instrução para soldados e graduados. Este é

apresentado ao Comitê Central, mas não produz melhores soldados. É claro, os subalternos em comando não estão satisfazendo suas normas. Verifiquem esses caras!

E eles nos verificam, a cada dia, todos os dias. Tudo é verificado e testado — pelos estados-maiores dos batalhões, regimentos, exércitos e distritos militares, pelo Estado-Maior Combinado e por um rol inteiro de comissões que este criou, pela Inspetoria do Exército Soviético, pela Diretoria de Instrução de Combate do Exército Soviético, por diretorias análogas no âmbito dos distritos militares, exércitos e divisões, e pela Diretoria Superior de Desinformação Estratégica. Além disso, as guarnições dos carros de combate são verificadas e testadas por seus próprios comandantes, bem como as das peças de artilharia, e assim sucessivamente. A primeira pergunta que é formulada a qualquer oficial em função de comando é se ele tem alguma experiência em trabalhar com a Infantaria. Se tiver, ele é mandado testá-los e, a seguir, voltam para testar a subunidade ou fração dele.

Dificilmente se passa um dia sem duas ou três verificações. Cada comissão que aparece para efetuar uma verificação tem seu próprio tópico predileto:

— Seus homens são capazes de entrar em um transporte de pessoal blindado em 10 segundos e dele sair no mesmo tempo?

— É claro que não podem — respondo.

— Isto é mau, Tenente. Não estudou o plano? Anotaremos isso.

Soltando alguns palavrões, pego o único transporte que me foi distribuído e levo-o até uma clareira no bosque, onde faço meu primeiro pelotão subir e descer dele repetidamente, conforme determina o plano. Mas dali a pouco surge outra comissão e quer saber se os homens podem satisfazer as marcas fixadas para dirigir o transporte em alta velocidade através de terreno acidentado.

— Não — respondo — não podem.

— Bem, Tenente, isto é muito mau.

Os assessores registram essa conclusão insatisfatória e mandam-me treinar os homens imediatamente, usando o TPB. Faço continência e chamo de volta os pelotões que estavam praticando a entrada e saída no TPB, mas não mando a viatura para a instrução de motoristas. “Vou manter essa droga comigo”, resolvo. Uma nova comissão aparece e indaga a respeito de suas próprias preferências:

— Como vai indo o pelotão no tiro com armas automáticas de bordo do TPB?

— Não muito bem — admito — mas estamos treinando dia e noite. Eis aí o TPB, ali está o pelotão e essas são as guarnições das metralhadoras.

Os integrantes da comissão sorriem e vão embora.

Dois insucessos em um dia. Mas ninguém está interessado no fato de que eu não disponho de transportes de pessoal blindados suficientes. Mesmo se os tivesse, haveria escassez de combustível ou não existiriam granadas ou lança-granadas.

Dois insucessos em um dia — dois insucessos em satisfazer as normas prescritas pelo programa de instrução dos sargentos e outros graduados, o qual fora aprovado pelo Comitê Central do Partido Comunista!

Volto para meu alojamento tarde da noite, molhado, sujo, cansado e zangado. Tinha tido de realizar dois exercícios noturnos, com dois pelotões diferentes, sem interrupção; duas outras equipes haviam verificado nosso desempenho e tínhamos recebido mais dois conceitos ruins.

O pessoal abriu lugar para mim. Alguém me deu um copo de vodca e agora tenta me animar — não leve isso muito a sério! Tomo a vodca, mas leva algum tempo para fazer efeito. Então tomo outra. Agora jogarei uma rodada de carteado. Mas minha raiva não se evapora. Enchem meu copo de novo. Outra rodada de jogo. Um bom sinal... Alguém irrompe porta adentro... servem-lhe bebida... servem a mim... outra rodada... um bom sinal...

Às 6:00, a corneta nos tira da mesa. Em cima dela, pilhas de

guimbas; embaixo, um monte de garrafas.

[3]

Gradativamente a gente se acostuma às verificações e aos testes. Descobrem-se meios e modos de lidar com as perguntas inquisitivas. Chego aos poucos à conclusão de que é de todo impossível para mim satisfazer as exigências do plano de instrução — para mim ou qualquer outro. Seus padrões são demasiado elevados e os recursos para instrução quase completamente inadequados. Ademais, o plano priva um oficial de qualquer iniciativa. Não me é permitido dar à companhia educação física se o plano indica ser este o período para instrução técnica. Durante a instrução técnica não posso mostrar aos homens como substituir o motor de uma viatura se, de acordo com o plano, deveria estar ensinando-lhes os princípios do funcionamento desse motor. Mas não posso explicar os princípios de funcionamento do motor porque os soldados não entendem suficientemente bem a língua russa, de modo que não posso fazer uma coisa nem outra. Nesse meio tempo, as comissões continuam a chegar. De noite, meus amigos dizem-me para não me aborrecer. Faço o mesmo sempre que vejo algum deles beirando o ponto de estouro. Vou correndo e sirvo-lhe uma bebida. Fico sentado junto dele à mesa e ponho cartas em sua mão. Olhe aí, tome um cigarro... Não leve tão a sério...

Após alguns meses mais, percebo ser indispensável eu fingir que tento preencher as exigências do plano. Entretanto, não dou a todos os motoristas uma oportunidade ao volante: em vez disso, deixo dois ou três dos melhores usar todo o tempo de direção que lhes é alocado. Todos os foguetes anticarro que recebemos vão para os três que se saem melhor com os lançadores; os outros três terão de contentar-se com a instrução teórica.

Quando chega uma comissão, digo-lhes confiantemente que estamos fazendo progressos no rumo certo:

— Olhem esses motoristas: são meus quebradores de recordes, os campeões da companhia! O resto está indo bastante bem, mas ainda são novos e inexperientes. Contudo, sabemos como fazê-los

melhorar.

A comissão fica contente com isso.

— E esses são os lançadores de foguetes. Podem acertar uma maçã com seus foguetes anticarro (se vocês quiserem colocar um filho ali de pé com a maçã na cabeça). São atiradores de escol, os astros de nossa equipe! Em breve teremos os outros igualando- lhes os padrões. Estes são nossos metralhadores, e três deles são um bocado craques! E este homem é um atirador de tiro ao alvo! Essa seção aí pode entrar em um TPB em sete segundos cravados — que é mais rápido do que o recorde oficial do distrito militar!

Como pode a comissão saber que pular para dentro de um TPB é a única coisa que os homens daquela seção fazem, e que nunca foram ensinados a fazer mais nada?

O pessoal começa a reparar em mim. Todos me elogiam. Sou então promovido para o estado-maior do regimento. Agora ando com um caderno de anotações, rabiscando comentários: "NÃO muito bom. Você não estudou o plano que o Partido aprovou?" Ocasionalmente digo: "Não ruim DEMAIS." Sei perfeitamente bem que tudo que estou vendo é embromação, que se trata de uma equipe selecionada a dedo; e também sei o custo com que são alcançados esses resultados. Mas, ainda assim digo: "Não ruim DEMAIS". Aí vou até o refeitório dos oficiais para me mimosearem com comida e bebida.

A diferença entre o trabalho de um oficial do estado-maior e o de um comandante de subunidade é que no estado-maior não se tem responsabilidade. Também se tem oportunidade de beber, mas não de beber demais. Tudo que se tem de fazer é andar de um lado para o outro dando bons conceitos a alguns e maus a outros. E come-se melhor como oficial do estado-maior. Aqueles porcos destinam-se a comissões visitantes, ou seja, a nós, oficiais do estado-maior.

Apareça Para Bater um Papo

[1]

O triângulo do poder representado pelo Partido, o Exército e o KGB exerce pressão sobre todo oficial e, o que é pior, o faz com os três vértices, simultaneamente. Estou consciente dos três pesos, separadamente, pressionando-me ao mesmo tempo; as forças que exercem são diferentes e empurram em direções diversas. Aceitar a pressão de todos os três a uma só vez é impossível, e se não se tiver cuidado pode-se ver preso e esmagado entre dois deles.

Para mim, como comandante de pelotão ou de companhia, o poder do Exército é personificado em meu comandante de batalhão, no comandante do regimento ou da divisão, no comandante do exército ou distrito militar no qual me encontre, no Ministro da Defesa e no Comandante Supremo. À medida que progrido em minha carreira como oficial, sempre haverá suficientes graus de autoridade acima de mim, a fim de que eu sinta o peso das botas de algum superior em meus ombros.

O Partido, igualmente, fica de olho em cada oficial, sargento ou militar de qualquer posto ou graduação. Cada comandante de companhia tem um imediato que chefia a seção política. Este imediato tem seus equivalentes nos níveis batalhão, regimento e superiores. Um oficial político não é de verdade absolutamente um oficial. Usa uniforme e tem estrelas nos ombros, mas o grau de seu sucesso ou insucesso não depende do julgamento de comandos militares. Ele é um homem do Partido. O Partido designou-o para esse posto e pode promovê-lo ou demiti-lo: só perante o Partido é que ele é responsável. O politrabochiy da companhia, como é conhecido, é subordinado ao politrabochiy do batalhão, o qual, por sua vez, responde ante o seu equivalente regimental e assim por diante, direto até a Diretoria Superior Política. Esta diretoria é, em certos sentidos, uma parte das Forças Armadas; ao mesmo tempo,

todavia, é um departamento do Comitê Central do Partido.

Também o KGB é ativo em cada regimento. Aquele insignificante primeiro-tenente logo ali, aquele a quem seu coronel acaba de saudar com uma mesura, representa um departamento especial, e controla uma rede secreta do KGB, que trabalha em nosso regimento e também nas vizinhanças do quartel.

[2]

As três forças empurram em diferentes direções, ameaçando despedaçar-me. É extremamente difícil manobrar entre elas. Cada uma tenta incessantemente controlar meus pensamentos e excluir a influência das suas rivais.

O Exército gosta que eu seja solteiro. Seria ideal se todos os oficiais fossem uma espécie de monges participantes de uma cruzada, contentes de viver em uma cidadela que nunca deixaríamos, a menos que o Estado assim o pedisse. O comandante da divisão chama um de seus comandantes de pelotão e dirige-se a ele em voz clara e nítida de modo a que todos possam ouvir:

— Fiz um voto de defender nossa Pátria. Portanto, eu defenderei a você e espero que faça o mesmo por mim. Mas não fiz tal voto à sua esposa e por isso não posso permitir que você passe a noite em casa. É um oficial e deve estar operacionalmente disponível a qualquer momento. Telefone a sua esposa e diga-lhe que, embora ela já não o veja há dois meses, não deve esperar vê-lo por igual prazo a partir de hoje. Pode acrescentar que a situação na Marinha é ainda pior do que no Exército!

Entretanto, minha situação não agrada absolutamente ao Partido. O oficial político convoca-me e temos uma longa conversa.

— A taxa de natalidade do país está catastroficamente baixa. Mesmo sob os mongóis nossa população permaneceu estável, mas tal não é o caso hoje, sob o comunismo. Viktor, você é um comunista. Deve cumprir seu dever para com o Partido.

Aceno com a cabeça de maneira afirmativa, e ingenuamente pergunto:

— Mas você me arranjaria acomodações? Terei permissão de passar a noite fora, ao menos uma vez por mês?

O oficial político dá um murro na mesa. Explica que um verdadeiro comunista tem de cumprir seu dever para com o Partido, quer tenha acomodação e tempo livre ou não.

— Está certo, vou pensar no assunto — respondo.

— Sim, faça isso... e depressa — retruca ele.

Acabo ficando em situação difícil. Se alguma prostituta local vai agora até o oficial político e comunica que passou a noite comigo, vão fazer-me casar com ela imediatamente. Essa é a política do Partido, e eu sou um de seus membros. Se não tivesse entrado para o Partido, ele não me teria permitido ser um comandante de companhia. Por outro lado, tendo aderido a ele, tenho de ser orientado por suas sábias normas.

Também o KGB me vigia de perto. Em cada companhia há seguramente meia dúzia de informantes. E quem é a primeira pessoa sobre quem informam? O comandante da companhia, é claro, embora também informem sobre o homem que está tentando penetrar na minha própria alma: o oficial político. Assim, o tchekista me encontra, aparentemente por acaso. “Apareça para bater um papo.” Quando o faço, ele também me encoraja a casar. O KGB, igualmente, está ansioso por ver todos os oficiais casados. Não me fornecerão acomodações nem tempo livre, mas exercerão pressão em cima de mim.

O KGB gosta de ter um espião na casa de cada oficial. Se eu fizer algo errado e minha mulher brigar comigo, ela manterá o tchekista a par de meus interesses e contatos.

[3]

O Exército preferiria que eu não bebesse nada. O Partido não se

manifesta claramente sobre esse assunto. Sob certo ponto de vista, o álcool é evidentemente por demais indesejável, mas contra isso, raciocinam eles, em que eu tenderei a começar a pensar se minha cabeça não estiver rodopiando por causa do álcool? O KGB simplesmente evita expressar qualquer opinião, mas sempre que encontro o tchekista ele me oferece alguma coisa para beber. Se eu não beber nada, é improvável que me desabafe com ele. E, se eu não beber até me embriagar, toda noite, como poderá ele esperar ouvir alguma coisa sobre meus pensamentos mais íntimos?

O Exército reprova totalmente o álcool. E, no entanto, o reembolsável do regimento vende graxa para sapatos, pasta dentifrícia, vodca — um montão de vodca — e nada mais. É óbvio que a posição do Exército é ditada pelo Partido e pelo KGB, nenhum dos quais jamais define claramente seus próprios pontos de vista.

[4]

Tem havido mais luta—uma nova guerra no Oriente Médio. Uma vez mais, nossos “irmãos” sofreram de algum modo uma derrota. O Exército manda-me explicar a meus soldados os erros táticos que conduziram a isso. Eu o faço. Descrevo para eles como um pequeno país decidido faz a guerra. Nada de propaganda—Deus-me-livre! Simplesmente descrevo as operações conduzidas pelos dois lados, calma e desapaixonadamente, como se a guerra tivesse sido um jogo de xadrez.

Em breve vejo-me convocado pelo oficial político, e depois também pelo departamento especial. Por isso este ano não estarei indo para a Academia. Se o Partido ou o KGB estão descontentes comigo, não vale a pena o Exército manifestar-se a meu favor. Meus superiores são apenas humanos, e não querem procurar briga com duas poderosas forças só por minha causa. Há inúmeros outros jovens oficiais em condições de, sob qualquer aspecto, serem indicados para a Academia este ano...

Quem se Torna Oficial Soviético, e Por Quê?

[1]

Os grandes ideais do socialismo são simples e podem ser entendidos por qualquer pessoa.

A sociedade é construída sobre princípios razoáveis. O desemprego é coisa do passado. Os serviços médicos são gratuitos. Alimento, em quantidades razoáveis, também é gratuito. Cada pessoa tem seu quarto próprio, com iluminação e ventilação. Água, esgoto e aquecimento são gratuitos. Todos têm direito a certo tempo livre. Não há ricos nem pobres. Todos têm roupas confortáveis, duráveis, apropriadas à estação — naturalmente, fornecidas gratuitamente. Todos são iguais perante a Lei.

Pode-se afirmar que isto não passa de um lindo sonho, que ninguém jamais conseguiu construir o socialismo puro. Tolice. Em qualquer país já existem ilhas de socialismo puro, imaculado, em que são satisfeitas todas essas exigências.

Há uma prisão em sua cidade? Se há, vá até lá e dê uma olhada nela: você se verá em uma sociedade onde todos são alimentados e têm trabalho; na qual alojamento, roupa e aquecimento são supridos de graça.

Os comunistas soviéticos são frequentemente repreendidos por terem tentado construir uma sociedade socialista, mas apenas produzido algo que lembra mais uma prisão. Tal acusação é inteiramente injustificada. Na União Soviética, alguns dos reclusos têm celas maiores do que outros, uns comem bem e outros mal. Há uma confusão completa, e muita coisa ainda resta a fazer para endireitar a situação. O socialismo verdadeiro, onde todos são iguais, não apenas parece uma prisão—ele é uma prisão. Não pode

existir, salvo se estiver cercado por altos muros, com torres de vigia e cães de guarda, pois as pessoas sempre querem fugir de qualquer regime socialista, tal como fazem em uma prisão. Se é tentado estatizar a medicina e, pelos melhores motivos possíveis, assegurar trabalho para todos os médicos, constata-se que a totalidade deles faz as malas e sai do país. Tente-se pôr um pouco de ordem nas coisas, e os engenheiros (os melhores), os projetistas, os bailarinos (uma vez mais, os melhores) e muitos, muitos outros também fugirão para o estrangeiro. Se se prosseguir nas tentativas de estabelecer uma sociedade modelo, será mister construir muralhas em toda a volta. Mais cedo ou mais tarde se será obrigado a fazer isso, pela enxurrada de fugitivos.

[2]

O Politburo é o órgão dirigente dessa prisão. Não se deve insultá-lo pelos privilégios que possui. Os encarregados de uma prisão devem, sob certos aspectos, estar em melhores condições do que os presos. O KGB são os carcereiros, o Partido é a organização educativa e administrativa, o Exército defende os muros.

Quando me perguntam por que escolhi ser um oficial soviético, digo que os que servem como guardas são mais bem alimentados e têm uma vida mais agradável e variada do que os que ficam nas celas. Só algum tempo depois de eu ter entrado para o Exército é que percebi ser bem mais fácil escapar de uma prisão se você for um dos sentinelas. Tentar fugir de uma cela é algo irrealizável.

Na maioria das nações, a vida nas Forças Armadas é bem mais rigorosamente regulada do que o é para a maioria de seus habitantes.

Na URSS, entretanto, o inverso é verdadeiro. A sociedade inteira acha-se na prisão e, conquanto as Forças Armadas sejam mantidas sob o mais cerrado controle possível (apesar de até os sentinelas terem de ser substituídos), a vida de um oficial é bastante melhor do que o dia-a-dia do cidadão soviético comum.

Enquanto eu ainda era um dos guardas de nossa amada prisão, levei

a cabo uma pesquisa sociológica entre meus irmãos oficiais, em uma tentativa de descobrir o que os levara a, por si próprios, se amarrarem, de pés e mãos, ao Exército Soviético, sem esperar garantias ou qualquer modalidade de contrato. Naturalmente, abordei meus colegas com a máxima cautela e discrição.

— Você recorda — perguntava eu — como Khruschev, quando chegou ao poder, mandou atirar fora do Exército 1,2 milhão de homens com uma simples penada? Seu pai foi um deles; como mais três meses, ele teria completado 25 anos de serviço. Foi posto para fora como um cachorro, sem qualquer espécie de pensão, a despeito de suas medalhas e do sangue que derramou pela pátria durante seus quatro anos de serviço de guerra. Como você, Kolya (ou Valentin, ou Konstantin) Ivanovich, veio a escolher uma carreira de oficial, a despeito disso?

Recolhi várias centenas de respostas a minha indagação. Todas se resumiam a uma única coisa: todos queriam escapar à monotonia da vida nas celas de nossa prisão.

O Ensino Militar Superior

[1]

Se você resolver tornar-se um oficial soviético, será de bom alvitre não perder tempo e apresentar seu requerimento tão logo acabe a escola secundária.

A formação dos oficiais é incumbência dos estabelecimentos de ensino militar superior. As autoridades consideram, bastante razoavelmente, que para se chegar a ser um bom oficial é preciso antes ser um bom soldado. A duração do curso em um desses estabelecimentos de ensino superior varia entre quatro e cinco anos, e nesse tempo um futuro oficial leva uma vida dura, que combina as asperezas da vida de um soldado num quartel com a penúria da existência de um estudante soviético. A instrução começa logo no início com um curso feroz de bordoada total. Os sargentos encarregados têm poderes inteiramente discricionários, quer se tenha ou não completado já dois anos de serviço militar. Uma vez que se resolveu ser oficial, então é melhor não aguardar até ser arrastado como conscrito, mas sim procurar entrar na escola de formação logo após sair do curso ginasial. A menos que se tenha sucesso, simplesmente se perderão dois anos e se passará mais tempo com o uniforme de soldado, o que, como já deve ter sido percebido, não é uma experiência agradável.

Até alguns anos atrás, os oficiais eram formados em colégios militares. Os cursos duravam entre dois e três anos, dependendo da Arma em questão. Esses colégios davam uma educação militar de nível médio e os alunos saíam segundos-tenentes. No início dos anos 60, Khruschev, que passava por uma fase amante da paz, baniu do Exército 1,2 milhão de oficiais e sargentos. Um oficial soviético não possui contrato ou outra garantia de posse, e, assim, se alguém ainda tinha alguns meses para completar 25 anos de serviço, foi simplesmente demitido, com a mais ínfima das pensões caso tenha

tido sorte. A maioria desses infelizes eram oficiais que haviam sofrido na frente de combate e arrostado os piores horrores da Segunda Guerra Mundial.

O Partido ficou encantado, pois viu-se capacitado a reduzir as despesas consideravelmente. Entretanto, esse ganho a curto prazo acabou levando a uma despesa colossal. Durante muitos anos, ninguém teve o menor desejo de tomar-se oficial. Então você dedica 24 anos de sua vida ao Exército para acabar sendo posto porta afora como um cão? E o que lhe acontece em seguida?

Imediatamente após a queda de Khruschev, foram dados passos no sentido de restaurar o prestígio dos oficiais. Seus uniformes foram melhorados, os salários aumentados, e foi-lhes dada uma série de privilégios adicionais. Mas isso não levou os jovens a sair correndo para servir. Queriam garantia permanente em relação ao futuro. Uma piada corrente dizia: "Se você entrar para uma escola de carros de combate e depois for posto na rua, pode tomar-se motorista de trator. Se for para uma escola de pilotagem, pode ir direto para a Aeroflot, caso seja reprovado. Mas o que acontecerá aos oficiais políticos, se forem feitos mais cortes no Exército?" A resposta era: "Os oficiais políticos podem conseguir emprego facilmente nos Correios, colando selos nos envelopes, pois têm línguas bem compridas."

A solução afinal encontrada foi boa para os indivíduos assim como para o Estado. Todas as escolas de formação militar foram elevadas de nível médio para estabelecimentos de ensino superior, e todo aluno receberia uma formação universitária e treinamento para uma profissão civil, assim como para uma carreira militar.

Inicialmente, o programa de instrução das escolas de formação da Infantaria foi reorganizado, já que esta Arma sofria mais agudamente da carência de subalternos. A duração do curso foi prolongada de dois para quatro anos. Os diplomados pela escola continuaram a sair com uma formação militar de nível médio e o posto de segundo-tenente, mas dali em diante também recebiam educação geral superior, diploma de universidade normal e formação profissional civil. As profissões civis para os que frequentam as escolas de ensino militar superior normalmente são Engenharia de Automóvel, e o ensino de Matemática, Física,

História, Geografia e línguas estrangeiras. Uma vez reorganizadas desta forma as escolas de formação da Infantaria, instalaram-se outras para oficiais de carros de combate, paraquedistas e Artilharia e, a seguir, outras para as restantes Armas.

[2]

Atualmente há 154 escolas de ensino militar superior na União Soviética. Seus cursos duram entre quatro e cinco anos. Cada uma delas tem cerca de mil alunos e, portanto, cada uma diploma entre 200 e 250 segundos-tenentes por ano. O comandante de cada uma é um major-general, tenente-general ou até coronel-general.

Ao escolher uma escola dessas, a pessoa naturalmente ignora as opções possíveis. Uma vez por ano o jornal do Exército Krasnaya Zvezda (Estrela Vermelha) publica uma extensa relação de escolas, junto com os respectivos endereços e notas explanatórias bem sumárias a respeito.

A pessoa estuda essa relação, coça a cabeça e opta por uma das escolas que parece atender a seus interesses. Todavia, em geral há diversas que se especializam em cada campo de estudo — assim, por exemplo, há sete escolas de carros de combate. Algumas pessoas escolhem a mais próxima de sua cidade, mas outras decidem por uma bem longe, na Ásia Central ou no Distrito Militar do Extremo Oriente, por ser mais fácil ingressar nelas.

Contudo, há tão poucas informações no jornal, que não se pode sequer formar a mais vaga idéia do que nos aguarda. Por exemplo, na Escola de Formação de Oficiais de Carros de Combate de Tashkent, além dos departamentos normais existe um que forma oficiais de carros de combate para servir na Força Paraquedista. Quando se passa nos exames, recebem-se as platinas do posto e presta-se o juramento de fidelidade, para só então se descobrir, com grande surpresa, que se vai iniciar o treinamento de paraquedista muito em breve e passar a vida toda saltando de bordo de aviões até se quebrar o pescoço.

A Escola de Formação de Oficiais de Moscou não tem

departamentos; a de Kiev, embora esteja exatamente na mesma categoria, tem tanto o departamento geral como o de reconhecimento, e em Baku há um departamento de Infantaria de Marinha. Em Blagoveshchensk existe um departamento especializado que forma oficiais para servir nas áreas fortificadas, e em Ryazan, além do departamento normal, a Escola de Formação de Oficiais Paraquedistas tem um departamento que prepara oficiais para unidades diversionárias.

O jovem calouro, é claro, nada sabe disso, de sorte que, por conseguinte, pode terminar, absolutamente sem intenção alguma, em uma unidade diversionária, na Infantaria de Marinha—ou, de fato, em qualquer outra parte.

A situação é a mesma nas escolas de formação de oficiais da Força Aérea — uma forma pilotos de caça, outra pilotos para aviões de transporte e uma terceira os que pilotarão bombardeiros de longo alcance para a Marinha. Mas, naturalmente, ninguém explicará isto a você antes que ingresse naquela escola em particular.

Talvez isto não seja, afinal, tão mau, mas existem muitas escolas superiores a respeito das quais nada é absolutamente falado. Por exemplo, a Escola de Formação de Oficiais de Engenharia de Serpukhov. Se a gente examinar as provas de admissão a esse estabelecimento, ficará com a noção de serem incomumente difíceis. Alguns são afastados por isto, mas a outros atrai. Se você conseguir arranjar uma vaga lá, descobrirá, em seu segundo ano, que está sendo formado para servir na Força de Foguetes Estratégicos.

[3]

Tendo escolhido uma escola superior que se afigure atender a seus interesses, apesar de você não ter uma idéia concreta do que ela oferece, deverá imediatamente requerer ao comandante da escola em questão, declarando que deseja ser oficial e explicando o que quer fazer, anexando seu certificado do curso secundário, referências de sua escola anterior e do Komsomol, e enviando tudo à escola o mais depressa possível. No devido tempo, você será

chamado para prestar o exame de admissão.

Minha escolha pessoal foi sem rodeios — a Escola de Formação de Oficiais de Carros de Combate da Guarda em Kharkov. Passei nos quatro exames, sem dificuldade especial. Eles me testaram para verificar que nível eu atingira no secundário, mas ficou claro que o padrão de meus conhecimentos não lhes era particularmente relevante e que estavam mais interessados em minha rapidez de reação, meu nível geral de desenvolvimento e amplitude de meus interesses. Mais importantes do que as provas escritas foram os exames médicos e os testes de desenvolvimento físico. Secretamente, antes de serem os candidatos submetidos aos exames, haviam sido feitas investigações sobre eles junto às respectivas agências do KGB; nada era feito antes de estarem estas concluídas. A parte decisiva do processo de seleção, contudo, era uma discussão que durava várias horas, durante a qual era explorada a adequação — ou não — de cada um para o oficialato no Exército Soviético.

A linha de montagem anda rápida. Três ou quatro requerimentos são geralmente recebidos para cada vaga. Toda noite há uma parada, na qual um dos oficiais lê os nomes daqueles a quem foi concedida uma vaga e dos que foram rejeitados. Toda manhã chega uma nova leva de esperançosos, e toda noite, após uma semana passada na escola, grupos de desapontados candidatos à admissão partem. Se ainda não prestaram serviço militar, serão chamados em breve.

Fui bem-sucedido e entrei para um batalhão — 300 novos cadetes jovens de cabeça raspada. Fomos divididos em três companhias, cada uma com três pelotões. Éramos comandados por um tenente-coronel, que tinha um major como subcomandante e oficial político. As companhias eram comandadas por majores, os pelotões por capitães e primeiros-tenentes. Àquela altura, não tínhamos sargentos. Em meu próprio pelotão, de 33 homens, só um já fizera o serviço militar. O restante viera direto da escola secundária. Evidentemente, não muitos dos que já tinham tido oportunidade de ver como um oficial vivia desejariam adotar o Exército como carreira.

Na primeira noite após o batalhão ter sido formado, vimo-nos em um trem de tropa, em vagões de carga. Ninguém sabia para onde

íamos. Viajamos três dias inteiros, e então chegamos a uma divisão de instrução. A maioria de nós não tinha a menor idéia do que isto significava, mas um cadete, que já servira ao Exército durante dois anos, ficou muito agitado. Ele certamente não contara com isso. Durante seu serviço militar em uma unidade de carros de combate, havia sido carregador, e por isso escapara de servir em uma divisão de instrução, mas ouvira falar um bocado sobre esse gênero de unidade. E agora via-se em uma, com um contingente de rebotalho.

O batalhão agora recebeu sargentos — do tipo que faz funcionar uma divisão de instrução—e a vida começou a acelerar. Alvorada, física, exercícios, péssima comida, gélidos alertas noturnos. E, junto com isso, vieram ordens como: "Pegue um palito de fósforo, meça o corredor com ele, e depois venha me dizer o comprimento do corredor." Ou então: "Pegue sua escova de dentes e limpe a latrina. Ao alvorecer, informe sobre o andamento do trabalho."

Nada de ensino superior para vocês por enquanto, amigos; primeiro temos de tomá-los bons soldados!

Uma divisão de instrução arranca do cadete toda independência e insubordinação. É ensinado a entender os outros e a representá-los. Aprende bastante enquanto está lá. Aprende a identificar patifes e a achar amigos.

A primeira lição que se aprende é que soldados e futuros oficiais não devem ter medo de carros de combate. Durante cada um dos primeiros dias, você passa diversas horas acostumando-se a eles. A princípio é fácil: você fica deitado no fundo de uma trincheira revestida de concreto enquanto um carro ruge circulando por cima de sua cabeça, esmagando o concreto com as lagartas ao fazê-lo. Depois as coisas ficam um pouquinho mais complicadas: mandam, você abrigar-se em uma trincheira não revestida, que você mesmo tem de cavar. Dizem-lhe que, desde que faça a trincheira bem estreita, estará a salvo. Entretanto, também lhe dizem para cobrir a cabeça com a túnica, de sorte a que, se a trincheira ruir, ainda lhe restarão algumas golfadas de ar, o que lhe dará tempo de abrir caminho para fugir. Em seguida, dizem-lhe que terá um minuto e meio para abrir sua trincheira-abrigo... e pular dentro dela, curvado como um ouriço-cacheiro. Você pode ver o carro de combate, à espera ali perto. Recebem o sinal de partida ao mesmo tempo. Você

começa a cavar como uma toupeira, enquanto o carro ruma para cima de você...

E assim o cadete vai levando, dia após dia, suando o couro até ver manchas diante dos olhos, até vomitar de cansaço, até desmaiar de exaustão.

Há um bocado mais de coisas divertidas durante o treinamento, além de sua apresentação aos carros de combate; napalm, gás, uniforme protetor de borracha usado sob o sol escaldante, obstáculos de arame farpado.

“Maldito obstáculo de arame farpado,

Criação do século XX.

Quando um homem acaba de te atravessar,

Nem mais homem é.”

E a eterna pressão para economizar segundos. E a constante incerteza...

Após seis meses, terminamos o curso de treinamento e chegou a hora da avaliação. Até então, usamos ombreiras comuns de soldado, mas agora, após o curso, dão-nos de volta as de veludo preto bordadas com linha dourada e vivos vermelhos, dos cadetes de uma Escola de Formação de Oficiais de Carros de Combate. Mas nem todos recebemos isso. Quarenta dos 300 receberam as ombreiras de terceiro-sargento e foram mandados embora para serem chefes ou atiradores de carro. Nossa escola não quis que jamais voltassem a bater às suas portas.

O batalhão foi reformulado. Agora tinha apenas duas companhias, cada uma com 130 cadetes. Fomos enviados de volta para a escola pelos próximos três anos e meio.

[4]

A vida de um cadete na escola é muito pouco diferente da que

levamos na divisão de instrução. As ombreiras são diferentes, é verdade, e ele recebe 10 rublos por mês em vez de três. (No terceiro ano recebe 15 e no quarto, 20.) E a comida é melhor. Mas toda escola possui um centro de instrução. Um cadete passa uma ou duas semanas na escola estudando teoria — tanto militar quanto civil. Então vai para o centro de instrução durante uma ou duas semanas. Ali passa o tempo dirigindo, atirando, realizando exercícios noturnos, engajamentos de pelotão, combates de encontro com companhias de carros, mais direção de carro, mais exercícios de familiarização com carros de combate e com napalm. Mais pressão para economizar segundos. Mais incerteza.

Constantemente se é levado para fora da escola. O tempo passado ali só é computado no serviço militar da gente se ali se estiver por motivos médicos. Mas como todos são esplendidamente sadios, isso realmente não é aplicável.

Uma noite, meu amigo Pashka Kovalev, que já estava em seu quarto ano, faltando três meses para a diplomação, fugiu do quartel. Tinha uma namorada em Kharkov. Esteve fora durante três horas. Conseguiu passar pelo arame farpado e outros obstáculos no caminho de volta, sem ser localizado, e deslizou quieto para a cama. Antes de partir, pusera o capotão verde enrolado na cama, e estendera o uniforme de gala e as botas ao lado, de acordo com o regulamento. Como regra, quem realizar uma revista de equipamento durante a noite deverá verificar se todos os calçados estão apropriadamente expostos. Mas Pashka era esperto — fez sua viagem não autorizada com sapatos de corrida.

Alvorada, física e desjejum transcorreram sem incidentes. Chegou então a hora da revista. Havia cerca de mil de nós em forma. Ficamos ali imóveis, gelados, escutando uma sucessão de ordens emitidas por diversas autoridades. Estas eram lidas segundo a ordem de antiguidade: primeiro vinham as do Ministro da Defesa, a seguir outras do Comandante do Distrito Militar, mais umas do seu Diretor de Instrução e, por fim, as dadas pelo Comandante da Escola. De repente, e sem aviso prévio, Pashka foi chamado para fora de forma e foi lida a ordem de sua expulsão. Suas ombreiras de veludo foram arrancadas e substituídas pelas usadas por um soldado raso. Sua ausência fora assinalada em uma incerta dada de noite. Os

cadetes que estavam em serviço de guarda naquela noite foram imediatamente presos e atirados nas celas por 10 dias. Outros estavam sendo acordados para substituí-los, enquanto a comissão que fizera a revista partia. Nada lhes foi dito sobre o que ocorrera. Pashka regressou pela manhã, rastejou por uma janela das latrinas e voltou para a cama. Não se deu conta de que a guarda havia sido trocada e acreditou ter-se saído bem daquela vez. Mas, enquanto entrava escondido, a ordem para sua expulsão já estava sendo redigida pelo estado-maior. Não foram levados em conta os quatro anos por ele passados na escola — quatro anos que o tinham feito sentir-se quase como um oficial. Foi mandado para a divisão de instrução em que principiáramos nosso serviço militar.

Muito depois disso, ouvi dizer que ele não conseguira suportar a vida na divisão de instrução, que acabara se recusando a obedecer a ordens e batera em um sargento. Por isso mandaram- no ficar dois anos em um batalhão penal — o que, é claro, não contaria como tempo de serviço. Depois disso, teria de ser devolvido à unidade que o enviara para o batalhão penal — a divisão de instrução. Se ele algum dia voltou, não sei... nunca mais soube nada a seu respeito.

Deveres e Hierarquia Militar

[1]

Bati na porta, aguardei permissão e entrei. O comandante do regimento, Coronel Dontsov, estava de pé. A despeito disto, um major, a quem não reconheci, estava sentado ao lado dele. Caprichei na continência, batendo os calcanhares ao fazê-lo.

— Camarada Coronel, posso ter sua permissão para apresentar meu relatório?

— Peça permissão ao Major.

Virei-me rapidamente para o Major.

— Desculpe-me, Camarada Major. Sou o Primeiro-Tenente Suvorov. Posso fazer o relatório ao Coronel Dontsov?

O major acenou que sim, inexpressivo. Relatei ao coronel uma viagem a serviço que eu acabara de fazer. Fez-me algumas perguntas e então inclinou a cabeça indicando que nada mais tinha a dizer. De novo, virei-me para o major.

— Camarada Major, tenho sua permissão para sair?

Ele disse que eu podia ir. Dei meia-volta e saí.

A situação ficara bem clara para mim no momento em que entrara. Enquanto estivera fora da unidade, chegara um oficial de maior importância do que nosso comandante de regimento, como seu superior (e, portanto, meu). Se este major era mais importante do que o comandante de um regimento, devia ser equivalente a, pelo menos, subcomandante de divisão.

No corredor encontrei um dos ordenanças e indaguei dele:

— Quem é este major novo, que está bancando o patrão do chefe?

— É um homem importante — falou o ordenança, com certa admiração na voz. — É o novo chefe de estado-maior da divisão, Major Oganskiy.

Assobiei: dali em diante já sabia para quem bater continência, e também os calcanhares.

[2]

O sistema de outorga de postos militares no Exército Soviético é razoavelmente simples, porém difere dos empregados em outros lugares e por isso tem de ser explicado.

O sistema entrou em uso durante a guerra — de fato, na época da batalha de Stalingrado. Por outras palavras, data da época em que a União Soviética começou a aspirar a ser uma superpotência. Destina-se a tirar máximo proveito da rivalidade entre os oficiais de cada degrau da escada das promoções e a assegurar que estas cheguem o mais depressa possível para os mais ardorosos defensores do regime — os mais duros, mais calejados, mais dominadores e mais competentes.

Para conseguir isto, o sistema soviético aplica as seguintes regras básicas:

1. A antiguidade depende não do posto mas da função. Só quando dois oficiais não têm qualquer ligação profissional entre si é que a antiguidade se guia pelo posto.

2. A qualificação de um oficial para nomeação para cargo superior não depende de posto ou tempo de serviço, mas de sua capacidade de comando.

3. O tempo de serviço em determinada função não é limitado de forma alguma. Assim, um oficial pode comandar um pelotão a vida inteira ou pode receber maior responsabilidade em poucos meses.

4. A função exercida por um oficial torna-o habilitado a um

determinado posto. Todavia, não lhe é concedido esse posto a menos que ocupe uma posição adequadamente responsável no quadro de acesso e tenha um determinado número de anos de serviços.

O sistema para acesso e promoção de oficiais durante a paz funciona exatamente da mesma forma que ocorreu durante a guerra. Esclarecemos, por isso, com exemplos da guerra.

Imagine-se que o subcomandante de um batalhão é morto em combate. É necessário um substituto sem demora. O comandante do batalhão só dispõe de uma escolha limitada. Há três companhias no batalhão e o comandante de uma destas tem de ocupar o lugar daquele subcomandante. Ao fazer sua escolha, o comandante do batalhão ignorará as expectativas individuais, o tempo de serviço de cada um e o número de estrelas nas platinas deles. Do que precisa, e depressa, é do homem que, em sua opinião, se mostrará mais à altura da nova responsabilidade. Dos três candidatos, um é, digamos, um capitão, o segundo um primeiro-tenente e o terceiro um segundo-tenente que chegou há pouco de uma escola de formação e está no comando de sua companhia há duas semanas. O comandante do batalhão sabe que o capitão é um beberrão e que o primeiro-tenente é covarde, enquanto o segundo-tenente não é uma coisa nem outra. Portanto, designa o segundo-tenente para ser seu subcomandante. Mais tarde o segundo-tenente será promovido, mas os outros dois oficiais, com os quais se achava em igualdade até então, agora são seus subordinados. Pouco tempo depois, o comandante do batalhão é morto, e o segundo-tenente assume automaticamente o cargo dele, deixando vago, uma vez mais, o de subcomandante do batalhão. O novo comandante do batalhão tem de decidir — muito depressa — quem deverá preencher a vaga. Poderia optar pelo capitão alcoólatra, conquanto praticamente qualquer pessoa pudesse ser melhor, ou escolher um segundo-tenente ainda mais moço do que ele próprio, que acaba de concluir sua formação ainda mais recentemente, mas que na escola de formação recebeu melhores notas do que ele.

Eis aqui alguns exemplos da vida real. O primeiro é de 1944, quando a 29 Divisão de Fuzileiros da Guarda viu-se necessitando urgentemente de um comandante para um de seus regimentos. O

Capitão I. M. Tretyak foi selecionado, tinha apenas 21 anos de idade, mas estava com três anos e meio de serviço contínuo em ação. Durante esses anos, trabalhara firmemente no caminho da promoção, tendo ocupado todos os postos, um após outro. Compreensivelmente, ele tendia a ser escolhido sempre que se fazia necessário um oficial para uma posição mais responsável. Foi promovido posteriormente, mas, entrementes, comandou o regimento ainda como capitão. Sob seu comando havia oito tenentes-coronéis e dúzias de majores e capitães. Subsequentemente, prosseguiu subindo a escala hierárquica com a mesma velocidade. Hoje é marechal.

Em 1942, o 51 Exército viu-se sem comandante. O comando superior decidiu que o melhor candidato àquele posto era o Coronel A. M. Kuznetsov. As brigadas e divisões do Exército eram comandadas por generais, um general comandava cada corpo de exército e, em quatro casos, tinha outro general como subcomandante. Também os departamentos administrativos e do estado-maior do Exército estavam recheados de generais, mas o Coronel Kuznetsov subitamente ascendeu, por entre eles, para chefiá-los a todos. Tornou-se o comandante — aquele a quem se tem de saudar batendo os calcanhares.

O 58 Exército, igualmente, foi comandado por um Coronel— N. A. Moskvin — a despeito do fato de haver generais aos montes no efetivo do Exército. Mas foi perante o Coronel Moskvin que eles e todos os homens se tomaram responsáveis, pois foi o homem selecionado pelo Alto Comando como o melhor disponível.

A situação durante a paz permanece exatamente como foi durante a guerra. O tempo passado por um oficial em determinado cargo não é limitado por quaisquer regras ou regulamentos. Jovens oficiais chegam das escolas de formação e recebem pelotões. O comandante do regimento tem o direito de pegar um deles e colocá-lo no comando de uma companhia—e pode fazê-lo após o oficial ter estado a cargo de um pelotão apenas por um dia. Em seu próprio interesse, um comandante de regimento sempre escolherá o mais duro, mais exigente e mais confiável de todos os oficiais à sua disposição para aquele cargo.

Um comandante de divisão designa todos os subcomandantes de

batalhão, bem como os ocupantes de cargos equivalentes, a ele subordinados. Entretanto, só pode fazer sua seleção entre oficiais que hajam atingido o posto imediatamente inferior — isto é, entre os comandantes de companhia, mas não entre comandantes de pelotão. A fim de ascender ao cargo de subcomandante do batalhão, um jovem oficial precisa primeiro contentar seu comandante de regimento o suficiente para ser encarregado de uma companhia, e a seguir deve cair nas graças do comandante da divisão — sem, todavia, perder o apoio do comandante do regimento, que tem poder suficiente para arruinar a carreira de qualquer oficial sob seu comando.

Um comandante de exército pode escolher seus comandantes de batalhão, mas estes devem provir dos que já exerceram as funções de subcomandante de batalhão. O comandante de um distrito militar pode escolher e designar subcomandantes dos respectivos regimentos dentre quaisquer de seus comandantes de batalhão. Os comandantes de regimento são nomeados pelo Ministro da Defesa.

O mesmo procedimento é seguido em outros níveis. O chefe de estado-maior de um distrito militar designa os chefes de estado-maior de batalhões, o Chefe do Estado-Maior Combinado escolhe os chefes de estado-maior dos regimentos.

Todos os oficiais acima de comandante de regimento são nomeados pelo Departamento Administrativo do Comitê Central do Partido. As nomeações a partir de comandante de divisão têm ainda de ser ratificadas pelo Politburo. Entretanto, o Politburo segue o princípio adotado em geral—a antiguidade é determinada não pelo posto mas pelo cargo exercido — pois foi o próprio Politburo que concebeu tal princípio.

Toda designação no Exército Soviético está franqueada apenas a oficiais até determinado posto. Assim, um comandante de pelotão não pode ser mais do que primeiro-tenente. Analogamente, no que toca a designações para função de comando:

Um comandante de companhia não pode ser mais do que capitão.

Um subcomandante de batalhão não pode ser mais do que major.

Um comandante de batalhão ou subcomandante de regimento não pode ser mais do que tenente-coronel.

Um comandante de regimento ou subcomandante de divisão não pode ser mais do que coronel.

Um comandante de divisão ou subcomandante de exército não pode ser mais do que major-general.

Um comandante de exército não pode ser mais do que tenente-general.

Um comandante de frente ou de distrito militar não pode ser mais do que general-de-exército.

Ministro da Defesa, Chefe do Estado-Maior Combinado, chefe de uma direção estratégica, chefe de uma força armada não pode ser mais do que marechal da União Soviética.

O Comandante Supremo em tempo de guerra é classificado como generalíssimo da União Soviética.

O mesmo aplica-se a outras funções que não de comando. Assim:

O chefe de estado-maior de um batalhão não deve ser mais do que major.

O chefe de estado-maior de um regimento não deve ser mais do que tenente-coronel.

O chefe de estado-maior de uma divisão não deve ser mais do que coronel.

O chefe de estado-maior de um exército não deve ser mais do que major-general.

O chefe de estado-maior de uma frente não deve ser mais do que tenente-general.

O chefe de estado-maior de uma direção estratégica não deve ser

mais do que coronel-general.

O chefe do Estado-Maior Combinado é um marechal da União Soviética.

No Serviço Financeiro, para citar outro exemplo, a seção financeira de um regimento será chefiada por um capitão, a de uma divisão por um major, de um exército por um tenente-coronel, de uma frente ou distrito militar por um major-general. O oficial mais antigo do Serviço Financeiro é um coronel-general.

Um oficial é designado para função independente de seu posto; posteriormente receberá a promoção adequada. Os seguintes são os interstícios mínimos que um oficial deve permanecer em cada posto:

A partir daí, não há nada fixado.

Alferes * 2 anos

Segundo-tenente 3 anos

Primeiro-tenente 3 anos

Capitão 4 anos

Major 4 anos

Tenente-coronel 5 anos

Normalmente, o diplomado por uma escola de formação de oficiais (na qual passou quatro anos) sai segundo-tenente aos 21 anos. Teoricamente, deverá alcançar o posto de tenente-coronel dentro de 19 anos. Todavia, a fim de merecer cada promoção, ele deve não só servir o número exigido de anos como também tem de ser aceitável para uma designação de função compatível com seu posto.

Se você é comandante de pelotão, desde que o desempenho de seu pelotão seja considerado satisfatório, automaticamente se tomará primeiro-tenente após três anos. Depois de mais três anos você será

elegível para o posto seguinte, o de capitão. Contudo, se ainda estiver com seu pelotão, não tendo sido escolhido para comandar uma companhia, você não será promovido. Se já estiver à testa de uma companhia, ou tiver subido ainda mais na escala, receberá imediatamente a estrela de capitão. Quatro anos depois, chega a hora de poder ser promovido a major; uma vez que a essa altura seja subcomandante de um batalhão, sua progressão não será sustada. Se você ainda for comandante de companhia, terá de esperar. Se nunca for capaz de mostrar ser melhor do que os outros comandantes de companhia e que deve ser promovido antes deles, nunca chegará a major.

Em princípio, por conseguinte, a designação de um oficial abre caminho para sua promoção, mas esta só vem após ele completar certo número de anos de serviço passados no posto anterior. Se você tiver sido detido em sua marcha ascensional e perdido alguns anos em determinado posto, nunca mais os recuperará. Quando for, afinal, promovido, terá ainda de servir o número de anos prescrito em seu novo posto antes de tornar-se apto à promoção seguinte.

Eis outro exemplo da vida real. Em agosto de 1941, o Major-General A. M. Vasilyevskiy foi nomeado Chefe da Diretoria Superior de Operações do Estado-Maior Combinado. Ao mesmo tempo, tomou-se Subchefe do Estado-Maior Combinado. A Diretoria de Operações (ou Primeira Diretoria) do Estado-Maior Combinado é a responsável pela elaboração de planos de guerra.

Este cargo é de enorme importância sob qualquer ponto de vista, não apenas o do Exército Vermelho. Basta dizer que é nessa diretoria que se originam os planos econômicos quinquenais da União Soviética; a seguir, o Conselho de Ministros e o Comitê de Planejamento Estatal decidem como as exigências do Estado-Maior Combinado devem ser satisfeitas, antes de passar, tendo como base o ultra-secreto plano militar, a redigir o Plano Global da União Soviética, em suas versões secreta e ostensiva.

Os serviços de informação alemães concluíram que a nomeação de um simples coronel para tão augusta posição era indício de que o papel do Estado-Maior Combinado estava tendo sua importância reduzida. A razão de cometerem esse erro foi os alemães não entenderem um princípio simples do Exército Vermelho: a

antiguidade não é determinada pelo posto mas pela classificação num cargo. O posto vem após a classificação, lenta mas seguramente, tal como a infantaria segue os carros que súbita e vigorosamente romperam penetrando na retaguarda do inimigo.

De fato, nada houve de particularmente espantoso na nomeação do Major-General para posto tão elevado: a explicação era, bastante simplesmente, que o Comandante Supremo decidira que aquele determinado oficial preenchia as exigências do cargo melhor do que qualquer outro. Isso Vasilyevskiy fez, já que dentro de oito meses tornara-se Chefe do Estado-Maior Combinado.

Desde que galgara uma posição tão elevada, o caminho para novas e muitas promoções lhe estava franqueado. As estrelas choveram em suas platinas. Passou rapidamente pela hierarquia do generalato, usando as quatro estrelas de general-de-exército por meros 29 dias antes de ser elevado ao posto de Marechal. Após o término da guerra com a Alemanha, realizou uma brilhante operação na Manchúria, tornando-se Comandante-em- Chefe da Direção Estratégica do Extremo Oriente.

Entretanto, não devemos nos enganar. O Exército Vermelho é uma organização imensa, e nem todos podem ter o sucesso de Vasilyevskiy. Conheci centenas de primeiros-tenentes que permanecerão nesse posto o resto de suas vidas.

---

* Este posto é dado apenas aos que fizeram um curso de formação abreviado.

Academias Militares

[1]

A fim de alcançar postos superiores, é mister ser designado para comissões de maior categoria; a fim de ser levado em consideração para uma comissão assim, precisa-se haver concluído o curso de uma academia militar.

Deve-se recordar que as escolas de formação de oficiais proporcionam uma cultura geral mais elevada, porém em nível médio. A cultura militar em nível superior cabe às academias militares, das quais existem presentemente 15. Dentre elas se contam a de Todas-as-Armas em Frunze, a de Blindados, a de Artilharia, a de Engenharia, a de Política Militar, a Naval, duas da Força Aérea, duas de Foguetes da Defesa Aérea, e academias de Guerra Química. Os oficiais passam três anos em uma academia dessas, que pode ser dirigida por um coronel-general, um general-de-exército, um marechal de uma das Armas ou até o marechal-chefe de uma delas.

O caminho para a academia é árduo. Primeiro, você deve ter comandado pelo menos uma companhia. Em segundo lugar, as subunidades sob seu comando devem ter alcançado excelentes menções durante dois anos (o que significa que você deve ter ingerido bem como servido um bocado de vodca para as comissões que o inspecionaram, até que elas flutuassem na bebida — admitindo-se, é claro, que tenham ao menos consentido em beber junto com você). Em terceiro lugar, seu requerimento tem de ser aprovado por todos os seus superiores, inclusive o seu comandante de divisão. Qualquer um desses oficiais tem o direito de impedir o encaminhamento do seu requerimento para o escalão imediatamente superior. Se um deles assim proceder, você precisará aguardar até o ano seguinte, e seu batalhão ou companhia terá de manter seu excelente conceito. Por fim, você terá de passar nos

exames, enfrentar uma junta médica e diversas entrevistas e, depois, ter sucesso na competição dentro da própria academia.

A menos que um oficial consiga uma vaga em uma academia, jamais comandará mais do que um batalhão. Se for bem-sucedido, terá três anos de trabalho intenso em um currículo de grande amplitude e minúcia. Após diplomado, estendem-se diante dele horizontes bem largos. Majores bastante jovens têm sido frequentemente nomeados comandantes de regimento, ou, na falta disso, subcomandantes de regimento, logo ao terminar o curso. Daí em diante, fica em aberto o que possa ocorrer ladeira acima.

[2]

Sobrepondo-se a todas as academias, há a Academia do Estado-Maior Combinado. O ingresso nesta é independente de requerimentos, exames competitivos e outros problemas implícitos na admissão às demais. Tudo é levado a cabo pelo Departamento Administrativo do Comitê Central do PCUS. O Comitê Central seleciona os que chefiarão o Exército Vermelho no futuro imediato, dentre todos os coronéis que se mostrem promissores e que sejam verdadeiramente dedicados ao regime.

Naturalmente, todos os admitidos à Academia do Estado-Maior Combinado já estudaram em uma escola de formação de oficiais e, a seguir, em Frunze, na Academia de Blindados ou na da Força Aérea, ou em uma das outras.

O posto mínimo para ingresso é o de coronel, e existem amiúde diversos coronéis-generais na relação de matriculados. Comandantes de exército, distritos militares, grupos de exércitos de carros de combate, flotilhas e esquadras são convidados com frequência, pelo Comitê Central, a visitar a Academia do Estado-Maior Combinado.

Tendo concluído seu estudo nesta academia, um general subirá cada vez mais na carreira, deixando para trás os antigos rivais.

Generais

[1]

“Que bom ser um general”, diz um verso de uma canção popular. E, realmente, vista de debaixo, a vida levada por um general de fato parece ser uma existência sublime.

Um general soviético desfruta de muitíssimos privilégios. Se desejar, poderá adquirir seu próprio harém. A ideologia soviética não o atrapalhará. Todo comandante de divisão, exército, frente e distrito militar tem, sob seu comando, unidades e centros de comunicações, além de mesas telefônicas, guarnecidas por moças atraentes que foram minuciosamente escrutinadas sob o ponto de vista da segurança. O general é o senhor absoluto delas. Protege-as, ciosamente, contra a atenção de outros.

Enquanto eu servia na 24 Divisão, um primeiro-tenente meu amigo estabeleceu relações amistosas com uma linda jovem do batalhão de comunicações divisionário. Foi submetido a um Tribunal de Honra de Oficial que o condenou a retroagir para o posto de segundo-tenente. A moça foi demitida imediatamente do Exército. Ele teve de enfrentar uma acusação de ter tentado penetrar no centro de comunicações divisionário, no qual existiam diversos canais de comando secretos, e ela foi acusada de cumplicidade. Ambos ficaram enormemente aliviados quando essas acusações foram retiradas, e encantados por haverem escapado com penas tão leves. Esse episódio serviu de lição a divisão inteira. Nesse mesmo período, o comandante da divisão, a fim de assegurar manter-se em contato com as jovens sob seu comando, organizou um grupo delas numa equipe de tiro. Em dia de folga, ele espremia suas “atiradoras de escol” no automóvel, levava-as até ao campo de tiro divisionário e ali as treinava, pessoalmente. Imagine-se a cena: um vasto trecho vazio do campo nos Montes Cárpatos, uma área imensa, cuidadosamente guardada e completamente isolada do mundo;

montanhas cobertas por densos bosques, ladeiras rochosas cortadas por córregos que se lançavam ladeira abaixo através de corredeiras — sem vivalma por quilômetros ao redor. Aos domingos, o nosso general reunia-se no campo de tiro com chefes locais do Partido, que costumavam trazer suas próprias garotas desde Lvov. Ele as treinava também. Era um homem e tanto...

Em escalão bem mais elevado, o divertimento dos generais no Exército Soviético fica a cargo de profissionais. Cada distrito militar, grupo de forças e esquadra possui sua própria equipe de cantores e dançarinos. Elas são integradas por artistas profissionais, contratados pelas Forças Armadas. Ficam sujeitos à disciplina militar, pois são funcionários das Forças Armadas, assim como os médicos, enfermeiras, datilógrafas etc. do Exército. O Exército é um empregador mais generoso do que quaisquer outros. As moças desses conjuntos — cantoras e dançarinas — são mantidas contínua e intensivamente em serviço, entretendo o estado-maior do comando. As dachas dos generais foram desde há muito transformadas em templos dedicados não a Marx e Lenine, mas a Baco e Vênus.

Jovens moças de pendor atlético, especialmente ginastas, são especialmente requestadas entre nossos chefes militares. O Clube Desportivo Central do Exército é um dos maiores e mais ricos da URSS. Moças que não têm qualquer ligação com as Forças Armadas podem entrar para essa organização e ter ali todas as despesas pagas. O desporto na URSS é assunto inteiramente profissional. Os desportistas, de ambos os sexos, são pagos, alimentados, vestidos e até condecorados, recebendo moradia e transporte para seu serviço — e quanto melhores são, tanto mais bem pagos. Mas sua vida livre e cômoda tem ainda de ser paga pelos próprios atletas. As garotas pagam em espécie, envolvendo- se em prostituição desde ainda bem jovens. As mais tratáveis, assim como as mais talentosas, são guiadas pelos treinadores até os máximos níveis do desporto profissional.

Que mais podem os generais desejar da vida? Suas dachas são enormes e luxuosas. A do Marechal Chuykov, por exemplo, foi construída para ele por duas brigadas de engenharia, cada uma com quatro batalhões. Mais de 2.500 homens estiveram ocupados nisso e

utilizaram o melhor equipamento da engenharia militar.

Nossos chefes militares voam em helicópteros em suas viagens de caça, usando-os a seguir para guiar os animais caçados pelas reservas naturais. É-lhes dado tudo de que carecem — residência, automóveis, e todo o conhaque e caviar que queiram. Certamente a existência deles deve ser perfeita, não é? No entanto, o número de chefes militares de alta patente que se suicida é excepcionalmente elevado. Obviamente, eles não dão um tiro em si mesmos quando engordam demais ou ficam fartos da vida, mas quando rivais os apertam pelo gasnete e tiram-lhes todo o poder.

Durante o Grande Expurgo, 33 mil oficiais-generais, a partir de comandante de brigada para cima, foram executados em um único ano. “Mas isso foi no tempo de Stalin”, dizem-me, como se o próprio nome de Stalin explicasse tudo. Desde Stalin, porém, os generais não têm podido dormir em paz. Estão constantemente atormentados pela incerteza. Apesar de Stalin ter morrido e desaparecido, eles continuam sendo oferecidos em sacrifício. A primeira vítima foi o Tenente-General Vasiliy Stalin. Foi jogado em um hospício imediatamente após a morte de Stalin e ali morreu, silenciosa e prontamente. Enquanto o pai vivia, ninguém diagnosticara qualquer anormalidade nele. Forte como um touro, era o único general de sua patente em todo o Exército Soviético que pilotava aviões a jato.

Após a morte de Stalin, o Marechal da União Soviética Konev matou a tiros o Marechal da União Soviética Beriya em plena reunião do próprio Politburo. A seguir, o Marechal da União Soviética Bulganin perdeu o posto e foi afastado, em desgraça, de seu cargo de Chefe do Governo soviético. Houve, ainda, o caso do Marechal da União Soviética Kulik, rebaixado a major-general por Stalin, que o mandara para a prisão e anunciara sua morte. Depois de Stalin, Kulik foi libertado e teve de volta seu posto de tenente-general. Prometeram-lhe promoção a marechal caso pudesse preparar o projeto e a produção do primeiro míssil balístico intercontinental soviético. Ele o conseguiu, e em 1975 era de novo marechal da União Soviética, malgrado jamais tenha sido esclarecida sua volta de entre os mortos. Quando recebeu um telegrama do governo anunciando essa promoção e congratulando-o, Kulik desfaleceu e

morreu de ataque cardíaco, em pleno campo de tiro de foguetes de Kapustin Yar. Segundo ficou constando, ao receber o telegrama ele deu um tiro em si próprio.

Tal tem sido o destino de vários marechais. Os generais passam pior. Eles são afligidos, incessantemente, pela incerteza. Num dia, em fevereiro de 1960, Khruschev pôs no olho da rua 500 generais do Exército Soviético.

Nenhum general soviético — e, quanto a isso, igualmente nenhum oficial ou soldado soviético (nenhum membro isolado desse gigantesco organismo) — tem qualquer garantia de que lhe será permitido conservar seus privilégios, seu posto ou até a própria vida. Podem pô-lo para fora, como a um cachorro velho, a qualquer momento. Podem, mesmo, encostá-lo a uma parede e fuzilá-lo.

Conclusão

Por que eles não protestam? Por que não se revoltam? Podem, de fato, gostar de viver desta maneira? Por que se calam?

Certa feita, um guia de excursão mostrou-me uma área, em uma grande cidade ocidental, que asseverou estar totalmente controlada pela Máfia. Prostitutas, traficantes de drogas, engraxates, lojistas, donos de restaurantes, cafés e hotéis — todos controlados, e protegidos, pela Máfia.

Uma vez fora daquele desgraçado bairro, ilesos em nosso grande ônibus de turismo, certos de estar de volta à segurança, fiz estas mesmas perguntas a nosso amedrontado guia. Por que, afinal, eles não protestavam? Todos que ali moravam tinham crescido em meio à liberdade e à democracia; por trás deles, havia séculos de liberdade de expressão, liberdade de imprensa e de reunião. Contudo, apesar dessas seculares tradições, os habitantes mantinham-se em silêncio. Tinham de seu lado uma imprensa livre, a população do país inteiro contada em milhões, a polícia, partidos políticos, o Congresso, o Governo propriamente dito. E, no entanto, nada diziam. Não protestavam.

A sociedade de onde eu fugi não é tão-só uma prisão espaçosa e bem iluminada, proporcionando assistência médica gratuita e pleno emprego. Também ela se acha sob o controle de uma Máfia. A diferença entre a sociedade soviética e a cidade ocidental que visitei é que os que moram onde eu vivia são incapazes de procurar a polícia para ajudá-los porque a polícia representa a força bruta de nossa Máfia. O Exército é outro setor—o mais agressivo — da Máfia soviética. O Governo é o órgão dirigente da Máfia: o Congresso é o lar de idosos em que são atendidos os velhos chefes da Máfia. Imprensa, televisão, os juízes, os promotores... estes não são influenciados pela Máfia: eles são a própria Máfia.

Luxuosos ônibus de turismo passeiam por nossa infeliz capital. Os motoristas e guias pertencem à Máfia. A Intourist (empresa estatal de turismo) trabalha para o KGB. A Aeroflot é controlada pelo Serviço de Informação Militar, o GRU. Turistas estrangeiros ficam sentados ouvindo a tagarelice dos guias e admiram-se, espantados. Por que eles não protestam? Podem realmente gostar de viver desta forma? No lugar deles, pensam, eu escreveria para os jornais ou organizaria uma passeata. Mas, é claro, o KGB sufocou os habitantes, de modo que se sentem incapazes de protestar. O KGB pôs todos eles de joelhos e tornou- os escravos.

Meu amigo, você está certo. Somos escravos, estamos de joelhos; estamos calados; não protestamos.

Segundo estimativas dos demógrafos, baseados em estatísticas oficiais soviéticas, a população de meu país deveria ter atingido 315 milhões de pessoas em 1959. Em vez disso, o recenseamento revelou apenas 209 milhões. Somente nosso governo sabe o que ocorreu aos 100 milhões que estão faltando. Diz-se que Hitler executou 20 milhões delas. Mas, onde estão as outras? É mister concordar que nenhuma organização criminosa em seu próprio país revelou atividade comparável à de nossa Máfia soviética.

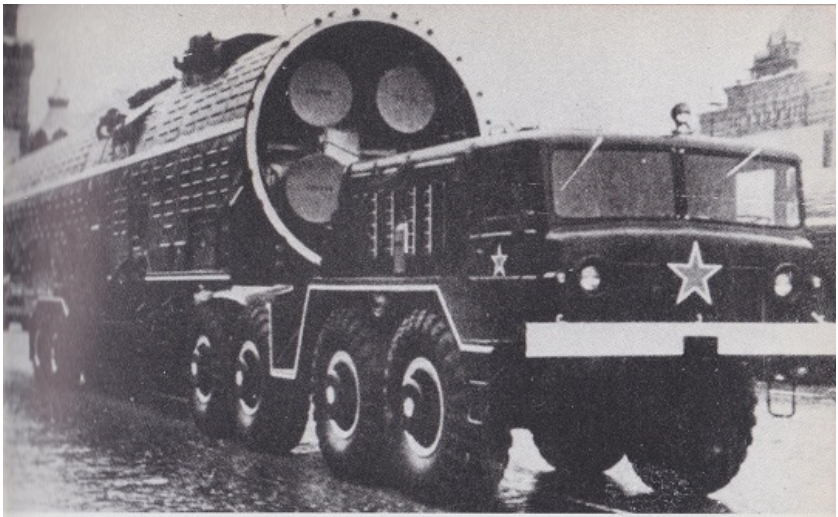
Tendo posto meus compatriotas de joelhos, o triunvirato da Máfia — KGB, Partido e Exército — passou à conquista de países vizinhos. Hoje eles se acham ocupados no seu país, leitor, na sua cidade natal. E declaram abertamente que o mais caro desejo deles é fazer ao mundo o que fizeram a meu país. Não fazem segredo disso.

Passei 30 anos de minha vida ajoelhado. Então me levantei e corri. Essa foi a única maneira pela qual pude protestar contra o sistema. Você está surpreso, meu caro amigo ocidental, de eu não ter feito demonstrações contra o KGB enquanto vivia lá? Bem, há algo que também surpreende a mim. Em nosso belo país, o KGB, essa organização monstruosa, está trabalhando arduamente neste exato momento; o Partido Comunista Soviético está subsidiando uma horda de mercenários e malucões; a Informação Militar soviética está mandando membros de suas unidades diversionárias visitar seu país, leitor, de sorte a poder praticar paraquedismo aí no seu solo natal. A finalidade de toda essa atividade é, bem simplesmente, pôr você de joelhos. Por que não protesta?

Proteste hoje. Amanhã será tarde mais.

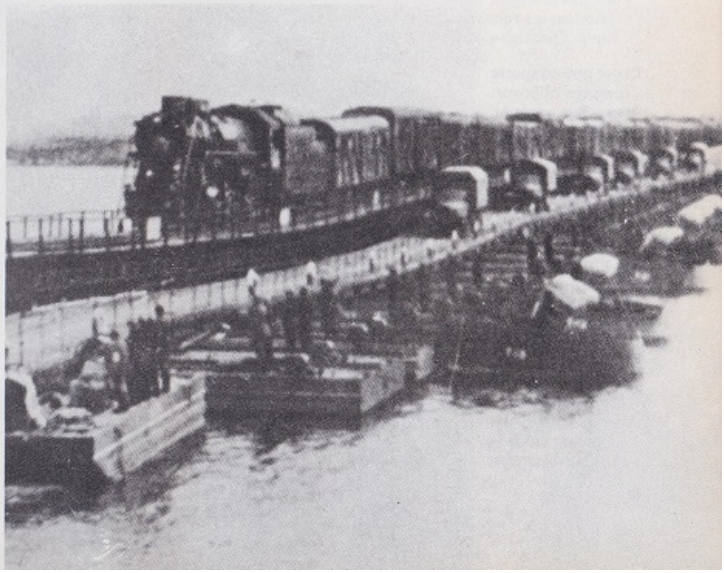
* * *

FOTOS



Despistamento da Atenção
O míssil UR-96 é construído somente para desfiles, a fim de convencer o Presidente americano a não criar um sistema antimíssil.

Os vagões e caminhões na fotografia abaixo são cascas vazias; se estivessem carregados, a ponte cairia.



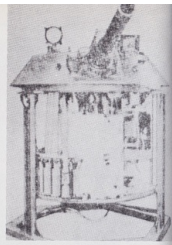
Tropas diversionárias SPETSNAZ em ação.

Tropas de fronteira do KGB: o cão está pronto para atacar qualquer um até o comandante da patrulha. Mais de cem mil desses cães e 510 mil soldados das unidades do KGB e MVD protegem o socialismo, não deixando ninguém escapar. Em qualquer discussão a respeito de desarmamento das tropas do KGB e MVD, não é geralmente levado em conta que eles possuem os melhores soldados e o material bélico mais atualizado. Na foto, um helicóptero MI-8, avaliado pela *Jane's* como o mais poderoso helicóptero armado do mundo.

Diz-se que o esporte congrega os povos. Isso é bem verdade. As desportistas profissionais da foto são também matadoras profissionais: Z. Kuritsina, V. Borushevskaya, T. Malysheva, L. Pyatak. Estas quatro têm a seu crédito oito mil saltos em pára-quedas. Somente graças ao esporte puderam visitar todas as capitais européias, onde seriam mandadas operar em caso de guerra.

Limpeza de minas. Um sapador erra apenas uma vez na vida. Em tempo de guerra, a oportunidade de não errar uma vez era dada aos militares cumprindo punição.

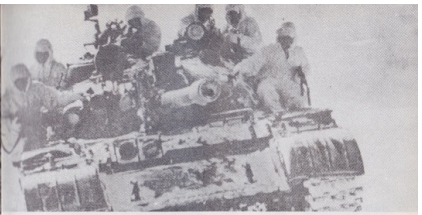
É bem arriscado avaliar o grau de evolução da tecnologia militar soviética com base nos modelos de exportação capturados. Na foto: o mecanismo do sistema de carregamento automático de um BMP-1. Este mecanismo não é fornecido nos modelos para exportação e por isso sua velocidade de tiro é oito vezes menor. Também nos modelos para exportação o atirador tem a atenção distraída todo o tempo, por precisar carregar a arma, enquanto nos modelos soviéticos o carregamento é automático.



A aparência predatória deste carro de combate pode insinuar ser ele um modelo do futuro. Mas é do passado: trata-se do Iosif Stalin-3. É muito forte a sua blindagem, boa a maneabilidade e excelente o armamento. Por que, pois, pô-lo no lixo? Em tempo de guerra, quando a questão de vida e morte tem de ser decidida, um velho carro de combate da reserva é melhor do que nada, e por isso os carros antigos são todos conservados na URSS. Quem pensa que Stalin está morto, está errado.

Se um cofre-forte é pequeno não quer dizer que suas paredes sejam mais delgadas do que as de um grande. Os carros de combate soviéticos são os menores do mundo e possuem, no entanto, os canhões mais poderosos e a couraça mais espessa.

A Infantaria soviética não oficialmente, mas com muita nitidez, divide-se em leve e pesada. A Infantaria leve é quem sonda a defesa inimiga, procurando seu ponto mais vulnerável. A Infantaria pesada, juntamente com carros de combate e artilharia, desfecha um golpe súbito e forte contra esse ponto.



Padrão soviético: 120 carros de combate e 250 a 300 canhões
por quilômetro da frente de ataque. Só uma bomba de nêutrons
pode detê-los.

À direita, em cima: Infantaria encarapitada sobre a couraça de um carro de combate, o método mais eficaz para obter cooperação. Trata-se também, é claro, do método mais barato, desde que se avaliem como zero as vidas dos soldados assim punidos.

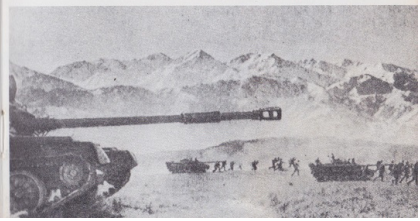
À direita: Um tapete nuclear é preparado para o ataque por exércitos blindados. Para os carros poderem operar em partes intransponíveis da Europa, são ajudados por viaturas de remoção de obstáculos.

A Infantaria adiante dos carros. Os carros de combate são considerados
um material bélico mais frágil e valioso do que a Infantaria.
Por perder infantes um comandante nada arrisca,
mas se perder carros irá para o Batalhão Penal.

Primeiro princípio tático: tem de haver muitos deles. Segundo princípio: eles desfecham um golpe onde não são esperados.

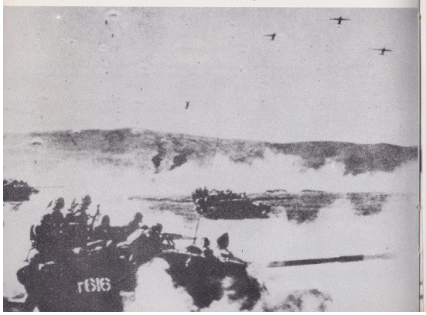
A conquista de terreno elevado – uma grave falha do Exército Soviético. Qualquer terreno, não importa sua relevância tática, pode ser atacado. Mesmo que seja possível contornar um morro ou montanha e tomá-lo sem perdas, ele será atacado frontalmente, os homens o galgarão com dificuldade até em cima, pagando alto preço.

Um lançamento de pára-quedas em região montanhosa. Se for mister desfechar um ataque através da Áustria, Sul da Alemanha e subir o Reno pela margem esquerda até o Mar do Norte, a defesa por meios convencionais será impossível.

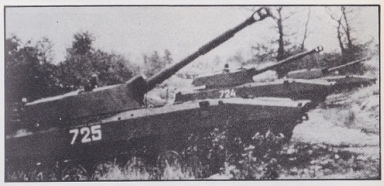


BMD – a máquina de guerra das tropas pára-quedistas, tropas de desembarque aeromóveis e tropas diversionárias SPETSNAZ. Velocidade em terra de 90km/h e na água de 10km/h. Sua carroceria pode ser baixada completamente até o chão, permitindo assim o ocultamento em ravinas e valas. Cada máquina transporta equipamento para abrir trincheiras. Armamento: quatro foguetes, um canhão automático de 73mm, um lança-granadas antiaéreo automático e três metralhadoras. Imaginem 180 máquinas destas na residência do Primeiro-Ministro.

VDV (tropas pára-quedistas): muitas, súbita, rápida e decisivamente.



A diferença tecnológica. Um canhão soviético M-46 de 130mm. O cano desta arma foi concebido em 1934. Foi lançado em variantes para canhão naval, costeiro, antiaéreo, autopropulsado e rebocado. Peso da granada: 34kg; alcance: 32km. Os canhões de 127mm produzidos no Ocidente mais ou menos na mesma época tinham granadas de 24kg e um alcance de 16,5km e eram muito inferiores quanto à precisão. Cinqüenta anos depois, o canhão soviético de 130mm é ainda considerado excelente arma pelos padrões de hoje.



SO-122 Gvozdika. Um obus anfíbio autopropulsado de 122mm com carregamento automático. Cada comandante de regimento dispõe de 18 destas armas.

SO-152 Akatsiya. Um canhão-obuseiro autopropulsado. Cada divisão possui 54 deles.

Toda a artilharia está se tornando autopropulsada, mas os canhões anticarro ainda são rebocados. No momento decisivo da batalha eles não podem se retrair, de sorte que têm de destruir o inimigo ou ser eles próprios destruídos

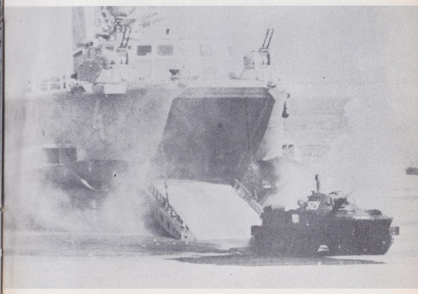
O Exército Norte-Americano usa granadas de morteiro de 4 e 12kg.
O Exército Soviético usa bombas de 16 e 100kg.

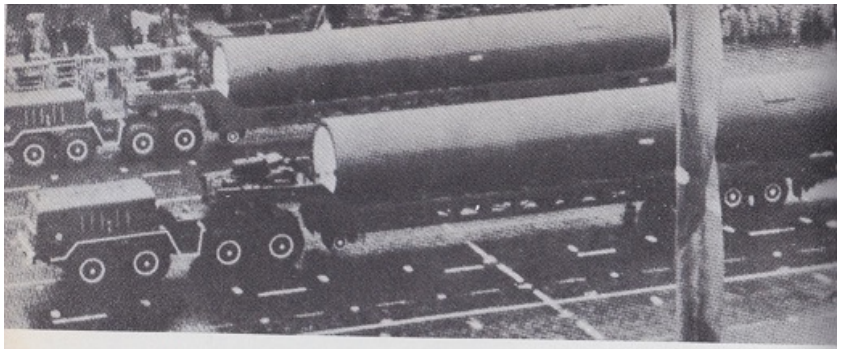
O soldado soviético não é ensinado a pensar e a tomar decisões. Contudo, é ensinado a cumprir decisões tomadas por outrem. E cumpre-as rápida e decisivamente, ignorando quaisquer perigos.

ZSU-23-4 Shilka. Um conjunto antiaéreo que entrou em serviço em 1963. Ainda é considerado o melhor do mundo, 20 anos depois.

Esforços diplomáticos soviéticos na Indonésia, Chile, Albânia, Congo, Egito, Sudão e muitos outros lugares não foram apoiados com o emprego da força. As tropas soviéticas não podem operar em âmbito global. Dentro destes próximos anos, esta omissão será corrigida, em parte com a criação da Infantaria de Marinha – o longo braço do Politburo.

A missão principal da esquadra soviética é desembarcar em território estrangeiro.





O míssil balístico 8-K-84 tem capacidade dupla: pode ser um ICBM (míssil balístico intercontinental) ou um míssil antimíssil. Esta segunda capacidade é mantida em segredo por ser ilegal nos termos do acordo SALT.

MI-24. O primeiro helicóptero de combate a ser produzido na União Soviética é também o melhor do mundo.